



O SEMEADOR de
ESTRELAS

SUELY CALDAS SCHUBERT

-4ª Edição
Do 26º ao 28º milheiro

© Copyright 1989 by
Centro Espírita Caminho da Redenção
Rua Jayme Vieira Lima, 1 - Pau da Lima
41235-000 - Salvador - Bahia - Brasil

Capa de José Luiz Cechelero
Foto da capa de Franklin Wagner
Impressão: LIS Gráfica e Editora Ltda

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

LIVRARIA
ESPÍRITA
ALVORADA
EDITORA

Todo o produto desta obra é destinado à manutenção da Mansão do Caminho, Obra Social do Centro Espírita Caminho da Redenção (Salvador - Bahia - Brasil.)

SUELY CALDAS SCHUBERT

O SEMEADOR DE ESTRELAS



LIVRARIA ESPÍRITA ALVORADA EDITORA

C.G.C. (MF) 15.176.233/0006-21 - I.E. 01.917.200

Rua Jayme Vieira Lima, 1 - Pau da Lima

41235-000 - Salvador - Bahia - Brasil

1998

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schubert, Suely Caldas.

O semeador de estrelas / Suely Caldas Schubert. —
Salvador, BA : Livr. Espírita Alvorada, 1989.

1. Espíritas - Biografia 2. Espiritismo 3. Franco,
Divaldo Pereira, 1927- 4. Médiuns - Brasil I. Título.

89-2354

CDD-133.9092
-133.9
-920.9133910981

índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Médiuns : Biografia 920.9133910981
2. Espíritas : Biografia e obra 133.9092
3. Espiritismo 133.9

SÚMULA

APRESENTAÇÃO.....	7
1 — O Semeador de Estrelas.....	13
2 — Joanna — Além do Tempo.....	14
3 — Joanna e Divaldo.....	27
4 — Joanna: A Família Espiritual.....	35
5 — A Pregação Espírita.....	39
6 — Na Africa Portuguesa — "Persona Non Grata".....	51
7 — Os Bens Materiais.....	61
8 — A Psicografia — Messe de Amor.....	66
9 — O Suicida do Trem.....	77
10 — A Presença de Victor Hugo.....	86
11 — Amélia Rodrigues e as Histórias do Evangelho — Cicerone em Israel.....	95
12 — Manoel Philomeno de Miranda — Uma Biblio- teca Espiritual.....	100
13 — O Máscara-de-Ferro — O Quase Suicídio — A Agressão — A Comunicação Mediúnica Através de Chico Xavier	108
14 — Mediunidade e Oratória	133
15 — Resgatando Almas — O Franciscano.....	145
16 — A Moça de Catanduva	154
17— Desde os Tempos das Cruzadas	161
18— A Felicidade de Bezerra de Menezes	171
19— A Estesia de Tagore	176
20 — Agora. Enquanto é Hoje	182

21 — Nome Escrito no Livro dos Céus	186
22 — A Moça da Praia — Evitando um Suicídio——	191
23 — Nas Mãos de Nilson	199
24 — Em Um Minuto Apenas	202
25 — Fatos Mediúnicos em Israel	207
26 — Os Três Passes	212
27 — Com Marco Prisco na Avenida Ipiranga	217
28 — Além da Morte	225
29 — A Louca	232
30 — Chico e Divaldo — A Carta	238
31 — O "deus" Huracán — A Chuva — O Palácio de Metal — A Chegada de Huracán — As Curas ..	242
32 — A Casa de Jesus — A Embaixatriz	267
33 — As Duas Mensagens	279
34 — Francisco, Chico e Divaldo — A Primeira Men- sagem	281
35 — Francisco, Ubaldi e Divaldo — A Segunda Men- sagem	288
36 — Página a Divaldo	295
37 — Jesus — As Três Questões	300
38 — A Outra Platéia de Divaldo Franco	307
39 — Prece na Pousada de Francisco	314
40 — O Archote da Fé	317
41 — Palavras Finais	320

APRESENTAÇÃO

Dentro da programação espiritual que Jesus elaborou para o nosso planeta e que, na atualidade, o Espiritismo clarifica, vamos encontrar a trajetória do ser humano, a sua evolução dialética, neste constante vir-a-ser em busca das conquistas, do somar experiências que o amadureçam como Espírito imortal, propelindo-o aos seus mais altos destinos.

A Doutrina Espírita inaugura a era da razão, da fé racional e coerente, unindo as duas conquistas máximas do ser: a sabedoria e o amor — as duas asas da evolução que propiciarão ao Espírito alçar-se aos campos da luz.

No transcurso dos evos, a Humanidade tem recebido vultos luminares que trazem como missão abrir caminhos e espaços no imenso cipoal de erros e experiências frustradas **em** que a maioria se deixou enredar.

Assim, como parte do grandioso projeto espiritual que o Cristo de Deus inspira e orienta, os homens conheceram **os** missionários — Espíritos que se notabilizaram em todos **os** campos humanos abrindo perspectivas novas para a **grande** família terrena.

Épocas bem precisas marcam estágios, etapas evolutivas no transcurso dos milênios.

Três grandes revelações, conforme elucidada Allan Kardec no capítulo 1 de *A Gênese*, foram transmitidas ao **homem**, no tempo certo e previsto. Cada uma delas assinalando períodos diferentes e definitivos para a Humanidade.

No século passado, chega-nos a Terceira Revelação, consubstanciada na Doutrina dos Espíritos. Conforme o próprio Codificador registra, quis Deus que a Terceira Revelação não fosse personificada, mas, sim, que representasse um conjunto de Nomes Tutelares, a falange do Espírito de Verdade, que é o próprio Senhor.

Fruto do ensino dos Espíritos e do trabalho do homem — eis a soma das conquistas humanas, quando o céu e a Terra se dão as mãos para deixarem falar as Vozes da Imortalidade.

O advento do Espiritismo assinala uma nova era para a Humanidade.

A aliança da ciência e da religião vem libertar o homem da escravidão intelecto-moral, pois, se de um lado se deixava dominar pela ciência fria e estéril, por outro quedava-se prisioneiro da fé irracional ou de sua ausência total.

Com a Doutrina Espírita a ciência e a fé se completam e integram um todo. Por primeira vez o homem tem condições de compreender, de maneira abrangente, o caminho de sua libertação.

A falange do Espírito de Verdade, porém, embora o retorno de Allan Kardec à Vida Maior, prossegue assessorando a implantação da Doutrina Espírita na face da Terra.

Um século e três décadas transcorreram, o que é bem pouco em termos de evolução. Informam-nos os Benfeitores Espirituais que na Espiritualidade o tempo terreno, o progresso terreno é avaliado em milênios, pois um século representa muito pouco na dimensão extrafísica.

Nesses cento e trinta anos, os conhecimentos doutrinários apenas começaram a ser semeados pelo planeta. Em termos de Brasil, todavia, já se pode divisar fases marcantes caracterizando a programação espiritual em plena ação, a interagir sobre encarnados e desencarnados.

Todo um programa se desenvolve e é bem nítido o ascendente espiritual a nortear os caminhos. Pode-se distinguir com clareza como se delineia essa linha de atividades.

Tal como aconteceu no advento do Consolador, quando as vozes falaram diretamente, dando sinais, primeiro, através das mesas girantes, hoje pode-se prosseguir ouvindo-as, pois, estão entre nós, permanecem, vieram para ficar, a fim de integrar o ser humano em sua realidade cósmica. Evidenciando que ele participa, enquanto encarnado, de duas humanidades — a terrena, utilizando-se de seu organismo corpóreo e a espiritual, pela sua própria condição de Espírito imortal, que antecede ao berço e sobrevive ao túmulo— a Doutrina Espírita abre os horizontes do infinito aos olhos aturdidos do homem dos nossos dias.

As "vozes dos céus" estão falando! Através de arautos, de porta-vozes adrede preparados, semeiam as verdades imorredouras.

Um desses arautos, sem dúvida, é Divaldo Pereira Franco. Um desses semeadores é, por todos os títulos, o médium e orador espírita Divaldo Pereira Franco.

Já se pode avaliar a sua existência apostolar num conjunto de atividades vividas durante quatro décadas. Há quarenta anos, o quase menino Divaldo iniciou publicamente a sua missão terrena.

Um pouco de sua existência está neste livro, que escrevemos com a mais profunda felicidade, a partir de seus depoimentos gravados por nós.

Em nossos estudos e pesquisas sobre este vulto tão querido, foi-nos possível divisar a grandiosa planificação espiritual que rege a sua atual encarnação. Tal como acontece com Francisco Cândido Xavier — sem fazer nenhuma comparação, pois cada um tem tarefas bem definidas — sobre cuja vida escrevemos nosso livro *Testemunhos de Chico Xavier*, também Divaldo está inserido num contexto de trabalho no campo do Amor e da Paz, como parte do roteiro de implantação da Doutrina dos Espíritos na face terrena. Seu labor missionário tem como mentora a veneranda Joamia de Angelis.

O programa de Divaldo para a existência atual, iniciou-se na Espiritualidade, dando prosseguimento a tarefas espe-

cíficas por ele exercidas em antecedente reencarnação, já no exercício da mediunidade. Comprometeu-se ele, por certo, a ser um semeador de Jesus. A semear o Evangelho a todas as gentes, tanto quanto lhe fosse possível e por todos os meios ao seu alcance. Mas, semear a Boa Nova em sua feição de Consolador, de Cristianismo puro que a Doutrina veio revivescer.

Na obra de Divaldo Franco encontramos bem delineadas as três principais tarefas a que ele se dedica de corpo e alma: o orador, o médium e a vivência espírita, embora as três estejam perfeitamente integradas e não se consiga dissociar uma de outra.

Como médium ele pratica a *ciência* à luz do Espiritismo.

Como orador ele dá ênfase à *filosofia* espírita.

Como pessoa humana ele vive a *religião* espírita.

Somente um médium com estas características poderia dar curso a um programa espiritual de tal magnitude, conforme se infere ao estudar-se, em profundidade, a vida de Divaldo Franco.

Mas, todo esse plano, cujos ascendentes estão no Mundo Maior, obedece a uma primorosa elaboração em cuja direção está a figura radiosa de Joanna de Angelis.

Espírito de escol, acrisolado em muitas reencarnações vitoriosas, tendo ouvido a palavra de Jesus e por Ele se deixado imolar, Joanna de Angelis é um desses Nomes Tutelares que envolve de amor a Humanidade sofredora, propelindo-a em sua trajetória para o progresso.

Por muitas vezes esse Ser Superior tem descido à carne para exemplificar as virtudes que lhe são inerentes, deixando em cada uma de suas passagens um rastro de luz indelével.

Esperemos conseguir, com o nosso modesto esforço, retratar, de alguma forma, a missão assumida por Divaldo

Franco, no cumprimento desse belíssimo plano espiritual que Joanna de Angelis idealizou, com vistas à implantação do Evangelho de Jesus à luz do Espiritismo, ao mesmo tempo em que reúne e promove a imensa família espiritual sob a sua responsabilidade.

Juiz de Fora (MG), novembro de 1988
Suely Caldas Schubert

O SEMEADOR DE ESTRELAS

*"Divaldo tem uma estrela na boca", disse um dia
Chico Xavier.*

A seara é grande...
Eis que vem o semeador e a percorre.
Seus passos são firmes, decididos, incansáveis.
As sementes de luz são lançadas — lúculas que permanecem brilhando.
Todas as terras percorridas recebem a ensemantação.
Mas nem todas medram agora.
O semeador segue adiante.
Não olha para trás.
Os anos passam e ele caminha.
Quarenta anos percorrendo as leiras do coração humano.
O mundo o chama para ouvi-lo falar desse Ideal que o abraça.
A missão de semear é intemporal.
Divaldo Franco semeia.
Na esteira dos seus passos, todavia, brilham estrelas que se acendem na noite dos tempos.
A "via-láctea", iluminada, refulge e aponta, com seu caminho de estrelas, a direção do Cristo cósmico.
O semeador sai a semear...

JOANNA - ALÉM DO TEMPO

No ano de 1969 eu me encontrava proferindo uma conferência na Cidade do México, num Congresso Internacional. Quando estava na etapa final da palestra, Joanna de Angelis me apareceu e disse:

— Ao terminar, fala com aquele jovem que está ali gravando — porque ele é da nossa família espiritual — e pede-lhe que te leve a conhecer a pequenina aldeia de São Miguel Nepantla, perto de Cuernavaca. Nós vivemos lá.

Ao terminar a reunião eu me dirigi ao moço, de uns vinte e seis anos. Chamei-o e perguntei-lhe se me poderia dar informação de como chegar a São Miguel Nepantla, como deveria fazer e onde era a rodoviária. Ele, muito surpreso, indagou:

— O senhor tem interesse em ir a um lugar destes, sem nenhum sentido especial?

— Tenho, sim.

— Eu poderia levá-lo, desde que seja no domingo, pois sou funcionário da PEMEX. Eu sou engenheiro, trabalho no setor de petróleo e, no domingo, eu teria muito prazer de levá-lo até ali.

Ela me acenou com a cabeça para que eu aceitasse a proposta.

E assim fizemos. No domingo, com a sua família, rumamos para a aldeia que ficava a oitenta e um quilômetros da capital do México.

Chegamos à região e Joanna nos levou às ruínas de uma casa, que fora modesta, à sua época, e explicou-me:

— Eu vivi aqui e o meu nome era então Juana de Asbaje, no século dezessete. Posteriormente, aos quinze anos de idade, fui para a Ordem de São Jerônimo e adotei o nome de Juana Inés de La Cruz.

Eu não tinha a menor idéia de quem se tratava. Perguntei ao rapaz:

— Quem teria sido Juana Inés de La Cruz?

— Uma poetisa — respondeu — das mais formosas da literatura hispânica, do século dezessete e que é um dos motivos de orgulho da alma mexicana. Foi a primeira feminista que se conhece nas Américas espanholas. Era uma mulher muito culta; naquela época possuía uma vasta biblioteca e teve uma morte muito dolorosa, porque renunciou a tudo para se dedicar aos pestosos, por ocasião de uma epidemia que se abateu sobre a capital mexicana.

Nesse momento eu a vi com a personalidade de Juana Inés de La Cruz.

Tempos depois, Joanna se me revelou como Sórora Juana Inés, no estilo poético, ao escrever um tema, muito delicado, em versos brancos, que ela intitulou "Um recanto seguro". O Espírito pode assim, intencionalmente, voltar ao estilo que viveu outrora.

Algumas pessoas dizem: "Eu não leio os livros psicografados pelo Divaldo porque não os entendo." Com toda a honestidade, não acho esta crítica justa, parece-me até um pouco de prevenção, porque eu os olho e constato que Joanna escreve escorreitamente, isto sim, mas não de forma incompreensível.

Um dia eu perguntei-lhe:

— Por que a senhora escreve assim? As pessoas acham-na difícil.

— *Porque o Espiritismo é, acima de tudo, uma doutrina de cultura e nós não devemos adotar a gíria ou uma linguagem vulgar para facilitar o nível da conversação. Vamos utilizar uma linguagem que eleve o grau de entendimento da criatura. Quando o homem era primitivo, grunhia. A tendência para a civilização deu-lhe o vocabulário, beleza e construção de frases. Mede-se o nível de evolução do indivíduo pela forma que ele tem de se expressar. Não apenas pela forma, mas também pelo conteúdo, no entanto, a maneira de vestir a idéia é-lhe importante.*

— *É difícil, para nós, Espíritos — prossegue Joanna — verbalizar o que pensamos. Verbalizar, vestir a idéia com palavras, às vezes, é matá-la, porque limitamos o pensamento. As palavras têm conteúdo emocional pelo qual são conhecidas. Quando trazemos uma idéia, um fato desconhecido, teremos de o vestir com expressões conhecidas e nem sempre o logramos.*

Este é um grande problema; é o mundo de lá em relação ao de cá, porque tudo o que nós temos aqui existe lá, mas nem tudo o que existe lá, nós defrontamos em nossa esfera física. Tem-se que dizer por paralelismo. Há lá uma árvore, mas, não é necessariamente, uma árvore, símile das nossas, é algo que, na linguagem terrena, seria uma árvore.

Joanna me disse que, nos séculos dezessete e dezoito, quando foi Juana Inés, no México, viveu para a literatura; era uma monja que possuía milhares de volumes lidos e comentados. Ela foi a primeira feminista do mundo, a primeira teatróloga e considerada a maior poetisa de língua hispânica. No México, a nota de cem pesos tem a sua efigie. É a deusa do México, praticamente uma alta personalidade histórica. No Museu de Chapultepec, há alas dedicadas exclusivamente a ela. Foi uma mulher revolucionária. Falava e escrevia fluentemente seis idiomas, inclusive o português, o grego e o latim. Nesse aspecto, a gente vê a missão histórica desse Espírito.

Quando o padre Vieira estava no Brasil, ela escreveu-lhe uma carta e um artigo reprochando-lhe determinado

comportamento, que se publicou na Bahia, em jornal existente na época. Aí nasceu um vínculo com o Brasil. Para poder mantê-lo estudou mais o português e o conheceu em profundidade.

Oportunamente, a Abadessa chamou-a e disse que ela era uma religiosa orgulhosa da cultura e que a Ordem, na qual estava, a de São Jerônimo, era dedicada também à caridade. Foi o suficiente para que se desfizesse de toda a biblioteca, vendendo-a e dando os proventos aos pobres. Vestiu então um buril e foi atender aos pestosos, contaminou-se e morreu. Depois, reencarnou-se no Brasil, como Joana Angélica.

Ê muito curiosa essa programação das reencarnações. O nome civil dela, no México, era Juana de Asbaje. Quando tomou hábitos, a madre lhe deu o nome de Juana Inés de La Cruz. Ela era, no Brasil, Joana e foi para o convento como Joana Angélica de Jesus.

Informou-me, noutra oportunidade, que era uma mulher acostumada a pensar e a escrever. No Brasil, viveu numa Ordem religiosa, na qual entrou como noviça e exerceu todas as funções até ser Abadessa, entregando-se em holocausto.

Ê impressionante, também, como o Espírito plasma, inclusive, a estatura, as formas, a fisionomia, o psiquismo, tudo quanto constitui conquista ou perda, assim, a beleza física, a feiúra... Joanna plasmou o mesmo rosto nas duas últimas reencarnações, como se pode constatar nas pinturas que a retratam.

No convento na Bahia, ela se dedicou à Ordem. A Ordem era mística e muito austera. Fazia-se voto de silêncio e de dedicação total, sendo, também, contemplativa.

Quando se tornou Abadessa, ela aceitou os votos de silêncio e como eram monjas enclausuradas nunca um secular podia vê-las. Atendiam a todos através de um véu, de uma cortina. Mas, ela, lembrando no inconsciente do atendimento aos pobres e aos pestosos, procurou examinar o que fazer

de modo a atender à Ordem e servir a Jesus. Assim, aceitou uma das mais difíceis tarefas — notem que Espírito líder — a de reeducar mulheres equivocadas, as chamadas "arrepentidas".

Muitos pais, cujas filhas se equivocavam, eram enterradas vivas, isto é, internadas ali para não saírem mais. Ela reeducava aquelas pessoas.

Referiu-se às cenas noturnas do monasterio. Aquelas pessoas aclimatadas a sensações muito fortes e, de repente, coibidas, sendo levadas a amar ao Cristo, que lhes era imposto, faziam um mecanismo de transferência psicológica para o Cristo-homem e não para o Cristo-Deus, do conceito católico, porque O tinham que respeitar, não "pensar mal" e sendo atormentadas, eram vencidas por crises históricas. Jovens que realmente amaram e foram enganadas e outras que nem sequer se equivocaram, mas, os pais, prepotentes, assim o supuseram. Entre elas muitas havia, que buscavam, no arrependimento dos erros, a paz que perderam.

— Ali, meu filho — asseverou-me ela —, eu santifiquei a arte de amar e entender. Dedicava as horas vagas, de madrugada, quando fazia visitas às celas, para conversas consoladoras e profundas meditações.

Quando desencarnou, em 1822, o Consolador estava programado para o Brasil e ela, como estrangeira-brasileira (Espíritos estrangeiros que somos todos nós aqui, com exceção dos silvícolas), foi convidada a fazer parte da equipe do Espírito de Verdade, sendo levada para o contato com os Espíritos da Codificação e para uma adaptação do pensamento cristão, que estava deturpado pelos conceitos dogmáticos, ao cristão liberado que devia vir no Espiritismo. Passou por uma adaptação mental para pensar em termos cósmicos e não em termos terrenos, como sucedeu também com outros, dentre os quais, Santo Agostinho, que o fizeram antes. Começou aí a participar da tarefa, porém, já pensando nessa obra que viria muitos anos depois, digamos, a "Mansão do Caminho".

Posteriormente, visitando Roma, e estando no Monte Aventino (ano de 1970) numa viagem histórica que realizamos com objetivos doutrinários, no intervalo de palestras, ela me levou e ao Nilson, que estava comigo, a uma região próxima às Aguas Termais de Caracala e apontou um dos morros, elucidando-me:

— Eu tenho muito amor histórico a esta região, porque nós já vivemos aqui, faz muito tempo. A nossa vinculação com Jesus é muito antiga e esta existência tua deves levá-la com muita abnegação e sacrifício, até o fim. Como te disse, as glórias terrestres não terás que conquistá-las; a mim, não interessam e espero que a ti também não. Mas, a luta tiranizante da transformação moral no dia-a-dia, a esta luta eu te incito e te invito com freqüência até o último hausto da tua existência.

E me contou que havia sido a personalidade Joana de Cusa — e eu a vi transfigurar-se na mártir — a que se refere o Evangelho, tendo dado a vida em holocausto, no mês de agosto do ano de 68 por fidelidade a Jesus. E confirmou que um de seus filhos, aquele que morrera com ela na fogueira, era alguém que estava hoje reencarnado, vinculado também aos nossos sentimentos.

Assim eu tive notícia de mais esta reencarnação de Joanna.

Mais tarde, fizemos uma visita a Assis, por estímulo dela, que nos pediu visitássemos a cripta onde está inumado São Francisco, ao meio-dia, exatamente — porque era uma hora em que se encontraria deserto o lugar e não teria turistas.

Fomos, um grupo de quatro pessoas, e descemos à cripta onde estão os seus despojos carnis. Ali ela me falou:

— Eu desejo aqui escrever uma mensagem.

E diante do túmulo ela me levou ao transe mediúnico escrevendo uma mensagem que eu reputo muito profunda. Ela deu o título de "Emulo de Jesus" e está no livro A Serviço do Espiritismo. Ela faz o paralelo entre aquele que

acompanhou Jesus em todas as Suas pegadas com um espírito de fidelidade, de abnegação que ninguém teria feito igual. Ao terminar de ditá-la, determinou:

— Aquieta-te, porque eu desejo ainda que alguém escreva uma mensagem neste local.

E me trouxe uma jovem, que na Terra foi bailarina, e que eu já conhecia, explicando-me:

— Eros (que é um pseudônimo), vai também escrever uma página.

O que realmente aconteceu, estando esta mensagem inserida no livro No Longe do Jardim, intitulada "Encontro na Estrada". Logo, em seguida, levou-me a passar pela mesma estrada. É a estrada que liga Assis a Santa Maria dos Anjos.

Depois conduziu-nos ao Monasterio de Santa Clara, que fica na parte superior da cidade. Ali, diante do corpo em conservação de Clara de Assis, ela me desvelaria um outro ângulo de suas existências.

Mais tarde, e, depois, ao longo do tempo, Joanna narrou-me várias das suas reencarnações, a partir do século primeiro. . .

O Espiritismo, oferece ao homem a possibilidade de conhecer a história espiritual da Humanidade.

A partir, especialmente, dos livros *A Caminho da Luz*, de Emmanuel e *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de Humberto de Campos, ambos psicografados pelo médium Francisco Cândido Xavier, encontramos a revelação do passado espiritual da Terra e de nosso país.

Muitas revelações têm sido feitas, pelos Espíritos Superiores, através de médiuns responsáveis, oferecendo-nos condições de visualização de um enorme painel com a trajetória do ser humano, em sucessivas reencarnações, na sua escalada evolutiva.

Inúmeros vultos históricos nascem e renascem com tarefas específicas, sobrepondo-se à imensa mole humana, da qual se tornam condutores, no sentido de inspiradores e/ou motivadores do progresso.

A Misericórdia Divina proporciona ao homem ensejos benditos de aprendizagem, de recomeço e de refazer a sua caminhada.

Uma das mais belas facetas, no entendimento da trajetória espiritual dos povos que a Doutrina enseja, é a de que existem Espíritos Superiores como Mentores de nações, de determinados grupos humanos, por cuja evolução laboram com abnegado amor. Allan Kardec a isto se refere, em *O Livro dos Espíritos*, perguntas 519 a 521. Esta é uma realidade comprovada, pois já se podem detectar algumas dessas lideranças espirituais. Existem várias provas disto, em nosso próprio Movimento Espírita, embora alguns tenham uma visão distorcida a respeito desses Mentores, dos quais passam a ser *devotos*, numa demonstração flagrante de desconhecimento doutrinário.

Quando nos referimos a tais Entidades Superiores que lideram o Movimento, o fazemos na compreensão racional, lúcida, de que existem, realmente, os Benfeitores que têm responsabilidades para com a marcha da Doutrina em nosso país, sem haver, contudo, de nossa parte, quaisquer laivos de endeusamento em relação a encarnados e desencarnados, mas, sim, em função do respeito, admiração e amor que lhes dedicamos. Mesmo porque os Benfeitores lutam para que o homem se liberte dessas amarras, para que aprenda a alçar seu próprio vôo, pelo que se desdobram em ensinamentos e exemplificações.

Joanna de Angelis é, sem sombra de dúvidas, um dos guias espirituais da Humanidade.

São incontáveis as almas que o seu coração amorável e sábio reuniu para formar a sua grande família espiritual. Em cada uma de suas reencarnações, muitas delas no seio da Igreja Católica, ela pontificou como Espírito de Luz sendo reconhecida e venerada com diversos nomes, em várias

partes do mundo, o que lhe ampliou a família de forma considerável.

Divaldo Franco, no decurso dessas quatro décadas de labor apostolar, sempre se manteve dentro de uma ética irrepreensível. Prudente, discreto, humilde, jamais alardeou a superioridade de sua Mentora, que ao longo do tempo foi-lhe sendo revelada. É no exterior, principalmente, que "descobre" a história real de Joanna de Angelis.

* * *

Allan Kardec aborda, no capítulo XXIV de *O Livro dos Médiuns*, a questão da identificação dos Espíritos, e o faz em nada menos que 54 itens.

O Codificador relaciona, assim, as principais características dos Espíritos Superiores> esclarecendo ser essencial que o médium as conheça para avaliar a categoria dos Espíritos comunicantes.

Tais critérios devem ser sempre utilizados pelos médiuns na análise crítica que devem realizar de seu desempenho mediúnico. A maioria, porém, esquece, negligencia essa pesquisa, preferindo tudo aceitar sem uma avaliação criteriosa. Os Benfeitores da Espiritualidade Maior, todavia, aconselham-na, como também jamais cessam de conclamar ao estudo constante e à renovação moral.

Colocados todos esses critérios de investigação ao nosso alcance, com vistas à obra mediúnica de Divaldo e à orientação imprimida por Joanna de Angelis, vamos encontrar a coerência e a total identificação com os postulados da Doutrina. A perfeita identidade de propósitos, a fidelidade a Jesus e a Kardec, a vivência consentânea e por todos comprovada, dão-nos a melhor resposta, atestando um programa espiritual superior a cumprir-se com fidedignidade.

* * *

As explicações de Divaldo sobre a circunstância de ser Joanna de Angelis um dos Espíritos da Codificação são bas-

tante coerentes com todo o seu passado histórico e o seu presente.

A princípio ela se identifica ao médium como "Um Espírito Amigo" e somente mais tarde com o pseudônimo atual. A sua participação nas lutas pela Independência do Brasil, contudo, só foi tornada pública por ocasião do sesquicentenário desta memorável data, quando ditou uma mensagem alusiva, deixando-se conhecer, finalmente, como Joana Angélica.

As raízes históricas de Joanna de Angelis estão, portanto, na Bahia, que também foi o berço do Espiritismo em terras brasileiras. Este fato é muito significativo, pois evidencia os vínculos com a Falange do Consolador que, conforme Humberto de Campos, trasladaria da França para o nosso país a árvore do Evangelho, cujas raízes foram buscar a ubérrima terra baiana para se fixarem.

Espíritos de escol se desdobraram para que o Espiritismo florescesse em nosso solo abençoado. Algumas dessas Entidades já traziam os seus nomes em nossos registros históricos, especialmente nas hostes da Igreja católica.

Joana Angélica, convidada a participar da Falange do *Espírito da Verdade* tem, então, o seu pensamento cristão adaptado à visão nova que a Terceira Revelação propiciaria.

Ela tem o ensejo de assinar duas comunicações psicográficas que foram inseridas em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, mas o faz como "Um Espírito Amigo", sem revelar a sua verdadeira identidade, ela que é reconhecida, amada e venerada em alguns países da Europa com os diversos nomes de suas diferentes reencarnações. A primeira dessas mensagens está no capítulo IX, item 7, "A paciência", e a segunda, no capítulo XVIII, item 15, "Dar-se-á ao que tem".

Contudo, só após quatro décadas de labor com o médium é que ela se deixa identificar como tal.

Nessas diferentes reencarnações, conforme Divaldo elucida, Joanna plasma o mesmo rosto, as mesmas caracterís-

ticas morfológicas que hoje a identificam de maneira assombrosa, mostrando o Espírito superior a habitar diferentes corpos e imprimindo nestes a marca inconfundível de sua individualidade. É a prova incontestada da reencarnação.

Por outro lado, os caracteres de sua personalidade também despontam vitoriosos nessas várias existências terrenas.

* * *

Humberto de Campos, em seu belíssimo livro *Boa Nova*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, narra, em seu estilo inconfundível, o martírio de Joana de Cusa — talvez o mais expressivo exemplo de amor ao Cristo que nos é dado conhecer.

Ao encontrar Jesus, Joana, esposa de Cusa, intendente de Ântipas, é tomada de verdadeira fé e reconhece estar diante do Mestre a quem passa a amar com toda a alma. Por Ele vence os problemas domésticos e compreende as dificuldades íntimas do marido, sempre voltado para os interesses materiais. Com a morte deste, Joana pôde dedicar-se integralmente a Jesus, enquanto empenha-se, também, na educação de seu único filho.

A cena final da vida dessa estóica mulher é impressionante e recomendamos a sua leitura, na obra mencionada.

O exemplo de renúncia e sacrifício de Joana atravessa o tempo.

Por amor a Jesus e aos ideais do Evangelho nascente ela se deixa imolar. Deste testemunho de fé profunda e verdadeira não abdica nem mesmo para livrar o próprio filho do sacrifício. A trama da vida coloca-a em situação ímpar, pois não apenas tem de testemunhar por si mesma, pela fé que a alimenta de sagrada chama, mas também pelo filho amado que ela entrega a Jesus em suprema renúncia.

> *

Em sua primeira viagem a Roma, narra Divaldo, Joana o convida e a Nilson, que o acompanhava, a conhecer

as colinas e, no Monte Aventino ela aponta o local onde se erguia a *Domus Áurea* (Casa Dourada) onde Nero vivia. Após entretecer considerações demoradas, ela esclarece que, naquela região, ao lado de inúmeros outros cristãos, Joana de Cusa dera a vida a Jesus. No transcurso da narrativa Divaldo a vê transfigurar-se na mártir e, envolvidos todos por indescritível emoção, Joanna de Angelis passa a ser também Joana de Cusa.

Impossível imaginar-se cena mais tocante que a deste reencontro de almas, com o passado ali, tão presente e vivo, desentranhado não apenas dos arquivos mnemônicos, mas, também, resgatado dos arquivos da ambiência etérica, como se estivessem mergulhados em seus arcanos, transportados pela "máquina do tempo".

Roma, a cidade dos Césares e dos mártires, hoje conhecida como a "Cidade Eterna", realmente está eternizada como cenário de sacrifícios e testemunhos cristãos e na sua psicofera estão registrados os feitos e os fatos de um pugilo de almas que, a exemplo de outras, em outros lugares e tempos, se deram em holocausto ao Amor.

* * *

É esse Espírito talhado na forja do sacrifício e da abnegação, da fé acrisolada e estuante, que vamos encontrar quase dois mil anos depois à porta do convento da Lapa, na Bahia, defendendo os mesmos ideais, vivendo para Jesus e por Ele novamente oferecendo a própria vida.

Naquele instante decisivo, Joana Angélica é Joana de Cusa que retorna do passado e que se deixa imolar para mostrar aos homens — não a Jesus, que o Mestre já lhe conhece a superior fidelidade — que se pode morrer por um ideal, por um Amor Maior, a fim de que permaneçam vívidos os exemplos de fé, de estoicismo, e de vivência plena do Evangelho.

Sua coragem e decisão são as mesmas com que enfrentou o circo e é o mesmo e definitivo amor com que se entrega a Deus.

Mas, uma era nova se anunciava para a Humanidade com o advento do Consolador prometido por Jesus.

Joana de Cusa, Juana Inés de La Cruz, Joana Angélica, ressurgem na presença de luz de Joanna de Angelis. (Não será assim a ressurreição a que Jesus se refere? O mesmo Espírito transfundindo-se através de sucessivas vidas, somando experiências, adquirindo conhecimentos e, no caso da Mentora de Divaldo "coleccionando" reencarnações vitoriosas, mártir e santa muitas vezes até ressurgir como a Instrutora Espiritual Joanna de Angelis?)

Nunca, como agora, ela teve ensejo de falar aos homens. De revelar o seu acendrado amor ao Evangelho e mostrar-lhes que este é o caminho. E o faz já por quatro décadas sucessivas, com a plenitude do conhecimento, ela que, há dois mil anos, pelo menos, vive para o Cristo.

Ansiando por levar ao mundo as notícias da Doutrina Espírita elabora um projeto grandioso que pudesse significar, ao mesmo tempo, a sementeira do Evangelho a várias regiões do globo e a libertação definitiva desse grande contingente de almas que integram a sua família espiritual.

Ei-la, hoje, orientando e assessorando a obra mediúnica de Divaldo Franco, seu filho espiritual. Juntos concretizam a "Mansão do Caminho", reunindo ali um grupo afeiçoado, que mantém a obra, assegurando a sua continuidade, para mostrar ao mundo que é possível instalar-se, na Terra, o reinado do Amor e da Paz.

JOANNA E DIVALDO

No dia 5 de dezembro de 1945, eu a vi por primeira vez. A minha memória guardou a data, porque foi um momento de muita significação e importância na minha atual existência.

Não a vi com as características de religiosa com que ela se vem apresentando nos últimos trinta anos, mas vi uma claridade muito grande, próxima de mim e uma voz muito meiga que me disse:

— Eu tenho a tarefa de caminhar contigo na atual existência corporal e envidarei todos os esforços para que a nossa tarefa se coroe de êxito. Não te prometo as regalias nem as comodidades que, às vezes, entorpecem os sentidos e aniquilam os ideais. Não esperes de mim aquilo que o mundo pode dar e que tu conseguirás com teu próprio esforço, mas eu te afianço ser necessário que, na tua fidelidade à palavra do Senhor, contes com a minha presença de amiga na razão direta em que eu possa contar contigo nas necessidades do nosso programa.

Isto se deu na residência de uma família amiga, onde o grupo se encontrava semanalmente, todas as terças-feiras em um quarto modesto, num porão. É muito significativo constatar a similitude de acontecimentos.

Por uma curiosa "coincidência" esteve ontem e talvez esteja hoje, à noite, na palestra, o irmão da pessoa que nos

franqueava a sua casa para as nossas reuniões — o senhor Ederlindo Sá Roriz. Era na residência de sua irmã Eunice, que nós nos reuníamos para tentarmos os primeiros passos, àquele tempo, no exercício de mediunidade, porque nós não tínhamos a menor idéia do que era o Espiritismo.

Portanto, naquela noite de 5 de dezembro apareceu-nos esse ser espiritual e se comprometeu a ajudar-nos.

*A partir daquela época a nossa vida passou a ter uma diretriz e um significado de bom direcionamento, porquanto eu passei a senti-la e vê-la quase diariamente. Nestes quarenta e dois anos * que nos separam daquela oportunidade, essa Entidade, a princípio anônima, constituiu-nos um farol aceso lutando contra a ventania.*

Ainda me recordo que, naquela mesma noite, eu perguntei:

— Como é o seu nome?

— Chama-me "um Espírito Amigo".

Eu fiquei algo frustrado, porque tinha muita preocupação com os nomes, mas o "Espírito Amigo" me atendeu, de certo modo, a necessidade.

Passaram-se os anos e aquele "Espírito Amigo" continuava a estar comigo.

No ano de 1949 eu conheci o médium Francisco Cândido Xavier. Fui seu hóspede em Pedro Leopoldo. Já tinha alguma noção de Doutrina Espírita, já havia lido O Livro dos Espíritos, estava estudando-o. Já havia lido alguns romances Eleonora, Vítimas do Preconceito, A Vingança do Judeu, que eram os romances da época, e então, ao estar na casa de Chico Xavier, não pude sopitar a minha curiosidade de fazer-lhe uma pergunta, logo ao amanhecer do dia imediato.

(*) A narrativa foi feita no mês de setembro de 1987, no Centro Espírita Joanna de Angelis, em Juiz de Fora, MG. (Nota da Editora)

Quando despertamos e antes que ele fosse trabalhar na "Fazenda Modelo", do Ministério da Agricultura, onde era datilografo, eu lhe perguntei:

— Chico, você, com essa visão transcendental, viu quem é o meu guia?

(Porque, à época, havia uma mentalidade guiiista. Todo mundo queria ter um guia e eu também, que era filho de Deus).

E o Chico, com a mineirice dele, disse:

— Divaldo, que coisa, eu vi, mas não sei quem é.

Foi o mesmo que não ter visto, pois ficamos como estávamos.

Ao largo dos anos as pessoas sempre me perguntavam:

— Mas, Divaldo, quero lhe fazer uma pergunta: Quem é o seu guia?

(Era o meu ponto nevrálgico).

— Eu não sei, não posso dizer quem é, pois eu não sei.

Certa vez, uma senhora insistiu tanto neste assunto, o do nome do guia, que resolvi conversar seriamente com o "Espírito Amigo". Quando me apareceu eu me queixei, dizendo que estava muito desgostoso, pois todos sabiam quem era o seu guia, menos eu.

— Por favor — insisti — me dê um nome, você há de ter tido qualquer nome na Terra. Pois as pessoas me perguntam e eu respondo: "Um Espírito Amigo"...

O Espírito sorriu, e respondeu:

— Divaldo, eu vou dizer: o teu Guia é Jesus.

— Ê, mas Ele é o guia de todo mundo, da Humanidade inteira. Eu vou pegar uma beiradinha de nada. Eu quero um guia para mim; Jesus eu já sei que o é, mas todos informam: Fulano é o meu guia. Eu queria ter um para mim.

O Espírito sorriu outra vez, jovialmente e falou:

— Bem, tu me chamarás Joanna.

Tive uma pequena decepção, achei o nome tão simples. ..

— *Mas, só Joanna?*

— *Olha, Divaldo, chama-me Joanna de Angelis.*

Quando ouvi o nome latino fiquei mais satisfeito.

— *Quer dizer que a senhora, na última encarnação, foi mulher?*

— *Sim, eu fui mulher. Eu fui Abadessa do Convento da Lapa, aqui, em Salvador, e que deu a vida nas lutas da Independência da comunidade brasileira. Tu sabes quem foi a Abadessa Joana Angélica de Jesus.*

Finalmente o meu desejo fora atendido, porém, eu ainda queria algo mais.

— *A senhora deixa-me ver o seu rosto, pois me aparece assim, tão anônima...*

Ela então se materializou diante de mim, e eu a vi, com uma riqueza de detalhes talvez maior do que a que eu estou vendo nas pessoas agora.

Ela me apareceu luminosa, as mãos estendidas, o véu azul, e me deixou fixar a imagem. Ela desencarnou, à época, com mais de sessenta anos, mas ela me apareceu com um esplendor que me fazia recordar uns quarenta anos de idade, uma beleza e uma idade indimensional, aquela idade que está além do tempo e além do espaço.

Eu me comovi e me senti profundamente a ela vinculado, como se isto em mim, no momento, tivesse desabrochado. E perguntei-lhe:

— *Por que a senhora não me disse antes?*

— *Tu eras muito imaturo. E a primeira lição de sabedoria que eu te queria dar, era a da paciência. Quem pretende servir a Jesus deve aprender com o tempo e disciplinar a vontade. A mediunidade é um ministério de autocontrole, de disciplina e de serviço. Se eu te anunciasse, por ocasião do teu começo, a respeito de nossas vinculações e te dissesse quem eu era, na tua ingenuidade e no teu entu-*

siasmo baratearias muito estas informações. Agora, já és um homem, já tens uma visão mais cósmica da vida e assim já nos podemos entender muito mais.

— Ademais — prosseguiu Joanna — eu não confiava em ti, pois não tinhas essa maturidade que os anos oferecem e que o sofrimento imprime na personalidade. Não te poderia dar uma tarefa além das tuas forças, porque, de repente, a abandonavas... Quero dizer-te que, entre nós, os Espíritos responsáveis, uma tarefa passa a ter valor depois que os dez primeiros anos são vividos com abnegação. Porque até dez anos de atividades pode-se considerar um trabalho de entusiasmo, mas quem é fiel em dez anos de lutas, já merece uma promoção de responsabilidade. Agora já transcorreram mais de dez anos e estás em condições de saber.

A questão do Guia Espiritual e o desejo do médium em saber-lhe a identidade expressam uma curiosidade bem humana e própria de todos os indivíduos.

A identificação das Entidades que se comunicam por um médium, a não ser nos casos de pesquisa científica ou quando vêm espontaneamente, não carece necessariamente de ser feita. Allan Kardec comenta sobre o tema, no capítulo XXIV de *O Livro dos Médiuns*.

Entretanto, há de se fazer a distinção entre os vários comunicantes e o Mentor Espiritual do medianeiro. Neste caso, é bastante normal que este queira saber-lhe o nome.

Alguns médiuns têm dificuldade, no princípio, de captar a identidade dos Espíritos que o assistem. Isto não deve, contudo, tornar-se um problema angustiante, pois com o tempo a revelação se fará. A não ser, é claro, como no caso de Divaldo, em que Joanna queria permanecer incógnita.

É oportuno recordarmo-nos de como o Professor Rivail teve ciência do seu Guia Espiritual.

Ele esclarece que até àquela época denominava por *Espírito familiar* todos os Espíritos simpáticos. Ao ser informado, na sessão em casa do senhor Baudin, que seu *Espírito familiar* estava presente, o Codificador trava com ele o seguinte diálogo:

"A.K. — Meu Espírito familiar, quem quer que tu sejas, agradeço-te o me teres vindo visitar. Consentirás em dizer-me quem és?

R — Para ti, chamar-me-ei *A Verdade*, e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição. (...)

A.K. — O nome *Verdade*, que adotaste, constitui uma alusão à verdade que eu procuro?

R — Talvez; pelo menos, é um guia que te protegerá e ajudará. (...)

A.K. — Terás animado na Terra alguma personagem conhecida?

R — Já te disse que, *para ti*, sou a Verdade; isto, *para ti*, quer dizer discrição; nada mais saberás a respeito. (*Obras Póstumas* — Grifos no original)"

Antes desse diálogo, contudo, Allan Kardec já interrogara o Espírito Z. sobre a questão de seu (dele) Espírito protetor. O Espírito Z. — Zéfiro — que já se manifestava nas reuniões da família Baudin, ficou sendo para **Kardec** um amigo e protetor, até que, mais tarde, ao tempo em que a família Baudin se dispersou, anunciou que reencarnaria. (Idem)

Leon Denis, por sua vez afirma:

"O nosso grupo (mediúnico) achava-se sob a proteção de dois Espíritos elevados, um dos quais Jerônimo (de Praga), de que falei acima; o outro, um Espírito feminino, cuja personalidade se ocultava sob vago pseudônimo, o "Espírito Azul", era dotado de maravilhosa penetração." Esclarece Denis, que esta Entidade era assim denominada, porque "os nossos médiuns o viam envolto num véu azul". (*No Invisível*)

El Centro Espiritista Felix Arrigoni de la Republica Argentina, al insigne representante del Espiritismo Brasileiro Hno. Divaldo Pereira Franco en recuerdo de su paso por nuestra Institucion

Fraternalmente dedican

B. A. 5 Oct. 69
Estella B. de Ferreres
Alga Branca

[A dense collection of handwritten signatures in various cursive scripts, including names like: Ana, Maria, Jose, Antonio, Divaldo, and others.]



Câmara Municipal
DA CIDADE DO SALVADOR

A Câmara Municipal da Cidade do Salvador, nos termos da Resolução número CCCV, confere o título de

CIDADÃO
da Cidade do Salvador
ao Professor

Divaldo Pereira Franco

Paço Municipal da Cidade do Salvador
em 13 de Setembro de 1972.

Augusto Lourenço Costa
PRESIDENTE

Beneditina Araújo
I SECRETÁRIO

Augusto Lourenço Costa
II SECRETÁRIO

Divaldo Pereira Franco
O CIDADÃO





Al orador **Rivaldo Pereira Franco** en testimonio de nuestra profunda gratitud y reconocimiento por los valores recibidos, lazo de unión espiritual entre los dos países.

Barcelona-España, Septiembre de 1978.



Associação Espírita Fraternidade

*Em Vanderbiltpark e Germinston, penhorada
de gratidão a Divaldo, pela viagem apos-
tólica à África do Sul, de 7 a 22 de Fere-
reiro, eleva preces ao Pai pela bênção de mais
um aniversário do tribuno baiano.*

Johannsburg, 5 de Maio de 1980



*Jo. Soares Costa
Chefe de Mesa*





A Ordem da Solidariedade, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei n.º 656 de 17 de julho de 1967, de acordo com o Art. 15º de seu Estatuto, pelo seu Grão-Mestre, confere o grau de

Grã-Mã

do Grau de Mérito Cultural, registrada no Ministério da Educação e Cultura, sob o n.º 1274/67, de acordo com o Decreto Federal 905, em nome de

Divaldo Pereira Franco

Reconhecendo seus dotes intelectuais, de bondade, de honra e de amor a humanidade.
 Este presente Diploma fica inscrito no Livro de Registas da Ordem sob o n.º 29, datado, passado e assinado na cidade de São Paulo, Brasil, aos 11 dias do mês de Novembro de 1979.

[Signature]

[Signature]

Camara Municipal de Campinas



Camara Municipal de Campinas,
nos termos do Decreto Legislativo nº
182, de 05 de março de 1982, concede ao

Sr. Divaldo Pereira Franco

"Título de Cidadão Campineiro",
pelos relevantes serviços prestados
a Campinas.

Campinas, 02 de outubro de 1982.

Adauto Ribeiro de Melo
Presidente



Câmara Municipal

Município do Rio de Janeiro



a execução das atribuições que a Lei lhe confere
e, nos termos do Projeto de Regulação n.º 1452,
de autoria de

~~Alcides de Azevedo~~ ~~Alcides de Azevedo~~

aprovado na Sessão de 26 de outubro de 1962, confiro ao
Sr. Divaldo Pereira Franco
o título de **Cidadão Honorário** do Município do Rio de Janeiro
conferido pela Resolução n.º 103 de 1962.

Município do Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1962.

Presidente *D. Azevedo*
Câmara Municipal do Rio de Janeiro



A Ordem da Solidariedade, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei n.º 646 de 17 de junho de 1967, de acordo com o Art. 15º de seu Estatuto, pelo seu Grão-Mestre, confere o grau de

Grão - Colar

da Cruz de Mérito Cultural, registrada no Ministério da Educação e Cultura, sob o n.º 2674/67, de acordo com o Decreto Federal 9075, em nome de

Rivaldo Pereira Franco

Reconhecendo seus dotes intelectuais, de bondade, de honra e de amor a humanidade.

Este presente Diploma fica inscrito no Livro de Registro da Ordem sob o n.º 1785, datado, passado e selado na cidade de Salvador, Brasil, aos 06 dias do mês de Abril de 1984.

[Signature]
Grão-Mestre

[Signature]
Chanceler

Os Guias Espirituais, portanto, identificam-se ou adotam um pseudônimo ou denominação qualquer, tendo em vista as circunstâncias.

O Espírito da Verdade, que simboliza o próprio Cristo, identifica-se, perfeitamente, com a promessa de Jesus de que enviaria, mais tarde, o Consolador, o Espírito de Verdade.

Naquele instante, ao responder ao então Professor Rivail, a Entidade Espiritual estabelecia a ligação histórica entre a promessa do Mestre e o advento da Terceira Revelação, tornando-a, a partir daí, um fato real — a promessa consumou-se.

* * *

Divaldo, numa curiosidade bastante natural, tenta identificar aquele "Espírito Amigo", que vê freqüentemente a seu lado, que o ajuda e orienta.

Quando Joanna de Angelis revela a sua identidade e se deixa ver na beleza de sua elevação espiritual, transmite também ao médium um valioso ensinamento. Afirmando que a primeira lição era a da *paciência*, ela repete o primeiro tema que aborda em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo IX, item 7 e que versa exatamente sobre esta virtude, quando então assina como "Um Espírito Amigo".

Nesse diálogo com o médium ela ressalta a necessidade da disciplina, do autocontrole e do serviço constante na tarefa da mediunidade.

A discrição, a prudência, o zelo quanto ao desempenho do programa espiritual traçado são impressionantes.

Segundo ela, Divaldo não deveria ser inteirado desses dados antes de, pelo menos, um decênio de trabalho contínuo e perseverante. O prazo de, no mínimo, uma década para que o trabalhador da seara espírita mereça uma promoção de responsabilidades e, certamente, de credibilidade perante o Mundo Espiritual Superior, é uma revelação notável. É um teste completo de persistência, de paciência,

de fidelidade aos compromissos assumidos, de vivência, enfim, integral.

O processo de crescimento espiritual e quaisquer tarefas de cunho espiritual requerem todo um laborioso amadurecimento, que não se consegue realizar antes de serem percorridas todas as etapas concernentes à própria evolução.

JOANNA - A FAMÍLIA ESPIRITUAL

Os anos sucederam-se e Joanna de Angelis explicou-me:

— *A nossa, será uma marcha muito longa. Caminharemos muito. Eu irei escrever muito pelas tuas mãos e tempo virá que eu te requisitarei várias horas para o ministério da escrita. Porque, do passado eu trago comigo um número muito grande de almas que me são afins e estão espalhadas, às quais desejo mandar a minha mensagem de amiga.*

— *A princípio, tu irás convidá-las pela palavra e, quando as forças te diminuírem e as distâncias se fizerem intransponíveis, a mensagem escrita chegará até elas. Novamente elas virão e muitas necessitarão do alimento ao longo do tempo. A mensagem escrita chegará periodicamente como estímulo, para que possam lutar e triunfar na sua atual experiência.*

Comecei a psicografá-la diariamente. Levantava-me às cinco horas da manhã, e das cinco às seis ela escrevia uma página. Isso me criou uma disciplina mediúnica ao largo dos anos, que o fazia, mesmo viajando. Às cinco da manhã, despertava, e ela escrevia. Já psicografei quase seis mil mensagens, neste largo período.

Essas almas são a família espiritual de Joanna, que estaria espalhada e que ela tem a tarefa de chamar, reunindo, sob a direção de Francisco de Assis, para levá-la de volta aos braços do Carpinteiro Galileu.

"No espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Ditosos por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas momentaneamente os separa, porquanto, ao regressarem à erraticidade, novamente se reúnem como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes até, uns seguem a outros na encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família, ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que se conservam livres velam pelos que se acham em cativo. Os mais adiantados se esforçam por fazer que os retardatários progridam. Após cada existência, todos têm avançado um passo na senda do aperfeiçoamento. Cada vez menos presos à matéria, mais viva se lhes torna a afeição recíproca, pela razão mesma de que mais depurada, não tem a perturbá-la o egoísmo, nem as sombras das paixões. Podem, portanto, percorrer, assim, ilimitado número de existências corpóreas, sem que nenhum golpe receba a mútua estima que os liga." (O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo IV, item 18.)

Este trecho de Allan Kardec exprime bem o em que consistem as famílias espirituais. Estas são uma prova cabal de que os verdadeiros liames são os do amor.

As saudades, a nostalgia que, por vezes, acometem o ser humano, sem motivo aparente, podem ser derivadas das lembranças desses afetos dos quais se está momentaneamente apartado.

Todavia, as almas afins se buscam no espaço e no tempo e intercambiam as vibrações de amor e de alegria por se reencontrarem. Não há distância que não possa ser vencida pelo amor. Não existe tempo nem épocas, pois o amor é intemporal e triunfa da noite dos milênios para ser um eterno amanhecer, um perene "festival de bênçãos".

Assim Joanna se empenha em nutrir espiritualmente todos esses corações que lhe estão vinculados.

Em várias de suas reencarnações, ligadas à Igreja Católica, ela pontificou como mártir e santa, tornando-se conhecida e venerada por milhões de pessoas. Logicamente isso aumenta-lhe o círculo de responsabilidades, o que nos leva a imaginar quão grande deve ser a sua equipe espiritual para atender, socorrer e amparar a tantos que a buscam, há séculos, com fervor e devoção.

A forma como é realizado este atendimento sugere-nos uma estrutura tão grandiosa e tão perfeitamente organizada que nos leva a malabarismos mentais.

Como nutrir tantas almas? Como ampará-las e esclarecê-las? Como consolá-las em suas dores? Como trazer de volta as que se transviaram? Como...?

Jesus preocupa-se com a multidão, por isto assevera:

"E, se os deixar ir em jejum para suas casas, desfalecerão no caminho, porque alguns deles vieram de longe." (Marcos, 8:3)

Emmanuel, ao comentar este passo do Evangelho, afirma:

"Não falta alimento do céu às criaturas(...)

Jesus manifesta invariável preocupação em nutrir os espíritos dos tutelados, através de mil modos diferentes, desde a taba do indígena às catedrais das grandes metrópoles.

Nesses postos de socorro sublime, o homem aprende, em esforço gradativo, a alimentar-se espiritualmente, até trazer a igreja ao próprio lar, transportando-a do santuário doméstico para o recinto do próprio coração.

Pouca gente medita na infinita misericórdia que serve, no mundo, à mesa edificante das idéias religiosas.

Inclina-se o Mestre ao bem de todos os homens. Cheio de abnegação e amor sabe alimentar, com recursos específicos, o ignorante e o sábio, o indagador e o crente, o revoltado e o infeliz. Mais do que ninguém, compreende Jesus que, de outro modo, as criaturas cairiam, exaustas,

nos imensos despenhadeiros que marginam a senda evolutiva." (*Pão Nosso* — capítulo 124 — Ed. FEB.)

Estas perspectivas que o Espiritismo desvenda à Humanidade, de que aos poucos nos inteiramos, engrandece de maneira prodigiosa a idéia que temos da Bondade Divina e de toda essa fantástica corrente de amor e solidariedade entre os seres humanos.

Joanna de Angelis tem agora outro recurso para chegar aos corações que se lhe vinculam — a mediunidade.

Divaldo, conforme ela orienta, os convidaria inicialmente pela palavra e, mais tarde, através das páginas psicografadas.

Há em todo esse processo uma notável programação espiritual, um perfeito encadeamento histórico, no qual é possível verificar a trajetória de um grupo muito grande de almas que, como está bem claro, encontra-se sob a tutela espiritual de Francisco de Assis.

A PREGAÇÃO ESPÍRITA

Assim, em Portugal, graças a Deus, foi-me possível pregar com absoluta tranqüilidade em toda parte, recordando aos amigos portugueses a Doutrina Espírita, não como às vezes a malícia e a má vontade de alguns querem dizer, "nos moldes brasileiros", que aliás, não os há, mas a Doutrina Espírita conforme apresentada por Allan Kardec, na Codificação.

Sabemos que cada país tem as suas idiossincrasias, tem as suas heranças culturais, sociológicas, econômicas e não se pode estabelecer uma linha de comportamento rígida para os povos com padrões de temperamentos tão diversos.

Sempre temos o cuidado de pregar o Espiritismo consoante está na Codificação. Para mim, pessoalmente, encontro sempre respaldo no pensamento kardequiano, que pode ser apresentado como contribuição às áreas da ciência, da filosofia e da religião, em cujo comportamento religioso está a ética, a moral inspirada no Cristianismo, por ser até hoje, do meu ponto de vista, a Doutrina que melhor interpreta o pensamento de Jesus. Isto é perfeitamente lícito, este direito de liberdade, que Kardec defende em O Livro dos Espíritos, quando fala, que "as leis de Deus estão escritas na consciência" humana. É o direito de liberdade de consciência que ninguém pode violar, que me permite assim expressar, porque, do contrário, teríamos padrões

de comportamento sob supervisão de chefes, dos quais já nos libertamos, quando abandonamos a ortodoxia ancestral. Como a Doutrina Espírita é simples, clara e pura, e não necessita de pessoas que a interpretem para nós, porque se tal ocorresse, ela seria corpo tão estranho que necessitaria de novos teólogos para nos dizerem como entendê-la, oferece-nos, por conseqüência, um campo muito amplo para que cada um se movimente no seu corpo, sem defraudar-lhe os objetivos, porém, conforme a cada um melhor lhe aprouver.

Portanto, sempre apresento a Doutrina Espírita como ciência que o é, mas cujo método de investigação científica é utilizado pelas chamadas doutrinas acadêmicas, porque ainda não temos, em verdade, instrumentos que nos dêem uma metodologia de ciência eminentemente espiritista. Aceito-a como filosofia comportamental, capaz de iluminar o idealismo clássico e atender a todas as necessidades do pensamento histórico da criatura humana. Também nela encontro a seiva de sustentação do conceito religioso, conforme está no discurso de Allan Kardec, na Sociedade Espírita de Paris em 1.º de novembro de 1868, na comemoração anual do "Dia dos Mortos", e, para mim, retirando-se a feição religiosa do Espiritismo, eu o teria na condição, como diz M. Dumas, "de uma nova Metapsíquica". A verdade é que a Metapsíquica, a Parapsicologia, a Psicotrônica, de acordo com a corrente dos investigadores modernos, também encontraram a imortalidade da alma, a reencarnação. No entanto, essas ciências não dispõem de um comportamento ético, nem filosófico, qual ocorre com o Espiritismo, desde que, sabendo que há um amanhã, é inevitável que nos preparemos para esse porvir.

Portanto, para mim, sem que esteja jungido à chamada herança judaico-cristã — que aliás não diminuiria em nada o valor da minha crença — aceitar o componente do Espiritismo religioso sem prevalência de um aspecto sobre o outro é natural. Sempre coloco o Espiritismo como religião, porque assim o admito. E sendo convidado para

fazer palestras eu apresento a Doutrina conforme a vejo e conforme a sinto, não apenas em O Evangelho Segundo o Espiritismo, mas sobretudo, e principalmente, em O Livro dos Espíritos, que começa com o estudo a respeito de Deus e atinge a sua grande exaltação nas Leis Morais, que se apresentam como fundamentais para a vida, por serem as Leis Naturais, baseadas na Lei do Amor e têm o seu início na "Lei de Adoração", que é um ato ancestralmente religioso. Sigo a diretriz do Cristianismo, porque o respeito que me merece Allan Kardec, a quem aprendi a amar pela sua grandeza, mais me merece Jesus, o Nazareno; pois sabemos pela resposta que os Espíritos deram ao Codificador que Ele é "o ser mais perfeito que Deus ofereceu à Humanidade, para servir-lhe de modelo e guia" (questão 625 de O Livro dos Espíritos,). Então, se Kardec nos merece tanta consideração, sendo ainda um Espírito em processo de evolução, imagine-se o respeito que a nós não merecerá Aquele que é o protótipo da perfeição que se pode conceber na Terra!?

E neste sentido, anuo total e plenamente com o conceito que Emmanuel, pela mediunidade ímpar de Francisco Cândido Xavier, nos apresenta em torno de Jesus, um homem, o filho de Deus, não o Cristo da teologia católica, da Trindade, que nenhum espírita o admite, mas esse Construtor da Nossa Terra e o Governador (no bom sentido da palavra), a Quem aprendemos a amar e a respeitar em profundidade.

A nossa pregação, portanto, em qualquer lugar, é absolutamente kardequiana, fundamentada nos objetivos da Doutrina, e não seríamos tão infantis para irmos a um país estrangeiro levar esse pensamento libertador com as falhas de uma opinião pessoal, sem a estrutura documental da Codificação.

Daí não cometeríamos a leviandade de apresentar um modelo brasileiro, que aliás não há, como não há um modelo francês, português ou espanhol. Há, sim, a Doutrina Espírita interpretada pelo temperamento de cada povo, como é natural.

Doutrina Espírita — "modelo brasileiro" — curiosa afirmativa esta, que alguns citam como verdade, como se se devesse *criar* um modelo de cada nacionalidade para atender — talvez seja por isto que surgiu esta idéia — ao patriotismo local.

Divaldo coloca a questão em seu devido termo. Entretanto, os Espíritos da Codificação, ao responderem a certa pergunta de Allan Kardec, já haviam esclarecido quanto à melhor forma para o entendimento de qualquer assunto:

"Aliás, não é de bom aviso atacar bruscamente os preconceitos. Esse é o melhor meio de não se ser ouvido. Por essa razão é que os Espíritos muitas vezes falam no sentido da opinião dos que os ouvem: é para os trazer pouco a pouco à verdade. Apropriam sua linguagem às pessoas, como tu mesmo farás, se fores um orador mais ou menos hábil. Daí não falarem a um chinês, ou a um maometano como falarão a um francês ou a um cristão. É que têm a certeza de que seriam repelidos. (*O Livro dos Médiuns*, capítulo 27 item 301 questão 3.º.)

Deve existir, portanto, uma adequação do discurso a ser feito, da forma de abordagem dos temas, e, sobretudo, o respeito às peculiaridades de cada povo, de cada cultura e, especialmente, dos estágios evolutivos, pois estes fatores influem no grau de assimilação e apreensão dos ensinamentos.

Por certo que Divaldo, com a sua percuciente capacidade na transmissão dos princípios doutrinários, aliada à inspiração e orientação dos Benfeitores Espirituais que o assessoram, tem feito a necessária adequação ao nível das platéias que o ouvem.

Aliás, esse conselho dos Espíritos citados, deveria merecer uma reflexão mais demorada de todos nós, especialmente os que temos a tarefa de difusão doutrinária, escrita ou falada.

Divaldo ressalta que apresenta a Doutrina Espírita conforme está na Codificação, no seu todo, sem dissociar ou dar maior realce a um dos seus três aspectos. Faz uma

afirmativa muito importante: "O respeito que me merece Allan Kardec, a quem aprendi a amar pela sua grandeza, também me merece Jesus, o Nazareno — pois sabemos, pela resposta que os Espíritos deram a Kardec que Ele é o ser mais perfeito que Deus ofereceu à Humanidade, para servir-lhe de modelo e guia, questão 625 de *O Livro dos Espíritos* — então, se Kardec nos merece tanta consideração, sendo ainda um Espírito em processo de evolução imagine-se o respeito que a nós não merecerá Aquele que é o protótipo da perfeição que se pode conceber na Terra!?"

Atualmente há uma certa tendência, por parte de alguns espíritas, em se dar ênfase ao aspecto científico da Doutrina, em detrimento sobretudo, do seu aspecto moral ou religioso. Ou também em se priorizar uma abordagem social, com certo caráter político embutido no bojo da ação assistencial. Tudo isto, contudo, é uma forma pessoal de se fazer a leitura da Doutrina e, depois, de exercê-la nas áreas decorrentes dessa óptica própria.

Por outro lado não se pode esquecer que muitos fazem uma opção pelo aspecto religioso, incorrendo, portanto, no mesmo engano.

A divulgação doutrinária através de Divaldo é realizada de forma abrangente e completa.

Comprova-se isto pelo teor de suas palestras que, em geral, apresentam três tempos distintos: — uma abordagem científica, quando são feitos comentários e mencionadas inúmeras citações dos mais eminentes pesquisadores do passado e da atualidade, em diversos campos do saber humano e, simultaneamente é traçado um paralelo entre esses conhecimentos e os ensinamentos do Espiritismo, que aqueles vêm corroborar; — uma parte mais amena, em que quase sempre são relatados casos do cotidiano, seja para referendar os comentários anteriores, seja para possibilitar as deduções filosóficas decorrentes; — um enfoque evangélico, que pode vir na forma narrativa de uma passagem ou de um caso, cujas ilações advindas sempre ressaltam a figura do Cristo, a missão do Espiritismo como Consolador e a necessidade

de evangelização do ser humano. Como elo de ligação desses três momentos está a Codificação Kardequiana, e, como se pode observar, a prevalência dos pontos básicos da Doutrina que nunca deixam de ser ressaltados.

As palestras do orador baiano, portanto, apresentam, via de regra, essa linha de raciocínio, variando, como é óbvio, na seqüência que apresentamos, porque o enfoque evangélico, às vezes, é a parte inicial, de acordo com a inspiração e circunstância.

Nota-se, contudo, em nosso meio, quando há predominância do aspecto científico, costuma-se ressaltar a figura de Kardec e a sua obra — que reconhecemos como missionária e realmente notável — e, concomitantemente, enfraquecer, preterir ou omitir a de Jesus, como a significar que a Codificação é ciência e o Evangelho do Cristo é a parte religiosa que, segundo essas pessoas, não constitui a Doutrina Espírita.

Em seu depoimento Divaldo menciona o discurso de Allan Kardec, que está na "Revista Espírita" de dezembro de 1868.

Este discurso tem sido invocado sempre que surge esta questão, embora existam outros textos em que o Codificador evidencia o seu pensamento em relação a este assunto.

No texto em apreço, o pensamento de Kardec precisa ser considerado no seu todo, pois ele tem um fio condutor de raciocínio. Vamos tentar analisá-lo.

É significativo que ele tenha começado o discurso com a citação de Jesus, conforme está em Mateus XVIII:20, e que depois prossiga analisando a comunhão de pensamentos, a força mental, a vontade, nas reuniões em geral, para então dizer que nas reuniões espíritas quando as pessoas alcançam essa homogeneidade de pensamentos terão a secundá-las os bons Espíritos, especialmente se a finalidade da reunião for a lei da caridade. Nesse caso "descerão sobre eles em línguas de fogo, para nos servir de uma admirável imagem do Evangelho", afirma o mestre lionês. Refere-se a seguir que todas as reuniões religiosas são fundamentadas

nessa comunhão de pensamentos e comenta que para se estar reunido em nome de Jesus é essencial assimilar a sua doutrina; que muitas pessoas negam a utilidade das assembléias religiosas e dos edifícios consagrados a tais assembléias; que "em seu radicalismo pensam que seria melhor construir hospícios do que templos". Acrescenta então, que os que assim falam desconhecem "a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos, que deve ser a essência das assembléias religiosas" e que tal argumento por parte dos espíritas é um contra-senso, arrematando: "O isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo." Assevera que os homens precisam de "ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência".

Nesse ponto detemo-nos um pouco. É óbvio que Kardec está exaltando as excelências das reuniões espíritas, especificamente as mediúnicas, pois refere-se a ensinamentos diretos dos Espíritos. Como também é bastante claro que ele as engloba como assembléias religiosas, conforme está evidenciado até agora e nos parágrafos seguintes (RE, pág. 355), nos quais ressalta ter o homem necessidade de tais assembléias religiosas pois ele já tem as reuniões políticas, científicas e industriais, concluindo que "quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu haverá menos gente nos hospícios".

Passa depois a analisar a palavra *religião*, que "quer dizer laço. Uma religião em sua acepção nata e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças". Esclarece que esse nome foi dado a um conjunto de "princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé", e que neste sentido se diz a *religião política*, sem que isto signifique opinião, mas sim a característica de fé *conscienciosa*, por isso se diz: a fé política.

Explicando sobre a ligação religiosa afirma: "O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral, que liga os corações,

que identifica os pensamentos, as aspirações, tendo como efeito estabelecer "a fraternidade, a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas."

Faz em seguida, duas perguntas que se tornaram clássicas:

"Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza.

"Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas idéias diferentes; e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública."

Observa-se o cuidado de Allan Kardec em não conceituar o Espiritismo como uma religião nos moldes tradicionais: com cultos, rituais, castas e hierarquias; que o público poderia confundir com misticismos e abusos. Neste sentido, o Espiritismo não é uma religião, esclarece. No sentido filosófico, todavia, "o Espiritismo é uma religião", afirma o Codificador. E complementa:

"Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral."

É oportuno avaliar a forma como Kardec se refere ao vocábulo *religião*, neste trecho: "não podia nem devia enfeitar-se com um *título* sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado", (grifos nossos) Vê-se que para ele a palavra *religião* não passava de um título, já que fora tão deturpada do seu sentido mais profundo e transcendente.

Temos ressaltado, freqüentemente, em artigos e palestras, a prudência e o bom-senso de Kardec em relação a pontos que pudessem gerar dúvidas, conflitos de idéias ou cisões. Para a sua época como também para o futuro, e de resto para o seu país e para a cultura do povo francês, tudo deveria ser colocado de maneira lógica e racional dentro do próprio conselho anteriormente citado, extraído de *O Livro dos Médiuns*.

Prosseguindo em seu discurso, acrescenta que "as reuniões espíritas podem ser feitas religiosamente, com recolhimento e respeito, fazendo-se preces", e então faz a ressalva, sem que por isso fossem "tomadas por assembléias religiosas", isto é, aquelas onde existam cultos e práticas exteriores. Essa ressalva é importantíssima, pois com todo o intróito feito por ele, no qual enfatiza que as assembléias religiosas são válidas e fundamentais para auxiliar os homens desde que haja a perfeita comunhão de pensamentos, incluindo aí as reuniões espíritas, evidentemente consideradas com o sentido mais alto e transcendente de religiosidade.

É essencial entendermos a grande dificuldade do missionário da Terceira Revelação, em encontrar palavras que exprimissem o seu pensamento. Qualquer vocábulo mal colocado poderia levar a que se tomasse a doutrina nascente como uma religião a mais, no conceito conhecido tradicionalmente.

Mas o discurso não termina aí. Ele volta a falar a palavra *laço* e nesse momento enseja uma grande lição para o futuro:

"Qual é, pois, o laço que deve existir entre os espíritas? Eles não estão unidos entre si por nenhum contrato

material, por nenhuma prática obrigatória. Qual o sentimento no qual se devem confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para todos, ou, por outras palavras, o amor do próximo, que compreende os vivos e os mortos, desde que sabemos que os mortos sempre fazem parte da humanidade". São esses os liames que devem unir os espíritas; o laço é o sentimento, é o amor, a caridade.

A caridade é o assunto da parte final do discurso, que traz um longo parágrafo (pág. 359) sintetizando notavelmente os pontos básicos do Espiritismo e como deve ser a conduta do verdadeiro espírita, quando Kardec conclui dizendo: "eis o Credo, a religião do Espiritismo, religião que se pode conciliar com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os Espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal."

Mais algumas considerações e o Codificador encerra a sua palavra, na sessão anual comemorativa do "Dia dos Mortos", na Sociedade de Paris, em 1.º de novembro de 1868.

Tem sido muito difícil a implantação de uma nova mentalidade a respeito desse conceito de religião e também na própria forma de vivenciar a Doutrina. Os homens não conseguem despojar-se das práticas exteriores.

Allan Kardec, em sua época, lutou denodadamente para ampliar o raciocínio humano. Em todos os momentos em que deu o seu contributo pessoal vemo-lo nesse esforço de explicar a vivência da Doutrina Espírita. Com muito cuidado evita a utilização do vocábulo *religião*, embora em vários momentos ele esteja implícito, inclusive nas orientações dos Espíritos.

Na comunicação de São Luiz, publicada na "Revista Espírita", de fevereiro de 1868 (mesmo ano do discurso), quando este faz a apreciação da obra *A Gênese*, são estas as suas palavras iniciais: "Esta obra vem a ponto, no sentido que a Doutrina está hoje bem estabelecida do ponto

de vista *moral e religioso* (grifos nossos). Seja qual for a direção que tome de agora em diante, tem precedentes muito arraigados no coração dos adeptos, para que ninguém possa temer que ela se desvie de sua rota.(. . .) O Espiritismo atualmente entra numa nova fase. Ao atributo de *consolador*, alia o de instrutor e diretor do espírito, em ciência e em filosofia, como em moralidade." (grifo no original)

Como se vê, São Luiz esclarece que a Doutrina está bem estabelecida do ponto de vista moral e religioso e que entraria numa nova fase — com a publicação de *A Gênese*. Ao atributo de *consolador* alia, ou seja, junta, associa, o de instrutor do espírito, e a partir daí estes três atributos — consolar, instruir e dirigir — formariam um todo só.

A religiosidade emanada do seu atributo de *consolador* não é antagônica à Ciência e à Filosofia. Ao contrário, nada mais belo que essa convergência que preexiste ao Homem, que é um fato concreto e irreversível como conquista evolutiva, como elemento propulsor do progresso.

A Terceira Revelação é exatamente a existência e a possibilidade dessa aliança, dessa associação como conquista máxima da Humanidade.

Evidentemente que uma doutrina com essas características é absolutamente nova para o ser humano. Por ser a aliança da ciência e da religião, ponto de convergência entre ambas, constitui-se em algo notavelmente superior a tudo o que o homem conhece. Acostumado a enxergar as religiões e as ciências tradicionais com suas limitações e preconceitos, com suas restrições e relativismo, o homem tem sentido dificuldades em apreender esse novo conceito, essa nova visão e significado. Estando ele próprio ainda muito preso a preconceitos e limitações, com sua óptica distorcida pelos atavismos milenares, movimenta-se desajeitadamente na amplitude e na liberdade que o Espiritismo proporciona ao pensamento humano.

Divaldo, portanto, deixa bem patenteado o modo como apresenta a Doutrina Espírita em todos os lugares onde é convidado.

Ele faz referência a Jesus como Governador da Terra. Leon Denis parece-nos ter sido quem primeiro O denominou desta forma:

"A passagem de Jesus pela Terra, seus ensinamentos e exemplos, deixaram traços indeléveis; sua influência se estenderá pelos séculos vindouros. Ainda hoje, ele preside aos destinos do globo em que viveu, amou, sofreu. *Governador espiritual deste planeta*, veio, com seu sacrifício, encará-lo para a senda do bem, e é sob a sua direção oculta e com o seu apoio que se opera essa nova revelação (...)" (*Cristianismo e Espiritismo* — 7.ª ed. FEB, pág. 79) (grifos nossos)

NA ÁFRICA PORTUGUESA - "PERSONA NON GRATA"

Graças aos efeitos da estada em Portugal, eu passei a receber correspondência de Moçambique e de Angola, principalmente da cidade de Luanda, entre outras pessoas, com a extraordinária senhora Maria Cleofé Coutinho de Oliveira.

Depois de um largo intercâmbio epistolar com a antiga colônia ultramarina de Angola, onde a polícia política era muito severa, ela perguntou-me se aceitaria um convite para ir, pessoalmente, àquele país e se teria a coragem de aí pregar o Espiritismo, mesmo que corresse algum risco compreensível. Respondi-lhe que teria, e se ela estava disposta aos mesmos perigos eu seguiria com muito prazer.

Estabelecemos um contato muito demorado e cuidadoso. No ano de 1971, a senhora Cleofé teve a precaução de ir à África do Sul e a Moçambique, preparando todo o terreno. Voltou a Luanda e, no mês de agosto do mesmo ano, ela com os amigos cotizaram-se, e brindaram-me com uma passagem Salvador — Johannesburg — Lourenço Marques — Luanda — Salvador.

Em Lourenço Marques, o confrade José de Pina Gouvêa — que hoje reside no Brasil, em São Paulo, e é o encarregado da livraria do Centro Espírita União, dos nossos irmãos Francisco e Nena Galves, que hospedam o nosso

Chico Xavier — ficou empolgado, o mesmo acontecendo com outros confrades. Eles haviam pedido permissão às autoridades para que eu proferisse uma conferência pública, naquela cidade, e fizeram uma grande propaganda. Mas, à última hora, a polícia civil negou que se realizasse o ato espírita.

Lembro-me como hoje. A conferência era num sábado e, ante essa dificuldade, com tudo fechado — o local era uma quadra de basquete, na chamada Cidade Baixa de Lourenço Marques — eu disse aos amigos entristecidos:

— Se vocês me levarem ao chefe de polícia eu lhe pedirei permissão para a nossa conferência.

O Gouvêa, muito dedicado, levou-me à autoridade. Eu mantive o contato com o capitão que dirigia o labor, numa conversa que durou mais de duas horas.

Falei-lhe demoradamente sobre o Espiritismo e terminei aplicando-lhe um passe para provar-lhe a excelência dos ensinamentos da Doutrina.

Ele me confessou, depois, que sua mãe, residente na cidade de Leiria, em Portugal, era médium e que ele iria facilitar a nossa conferência, mas, que se precisava de autorização por escrito e, por ser um sábado, a secretaria junto do governador não estava funcionando. O homem ficou tão profundamente tocado que me levou a palácio para conseguir com a autoridade competente a permissão — que não foi possível, porque realmente, no sábado, ninguém aí trabalhava.

Mas, ele me disse:

— O senhor pode fazer a conferência, que eu autorizo.

— Capitão, e se chegarem policiais, detetives e a encerrarem, prendendo-nos? A sua palavra não basta — respondi-lhe.

— Mas, eu irei, e irei uniformizado, para estar ao lado de vocês.

E foi, realmente. Convidamo-lo à mesa e proferi a palestra para mais de mil pessoas.

A seguir, realizei uma conferência na cidade de Nampula. Por essa época havia o movimento revolucionário contra Portugal, porque a Tanzânia está muito perto de Moçambique, e, segundo diziam, ali ficavam os descontentes, que eram treinados na Rússia, em Cuba, e os amigos preferiram organizar a palestra no quartel das Forças Armadas da cidade, que era um grande núcleo militar para a defesa da fronteira. O bispo da cidade esteve presente e o tema versou sobre a reencarnação. A reunião foi presidida por um general. Depois, retornei a Lourenço Marques.

Fui, também, à cidade da Beira, onde proferi outra palestra, daí seguindo a Luanda, capital de Angola.

A minha primeira conferência, em Luanda, teve lugar num dos salões mais respeitados do país, e isto foi uma verdadeira audácia de Dona Maria Cleofé e de seus colaboradores, entre os quais o extraordinário confrade João Xavier de Almeida: o auditório dos Ex-alunos de Coimbra. Foram convidados os elementos mais representativos da capital. Luanda era uma das cidades mais belas da África portuguesa. O programa se estendeu por várias cidades: Novo Redondo, Nova Lisboa, Lobito e Sá da Bandeira.

No Lobito reunimo-nos no salão da Biblioteca Municipal, que ficou superlotado.

Nesse ínterim, voltando a Luanda, eu psicografei uma mensagem do Espírito Monsenhor Manuel Alves da Cunha, "Kiangola, Suku Akale Kumue Lene", em 20 de agosto.

Retornando ao Brasil, esta mensagem foi publicada em "Reformador". Quando a revista chegou a Luanda — porque todo o material era censurado — ela foi apreendida pela PIDE() e Dona Maria Cleofé chamada à responsabilidade. Ê que, quando lá estive, ela deixou um documento assinado como responsável pelo que eu dissesse ou fizesse, caso viesse a criar qualquer conflito com a polícia*

(*) PIDE — Polícia Internacional de Defesa do Estado. (Nota da Editora)

do Estado. O seu depoimento foi admirável e o assunto pareceu encerrado.

Já, em Lisboa, o livro de Joanna de Angelis estava no "Index expurgatorius" da Igreja, proibido de circular (Dimensões da Verdade).

Com esta mensagem, em Angola, veio uma conseqüência muito curiosa, que os espíritas não sabem: eu fui considerado "persona non grata", proibido de retornar a Portugal e a qualquer província ultramarina, como atitude providencial, pois que eu estaria desencaminhando a mentalidade cultural e religiosa do país.

Dona Maria Cleofé é uma senhora viúva, muito culta, espírita, foi chamada a depor em Luanda. Ela se apresentou e manteve uma larga discussão com as autoridades, que a ameaçaram, inclusive, de prisão. Ela explicou tudo, demonstrando que havia permissão para as conferências. A PIDE afirmava que a página publicada não era uma mensagem mediúnica — já que não acreditava em mediunidade — afirmando que os dados aí contidos me foram fornecidos; especialmente ficaram surpresos em o Espírito narrar uma carnificina que houve na cidade de Seles, quando os próprios negros, os autóctones, se preparavam para matar os portugueses e salgá-los e a Entidade fez transpirar o que permanecia em segredo...

Então, Maria Cleofé explicou que eu sou médium e que de outra maneira jamais poderia tomar conhecimento do fato. A verdade é que ela conseguiu convencê-los sobre a sua e a minha inocência.

Fizeram uma cuidadosa pesquisa para saber quem me teria concedido tais dados. A mensagem, porém, foi recebida publicamente, parte dela no idioma kimbundu e com um glossário vocabular, ocorrência que se repetiria mais tarde, quando do meu retorno àquele país, em 1975. Nessa ocasião Angola já era independente, como previra Monseñor Manuel Alves da Cunha na sua mensagem. Mas, depois da independência — é uma mensagem profética — o país

entraria num regime muito pior do que aquele do qual se desejava libertar. . .

Esse Monsenhor foi um grande antropólogo que viveu em Angola e aí realizou benefícios incalculáveis. Assim, fiquei proibido de voltar a Angola, a Portugal, a qualquer das suas províncias, a partir daquele 1971.

O senhor Casimiro Duarte dera-me a notícia, quando estive pessoalmente no Brasil, em 1972. O confrade Eduardo de Mattos escreveu-me, narrando e lamentando o fato. Mas, em abril de 75, veio a independência. O regime fari-saico e ditatorial caiu, e ficou célebre o "dia dos cravos vermelhos". As colônias passaram a ter a sua independência e, com isto, eu fui convidado a retornar, não só a Portugal, como também às suas ex-Colônias ultramarinas.

Retornei, via Johannesburg (África do Sul), a Angola e a Moçambique. Agora a sua capital (de Moçambique) já não tinha mais o nome de Lourenço Marques — era Maputo — porque uma das primeiras providências dos revolucionários foi a de mudar os nomes portugueses para os do dialeto local.

Nesse íterim, como efeito da jornada a Lourenço Marques e por toda Moçambique, os espíritas me escreveram pedindo que mandasse alguém do Brasil para lhes ensinar Espiritismo, em Moçambique; alguém que pudesse ficar lá por uma larga temporada. Eu indiquei o confrade Joaquim Alves, o Jô, que desencarnou há poucos anos.

Joaquim fez um trabalho notável. Ele viajou para lá, onde esteve vários meses, quando criou, em Lourenço Marques, a "Comunhão Espírita Cristã", que ainda funciona, o que se repetiria, mais tarde, na cidade do Porto, nascendo uma Entidade semelhante, que funciona na cidade de Rio Tinto, porque alguns daqueles confrades que viviam em Lourenço Marques (Maputo), evadiram-se para evitar perseguições, voltando a Portugal, e, dentre eles, um dos fundadores convidou Joaquim a ir à Europa, propiciando-lhe os meios e com ele fundou na referida cidade de Rio Tinto, a mesma Sociedade — em homenagem à Entidade do

mesmo nome existente em Uberaba, criada por Chico Xavier e Waldo Vieira, anteriormente.

Retornei então, a Angola, visitei muitas cidades, dando entrevistas em emissoras de rádios, a jornais e cuja coleção temos arquivada.

Aí deu-se um fato curioso, quando fui à cidade de Salazar — hoje se chama Dalatando — a convite do teólogo Dr. José Pereira Sendão, que se tornou espírita (ele me tinha ido ouvir em Luanda, em várias palestras e numa reunião pública que tivemos, certa vez, no Hotel no qual nos hospedávamos, para os espíritas todos, convidou-me para falar lá). Mas, em Salazar, estavam sendo travadas as lutas, ainda em 75, e recrudesciam as reações. Foi nessa oportunidade que me aconteceu um fato curiosíssimo.

Os confrades me ofereceram para descanso um andar de um edifício e recomendaram-me que não abrisse a porta a ninguém. O casal, por gentileza, transferiu-se do lar, para me proporcionar maior tranqüilidade. Fazia muito calor e tive a feliz idéia de abrir a janela da frente do edifício e a porta do fundo, e debrucei-me na amurada sobre o quintal para olhar a natureza. Um golpe de vento, súbito, fechou a porta e eu fiquei preso do lado de fora, na sacada. Estava de pijama, um pijama de listras, muito feio, mas que eu achava uma beleza.. .

Quando vi que não podia entrar no apartamento, assaltou-me quase um pânico e pensei: às oito horas da noite, quando me vierem buscar, encontrarão a casa vazia e já estarei rouco de tanto pedir ajuda. Nisto, enquanto pensava num modo de resolver a situação, apareceram-me o Espírito Marcelo Ribeiro, que sempre me acompanha nas viagens e uma outra Entidade muito amiga (que me aparece desde a minha juventude e que se diz ser um "correio", porque me traz notícias). Na verdade o seu nome é Walter de Albuquerque, pernambucano, desencarnado em 1935. Os dois Espíritos, muito amigos, me pediram para que forçasse um pouco a porta que dava acesso a uma escada lateral, que eu não notara, e, descendo, encontraria, no térreo, uma escola para

meninos autóctones. Isto posto, eu pediria à professora para que um menino entrasse pelo basculante do banheiro e abrisse a porta para mim.

Achei tudo isto muito estranho, senão perigoso. Mas, como o tempo passava e não havia outro jeito a não ser arrombar a porta da cozinha, resolvi forçar a porta lateral, que realmente cedeu. Desci a escada e o que aconteceu foi muito engraçado, porque, no térreo, a professora estava de costas para a entrada e os meninos todos de frente. A minha aparição repentina, muito pálido, talvez apreensivo, com aquele pijama de listras, parecendo uma zebra... quando as crianças me viram puseram-se a rir diante da minha figura inusitada. A professora, por sua vez, voltou-se, e também deparou-se com a cena. Muito sem jeito, expliquei-lhe que era hóspede do casal lá de cima e iria proferir uma conferência nessa noite, na quadra de basquete da cidade (sobre o que havia muita propaganda), e contei-lhe com detalhes o sucedido. Ela, como é óbvio, ficou muito desconfiada, mas, elucidei todo o problema e precisava tanto de ajuda que ela se resolveu por anuir. Chamou dois menininhos, subimos, e um deles foi introduzido pelo basculante do banheiro, vindo, em seguida, abrir a porta da cozinha. Entrei, profundamente aliviado.

Ao agradecer a esta senhora, ela me perguntou se eu era feiticeiro, pois ouvira dizer que viria um feiticeiro abalar a cidade de Salazar. Respondi-lhe que era espírita e médium, e, na conversa, muito agradável, aliás, que se desenvolveu entre nós, eu vi o Espírito da mãezinha dela e lho disse. Ela ficou muito sensibilizada. Esta professora chamava-se Lourdes e arrebanhou praticamente o edifício inteiro para a palestra, realizada ao som dos canhões e das metralhadoras que matraqueavam ao longe.

No dia imediato, voltei a Luanda. Coisa curiosa aconteceu com o Dr. Sendão, que era professor e homem de muita cultura, poliglota, ex-sacerdote. Quando a situação ali se tornou insuportável para os portugueses, ele e os familiares foram obrigados a emigrar, atravessando o deserto, com milhares de pessoas, na direção da África do Sul. Por pouco

não morreram nesse deserto, até que (oram salvos pelas tropas e pela aviação sul-africanas, sendo levados, ele, a esposa e os filhos para um campo de refugiados. Ali sofreram muito, depois se mudaram para Vanderbijlpark, onde ele foi trabalhar como caldeireiro numa indústria, para sobreviver. . .

Esse homem, estando na África do Sul, sendo meu amigo, depois que se estabeleceu, voltou a me convidar para um retorno, a fim de semearmos, nesse país, a Doutrina Espírita, onde era absoluta e totalmente desconhecida. Nas igrejas, de orientação protestante, realizam-se fenômenos mediúnicos, como nas igrejas inglesas e americanas, mas, sem o conhecimento do Espiritismo e sem a crença na reencarnação, na maioria delas.

A convite, portanto, do Dr. Sendão, em 1979 retornei à África do Sul. Proferi uma série de conferências, foram criadas algumas Instituições espíritas que continuam em plena função. Voltei lá, no último mês de fevereiro (1985). Um Centro Espírita, por nós fundado, vem funcionando na cidade de Verneeging. Estive pregando em Johannesburg, Krugerdorps, Springs, Pretória, Verneeging, Vanderbijlpark e mais outras cidades nas cercanias de Johannesburg.

Retornei quatro vezes. O movimento espírita está implantado, com várias Sociedades funcionando no país, como efeito daquele encontro. Em tudo há um encadeamento impressionante, resultado daquelas duas estadas em Angola. Inclusive, quando estive lá, em 75, as palestras foram ampliadas, porque todas as cidades vinham participar. No entanto, como eu ainda era servidor público não me pude alongar por mais tempo, a fim de atender aos inúmeros convites. Somente usava o período de férias para viagens doutrinárias, naquela época.

A primeira mensagem do Monsenhor Manuel Alves da Cunha, ditada a Divaldo tem a data de 20 de agosto de 1971

e está inserida no livro *Sol de Esperança*. A segunda, do ano de 1975 consta da obra *Sementes de Vida Eterna*. Ambas são de uma beleza comovedora e ressumam bondade, amor e compaixão pelos filhos de Angola.

O título citado por Divaldo: "Kiangola, Suku Akale Kumue Lene" traduz-se: "Angola, Deus te abençoe".

Não é difícil compreender-se a surpresa das autoridades de Luanda ante o texto da mensagem, que revela fatos ciosamente mantidos às ocultas do público. Nesta, Monseñor Alves da Cunha faz uma profecia em relação aos ideais de liberdade e os caminhos percorridos para conseguí-la, advertindo, inclusive: 'Com as mãos em armas, agitada por inconfessáveis interesses que te insuflaram outros algozes, desejas progresso, mas fomentas a guerra, seguindo a trilha errada'.

Menciona o episódio de antropofagia ocorrido em Seles (Angola), em 1936 e que planejavam repeti-lo em Equimina, na Benguela, não sendo, todavia, consumado.

Alude, ainda, às jazidas, às riquezas guardadas no subsolo: "Sob as tuas verdes terras, bem sabes, dormem jazidas de riquezas inexauríveis, quase, com que um dia surgirás entre as nações, como valiosa cooperadora nobre na construção do Mundo Novo. E porque tens o destino da paz, demoram-se guardados, para surgirem no momento próprio, os valores inesgotáveis que estão esperando no teu subsolo. . ."

Na segunda mensagem, cujo título é "KiaNgola, Kutuluka Kua Muxima (Paze!)" "Angola, Paz!" o autor afirma: "Este é um doloroso e necessário parto: o da liberdade, por tal razão, decorrendo em sofrimento".

O autor emprega várias palavras no idioma *kimbundu*, tornando ainda mais autêntico o seu pensamento.

O que nos chama a atenção, todavia, é o próprio fato de o Monsenhor Alves da Cunha utilizar-se da mediunidade para enviar páginas de alento e advertência ao povo de Angola, por ele tão amado. Ele não desconhece as dificuldades,

os entraves que ainda subsistem para a penetração de uma página mediúnica fora dos círculos de fé espiritista; entretanto, isto não o impede de ditar ao médium o seu recado espiritual.

Há o objetivo maior e simultâneo de registrar a profecia e a solidariedade ao povo de Angola, mas, também, de evidenciar a mediunidade como *meio de comunicação* entre os dois planos.

As mensagens do Monsenhor Alves da Cunha levam-nos a uma antevisão do futuro quando os homens utilizarão do intercâmbio mediúnico para essa troca tão importante de notícias, de experiências e ensinamentos, inclusive, não somente a nível individual ou familiar ou de pequenos grupos, mas, principalmente em relação aos povos, às raças, às Nações.

Leon Denis, com a lucidez que lhe é peculiar, afirma: "A mediunidade será o último estado da raça humana encaminhando-se ao termo de seu destino".

Por agora, pessoas como Divaldo Franco, Chico Xavier ou Yvonne Pereira são exceções e se destacam entre todos pela mediunidade vivenciada integralmente e pelo cunho evangélico de suas vidas, entretanto, o futuro propiciará cada vez maior número de médiuns nesse estágio em que se encontram hoje.

Em decorrência da publicação dessas páginas, Divaldo é considerado "persona non grata" e proibido de retornar a Portugal e províncias ultramarinas.

OS BENS MATERIAIS

Ao longo de nossa existência, sempre encontramos pessoas generosas que nos desejaram brindar com objetos de alto preço, ou emocionadas, por isto ou aquilo, quiseram oferecer-nos bens e valores expressivos.

Sempre tivemos o zelo de evitar a simonía e, agora, próximo da desencarnação, não temos nenhum patrimônio ou valores monetários amealhados.

Periodicamente aparecem pessoas que me pretendem colocar na condição de herdeiros nos seus testamentos. Sempre tive o pudor de nunca aceitar. Outras vezes, tentaram obsequiar-nos com importâncias em dinheiro, abrindo mesmo caderneta bancária, conforme está exarado em ata do C.E. "Caminho da Redenção". Quando tivemos a ocasião de o saber, no silêncio da discricção, fomos a esses doadores demonstrando-lhes que não podíamos aceitar absolutamente nada, renunciando totalmente a tais ofertas e transferindo-as para Instituições de caridade, não necessariamente a "Mansão do Caminho", para não parecer que renunciávamos, deixando, porém, dentro de casa; e também, noutras vezes, para a "Mansão do Caminho", ficando com as mãos limpas e o coração tranqüilo, nunca antes dando divulgação dos fatos, para não parecer, de certo modo, exibicionismo.

Eu me posso recordar de um fato que me permito narrar.

Vivia, em Salvador, Dona Sara Niesembauer, uma judia muito rica. Esta senhora ouviu falar sobre mim e terminou por sensibilizar-se. Um dia mandou-me chamar à sua residência, que era o Hotel Nova Cintra, através de um dos mais brilhantes advogados do Estado da Bahia, que a representava. Para minha surpresa, esta dama contou-me que, embora judia, havia sonhado com um ser espiritual pedindo-lhe que me desse proteção e socorro. Ela havia, então, colocado uma casa em meu nome. Diante do seu advogado me entregou a escritura da referida casa, o que me causou um grande espanto. Eu era jovem, no entanto, o bom-senso já se consolidara em mim. Diante daquela surpresa, falei-lhe que, em absoluto, não podia aceitar a sua dádiva; eu era um funcionário modesto, mas, o que ganhava dava para sustentar-me e à família. Depois de largo diálogo o próprio advogado teve de fazer a transferência do imóvel, para que a "Mansão do Caminho" viesse a ser proprietária, e, quando da minha desencarnação, nenhum patrimônio que não fosse adquirido com o meu suor ficasse deixando uma marca negativa na minha conduta espírita.

*Um pequeno apartamento que adquiri ao longo dos tempos, a prestação, entreguei à pessoa que se fez, até hoje (1987) responsável por representar-me — é o confrade Hermenegildo Silva *, que se encarrega, gentilmente, de pagar impostos, receber o aluguel etc. sem que nos envolvamos, a fim de que, mais tarde, minha conduta espírita seja comprovada como diz o Evangelho, como testemunha de que tenha sido homem probo, tido em conta de pessoa honrada, que busco ser.*

"Dai gratuitamente". . . Está no Evangelho.

(*) Hermenegildo Silva desencarnou no ano de 1988, e a pessoa que ficou no seu lugar é o advogado Manoelito Fernandes. (Nota ua Editora)

Esta é uma das preocupações dos médiuns espíritas que desejam pautar a sua vivência nesse princípio básico preconizado por Jesus, acerca dos dons espirituais.

É célebre o exemplo de Pedro, ao realizar a cura de um homem coxo que se encontrava à porta Formosa, no templo.

"Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto te dou."

"Não tenho prata nem ouro..."

Muitos julgam que para exercer a caridade, para fazer o bem, para realizar alguma coisa em proveito do próximo, é imprescindível *ter* recursos materiais, *ter* as condições financeiras, *ter* dinheiro.

Ter — a grande preocupação do homem.

Voltado para essa aspiração empenha-se em lutas constantes para acumular os bens que julga indispensáveis à vida material. Acumula-os ao redor de si. Ilude-se com a sua posse, transitória e efêmera. Dependente dos bens terrestres deixa-se escravizar por eles. De possuidor passa a possuído, vivendo em função daquilo que acredita ser prioritário.

Entretanto, tudo o que julga ter não o acompanhará na grande viagem que empreenderá um dia. Só o que realmente *é* constituirá a sua bagagem.

Ser — a meta prioritária que a maioria desconhece ou esquece.

O autoconhecimento leva ao processo de crescimento espiritual, de libertação. "Conhecereis a verdade e ela vos libertará".

O *ter* é quantitativo. O *ser* é qualitativo.

* * *

O jovem está diante dEle.

Ouvira-lhe a voz, pouco antes, deixando-se levar, embevecido, pela magia das palavras, pela suave entonação, pelo Seu magnetismo.

Em seu íntimo soube que eram para ele aquelas palavras e que vinham ao encontro de sua inquietude interior.

A figura majestosa do Rabi o atrai. Aproxima-se mais.

Ao seu redor o tempo pára e toda a sua vida parece agora desfilar diante dele. Conforto, riqueza, vaidades, prazeres — tudo o que lhe é imprescindível parece perder significado. Há algo além das coisas efêmeras que o mundo lhe tem dado. Aqueles olhos, que nesse instante o fitam parecem percorrer todos os escaninhos de sua alma.

"— Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?"

Jesus fala-lhe sobre os mandamentos.

"— Tudo isto tenho observado, desde a minha mocidade."

Narra Marcos, que Jesus olhando para ele o *amou* e lhe disse:

"— Vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me."

O moço hesita. Diante dele a libertação definitiva ou a opção de milênios, talvez, de lutas sofridas e angustiantes.

O Rabi o olha ternamente, e compreendendo o alcance da sua luta interior, envolve-o no Seu amor e aguarda.

O jovem príncipe, inquieto, sente a gravidade do momento.

"Dá tudo o que tens. . ."

Informa Amélia Rodrigues, em *Primícias do Reino*, psicografado por Divaldo, que o mancebo rico iria disputar os jogos em Cesaréia. Lembrando-se, então, dos seus compromissos, dos amigos que o bajulavam, da vitória que julgava certa, o príncipe se afasta, quase correndo.

Em seus ouvidos ressoa a voz do Mestre: "Dá tudo o que tens e segue-me."

O jovem segue ao encontro do destino que acabara de escolher. Daí a dias, encontra a morte na arena, durante as corridas.

Onde estará hoje o moço rico?

Por certo, no transcurso dos evos, conseguiu vencer a horizontalidade do mundo e mergulhou na sublime verticalidade que Jesus lhe propôs um dia.

* * *

Divaldo zela para que o patrimônio moral e espiritual que conquistou permaneça inalterado.

"Dá tudo o que tens" — o *ter* é quantidade, é horizontalidade.

"E segue-me" — segui-lo é a vivência do *ser*, é qualidade, é verticalidade.

A PSICOGRAFIA - "MESSE DE AMOR"

A minha primeira mensagem psicográfica aconteceu no ano de 1949, num domingo de carnaval.

Estava na cidade de Muritiba, com um grupo de confrades, Abel Mendonça, Professora Rachel Ribeiro, recentemente desencarnada, e como fazíamos naquele tempo para fugir da balbúrdia em Salvador, nos recolhíamos a uma cidade do interior da Bahia (Muritiba), na casa de uma família espírita — Rafael e Dona Hilda Veiga — onde fundamos um grupo: Grupo Espírita "Fraternidade e Trabalho".

Naquele domingo de carnaval, despertei com uma estranha sensação no braço; era uma sensação de cãibra e formigamento. Conversando com Abel Mendonça, que era espírita de primeira plana, este pediu-me que pegasse de um lápis, e, atendendo-lhe a sugestão, este passou a deslizar com tal facilidade que escrevi, automaticamente, uma mensagem assinada por Marco Prisco, intitulada "Na subtração e na soma", que mais tarde seria enfeitada no livro Ementário Espírita. Foi uma sensação estranha e muito agradável. A partir daí, passei a psicografar, quando Joanna de Angelis, com o pseudônimo de "Um Espírito Amigo", começou a dar-me orientações, dizendo ser necessário muito treino.

A partir de 1952, comecei a publicar as primeiras mensagens, em um jornal que havia em Belo Horizonte, chamado "O Poder", depois, num outro, que foi dirigido por um grupo de amigos e pelo Professor Rubens Romanelli, intitulado "Síntese Espírita", de Arlindo Silva, que era um confrade muito dedicado, igualmente em Belo Horizonte. Depois comecei a encaminhar essas mensagens para alguns poucos jornais, mas não cheguei a divulgar quinze delas..

Numa das vezes em que fui a Belo Horizonte — eu já era amigo e me correspondia com Ismael Gomes Braga, a quem eu conhecera no ano de 1951 — e para vir à capital mineira, àquela época, deveria ir-se de avião até o Rio e do Rio tomava-se uma outra aeronave até lá, ou o trem "Expresso Azul". Hospedei-me com Ismael Gomes Braga. Foi ele quem me apresentou ao público da Federação Espírita Brasileira, na presidência do Dr. A. Wantuil de Freitas e, se não me engano, a data foi 16 de janeiro de 1951. Proferi uma palestra e psicografei lá, na Federação, uma mensagem de Antônio Luiz Sayão.

Nessa oportunidade, estava, no auditório, o Professor Carlos Juliano Torres Pastorino, com quem travei o primeiro contato e que se tornaria um grande amigo nosso, porque foi graças ao seu estímulo que eu vim a publicar o Messe de Amor, já que, então, as mensagens começaram a ser divulgadas e amigos nossos do Paraná, capitaneados por Ari Schmidt, achavam que as mensagens tinham conteúdo tão bom que ele se prontificou a imprimir, mensalmente, uma delas e a distribuir pelo Brasil todo.

Em 1962 (ainda não havia publicado nenhum livro), estando reunido com Pastorino e um grupo de pessoas na residência de Elisabeth Keetmann, esta senhora nos disse:

— Divaldo, por que você não enfeixa essas mensagens tão maravilhosas num livro? Porquanto a mensagem solta e publicada em jornal, na hora que a gente precisa não acha, porém se as enfeixasse num livro ficaria muito bom e mais fácil.

Então perguntei a Pastorino, um poliglota famoso e mestre, um teólogo profundo, uma vasta cultura, que deixou um legado, na sua biblioteca de mais de trinta mil livros, lidos e pesquisados, se, realmente, ele achava que as mensagens tinham valor. Ele respondeu-me:

— Não apenas eu acho que têm valor, como me prontifico a lançar um livro delas decorrente.

Fiquei muito comovido, e, nessa noite falei a Joanna de Angelis.

Ela me confirmou que estava na minha tarefa a atividade do livro, que o meu programa essencial, todavia, seria através da divulgação oral e pelo exemplo, obviamente. Daí, por que havia a "Mansão do Caminho", para demonstrar nos atos aquilo que se apresentava na palavra. Também pelo fato de a mediunidade ser uma auxiliar para a própria palestra — eu via as cenas que descrevia. Foi o meu período das dissertações evangélicas, das narrativas de Amélia Rodrigues, que, posteriormente as transcreveria para o papel. Muitas vezes, nas palestras, eu via uma fita como de tele-tipo, que passava céleremente ante a minha visão psíquica e que eu ia lendo, enunciando os postulados ali escritos.

Como é natural, fiquei muito sensibilizado com aquela sugestão e Joanna concordou, dizendo que se eu estava disposto a pagar, a arcar com o ônus desta atividade, ela iria interceder junto aos Mentores da Vida Maior para que a mesma tivesse o seu início, já que estava programada para momento oportuno.

*Ela selecionou as mensagens e organizou o livro *Messe de Amor*, que foi apresentado no Ministério da Fazenda, no dia 5 de maio de 1964.*

É interessante notar-se como surgem as ciladas do mal, no trabalho do bem. O Professor Pastorino mandou publicar o livro sob a égide de uma editora da Entidade que ele fundou, chamada Grupo de Estudos SPIRITVS.

A Editora Sabedoria publica a obra e na hora que eu recebo o livro, no dia 5, houve um fato muito interessante.

Nesse dia — é a data do meu aniversário — muito emocionado, quando tomei o livro e o abri, ao acaso, tive um choque, porque uma das mensagens estava, lamentavelmente, paginada ao revés, de cabeça para baixo. O livro ia ser apresentado naquele dia. Telefonei ao Professor Pastorino e ele, um homem muito calmo, um verdadeiro filósofo, filólogo, psicólogo, disse-me:

— Você não tem de se preocupar com isto.

— Mas como farei? — indaguei.

— Muito simplesmente — prosseguiu ele —, pegaremos de uma gilete, cortamos a página e a recolocamos direito.

Começamos a fazer o trabalho e cortamos pelo menos duzentas páginas. Pastorino reuniu uma equipe e foi um êxito.

Depois de apresentado o livro e vendido todos eles a Cr\$ 5,00, que foi o seu primeiro preço, tudo foi uma maravilha.

Cheguei a casa com um exemplar.

Eu era hóspede de Celeste Mota, onde me agasalhei a partir de junho de 1956 até janeiro de 1970. Foi-me, essa alma nobre, uma verdadeira benfeitora, um anjo que Deus colocou no meu caminho, especialmente naqueles dias mais difíceis do começo.

Coloquei o livro encostado em um quebra-luz, e fiquei muito emocionado, porque jamais me havia passado pela cabeça a idéia de escrever uma página, quanto mais ser médium de um livro.

Quando ainda estava sob efeito da emoção, apareceu-me Joanna de Angelis. O quarto estava em penumbra. Ela surgiu muito luminosa. A idéia que eu tenho até hoje, é que ela era uma fada, dessas fadas madrinhas das tradições das histórias. Chegou com um botão de rosa de haste muito longa. O botão bem fechadinho. Colocou-o em pé, no sentido transversal ao livro, que estava encostado. Enquanto eu fiquei olhando-o deu-se um fenômeno muito interessante.

O botão começou a desabrochar, a abrir-se, tornando-se uma rosa belíssima. Depois começou a jenercer, a caírem as pétalas, mas, à medida que as pétalas iam caindo davam-me a impressão de serem de sangue, que iam manchando o livro de capa verdinha. As manchas se desvaneceram, mas a capa ficou assinalada pelo sucedido.

Nesse momento, Joanna falou-me:

— Aí tens o símbolo do teu futuro psicográfico. Se tu tiveres coragem para levá-lo adiante, conta comigo. Mas, não esperes flores. A flor será a mensagem, mas a tua será a parte do sofrimento. Se estiveres disposto a dar o testemunho do silêncio, a receber a crítica mordaz e sarcástica, a ter ferida a alma com os espinhos da perversidade alheia e ver as mensagens serem levadas à praça pública do ridículo, de forma que te sangre o coração, até serem jogadas ao lixo, e se tu aceites isto como fenómeno natural, sem te defenderes nem as procurar defender ou a nós, os Espíritos, porque o nosso defensor é Jesus, tudo bem. Quem vai defender-se perde tempo e enquanto se está defendendo os Amigos Espirituais não podem tomar as decisões compatíveis para que permaneça a verdade. O médium, que se defende, é aquele que não confia em Deus e que não é realmente um bom instrumento. Como médium, a tua tarefa é ser fiel ao dever e não te preocupares com os resultados, que não são teus e sim do Cristo.

Ademais — prosseguiu ela — a enxada não se preocupa pelos sulcos que foram feitos. Ela se preocupa em ser dócil nas mãos do agricultor, para que este faça os sulcos que achar conveniente. Ela é instrumento submisso. Tu estás disposto?

— Sim, sim, senhora.

— Então, meu filho, nós teremos uma longa viagem. Eu te trarei vários Amigos que pretendem colaborar nesse labor contigo.

Foi assim, portanto, que o impacto do trabalho psicográfico teve início.

Nesse dia, dessa revelação, Joanna esclareceu ainda que, embora estivesse no programa, ela não me havia dito antes para não me assustar, tais as responsabilidades que, já àquela época, pesavam sobre mim, que não possuía as resistências doutrinárias, emocionais e tinha de lutar muito comigo mesmo. Trabalhava para sustentar a família, minha mãe, meu pai, minha irmã solteira, com a ajuda de Nilson, que também trabalhava para nos ajudar. Tínhamos a "Mansão", as sessões normais e outros compromissos, palestras, viagens etc.

Mais tarde sai o seu segundo livro, Espírito e Vida. Depois Dimensões da Verdade e logo viria o primeiro de Marco Prisco, Glossário Espírita-Cristão. Então, Amélia Rodrigues se propôs, atendendo a pedidos, a colocar no papel aquelas mensagens que me inspirava com as visões policrômicas de Israel. Surge Primícias do Reino e outros lhe seguiriam.

Este episódio da rosa e do livro MESSE DE AMOR está parcialmente narrado no livro *Divaldo Franco em Uberaba*.

Aqui vemo-lo, porém, em toda a sua extensão e beleza.

Os Espíritos usam, muita vez, a linguagem simbólica, ou fazem acompanhar as suas palavras de figuras ilustrativas que simbolizem o que estão pretendendo transmitir. Essa imagem ou símbolo sintetiza o assunto e é deveras marcante, tornando-se assim inesquecível.

Joanna de Angelis observa a emoção de seu médium, de seu filho espiritual, ante a realização de sua primeira obra no campo da psicografia.

Escrever um livro, ou ser médium de um, e depois vê-lo materializar-se em páginas e páginas formando um volume, tê-lo nas mãos, é realmente uma belíssima emoção, das mais significativas para o ser humano. E quando esse livro é fruto de um labor conjunto entre o plano físico e o espi-

ritual torna-se algo precioso, pois transcende ao esforço comum do escritor, para representar a soma de duas mentes que vibram na mesma frequência, que se expressam nas mesmas faixas de interesse e de dois corações que se afinizam nos mesmos ideais. Somente assim, pode a obra psicográfica desenvolver-se a contento, saindo do plano do ideal para a concretização no plano humano. São "as vozes do Céu" que, encontrando instrumentos afinados, na Terra, transmitem o "divino concerto", conforme está no prefácio de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Divaldo Franco está, àquela época, no início do seu labor psicográfico e Joanna o vê emocionado ante o primeiro resultado.

Ela surge, radiosa, aos seus olhos, mas, não vem aplaudir ou também se comover com o sentimento que o domina e, sim, traz um objetivo bem mais complexo: o de adverti-lo. Ela sabe que o instante de alegria é bastante fugaz e que urge preparar o médium para as grandes responsabilidades assumidas. Que a alegria ou a emoção feliz sejam vividas conscientemente e não com ilusões perigosas, que podem distrair e perturbar a caminhada.

Quando a mentora coloca a rosa encostada ao livro ela o faz com o fito de marcar de maneira indelével aquele momento. É uma rosa fluídica, formada com substância do plano espiritual, portanto, maleável e dúctil ao comando mental.

Em *O Livro dos Médiuns*, cap. VIII, "Do laboratório do Mundo Invisível", encontra-se a explicação desse tipo de fenômeno:

"(...) o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar, a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessá-

rio, sem disso se aperceber. Os objetos que o Espírito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade, ou a uma necessidade que ele experimenta. Pode fazê-los e desfazê-los livremente. Em certos casos, esses objetos, aos olhos de pessoas vivas, podem apresentar todas as aparências da realidade, isto é, tornarem-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis. Há formação; porém, não criação, atento que do nada o Espírito nada pode tirar."

À primeira vista, Divaldo poderia até pensar que aquela flor apoiada ao *Messe de Amor* representasse a comemoração, a festa de corações, e, de certa forma, esta é verdadeiramente a imagem inicial do quadro vivo que surge então aos seus olhos.

O botão desabrocha e transforma-se em uma belíssima rosa, porém, de vida muito efêmera, pois logo em seguida começa a fenecer e suas pétalas caem como gotas de sangue manchando a capa verde do livro.

As palavras de Joanna, em seguida, são graves e proféticas.

Se Divaldo estivesse numa aventura pelos campos da mediunidade, se pretendesse apenas as loas do mundo, se estivesse equivocado quanto aos rumos a seguir, se não estivesse suficientemente embasado para a sua missão, tais palavras jamais seriam ditas. Não haveria motivo para tanto. Porque não haveria sofrimentos nem renúncias.

Mas, na autenticidade dessa missão fazem parte a firmeza e honestidade de propósitos, a disciplina rígida, a austeridade, a conscientização dos compromissos assumidos, a renúncia a si mesmo e aos favores mundanos, o amor à Causa, enfim, toda uma programação de elevados objetivos, traçada no plano espiritual e que antecedeu à reencarnação de Divaldo Franco.

Portanto, a mentora é muito firme ao definir o futuro. Afirma: "se tu tiveres coragem para levar adiante, conta comigo." Esta é a sua proposta inicial. Conta comigo, diz, mas se tiveres coragem. . .

"A tua será a parte do sofrimento", e relaciona as situações previstas, a partir da publicação:

- dar o testemunho do silêncio;
 - receber a crítica mordaz e sarcástica;
 - ferir a alma com os espinhos da perversidade alheia;
 - ver a mensagem ser levada à praça pública do ridículo, de forma que faça sangrar o coração;
 - ser jogada ao lixo,
- e aceitar tudo isto sem se defender — eis o programa traçado!

Mas, por que o sofrimento? Por que o mediunato tem tão alto preço?

Seria muito fácil atender ao mundo, nas disputas, nas questões onde o personalismo preponderasse, na algazarra própria dos que valorizam as conquistas materiais, na busca do prestígio — formas de se granjear os títulos passageiros da Terra. Esses passos não são sofridos, antes são causas de sofrimentos.

Mas, o mediunato, ou seja, a "missão providencial dos médiuns", tal como Kardec classifica no "Vocabulário Espírita", capítulo XXXII de *O Livro dos Médiuns*, transcende ao simples exercício e prática da mediunidade. É o mandato mediúnicos de que nos fala André Luiz em *Nos Domínios da Mediunidade*; é a "mediunidade gloriosa" de Leon Denis.

E, no mundo em que estamos, quem quer viver na luz para levá-la a toda parte, aos mais recônditos cantos do coração humano, não o conseguirá sem o imprescindível tributo pela ousadia de enfrentar as trevas.

É fazer da própria existência a "candeia viva", onde os óleos do bem e do amor, do ideal de servir a Jesus, permaneçam ardendo para que haja luz. E a candeia que se acende, que brilha para iluminar caminhos, não tem outro anseio senão o de consumir-se para que a luz se faça.

Assim, Joanna entende que não haverá necessidade nem condições para defesas, perante os ataques de qualquer procedência.

Allan Kardec, narra em "Viagem Espírita em 1862", que respondia com o silêncio os ataques que lhe eram dirigidos e que essa atitude mereceu aprovação unânime dos espíritos, com os quais esteve em contato durante as viagens que realizou naquele ano.

Joanna de Angelis diria mais tarde, exatamente vinte anos depois, em mensagem inserta no livro *Após a Tempestade*, capítulo 24: "A qualquer ataque, o silêncio, que é lição de coragem pouco conhecida. O defensor de nossa honra e do nosso trabalho é o Senhor. A nós nos cabe a glória de servir, sem pretensão."

Quando as mãos mediúnicas de Divaldo anotaram essa passagem, quando, ressaltada pela autora espiritual a lição de coragem que o ato de silenciar, nessas circunstâncias, significa, por certo que o médium escreve com a segurança de quem já viveu e exemplificou o conselho.

Essa vivência dá extraordinária força de autenticidade à vida missionária de Divaldo Franco.

Após o lançamento do primeiro livro, o médium segue, na íntegra, as diretrizes traçadas pela instrutora espiritual.

As palavras proféticas pronunciadas por ela se foram cumprindo, no transcurso do tempo, uma a uma.

Hoje já se pode avaliar qual foi o comportamento de Divaldo face a todas as lutas e agressões que o alcançaram.

Nessas quatro décadas de atividades mediúnicas, Divaldo Franco, sob a superior orientação de Joanna de Angelis, tem sempre a mesma coerência doutrinária, o mesmo tipo de comportamento, absolutamente fiel à tarefa.

Essa fidelidade à tarefa tem sido cumprida pelo médium, que em nenhum momento deixou de seguir e viver a promessa feita no dia 5 de maio de 1964.

O que Joanna não disse, todavia, foram as bênçãos que o labor iria proporcionar, no devido tempo.

Ela reservou a surpresa a fim de que melhor fosse aproveitada à medida que surgisse.

Bênçãos que adviriam, primeiramente, do dever bem cumprido, da consciência pacificada, do coração afeito ao bem e ao perdão.

Bênçãos de ver, multiplicadas, as páginas que a sua faculdade mediúnica foi propiciando.

Bênçãos de um número cada vez maior de Benfeitores Espirituais que encontraram na sua mediunidade o canal adequado e sintonizado para que pudessem falar à Terra.

Bênçãos de saber que um número cada vez maior de pessoas se beneficiam com as mensagens psicografadas, e que um coro de vozes, hoje se levanta aos céus, para agradecer e orar por ele.

Joanna deixou que ele as sentisse e fosse descobrindo, nas lições da vida, que a *messe de amor*, se exige sacrifícios inauditos, também proporciona a alegria sublime de quem está colaborando com Jesus.

O SUICIDA DO TREM

Eu nunca me esquecerei que um dia havia lido num jornal acerca de um suicídio terrível, que me impactou: um homem jogou-se sobre a linha férrea, sob os vagões da locomotiva e foi triturado. E o jornal, com todo o estardalhaço, contava a tragédia, dizendo que aquele era um pai de dez filhos, um operário modesto.

Aquilo me impressionou tanto que resolvi orar por esse homem.

Tenho uma cadernetinha para anotar nomes de pessoas necessitadas. Eu vou orando por elas e, de vez em quando, digo: se este aqui já não evoluiu, vou dar o seu lugar para outro; não posso fazer mais.

Assim, coloquei-lhe o nome na minha caderneta de preces especiais — as preces que eu faço pela madrugada. Da minha janela eu vejo uma estrela e acompanho o seu ciclo; então, fico orando, olhando para ela, conversando. Somos muito amigos, já faz muitos anos. Ela é paciente, sempre aparece no mesmo lugar e desaparece num outro.

Comecei a orar por esse homem desconhecido. Fazia a minha prece, intercedia, dava uma de advogado, e dizia: Meu Jesus, quem se mata (como dizia minha mãe) "não está com o juízo no lugar". Vai ver que ele nem se quis matar; foram as circunstâncias. Orava e pedia, dedicando-lhe mais de cinco minutos (e eu tenho uma fila bem grande), mas esse era especial.

Passaram-se quase quinze anos e eu orando por ele diariamente, onde quer que estivesse.

Um dia, eu tive um problema que me fez sofrer muito. Nessa noite cheguei à janela para conversar com a minha estrela e não pude orar. Não estava em condições de interceder pelos outros. Encontrava-me com uma grande vontade de chorar; mas, sou muito difícil de fazê-lo por fora, aprendi a chorar para dentro. Fico aflito, experimento a dor, e as lágrimas não saem. (Eu tenho uma grande inveja de quem chora aquelas lágrimas enormes, volumosas, que não consigo verter.)

Daí a pouco a emoção foi-me tomando, e, quando me dei conta, chorava.

Nesse ínterim, entrou um Espírito e me perguntou:

— Por que você está chorando?

— Ah! meu irmão — respondi — hoje estou com muita vontade de chorar, porque sofro um problema grave e, como não tenho a quem me queixar, porquanto eu vivo para consolar os outros, não lhes posso contar os meus sofrimentos. Além do mais, não tenho esse direito; aprendi a não reclamar e não me estou queixando.

O Espírito retrucou:

— Divaldo, e se eu lhe pedir que você não chore, o que é que você fará?

— Hoje nem me peça. Porque é o único dia que eu consegui fazê-lo. Deixe-me chorar!

— Não faça isto — pediu. — Se você chorar eu também chorarei muito.

— Mas, por que você vai chorar? — perguntei-lhe.

— Porque eu gosto muito de você. Eu amo muito a você e amo por amor.

Como é natural, fiquei muito contente com o que ele me dizia.

— Você me inspira muita ternura — prosseguiu — e o amo por gratidão. Há muitos anos eu me joguei embaixo

das rodas de um trem. E não há como definir a sensação eterna da tragédia. Eu ouvia o trem apitar, via-o crescer ao meu encontro e sentia-lhe as rodas me triturando, sem terminar nunca e sem nunca morrer. Quando acabava de passar, quando eu ia respirar, escutava o apito e começava tudo outra vez, eternamente. Até que um dia escutei alguém chamar pelo meu nome. Fê-lo com tanto amor, que aquilo me aliviou por um segundo, pois o sofrimento logo voltou. Mais tarde, novamente, ouvi alguém chamar por mim. Passei a ter interregnos em que alguém me chamava, eu conseguia respirar, para agüentar aquele morrer que nunca morria e não sei dizer-lhe o tempo que passou. Transcorreu muito tempo mesmo, até o momento em que deixei de ouvir o apito do trem, para escutar a pessoa que me chamava. Dei-me conta, então, que a morte não me matara e que alguém pedia a Deus por mim. Lembrei-me de Deus, de minha mãe, que já havia morrido. Comecei a refletir que eu não tinha o direito de ter feito aquilo, passei a ouvir alguém dizendo: "Ele não fez por mal. Ele não quis matar-se." Até que um dia esta força foi tão grande que me atraiu; aí eu vi você nesta janela, chamando por mim.

— *Eu perguntei — continuou o Espírito — quem é? Quem está pedindo a Deus por mim, com tanto carinho, com tanta misericórdia? Mamãe surgiu e esclareceu-me:*

— *Ê uma alma que ora pelos desgraçados.*

— *Comovi-me, chorei muito e a partir daí passei a vir aqui, sempre que você me chamava pelo nome.*

(Note que eu nunca o vira, em face das diferenças vibratórias.)

— *Quando adquiri a consciência total — prosseguiu ele — já se haviam passado mais de catorze anos. Lembrei-me de minha família e fui à minha casa. Encontrei a esposa blasfemando, injuriando-me: "— Aquele desgraçado desertou, reduzindo-nos à mais terrível miséria. A minha filha é hoje uma perdida, porque não teve comida e nem paz e foi-se vender para tê-los. Meu filho é um bandido, porque*

teve um pai egoísta, que se matou para não enfrentar a responsabilidade. Deixando-nos, ele nos reduziu a esse estado."

— Senti-lhe o ódio terrível. Depois, fui atraído à minha filha, num destes lugares miseráveis, onde ela estava exposta como mercadoria. Fui visitar meu filho na cadeia.

— Divaldo — falou-me, emocionado — aí eu comecei a somar às "dores físicas" a dor moral, dos danos que o meu suicídio trouxe. Porque o suicida não responde só pelo gesto, pelo ato de autodestruição, mas, também, por toda uma onda de efeitos que decorrem do seu ato insensato, sendo tudo isto lançado a seu débito na lei de responsabilidades. Além de você, mais ninguém orava, ninguém tinha dó de mim, só você, um estranho. Então hoje, que você está sofrendo, eu lhe venho pedir: em nome de todos nós, os infelizes, não sofra! Porque se você se entristecer, o que será de nós, os que somos permanentemente tristes? Se você agora chora, que será de nós, que estamos aprendendo a sorrir com a sua alegria? Você não tem o direito de sofrer, pelo menos por nós, e por amor a nós, não sofra mais.

Aproximou-se, me deu um abraço, encostou a cabeça no meu ombro e chorou demoradamente. Doridamente, ele chorou.

Igualmente emocionado, falei-lhe:

— Perdoe-me, mas eu não esperava comovê-lo.

— São lágrimas de felicidade. Pela primeira vez, eu sou feliz, porque agora eu me posso reabilitar. Estou aprendendo a consolar alguém. E a primeira pessoa a quem eu consolo é você.

Que supremo desespero leva uma pessoa a jogar-se sob as rodas de um trem! Que suprema covardia moral leva o ser humano a desertar da vida, buscar a morte, na infeliz suposição de que resolverá assim todos os seus problemas.

O suicida do trem — como passei a chamá-lo desde que me inteirei deste caso, narrado por Divaldo. Uma empatia muito grande por esse Espírito se fez em meu coração.

Sua tragédia fez-me recordar certa reunião mediúnica, há muitos anos, em que fui incorporada por um suicida que também se jogara sob um trem.

A cena que exteriorizava era terrivelmente assustadora. A impressão que tive é que estava ao lado dele, ou com ele, na via férrea, numa noite sombria, e o trem crescia ao nosso encontro como um negro monstro de ferro, atordoante, estremecendo tudo à sua passagem. Ele vinha, tornava-se gigantesco e havia como quê uma atração hipnótica na patética figura do homem, que, estático, de olhos esbugalhados, contemplava a máquina, cujo farol era como um olho descomunal mantendo-o imóvel, chumbado ao solo, à espera de que se consumasse o atro destino que para si mesmo escolhera. Até que um grito de pavor, um urro de animal ferido indicava o momento do impacto de seu corpo — um minúsculo boneco que logo desapareceu, engolido sob o monstruoso veículo.

A esta altura da cena, em minha condição de médium, sentia-me, para minha segurança e alívio, dentro da sala, no meu lugar habitual. Mas o trem, que parecia ter prosseguido no seu trajeto, vinha novamente, numa repetição enlouquecedora. O infeliz suicida, porém, embora já ligado à reunião, torcendo-se e gemendo de forma comovente, sentia-se, num processo de repetição constante, triturado pelas rodas, num sofrimento indescritível.

A terrível cena marcou-me o psiquismo de forma indelével.

Ao escrever sobre o caso relembro e revivo o impacto da comunicação mediúnica. Muitos outros suicidas comunicaram-se por nosso intermédio, no transcurso dos anos, mas este foi especial. Da mesma forma como ocorreu com Divaldo em relação a esse pobre operário, pai de dez filhos.

Fato que merece ressaltado, é que Divaldo não o auxiliou através da sintonia mediúnica, visto que ele não foi trazido à reunião. O médium, porém, prestou-lhe socorro através da prece.

No torvelinho de seus sofrimentos, sentindo-se morrer e remorrer, esmagado sob toneladas de ferro, ouvindo o apito a cada instante e o ruído das rodas, como a lhe marcarem o sinistro compasso das dores superlativas, a vibração da prece o atingiu.

Ah! o refrigério da oração! Possibilitou-lhe, de imediato, uma pausa, numa fração de tempo, quando ouviu o seu nome e se sentiu balsamizado pelo amor.

A questão do suicídio foi objeto de interesse de Allan Kardec, que registrou em *O Livro dos Espíritos* as respostas dos Benfeitores Espirituais.

Na pergunta 943 lê-se:

"Donde nasce o desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos?"

"Efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade.

"Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o fito de felicidade mais sólida e mais durável que o espera."

944 — "Tem o homem o direito de dispor da sua vida?"

"Não; só a Dens assiste esse direito. O suicídio voluntário importa numa transgressão desta lei."

Na parte final da questão 957, o Codificador aduz os seus comentários, ressaltando os sofrimentos dos suicidas. Menciona o laço que une o Espírito ao corpo, e, que, rompido bruscamente conserva fortes resquícios de vitalidade e magnetismo. Refere-se também ao fato de que o Espírito permanece jungido aos despojos carnis, por largo período, sofrendo os efeitos da sua decomposição.

Em o livro *O Céu e o Inferno*, o Codificador reúne, na segunda parte, comunicações de suicidas que dão notícias de seus sofrimentos após a desencarnação.

Na literatura mediúnica desponta a obra magistral de Yvonne Pereira, *Memórias de um Suicida*. Em alguns trechos deste livro a autora refere-se ao profundo trauma vibratório que a morte sob o trem acarreta ao perispírito do suicida, o que o coloca, talvez, na mais difícil situação espiritual, entre tantos outros infelizes que se mataram por outras formas.

* * *

Assim, Divaldo em prece, roga a Jesus por esse operário suicida, procurando socorrer e minimizar-lhe as dores, que ele sabe serem superlativas. E o faz durante quase quinze anos, diariamente, onde quer que estivesse.

As vibrações o atingem, porque feitas com amor e verdadeiro desejo de ajudar.

Sobre a prece Allan Kardec dedica o capítulo XXVII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, onde, no item 10, descreve a ação benéfica que ela proporciona.

"Dirigido, pois, o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som."

* * *

A oração de Divaldo soa, então, aos seus ouvidos, repercute vibratoriamente em seu mundo interior e, a princípio, é um pequeno instante de alívio, para tornar-se, depois, um interregno entre tantos tormentos, proporcionando-lhe condições de raciocinar — o que o fez lembrar-se de Deus, de sua mãe e da situação em que se encontrava.

Socorrido e amparado pela solicitude e desvelo maternos, foi sendo atraído para junto daquele que lhe enviava a vibração lenificadora.

Na voragem de suas angústias acerbas, foi alcançado pela força poderosa do amor. Esta força que se faz suavidade e doçura, que atua anônima, se preciso for, para agitar-se mais adiante e mostrar-se invencível, por ser, em verdade, o maior elemento propulsor da evolução humana. Os corações que amam em plenitude, que amam o amor e por ele vivem, fazem-se ponte para socorrer os caídos, os desgraçados, os que ainda não aprenderam a amar.

O infeliz suicida despertou para a realidade. E esta lhe é ainda mais amarga. As dores morais o visitam e se instalam em seu coração ao verificar as conseqüências do seu ato.

É então que esse ser humano, com toda a sua terrível carga de aflições, encontra Divaldo sofrido e triste. Quer ajudá-lo e este desejo incontido o aproxima do médium, que o vê pela primeira vez. Consolá-lo é o seu pensamento e por isso passa a narrar o seu pungente drama a fim de testemunhar-lhe, com o seu exemplo vivo, o quanto recebera dele.

"Se você chora, que será de nós que estamos aprendendo a sorrir com a sua alegria? Você não tem o direito de sofrer, pelo menos por nós, e por amor a nós, não sofra mais."

O encontro emociona-o e chora abraçado a Divaldo — as primeiras lágrimas suaves a lhe refrigerarem o coração — na ânsia de consolar o benfeitor, de lhe ser útil, de minorar-lhe as angústias interiores.

No silêncio da madrugada, tendo por testemunha a estrela amiga — que, cintilando, é como um coração que pulsa em direção a ambos —, dois corações humanos se encontram, se aproximam e se deixam envolver pela suave magia do amor.

A missão consoladora da Doutrina Espírita, de que nos fala Kardec:

"Coloco em primeira instância o consolo que é preciso oferecer aos que sofrem, erguer a coragem dos caídos, arrancar um homem de suas paixões, do desespero, do suicídio, detê-lo talvez no limiar do crime! Não vale mais isto do que os lambris dourados?"

(Trecho do discurso de Allan Kardec aos espíritas de Lyon e Bordeaux, In "Viagem Espírita em 1862" — Ed. "O Clarim".)

A PRESENÇA DE VICTOR HUGO NA OBRA MEDIÚNICA DE DIVALDO

No mês de abril de 1970, terminando as palestras feitas em Juiz de Fora, na Semana do Livro, retornei ao Rio numa Kombi, já à noite, deixando, por distração, o quebra-vento aberto. Era uma noite muito fria e eu me gripei. Cheguei ao Rio afônico e com uma febrícula.

*No dia seguinte passei com muita febre e, à noite, apesar de medicado, a gripe não amainou. Era o dia de Culto evangélico, na casa de Celeste e Lena * e não pude participar, tal o estado de prostração em que me encontrava.*

As duas amigas e Honorata, a auxiliar, começaram o Culto, quando de repente vi entrar, no quarto onde me encontrava, uma Entidade veneranda que me disse:

— Eu sou Victor Hugo. Há alguns anos venho entrando em contato psíquico contigo, inspirando-te na narração de alguns fatos nas conferências, para gerar um clima de sintonia. Tenho uma tarefa a propor-te: eu gostaria de escrever dez romances através de ti.

(*) Srta. Celeste Moreira da Mota e Da. Brasília Gonçalves, em cujo lar Divaldo se hospedou, no Rio, por vários anos. Celeste já desencarnou. (Nota da Editora)

Fiquei muito surpreso, porque jamais me havia passado pela mente ser "médium de romance". Acreditava que essa parte da psicografia ficaria reduzida a páginas soltas, a temas evangélicos, a estudos doutrinários breves, e julguei que, o que via e ouvia, era uma alucinação, um delírio proveniente da febre. Mas, o Espírito instou e propôs-me:

— Por favor, levanta-te, toma do material, que eu quero escrever.

Ainda assim, pelo estado em que me encontrava, não me animei, por estar convencido de que era uma alucinação, já que eu não tinha condições de ser médium de uma Entidade tão nobre. Todavia, o Espírito voltou a insistir e Joanna de Angelis me apareceu, confirmando-o para tirar-me a dúvida e pediu-me que fizesse um esforço, porque a febre e aquele estado psicológico especial eram também um recurso de que Victor Hugo usava para "quebrar" as minhas resistências de personalidade, a fim de que meus clichês mentais — pelo hábito de falar incessantemente — não viessem a interferir na obra que ele tinha preparado para ser psicografada.

Com muito esforço levantei-me e, apoiando-me à parede, fui até à sala. Quando Celeste e Lena me viram, muito pálido e tiritando de frio e febre, ficaram muito surpresas; eu lhes expliquei a ocorrência. Foi providenciado papel, até papel de embrulhar pão, que foi recortado, e outras folhas soltas. Sentei-me à mesa, pedi-lhes a colaboração, e como estava na parte final do Culto evangélico, antes da prece derradeira, o Espírito veio, curvou-se sobre mim, e, quando começou a escrever, deu-se um fenômeno que, a partir daí, me seria familiar: à medida em que a mão escrevia, eu tinha a sensação de estar no cinema, vendo a projeção de um filme, mas um filme em "tecnicolor", em tela muito ampla, com uma beleza incomparável.

Quando voltei ao normal e li a mensagem que se intitulava "O Duque di Bicci di M.", era exatamente o que tinha visto psiquicamente, com a diferença de que eu observava muito mais do que estava escrito. Era como se eu tivesse

ido ao cinema com um cego e fosse descrever-lhe o que estava vendo. O que eu via era muito mais do que podia transmitir.

Ao terminar a psicografia eu estava total e radicalmente curado, bem disposto, passaram a febre, a indisposição; eu me recuperei.

No dia imediato, pela manhã, o Espírito escreveu mais dois capítulos e determinou o programa de prosseguimento do trabalho.

Houve um fato muito curioso. Uma das personagens, Girolamo, havia, num desses capítulos, cometido um crime hediondo e, como eu o vira, fiquei muito chocado; aquilo me produziu um certo ressentimento contra a personagem e, naturalmente, enquanto aguardava o desenvolver do romance, comecei a imaginar como é que a Lei iria alcançar-lo, a fim de que resgatasse aquele crime — ele matara três crianças de uma forma impiedosa, depois de dar-lhes um narcótico, porque ia ser o legatário dos bens, caso as crianças, herdeiras diretas, viessem a desencarnar. Quando fui psicografar, com esse estado de alma, Victor Hugo esclareceu:

— Você não pode interferir na trama do meu livro. Essas personagens desencarnaram no século XVIII, e você está criando clichês mentais que me irão dificultar a narrativa. Por favor, não antecipe o desenvolvimento do romance.

Para minha surpresa, Victor Hugo, a partir daí, começou a escrever de uma forma que não dava o encadeamento; ele não numerava os capítulos e eu me dava conta que era, digamos, o capítulo sexto, o décimo, a segunda parte do livro, etc. Somente quando terminou a obra, que eu ia datilografar, é que me pediu que numerasse os capítulos nas folhas, a lápis, que eu grampeava e colocava num classificador, perfuradas, para facilitar a movimentação. Aí então, enquanto datilografava, já coordenado, tive a idéia de toda a trama da obra. Foi um fato muito curioso, uma grande lição para mim.

Mais tarde, quando veio escrever outro livro, Do Abismo às Estrelas, eu já estava mais adestrado e ele me disse que ia usar um tipo de literatura que chamaria de "sinco-pada". A mentalidade moderna não permitia mais as narrações antigas, minuciosas, estilo folhetim, em que o autor ganhava pelo número de frases e quanto mais rendia, à semelhança das nossas novelas, melhor para o próprio autor.

Hugo então me explicou que iria fazer obra doutrinária, porque não tivera oportunidade, na Terra, no seu tempo, desde que a "Voz do Sepulcro" o chamou para a seara espírita, de dar a contribuição que gostaria de oferecer ao Movimento Espírita. Utilizando-se de Zilda Gama, que fora sua filha na reencarnação anterior, ele conseguiu fazer um trabalho muito próprio também para a época em que vivia a médium. Agora, ele ia ter características mais modernas, em que faria a narração e, periodicamente, a interromperia para estudo de itens importantes, deixando entre espaços o comentário filosófico, psicológico, doutrinário, do trabalho, para adestrar o leitor que, por acaso, não conhecesse a Doutrina Espírita, a fim de entender a trama da Justiça Divina, e, para o espírita, a fim de corroborar e estimulá-lo o. cada vez mais entender melhor os ensinamentos que a Doutrina revela.

Em todos os tempos os fenômenos mediúnicos noticiam a interferência dos planos invisíveis na esfera terrestre.

Ao longo da história dos povos a intervenção dos Espíritos é como um sopro forte agitando e despertando o homem para uma outra realidade. Entidades de elevada hierarquia espiritual orientam e inspiram esse intercâmbio, renovando a mentalidade humana no momento propício e permitindo que o homem tenha uma janela aberta para o infinito.

A volta do romancista, poeta e dramaturgo francês, Victor Hugo, ao cenário terrestre, pelas letras mediúnicas.

é parte dessa grandiosa e eloqüente programação da Espiritualidade Maior, a fim de manter o homem em contato permanente com os grandes gênios da Humanidade.

No advento do Consolador, por exemplo, retornam à Terra, pelos canais da mediunidade, muitos de seus filhos mais ilustres em todos os campos do saber humano. A falange do Espírito da Verdade é integrada por vultos que se notabilizaram desde a Antigüidade até a Idade Moderna, indo de Sócrates e Platão aos Evangelistas, a Fênelon, Pascal, Erasto, Franklin e Swendenborg, para só citar alguns. Espíritos Superiores, todos estes, permanecem, porém, interessados no progresso, promovendo-o, guiando e inspirando o ser humano, a fim de que atinja os seus mais altos destinos.

Há uma ligação permanente, solidária, a unir os homens, como a demonstrar uma planificação de ordem divina, que a Doutrina Espírita desvenda, explica e comprova. Através desse conhecimento que ela nos faculta, pode-se inferir o quanto são sábias e justas essas Leis Divinas que regem a vida de todas as humanidades.

Na gigantesca espiral evolutiva os Espíritos nascem e renascem em incontáveis orbes e, como viajores do tempo, avançam pelas sendas do progresso nas estradas cósmicas, mantendo, todavia, os sagrados liames do Amor, que se universaliza quanto mais conquistam em evolução.

Afirma Leon Denis, em *O Grande Enigma*: "O Universo inteiro está submetido à lei de solidariedade. (...) De igual maneira, na escala da vida, todas as Almas estão unidas por múltiplas relações. A solidariedade que as liga funda-se na identidade de sua natureza, na igualdade de seus sofrimentos através dos tempos, na similitude de seus destinos e de seus fins." A Terceira Revelação, desvendando a trajetória do Espírito através dos evos, deixa entrever, de maneira insofismável, esses liames que mantêm, num processo inintermitente, a todos os seres pensantes.

Por isso, as almas ligadas à Terra, que já adquiriram títulos de enobrecimento, empenham-se em prosseguir au-

xiliando os que estão na retaguarda, dando-lhes as mãos do socorro e do amparo, transmitindo ensinamentos e mantendo vivos os laços do afeto.

Por isso, retornam sempre. Com abnegação e renúncia dão sinais de suas presenças, fazem ouvir as suas vozes, vencendo o aparente silêncio dos túmulos.

Por isso, também, Victor Hugo retorna. Vem falar aos que estão na liça terrestre, primeiramente através da médium Zilda Gama, que foi sua filha na última encarnação.

Escritor fecundo, Victor Hugo fez-se amado em seu país natal não apenas pelo seu genial talento, mas, também, como figura humana que se distinguiu pelo caráter, pelo patriotismo, pelas lutas em prol da liberdade e dos direitos humanos, pelas provas inequívocas de seu elevado amor à Humanidade.

Em 1985, ao se completarem os cem anos de sua desencarnação, exatamente no dia 22 de maio, Victor Hugo escreve, em Paris, a página de apresentação do seu mais recente livro, intitulado *Árdua Ascensão*, pelas mãos mediúnicas de Divaldo Pereira Franco.

Não se sabe o que é mais admirável: se o fato inusitado de um gênio como Victor Hugo retornar do além para prosseguir escrevendo, primeiro através de Zilda Gama e hoje, através de Divaldo, e comemorar, ele próprio, o centenário de sua permanência no Mundo Maior, ou, a possibilidade que temos de tê-lo conosco nessas páginas de luz que a mediunidade proporciona.

Este é o quinto livro ditado pelo famoso romancista ao médium baiano. *Párias em Redenção* inicia essa série, no ano de 1971, quando, então, Hugo retorna, após um período de silêncio nas letras mediúnicas, que medeia entre um e outro médium.

O escritor espiritual, porém, deseja marcar a sua volta pelos canais da mediunidade. E mais que isto: almeja deixar nessa primeira obra psicográfica de Divaldo, o sinete de autenticidade, que expresse, da melhor forma, o seu talento e estro.

Assim, no prefácio de *Párias em Redenção* retoma a mesma linha de pensamento — como a dar continuidade — do prefácio que escreveu, quando encarnado, para a sua magistral obra *Os Miseráveis*, publicada em 1862.

Sobre essa identificação de pensamento e estilo, o Professor Ulisses Camargo Ribas, de Ponta Grossa (PR), realizou um excelente estudo comparativo, elucidando, inclusive, alguns outros pontos.

Ressalta o Professor Camargo Ribas, conforme esclarecimento de o tradutor de *Os Miseráveis*, Frederico Ozanam Pessoa de Barros, que Victor Hugo desejava colocar um prefácio filosófico que estivesse à altura da obra, no qual estaria "o mundo e em particular o século XIX". Menciona Camargo Ribas: "O Autor não pôde, o editor cortou-lhe o desejo e publicou a obra com um prefácio mui pequeno, mais parece uma epígrafe, pois são apenas treze linhas no meio da página inicial do romance fadado a atravessar os séculos e se tornar um marco no mundo literário."

Premido pelo editor, Hugo se contentou em inscrever, no limiar da narrativa, algumas linhas que esclarecem, sobretudo, o sentido social.

No seu retorno, agora por via medúnica, Hugo dita a Divaldo em 2 de junho de 1971, em Salvador, o prefácio de *Párias em Redenção*, intitulando-o "Elucidações", que é, conforme acentuou o Professor Camargo Ribas "uma nova epígrafe, calcada em cima daquela que o Autor Espiritual havia colocado no pórtico de sua mais famosa obra — *Os Miseráveis*".

Prossegue Camargo Ribas: "Victor Hugo usa na obra psicografada palavras que determinam uma igualdade de pensamento, como se continuasse nesta o que ficou omitido naquela. Até a palavra inicial é a mesma, que é usada quatro vezes em *Os Miseráveis* e cinco em *Párias em Redenção*. Segundo tem-se do médium é que não conhecia e nem conhece a obra *Os Miseráveis*, sabe apenas que foi escrita por Hugo, mas nunca lera, muito menos a teve em suas mãos.

"Há um detalhe mui interessante e marcante (continua o Professor de Ponta Grossa), da maneira de escrever de Victor Hugo, pois, na obra *Os Miseráveis*, termina o seu prefácio assim: '(...) enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, *livros como este não serão inúteis*'. Na obra psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na sua "Elucidação", página 9, está escrito na altura das linhas 19 e 20: '(...) enquanto as religiões, esquecidas do papel sublime do Crucificado, lutarem pela supremacia nos cenários do mundo, e a miséria moral, social e econômica estabelecerem a revolta das massas, produzindo o conciliábulo do crime com a insensatez, *livros como este serão necessários*'. (grifos no original)

"As duas frases finais destes prefácios — explica Carmargo Ribas — têm o mesmo significado, sendo que a de *Os Miseráveis* é uma negação que afirma e a da obra psicografada é dita diretamente numa afirmativa."

Esta particularidade apontada pelo professor paranaense, atesta o desejo do autor de identificar-se e de dar continuidade à sua obra.

"Livros como este não serão inúteis", diz Victor Hugo no prefácio de *Os Miseráveis*. "Livros como este serão necessários", afirma Victor Hugo, Espírito, no prefácio de *Párias em Redenção*.

O grande escritor francês, sintonizado e sensibilizado com os problemas que avassalam o ser humano — problemas que persistem através dos tempos e que o inspiraram a escrever sobre os miseráveis sociais — os quais, na atualidade, o fazem retornar, pelo canal mediúnico, ao seu tema favorito e escrever, hoje, sobre os párias morais. A identificação não está, portanto, apenas nos dois prefácios mencionados, mas existe também no tema, que tem agora uma conotação diferente, já que, como Espírito, Hugo analisa as questões sociais através da visão evolutiva do ser, que

se processa no transcurso das reencarnações sucessivas regidas pela lei de causa e efeito.

Os miseráveis são agora os párias em redenção, simbolizados em alguns personagens, tão carentes e marginalizados quanto os que tratou em vida, na sua obra mais famosa. A sôfrega busca pelo pão ainda continua; as mesmas necessidades e carências a impulsionarem o homem e a fazê-lo malfeitor, na ânsia de ter, de conseguir, de vencer. Falta-lhe o pão à mesa das necessidades morais. Reduzido à condição de extrema miserabilidade moral o homem vai encontrar o bendito ensejo de se redimir, o que o fará emergir, finalmente, em sua escalada evolutiva.

Victor Hugo esparze a força do seu gênio nessas páginas que a mediunidade proporciona.

Através de Zilda Gama escreve *Do Calvário ao Infinito* e, por Divaldo Franco, retratando ainda o drama dos desasistidos morais, dita *Do Abismo às Estrelas*. Nesses dois títulos, que têm o mesmo sentido, o mesmo significado, o autor espiritual expressa de maneira magistral a redenção do ser humano. E mais que isto: exprime o anseio do homem de se projetar no infinito, de alcançar o rumo das estrelas.

AMÉLIA RODRIGUES E AS HISTÓRIAS
DO EVANGELHO -
CICERONE EM ISRAEL

Amélia Rodrigues, a insigne escritora baiana, desencarnada, me inspirava nos primeiros tempos de pregação. Foi a época das histórias do Evangelho, que eu narrava nas palestras.

Ela me plasmava as cenas com tal beleza e realismo que eram como se estivessem acontecendo naquele instante.

Ouvindo as palestras, o professor Carlos Pastorino, um dia me disse:

— Divaldo, pensei em transpor do gravador para o papel essas narrativas evangélicas. Pode deixar que eu faço todo o trabalho, reviso e, depois, publicamos.

Mas, Joanna tinha outros planos.

— O senhor não vai escrever, nesta vida, nada de sua autoria — disse-me. Só lhe permito cartas. Nenhum artigo; nenhum comentário; nenhuma defesa; se alguém o agredir, que assim seja. Se o senhor deixar transcrever a palestra, o seu estilo vai ficar explícito. Se o senhor quiser, poderá fazê-lo, mas, não conte comigo.

Então, eu pedi a Pastorino que esperasse mais tempo.

Durante dez anos Dona Amélia me inspirou. Foi o período de treinamento, porque, por essa época, ela me informou:

— Agora eu tenho a permissão de selecionar aqueles temas que pregamos juntos e escrevê-los em forma de mensagens.

Assim surgiu o seu primeiro livro, Primícias do Reino. Quando o livro ficou pronto, Joanna esclareceu-me:

— O prefácio, nós o escreveremos a quatro mãos, para bem o explicar, porque muita gente ouviu estas páginas em forma de palestras, e, antes que façam perguntas, já lhes daremos a resposta.

Passaram-se os anos. Em 1981 eu fui a Israel, e o Espírito Dona Amélia Rodrigues foi a minha cicerone. Ela me levou aos lugares que eu já conhecia pelas descrições que ela própria fazia e pelas cenas plasmadas durante as conferências que eu proferia.

Houve um fato, entre outros, muito comovedor. Quando terminamos de psicografar Primícias do Reino, Dona Amélia me levou, em desdobramento, em corpo espiritual, a um local da "Mansão", entre árvores, que nós chamamos de "Recanto de Joanna". Aí, ela plasmou, por ideoplastia, as personagens que estão no Primícias, menos Jesus. Assim, voltei a ver aqueles vultos dos tempos evangélicos, tal como sucedia no instante da psicografia ou das palestras.

Desfilaram, ante os meus olhos e a minha emoção — o doutor da Lei, Zaqueu — o publicano, a Samaritana, o moço rico, Marta, Maria e Lázaro — os irmãos de Betânia — como também os que foram curados: o obsidiado gera-seno, a mulher hemorroíssa, o paralítico de Cafarnaum, etc; ao lado de João Batista — o precursor — Simão Pedro, Tiago, João — o evangelista — Maria de Magdala e muitos outros vultos que povoam os fastos do Evangelho e que fazem parte do livro de Dona Amélia.

Diante deles, numa paisagem do entardecer, de suavíssimas tonalidades que iam do horizonte róseo aos cambian-

tes de um azul profundo da imensidão sideral, entre cintilações das primeiras estrelas, Dona Amélia fez, então, uma prece gratulatoria. Foi uma das visões mais lindas e comovedoras da minha atual existência.

"A vontade não é um atributo especial do espírito, é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento transformado em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas se tem a força de agir sobre os órgãos materiais, quanto maior não deve ser sobre os elementos fluídicos que nos rodeiam." Allan Kardec. — ("Revista Espírita" — 1864, pág. 352)

Primícias do Reino é, em nossa opinião, o mais belo livro de mensagens evangélicas da literatura mediúnica espírita.

A sua importância ressalta logo às primeiras páginas quando Amélia Rodrigues apresenta um esboço histórico sobre a Palestina, possibilitando ao leitor um painel muito bem delineado do período e dos locais onde viveu Jesus.

Esses "respingos históricos", porém, prosseguem em todo o livro, já que Amélia Rodrigues é profunda conhecedora dos ambientes e, ainda, partícipe de muitos dos fatos narrados.

A integração e vivência dos tempos evangélicos é tão presente e marcante na vida da autora que ela, ao descrevê-los, seja nas palestras inspirando ao médium, seja na psicografia, ditando-os, plasma instantaneamente as cenas que a sua própria mente rememora.

Essas criações fluídicas são realmente impressionantes e, se é dado ao médium a possibilidade de vê-las, este, não apenas as assiste, como também (por certo por impregnação vibratória e por entrar na faixa dessas frequências) sente-se como participante delas.

Em nossos modestos trabalhos como médium temos tido a feliz oportunidade de presenciar algumas dessas cenas fluídicas elaboradas pelos Benfeitores Espirituais.

Quando isto ocorre a emoção é indescritível. Exatamente pelo fato de que esses painéis fluídicos são como que carregados por parte das vibrações e emoções dos personagens que os vivenciaram. São essas vibrações que, repercutindo no médium, o transportam para a cena e o fazem tornar-se presente a ela.

Yvonne Pereira, cuja mediunidade realmente admirável legou-nos preciosas obras de elevado padrão doutrinário, esclarece-nos a respeito do assunto em alguns de seus livros. Em *Devassando o Invisível*, por exemplo, ela menciona como foi a recepção da obra "A Tragédia de Santa Maria", cujo autor espiritual é Bezerra de Menezes, e diz a certa altura:

"Entrementes, as visões do drama que então nos eram fornecidas decorriam em ambiência branca, lucilante, mesclada de tons dourados, como se raios de sol puríssimo iluminassem a transparência branca, efeito, ao que julgamos inédito sobre a Terra, a nós impossível de descrever, e como se todas as cenas e panoramas fossem desenhos delicadíssimos, a se movimentarem em cenários celestes."

Com relação a outro livro seu, *Amor e Ódio*, ditado por Charles, Yvonne informa:

"Desenrolou-se, então, a história sob o irresistível influxo do grande Charles, que a "narrou" e cuja "voz" ouvimos sempre, forte e dominadora, sem todavia vê-lo. Sua palavra, portanto, *tornou-se vida, cenas, fatos, drama, seqüência admirável de uma realidade incontestável*. Nós nos víamos presente em todas as cenas, qual espectadora muda do imenso drama, sem contudo, perder nossa atual personalidade. Sentíamos, porém, ecoando em nossas sensibilidades, as emoções e impressões que as personagens deveriam viver, permanecendo as mesmas emoções como que impressas em nosso ser, incomodando-nos mesmo, afligin-

do-nos, até que a obra foi escrita e terminada." (grifos no original)

Contudo, não é dado ao médium ter somente visões de beleza transcendental. Ao contrário, são-lhe muito frequentes as cenas fluídicas projetadas pelas mentes desequilibradas. Essas visões constituem-lhe grande sofrimento e um treino bastante difícil para que se mantenha sereno, equilibrado e, sobretudo, para aprender a desligar-se delas entrando em sintonia com as faixas vibratórias da harmonia e da paz.

Especialmente para o médium psicógrafo ou psicofônico, quando há projeção dessas cenas deprimentes, as quais, muitas vezes, ele assiste, o que é uma tortura moral muito intensa. É preciso muita firmeza e equilíbrio para conseguir-se que tais cenas se apaguem da mente. Geralmente, porém, os Benfeitores Espirituais providenciam para que isto se dê, a fim de poupar o médium. Como também existem casos em que tais lembranças permanecem como a servirem de treino, advertências e lições para o medianeiro.

Para Divaldo, "assistir" às cenas e tornar-se partícipe delas foi também, ao lado da profunda felicidade de "vivê-las", uma técnica auxiliar das palestras, utilizada por Dona Amélia Rodrigues.

Essa notável possibilidade da criação desses cenários e revivescência de episódios verídicos é uma preciosa fonte de riquíssimas experiências para o médium.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA - UMA BIBLIOTECA ESPIRITUAL

Numa das viagens a Pedro Leopoldo, no ano de 1950, Chico Xavier psicografou para mim uma mensagem ditada pelo Espírito José Petitinga, e no próximo encontro uma outra ditada pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

Eu era muito jovem e, como é compreensível, fiquei muito sensibilizado. Guardei as mensagens, bebi nelas a inspiração, permanecendo confiante em Deus.

No ano de 1970, no mês de janeiro, apareceu-me o Espírito Manoel Philomeno de Miranda, dizendo que, na Terra, havia trabalhado na União Espírita Baiana, atual Federação, tendo exercido vários cargos, dedicando-se, especialmente à tarefa do estudo da mediunidade e da desobsessão.

Quando chegou ao Mundo Espiritual foi estudar em mais profundidade as alienações por obsessão e as técnicas correspondentes da desobsessão.

Fora uma pessoa que, no mundo, se dedicava à escrituração mercantil, portanto afeito a uma área de informações de natureza geral sobre o comércio. Mas, tendo convivido muito com Petitinga, que foi um beletrista famoso, um grande latinista, amigo íntimo de Carneiro Ribeiro — que também se notabilizou pela réplica e tréplica com Ruy Barbosa — ele, Miranda, houvera aprimorado os conhecimentos lingüísticos que levara da Terra, com vistas a uma

programação de atividades para a Doutrina Espírita, pela mediunidade, no futuro.

Convidado por Joanna de Angelis, para trazer o seu contributo em torno da mediunidade, da obsessão e desobsessão, ele ficou quase trinta anos realizando estudos e pesquisas e elaborando trabalhos que mais tarde iria enfeixar em livros.

Ao me aparecer, então, pela primeira vez, disse-me que gostaria de escrever por meu intermédio.

Levou-me a uma reunião, no Mundo Espiritual, onde reside, e aí, mostrou-me como eram realizadas as experiências de prolongamento da vida física através da transfusão de energia utilizando-se do perispírito.

Depois de uma convivência de mais de um mês, aparecendo-me diariamente, para facilitar o intercâmbio psíquico entre ele e mim, começou a escrever Nos Bastidores da Obsessão, que são relatos, em torno da vida espiritual, das técnicas obsessivas e de desobsessão.

Agora, um esclarecimento: foi Dona Otília Gonçalves, a primeira diretora da "Mansão do Caminho", desencarnada em 1952, quem, ao escrever uma carta para sua filha Elza, narrando as impressões que tivera ao desencarnar, revelou-nos acerca de uma colônia espiritual chamada "Redenção", que fica sobre a cidade de Salvador.

A "Mansão do Caminho" seria uma espécie de departamento terrestre daquela comunidade. Escreveu o Além da Morte explicando que ali se deteve para o refazimento e permanecendo, acredito, até hoje.

Ela descreve, na referida obra, como foi fundada, refere-se à sua estrutura que faz lembrar muito "Nosso Lar".

Chico Xavier disse-nos, e todos o sabemos, que existem inumeráveis colônias espirituais, como existem milhares de cidades terrestres, para reunir os desencarnados pelas suas afinidades lingüísticas, religiosas, culturais, a fim de que haja o natural processo evolutivo porque, como não há violência na Lei, todos esses fenômenos ocorrem tranqüilamente e são lentos.

Na visita que Manoel Philomeno me permitiu fazer à Colônia em que ele se hospedava, levou-me a uma curiosa biblioteca. Mostrou-me como são arquivados os trabalhos gráficos que se fazem na Terra. Disse-me que, quando um escritor ou um médium, seja quem for, escreve algo que beneficia a Humanidade — no caso do escritor — é um profissional, mas, o que ele produz é edificante, nessa biblioteca fica inscrito, com um tipo de letra bem característica, traduzindo a nobreza do seu conteúdo. À medida que a mente, aqui, no planeta, vai elaborando, simultaneamente vai plasmando lá, nesses fichários muito sensíveis, que captam a onda mental e tudo imprimem.

Quando a pessoa escreve por ideal e não é remunerado, ao se abrirem esses livros, as letras adquirem relevo e são de uma forma muito agradável à vista, tendo uma peculiar luminosidade. Se a pessoa, porém, o faz por ideal e estando num momento difícil, sofrido, mas ainda assim escreve com beleza, esquecendo-se de si mesma, para ajudar a sociedade, a criatura humana, ao abrir-se o livro, as letras adquirem uma vibração musical e se transformam em verdadeiros cantos, em que a pessoa ouve, vê e capta os registros psíquicos de quando o autor estava elaborando a tese.

O oposto também é verdadeiro.

Em fichários que ficam em regiões menos felizes, mais desarvoradas, aqueles que, na Terra, elaboram cenas degradantes e deprimentes, ficam também registrados.

E quando os livros são abertos (são os crimes, são a concupiscência, a vulgaridade) exsudam uma espécie de plasma pegajoso e nauseante, que dá um estado muito desagradável ao leitor, exceto àquele que se familiariza com essas idéias e se compraz nelas, nutrindo-se com tal tipo de energia grafada.

Esses fichários, nessa biblioteca, fazem muito lembrar as da Terra, onde estão registradas as idéias que se vão transformar em roteiro de orientação ou de degradação da criatura humana.

Eis por que vale a pena, quando estamos desalentados e sofridos, não desanimarmos e continuarmos as nossas tarefas, o que lhes dá um valor muito maior. Porque o trabalho diletante, o desportivo, o do prazer, já tem, na própria ação, a sua gratificação, enquanto o de sacrifício e de sofrimento exige a abnegação da pessoa, o esforço, a renúncia e, acima de tudo, a tenacidade, para tornar real algo que gostaria que acontecesse, embora o esteja realizando por entre dores e lágrimas.

Na "Revista Espírita", de 1865 (pág. 155), há uma interessante comunicação do Espírito Mesmer, que a certo trecho diz:

"O mundo dos invisíveis é como o vosso. Em vez de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do Espírito, tirado desses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.

O mundo dos Espíritos não é um reflexo do vosso; o vosso é que é uma imagem grosseira e muito imperfeita do reino de além-túmulo." (grifos no original)

Manoel Philomeno de Miranda, ao se aproximar de Divaldo para o necessário período de afinização, antes de iniciarem o trabalho mediúnico de psicografia, transmite-lhe a primeira "aula", se assim nos podemos expressar, levando-o a conhecer a colônia espiritual onde reside.

Entre tantos informes esclarecedores, Divaldo destaca a biblioteca onde estão registrados e arquivados os trabalhos gráficos elaborados pelos encarnados.

Para cada obra escrita existe o seu correspondente no plano espiritual, que, como é lógico e compreensível, registra, não apenas os textos, mas, especialmente, as emoções com que foram elaborados.

Informa Allan Kardec, em *A Gênese*, capítulo XIV, item 14.

"Basta que o Espírito pense uma coisa para que esta se produza, como basta que module uma ária, para que esta repercuta na atmosfera."

Nesta mesma obra, no item 16, o Codificador esclarece:

"Tem conseqüências de importância capital e direta para os encarnados a ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais. Sendo esses fluidos o veículo do pensamento e podendo este modificar-lhes as propriedades, é evidente que eles devem achar-se impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os fazem vibrar, modificándose pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável."

Prossegue Kardec: "Sendo apenas Espíritos encarnados, os homens têm uma parcela da vida espiritual, visto que vivem dessa vida tanto quanto da vida corporal; primeiramente, durante o sono e, muitas vezes, no estado de vigília." (item 18)

Assim, uma página ou um livro, mediúnico ou não, escritos com intenções edificantes ou com sentimentos de perturbação e de desequilíbrio, não somente expressarão e registrarão essas intenções, as emoções e vibrações correspondentes, como também atrairão para junto do autor aqueles Espíritos que se afinizam com a onda mental que o tipifica.

Mesmo não sendo um fenômeno mediúnico na acepção da palavra e ainda que o autor não seja médium ostensivo, sempre estará acompanhado por Entidades que têm interesse naquilo que escreve. São tais Entidades que o inspiram, seja para o lado negativo ou positivo.

Os escritores alegam, de maneira geral, que escrevem sob o influxo de uma força que parece brotar do mundo íntimo — denominada *inspiração* — de certa forma inex-

plicável para os que não têm conhecimento ou não aceitam a participação espiritual.

Não se trata aqui, porém, de afirmar-se que o escritor não tenha o mérito e a capacidade de ser o autor daquilo que escreve. O processo ocorre da seguinte forma: o escritor tem o seu cabedal intelectual, a aptidão literária, a bagagem de conhecimentos desta e de outras encarnações, e com todo esse acervo pessoal é que produz as suas obras literárias. Entretanto, a par disto, atrairá, por sintonia vibratória, aqueles Espíritos que se sentem afins com as idéias que estão sendo grafadas. Simultânea e naturalmente haverá uma identificação entre encarnado e desencarnados, ao passo que estes o inspiram e ajudam na estruturação das idéias e na ação de escrever.

A inspiração é assim, como um fluxo de idéias que acorrem à mente do escritor, de uma forma estuante, tão intensa e com tal força que parecem não caber dentro de si mesmas, extravasando, transbordando através do processo da escrita, que é, quase sempre, moroso demais em relação às criações mentais que se sucedem rápidas, velozes, e que, às vezes, lhe fogem, se não conseguir passá-las para o papel. Há, então, como que um estado febricitante de escrita, ao fim do qual o escritor se sente exaurido, mas, também exultante por ter realizado o processo de criação intelectual. É exatamente na eclosão dessas idéias que os Espíritos atuam, seja provocando-a, motivando-a, seja intensificando o fluxo dos pensamentos, das construções mentais.

Um outro ponto deve ser considerado. É que o homem encarnado, no momento do sono físico, em desdobramento espiritual, irá ao encontro daqueles que lhe comungam os mesmos ideais e intenções. Junto a estes afins, em regiões próprias ao estágio evolutivo em que se demora, o encarnado absorverá idéias com as quais sintoniza e que brotarão, mais tarde, no dia-a-dia terreno, em forma de inspiração ou "insight".

Em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, ao tratar da emancipação da alma, recebe dos Espíritos Superiores a seguinte resposta:

"O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre." Explicam, então, que os homens de bem "quando dormem, vão para junto dos seres que lhes são superiores. Com estes viajam, conversam e se instruem. Trabalham mesmo em obras que se lhes deparam concluídas, quando voltam, morrendo na Terra, ao mundo espiritual".

Com aqueles que se empenham no mal, nos vícios, "esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quicá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam. Vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós", (questão 402)

Manoel Philomeno de Miranda é autor de *Nos Bastidores da Obsessão*, *Grilhões Partidos*, *Nas Fronteiras da Loucura*, *Painéis da Obsessão* e *Tramas do Destino*, todos psicografados por Divaldo. Em outros livros, de diversos autores espirituais, ele contribui com excelentes páginas geralmente enfocando a mediunidade ou apresentando estudos muito específicos sobre as alienações mentais, os processos obsessivos e a sua terapêutica.

O assunto do prolongamento da vida física (mencionado por Divaldo), que é comumente chamado *moratória*, consta do livro *Painéis da Obsessão*. Neste, o autor explica as técnicas de transfusão de energias ao perispírito. Os casos de moratória no corpo físico acontecem seja por mérito da pessoa e/ou necessidade premente que prossiga por mais tempo no plano terreno.

Manoel Philomeno de Miranda é-nos particularmente querido, por afinidades de trabalhos, de interesses comuns e pelo amparo e orientação que dele temos recebido como aluna, que nos consideramos, das primeiras letras. Ele é o Patrono das atividades que realizamos sobre mediunidade e obsessão/desobsessão.

O "MÁSCARA-DE-FERRO"

Até onde vai a minha lembrança eu sempre detectava a presença de uma Entidade, um sacerdote romano, respeitável, com ares adversários contra mim, numa atitude agressiva, ameaçando-me, a princípio de forma educada e depois com muita rispidez- E prometendo que, se eu não seguisse as suas diretrizes ele terminaria por me destruir.

Mas eu era muito jovem para entender essas sutilezas da mediunidade.

Passaram-se os anos e, quando me tornei espírita, começando a exercer a mediunidade, fui constatando, a pouco e pouco, que ser médium não é uma viagem ao país da fantasia. É uma tarefa muito séria e de alta responsabilidade.

Nesse ínterim, a Entidade começou a dar-me uma assistência negativa, pois, à medida que se passava o tempo, mais eu me afeiçoava ao contexto do Espiritismo, de tal forma que a sua atuação tornou-se muito dolorosa. Nos momentos difíceis da minha vida ele esteve presente.

No rol das minhas lembranças, vem-me à mente uma tentativa malograda de suicídio, quando eu contava dezoito anos, por afogamento, no mar.

Numa noite — eu tinha certas visões desagradáveis — então, sofri um desses fenômenos e ouvi uma voz me chamando e me hipnotizando. Dizia que a solução para mim

— a única — seria destruir o corpo, porque, na Terra, eu sofria muito, e, se destruísse o corpo, iria ser plenamente feliz, partiria para o Mundo Espiritual, onde estavam as pessoas que me amavam, aquelas que estão vinculadas a mim, e que já era tempo de me libertar dessa canga difícil, que era a vida física.

Morávamos perto da praia. Eu saltei a janela e fui sendo arrastado pela indução hipnótica em direção ao mar. Era madrugada e não havia ninguém por perto. Nilson, que é muito vigilante, percebeu o que estava acontecendo e me acompanhou. Notou, quando eu me lancei mar a dentro. As primeiras ondas molharam-me os pés, mas eu prossegui. (Até hoje eu não sei nadar). Fui entrando sob aquele fascínio, até que as ondas bateram no meu rosto, provocando-me um choque e despertando-me. Ao dar-me conta da situação, fiquei desesperado: ver-me com roupa dentro do mar, de pijama e sem saber o que havia acontecido.

Nilson estava próximo, orando, porque ele conhecia a interferência Divina, que nunca falta. Nesse exato momento, quando ele me viu a debater e gritar, atirou-se às ondas e me resgatou, trazendo-me para a praia.

Quando eu ia saindo das águas, amparado por ele, vi a Entidade, com aspecto dominador, dizendo que me mataria, não adiantava recalcitrar: ou eu abandonava o meu compromisso recebido com o Espiritismo ou ele me destruiria. Repetia que eu tinha deveres para com a sua antiga doutrina e que a estava conspurcando; que o meu labor era com a religião tradicional; que não tinha o direito de me desviar dela, fosse qual fosse a justificativa.

Passaram-se os anos. Aquele foi um período amargo da minha vida; o dos testemunhos. Esse Espírito criou-me injunções, as mais dolorosas.

Uma delas ocorreu à época em que eu ainda estudava. Sempre tive muita vontade de estudar e havia feito o chamado artigo 100, que corresponderia hoje ao supletivo do 1^o grau, e estava preparando-me para fazer o supletivo do 2^o grau, que naquele tempo se chamava artigo 91.

Em certa ocasião, quando eu ia a uma aula, depois do expediente no IPASE, caminhava tranqüilamente pela rua da Misericórdia, que é muito movimentada, quando alguém, subitamente, me puxou pelas costas. Voltei-me, julgando ser um colega. Recebi um golpe, um murro no rosto, que me lançou sobre uma vitrine de uma joalheria, provocando um certo pânico e um grande susto. Juntaram-se algumas pessoas, eu tive uns cortes, mas, quando caí, depois que me volvei de frente para o agressor, ele disse: "— Perdoe-me, desculpe-me! Eu tive a impressão de que você era o indivíduo que anda perturbando a paz de minha mulher e quis puni-lo. Você me desculpe!"

Houve uma confusão momentânea, e enquanto alguém me ajudava a levantar, no meio daqueles rostos, eu o vi.

Como de outras oportunidades, ameaçou-me:

— Vou humilhar-te de tal forma, tantas vezes, que não terás outra alternativa, senão a de se render, ou te matarei.

Eu residia muito distante do centro da cidade, e sempre me sugestionei que qualquer coisa que me sucedesse a minha primeira providência seria a de voltar para casa, imediatamente.

Como é natural, fiquei muito aturdido, desembaracei-me das pessoas, enxuguei o rosto com o lenço e saí. Desci uma rua do Pelourinho, em direção da Cidade Baixa, mas, estava tão atordoado que me perdi, e, por passar seguidamente pela porta onde um amigo tinha uma loja de calçados, este me viu e notou a minha palidez. Chamou-me, conversou comigo, e, só nesta hora, volvei à normalidade, seguindo, então, para casa.

Esta bofetada me marcou muito a vida, porque vi como os Espíritos podem, em certas ocasiões, armar um indivíduo para cometer um crime contra aqueles a quem detestam, desde que o outro ou aqueles dêem margem, entrando no processo de sintonia. Eu orava, tinha a vida normal de uma pessoa que procura manter a dignidade, já trabalhava

na mediunidade, na pregação, mas isto lhe açulava, cada vez mais, o ódio.

Posteriormente, em 1960, no dia 13 de janeiro, eu estava em Uberaba. Havia sido orador de uma turma de médicos, e a bondade de Chico Xavier sempre me agasalhou em seu coração generoso.

Naquele tempo, Chico Xavier participava das reuniões da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, e no grupo de desobsessão, eu tinha permissão de tomar parte como se fosse membro que residisse fora. Sempre que estava na cidade, naquele dia — quarta-feira — eu me integrava na sessão.

Fui à reunião, participando dos trabalhos habituais, e vários Espíritos se comunicaram através dos diversos médiuns presentes.

O momento culminante, porém, foi quando esse mesmo Espírito que me vinha perseguindo se incorporou no médium Chico Xavier e, num gesto de quem mete a mão no bolso e tira algo, me disse como se estivesse a ler anotações:

— Estou aqui com a sua ficha. Você se lembra do ano de 1955 quando foi a Apucarana, por primeira vez?

Eu não me lembrava.

— Pois vou refrescar-lhe a memória.

E começou a citar fatos (que eu passei a recordar), que haviam sucedido naquela oportunidade, na cidade citada do norte do Paraná.

— Recordar-se — prosseguiu, citando outro fato — do dia 14 de julho do ano passado, quando você estava no Rio de Janeiro, à rua tal, número tanto, apartamento número tal?

Eu me recordei de um incidente muito desagradável, quando uma pessoa que estava dialogando comigo, sem qualquer motivo aparente, foi tomada de cólera e provocou uma discussão, que eu procurei não dar prosseguimento, sofrendo então uma agressão de forma tão inesperada, que me chocou profundamente.

Guardei a data por ser o dia da libertação, da Queda da Bastilha.

A pessoa foi investindo contra mim, enquanto eu fui recuando até à janela da sala, já não havendo mais para onde afastar-me e sentindo nos olhos da criatura como ela estava possessa, com desejo de atirar-me de lá de cima — era o 12.º andar do edifício. Com muita habilidade, em silêncio, eu fui saindo daí, desviando-me, e evadi-me do lugar, permanecendo com aquela impressão terrível, que por pouco não me prejudicou a conferência nessa noite, no Colégio Militar, na Tijuca.

O Espírito dizia com rudeza:

— Fui eu quem incorporou essa pessoa para destruí-lo a vida. Eu sei que não destruirei, mas aniquilarei o seu corpo e ficará do nosso lado. Eu venho hoje aqui para termos um acerto.

O que é impressionante — e grave — é que o Espírito falava com autoridade sobre mim. Apesar do ódio que ele destilava, eu sentia respeito e consideração, não experimentando rancor.

— Você se comprometeu conosco — afirmava, exaltado —, a chamada Igreja militante, para engrossar as fileiras do clero, quando retornasse à Terra, e trai-nos vergonhosamente, indo participar de uma doutrina abjeta.

Passou a atacar o Espiritismo com muita nobreza de linguagem, mas com muita agressividade emocional, utilizando-se de sofismas muito bem construídos, tais como:

— A minha reação contra o Espiritismo tem fundamento, porque o Espiritismo está barateando a mediunidade, o carisma, a graça, o dom, deixando que esta concessão seja colocada no ridículo de um populacho incapaz de a compreender.

Eu retruquei, algo tímido:

— Meu irmão, o senhor é a maior prova da legitimidade, da justeza do fenômeno espírita, porque o senhor está incorporado num médium, conversando comigo.

— *Este manequim de quem me utilizo — respondeu, prontamente —, é um instrumento dócil, ele tem feito jus a ser veículo dos Espíritos, porém, o Espiritismo barateia a mediunidade. Como você consideraria, se eu, um sacerdote da respeitável religião, fosse a um picadeiro de circo para distribuir a sagrada eucaristia, entre palhaços, jeras e o povo que aí foi para divertir-se? A Eucaristia, para nós, é o momento culminante da união com Deus. Como os senhores, os espíritas, podem atrever-se a apresentar esta eucaristia no circo das misérias humanas?*

Bem se vê que era um sofisma, mas, aparentemente, muito bem colocado, porque nós não barateamos a mediunidade, nós não a vulgarizamos, apenas repetimos Jesus, trazemos o fenômeno mediúnico, ou melhor, explicamos o fenômeno mediúnico a fim de facilitar as pessoas a se encontrarem consigo mesmas. Ao mesmo tempo, é a prova robusta da imortalidade da alma, preconizada por todas as religiões. Todavia, ele usou de um outro argumento:

— *Quando o Espiritismo apareceu, a Igreja Romana podia ser comparada a um holojote que projetava imensa claridade no céu enquanto ele era uma talisca de fósforo acesa que se abria na treva, incapaz de competir com o poder e a opulência da Igreja. Que vemos agora? Observamos que o Espiritismo se transforma em uma constelação de astros a iluminar os céus e a Igreja vai apagando a sua claridade.*

— *Mas, meu irmão, a culpa não é do Espiritismo, o senhor me desculpe.*

— *Você, porém, é um desses responsáveis, porque anda com o archote da fé, de um lado para outro, buscando iluminar consciências, incendiando tudo à sua passagem. Vou dar-lhe uma determinação: retorne a Salvador, procure o sacerdote fulano de tal (cujo nome não devo declinar porque ainda está encarnado), na igreja tal, com quem manteenho contato direto e apresente-se para confessar-se, arrepende-se, tomar hábito e servir à causa da Verdade.*

— *Eu não posso, o meu compromisso é com Jesus. Eu sou um empregado a serviço de uma Nova Era. Não compreendo por que o irmão se volta contra mim. O irmão deveria voltar-se contra Aquele que me dirige; porque, se o senhor se voltar contra Ele, Ele me liberta. Eu sou escravo, liberte-me dEle e eu passarei de mão, com muito prazer, se for isso que aconteça. Mas se o senhor não me libertar dEle, eu não posso, não tenho como me evadir da presença de Jesus.*

— *Não, contra Ele eu não posso — retrucou — mas, contra você eu posso. Farei tudo por persuadi-lo. Utilizar-me-ei da bondade, da oferenda de recursos e valores para você triunfar no mundo. Mas, se você se obstinar, veja bem (e utilizou de outro sofisma): O pastor está conduzindo as ovelhas, uma delas tresmalha ou se desvia; ele a chama e vai atrás. Se não a alcança, usa o bordão e ela volta ou morre. Mas ele não a deixa, a não ser que a perca em definitivo. É o que farei com você. Ou retorna para o nosso seio ou lhe bateremos tanto de bordão, eu e o meu povo, que, aonde quer que vá, a humilhação, o desrespeito e o sofrimento lhe estarão esperando.*

E me fez um prognóstico sombrio, que se concretizou, em grande parte, pelo menos:

— *Ou aceita a minha voz — é o meu ultimato — ou aonde for pregar a sua malsinada Doutrina, defrontará com a minha presença, sendo desmoralizado pelos seus correligionários e confrades. Não terá coragem de abrir a boca para coisa nenhuma. O momento é hoje e se você não voltar ao nosso compromisso, prepare-se para testemunhar se é verdadeira a sua integração nesse trabalho ou não.*

A comunicação alongou-se. Ele declinou o nome: J.T.S.

A verdade é que, dois anos depois, exatamente, eu fui convidado a um pesado testemunho. Por onde quer que eu haja passado, durante vários anos e até hoje ainda, a partir do dia 10 de junho de 1962 as provações me aguardavam: a ironia, a zombaria, o descrédito e tantas coisas que nos

levam ao sofrimento, chegavam e se avizinhavam rudes. Todavia, não desanimei.

Anos depois, mesmo continuando as provas, as lutas e as dores, ele me reapareceu.

Um esclarecimento: comecei a chamar esse Espírito pelo nome de o "máscara-de-ferro". Eu havia assistido a um filme, fazia muitos anos, sob esta epígrafe. No dia da bofetada, na rua da Misericórdia, quando cheguei a casa e entrei discretamente para que os meus pais e a minha irmã não me vissem, segui ao meu quarto. Aí, ele me apareceu e o seu rosto me fazia lembrar a personagem do filme com a "máscara-de-ferro", só que o ferro estava como que incandescente. Aquilo me impressionou de forma tal, que eu, jovem ainda, com algum atavismo clericalista, ajoelhei-me aos seus pés e lhe pedi perdão.

— O senhor me odeia tanto — disse-lhe — que deve ter um motivo muito forte para isto; então, perdoe-me. Dê-me uma oportunidade de reparação, eu já não sou aquela mesma pessoa. . .

— Você mudou apenas de roupa, mas é a mesma pessoa e eu o matarei.

Várias vezes ele me apareceu com aquela expressão terrível.

Anos depois, por volta de 1976, portanto, quase trinta anos de combate diário, de assistência quase diária, ele retornou e falou-me:

— Vou deixá-lo por um período. Você não me convence, porque eu o conheço, sei das suas dívidas; mas você me venceu, temporariamente, pela paciência, pela humildade, pela abnegação, pelo trabalho que vem desenvolvendo na sua comunidade e em si mesmo.

Eu fiquei muito feliz, é claro.

Passaram-se os anos. Certo dia, em circunstância muito dolorosa, chegou à "Mansão do Caminho" uma criança, e, como era natural, nós estávamos impossibilitados de rece-

ber novos candidatos por falta de espaço e de recursos. Vendo a criança num tal estado de abandono, de debilidade orgânica, de sofrimento e miséria, comovi-me e me lembrei de Jesus. Perguntei-me, mentalmente: Como faria Jesus em uma circunstância destas?

A consciência me disse que Ele a receberia. Foi o que eu fiz. Imediatamente convocamos os nossos colaboradores residentes e a criança foi encaminhada a uma das casas.

Nesta noite, apareceu-me aquele Espírito e me informou, emocionado:

— Agora você me convenceu. Porque esta, a quem acaba de receber, é a minha mãe, que está de volta ao corpo. Eu tenho que amar a quem vai ajudá-la na sua tarefa de redenção. Ensine-me, agora, o que fazer, para aprender a amar Jesus, na visão correta, e, se Deus me der vida, poder retornar e vir ainda receber o afago das suas mãos nessa sua casa. . .

Encerrava-se, assim, o capítulo do "mascara-de-ferro", de uma forma sublime, demonstrando a excelência do amor e o poder da caridade.

Ele continua aparecendo-me, hoje, menos hostil, quase afável; já participa das nossas reuniões doutrinárias e mediúnicas, e, de vez em quando, traz outros correligionários, outros companheiros que têm o mesmo problema, para receberem a ajuda em nossa casa.

"Ser médium não é uma viagem ao país da fantasia", menciona Divaldo.

Ser médium é uma incursão ao país da realidade, diremos nós, pois o médium, participando da vida em sua real dimensão, defrontar-se-á com a verdade de sua própria vida.

A mediunidade enseja ao ser humano condições de levantar, gradativamente, o véu do passado, e isto será tanto mais consciente e preciso quanto mais aprimorada for a faculdade.

Divaldo Franco, acostumou-se, de cedo, a conviver com os habitantes do Mundo Espiritual, tanto quanto relaciona-se com os do plano físico. Supor que, neste relacionamento, somente encontrasse amigos e pessoas bondosas, seria desconhecer a situação do homem no mundo.

Vivemos na Terra de nossas penitências. Este é bem o chão dos penitentes e não há como fugir a essa realidade viva e palpável de nossos reencontros com aqueles que são os partícipes de nossa jornada terrena.

A aptidão mediúnica é, por excelência, a via direta para esses reencontros. Através da mediunidade abre-se a porta da vida verdadeira e o médium passa a detectar os seus compromissos próximos e remotos.

Quantas e quão belas lições extraímos desse extraordinário relato, que é parte da vida de Divaldo.

As altas e graves responsabilidades, os problemas, as lutas ingentes, os sacrifícios e renúncias, o assédio contrário — tudo isso já sabíamos existir a acompanhar-lhe os passos. Entretanto, o conhecimento dessa perseguição sem tréguas, por decênios, realizada de maneira fria, calculada, com requintes de planejamento e com tal desfecho, é uma surpreendente revelação, que ninguém poderia, por certo, imaginar.

Ao longo de mais de trinta anos esse sacerdote esteve ao lado de Divaldo, de modo ostensivo ou oculto nas sombras, deixando sempre sinais indicativos de sua proximidade. Sua influência em muitos acontecimentos foi marcante e inequívoca.

A esta altura, várias indagações afloram à mente do leitor.

E Joanna de Angelis? Tanto quanto se sabe, ela é uma presença amiga, mãe e Mentora, a nortear os passos do médium baiano nas tarefas doutrinárias. Não instrui, não protege, não defende o seu médium desse adversário soez?

Não, não o faz diretamente. Deixa-o defrontá-lo porque sabe o quanto é essencial que ambos resolvam e acertem as

pendências do passado. Evidentemente, permanece zelando durante todo o tempo, minimizando os conflitos, amparando e dando forças ao médium, para que não lhe arrefeçam o entusiasmo e as energias. Todavia, não pode e não deve interferir. Ela bem conhece todo esse ingente processo de conquista, que se faz, a partir do reencontro de corações, do exercício sublime do amor e do perdão. Ela está cônica de que Divaldo, dentro de sua atual programação, precisa vivenciar todas essas experiências libertadoras. Ela sabe que, *agora*, ele tem possibilidades decisivas de vencer. Por isso permanece no seu posto de sabedoria e amor deixando que ambos vivenciem todas as etapas desse notável esquema de redenção.

Muitos confundem as tarefas e missões dos Guias Espirituais, dos Espíritos protetores, julgando que lhes cabe o papel de arrear da estrada humana todas as pedras e obstáculos, favorecendo e facilitando a caminhada, que deveria ser assim um passeio feliz no campo da fantasia e da ilusão.

Mesmo no meio espírita, quantos julgam ser da competência de seus Guias e Mentores o afastamento de lágrimas e sofrimentos e de quaisquer testemunhos provacionais. Quando a coisa não vai bem, quando a vida se torna difícil, quando há empecos e os problemas aumentam, o entusiasmo e a fé, não raro, esmorecem, pois costuma-se pensar que aquele que se dedica ao bem, que persevera nas atividades, que frequenta o Centro Espírita assiduamente, que é médium e exercita a sua faculdade nas reuniões apropriadas, está livre de doenças e dores, está vacinado e imune aos assédios negativos.

A experiência, porém, vem provar através dos tempos e dos próprios ensinamentos de Jesus, que aquele que inicia a escalada torna-se alvo preferido dos que ainda se demoram nos vales.

* * #

Outra questão que surge: será então uma obsessão? Estaria Divaldo sofrendo um processo obsessivo por tão

largo tempo? E nesse caso, como pôde executar a sua tarefa?

Allan Kardec define, em *O Livro dos Médiuns*, capítulo 23, item 237, o que é a obsessão: "(•••) é o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar".

Realmente, o sacerdote desencarnado deseja, durante todo o período de sua convivência ao lado do médium, instalar neste o processo obsessivo. Deseja o domínio total: submetê-lo à sua vontade, afastá-lo da Doutrina Espírita, arruinar os novos ideais que o alimentam, trazê-lo de volta ao seio da Igreja a que ambos serviram juntos, no passado, e, para conseguir o seu intento não hesita nem mesmo em tentar trazê-lo para o seu lado provocando-lhe o suicídio. A cada tentativa de implantar em definitivo a sua onda mental no cérebro de seu desafeto a fim de teleguiá-lo, a cada investida dramática e dolorosa para derrubá-lo, este escapa-lhe das mãos, fortalecido por um labor incansável no bem, sustentado pelas luzes que o Espiritismo propicia, aquecido e alimentado por uma fé vibrante e segura — que ele próprio, um dia, em memorável comunicação, denominou de *archote da fé*.

Seu projeto, muito bem urdido, era bem este: o da obsessão por subjugação.

Quando muito jovem, quase criança ainda, Divaldo o teme pela sua terrível aparência e porque lhe sente uma estranha ascendência, inexplicável, até então. Há um estranho fascínio na figura hedionda, assustadora — como a evocar as ligações do pretérito, os dias longínquos vividos entre as naves de altares e escuros corredores dos mosteiros, iluminados por tochas bruxuleantes. Duas reencarnações de Divaldo o separam dessa época, não o suficiente, contudo, para desvencilhá-lo desses liames e compromissos.

A obsessão no seu aspecto mais grave era, portanto, parte do plano desse temível adversário, cuja brilhante inteligência e vasta bagagem cultural facilitavam a execução.

Essa perseguição constante e prolongada apresenta uma perspectiva nova e interessante no estudo das relações entre os encarnados e os desencarnados.

Pelas suas características peculiares não pode, a rigor, ser classificada como obsessão, embora em alguns lances o algoz quase realize o seu intento. Há obsessão, mas não existe obsidiado, dentro dos parâmetros comuns ao processo obsessivo, que pressupõe a sintonia mental plenamente identificada.

Nos primeiros tempos, como no caso do quase suicídio no mar, inexperiente e pouco conhecedor da Doutrina e da mediunidade, Divaldo teve momentos de cessão, de passividade ante o comando mental que o constringia.

A Mentora permite, a fim de fortalecê-lo, qual ocorre com os metais preciosos, que se embelezam, após a moldagem sob altas temperaturas em que são fundidos.

Posteriormente, já amadurecido e tarimbado na vivência mediúnica, não mais se deixa influenciar, o que vai acirrar o ânimo do perseguidor que realiza investidas e agressões cada vez mais dolorosas, objetivando atingi-lo através de terceiros.

O QUASE SUICÍDIO

O trecho inicial da narrativa sobre o "máscara-de-ferro" é também o mais chocante e pungente.

Jovem, inexperiente, desconhecendo a complexidade dos processos obsessórios, carregando no imo da alma o traumático suicídio de sua irmã Nair, o médium é quase levado também ao auto-extermínio.

O fato inicia-se com algumas visões, durante a noite, provocadas pelo adversário espiritual, que se utiliza da hipnose, tentando assumir o comando da mente de Divaldo.

É um momento dramático este. Pode-se imaginá-lo, frágil e quase indefeso, vulnerável, de certa forma, pelas "matrizes" do passado, deixando-se, por momentos, dominar mentalmente e obedecendo ao comando que o oprime.

Assim, levanta-se do leito, salta a janela e caminha para o mar. Nos ouvidos, no cérebro, repercute a voz persuasiva indicando a morte como o melhor caminho e solução para todos os problemas. É madrugada. A praia está absolutamente deserta e ninguém poderia salvá-lo. Molha os pés nas primeiras ondas a se quebrarem ao seu encontro, porém continua andando, mar a dentro, atendendo à voz hipnótica. Está escuro ainda e a água fria a envolvê-lo não o desperta. Avança um pouco mais, quando, providencialmente, as ondas molham o seu rosto, provocando-lhe um choque que o desperta afinal. Retoma o comando mental e, guiado pelo instinto de sobrevivência, entra em desespero. Está no mar, em plena noite escura e não sabe nadar. A agonia da situação é terrível e não entende, de pronto, como veio parar ali. Mas, a Misericórdia Divina vela e protege. Nilson, o amigo, o irmão, o pai, o anjo bom, está por perto. Vigia e ora, na certeza de que a Espiritualidade Maior não desampara. Chegado o instante preciso atira-se às águas e resgata a quase vítima.

Já, na praia, Divaldo o vê. Dominador, frio, obstinado em seus propósitos, por pouco não consegue consumir o trágico plano. Ameaçando-o de morte, avisa-lhe que o seu compromisso com a Igreja perdura. Que deve abandonar o Espiritismo e ingressar de novo nas hostes religiosas a que juntos pertenceram.

O episódio marca profundamente a vida do médium, alertando-o para a necessidade vital de uma vigilância incessante, a fim de não cair novamente nas mãos de seu perseguidor.

* * #

Em *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec informa que o obsessor pode levar a sua vítima ao suicídio, o que não a isentará de responsabilidade, embora com atenuantes. Quanto aos que conduzem alguém ao auto-extermínio, esses responderão como por um assassinio, é o que ensina *O Livro dos Espíritos*.

A técnica mais usada nesses casos é a hipnose, porque confere ao perseguidor a dominação completa sobre aquele que está sendo visado.

Manuel Philomeno de Miranda diria, mais tarde, pela psicografia de Divaldo:

"As ondas mentais exteriorizadas pelo cérebro mantêm firme intercâmbio em todos os quadrantes da Terra e fora dela. Pensamentos atuam sobre homens e mulheres desprevenidos, e a sugestão campeia vitoriosa aliciando forças positivas ou negativas com as quais sintonizam, em lacerantes conúbios dos quais nascem prisões e surgem alvarás de liberdade, por onde transitam opiniões, aspirações, anseios...

"Merece relembrado o conceito do Nazareno: 'Onde estiver o tesouro aí o homem terá o coração', o que equivale dizer que cada ser respira o clima da província em que situa os valores que lhe servem de retentiva na retaguarda ou que se constituem asas de libertação para o futuro.

"Pensamento e vontade — eis as duas alavancas de propulsão ao infinito e, ao mesmo tempo, os dois elos de escravidão nos redutos infelizes e pestilenciais do "inferno" das paixões. (...)

"Em todo processo hipnológico, pois, convém examinar a questão da sintonia e da sugestão, com razões poderosas, senão imprescindíveis para a consecução dos objetivos: a fixação da idéia invasora. (...)

"A sugestão é, portanto, a inspiração incidente, constante, que atua sobre a mente, provocando a aceitação e a automática obediência. (...)

"No fenômeno hipnológico há outro fator de grande valia que é a perseverança, a constância da idéia que se sugere naquele que a recebe. Lentamente a princípio tem início a penetração da vontade que, se continuada, termina por dominar a que se lhe submete. (...)

"Se o paciente é experimentado nas disciplinas morais, embora os compromissos negativos de que padece, consegua, pela conquista de outros méritos, senão contrabalan-

çar as antigas dívidas pelo menos granjear recursos para resgatá-las por outros processos que não os da obsessão.

"As Leis Divinas são de justiça, indubitavelmente; no entanto, são também de amor e misericórdia. O Senhor não deseja a punição do infrator, antes quer o seu reajuste à ordem, ao dever, para a sua própria felicidade." (*Nos Bastidores da Obsessão*, capítulo 4)

* * *

O inteligente e revoltado sacerdote tenta, portanto, através da hipnose levar o médium ao suicídio. Quase o consegue, mas, para o bem de Divaldo e dele próprio, a Espiritualidade Maior intervém, na pessoa sensível e dedicada de Nilson, que através dos anos permanece no seu posto, pleno de fé e amor, o que proporciona ao companheiro querido a retaguarda necessária, a segurança essencial para o labor nas estradas do mundo.

A AGRESSÃO NA RUA DA MISERICÓRDIA

Algum tempo depois nova e desagradável surpresa aguarda Divaldo.

Caminha ele, despreocupado, pela rua da Misericórdia, após o dia de trabalho no IPASE, em direção ao colégio onde se prepara para o Artigo 91. Repentinamente sente-se puxado pelas costas. Volta-se, possivelmente supondo ser um amigo, um conhecido qualquer, e recebe um soco no rosto, com tal violência que é atirado sobre a vitrine de uma joalheria, que se quebra ante o impacto. Aturdido, confuso, sem entender a ocorrência, vê um desconhecido — o autor da agressão — que lhe pede perdão pelo terrível engano.

Há um momento de confusão entre os que trabalham na loja, os transeuntes que assistem a cena, a vítima e seu agressor. Espantosa e estranha cena que se desenrola como num filme. Rapidamente todos se movimentam após os primeiros instantes de surpresa. Divaldo levanta-se ajudado

por algumas pessoas. Além do rosto contundido pelo muro, traz também alguns cortes. E, dentre os rostos que o fitam espantados com o ineditismo do caso, o vê novamente.

Ele ali está. Arma o braço do desconhecido que passa, usando-o como instrumento para agredir, humilhar e até matar, se possível for. O homem vem a calhar para os propósitos maléficos do perseguidor. Acalenta idéias de vingança contra um possível rival que lhe assedia a mulher. Foi bem fácil fazê-lo supor que este homem, visto pelas costas, é Divaldo.

Constrangido, desfeito pelo brutal ataque, a vítima de todo o enredo ouve em silêncio as ameaças da Entidade. Caminha, então, pelas ruas próximas, tentando alcançar o lar, o que consegue com grande esforço.

Na solidão do quarto, contudo, encontra novamente a presença daquele que o atormenta e, conforme narra mais adiante, ao vê-lo apavora-se com seu aspecto. Seu rosto recorda-lhe o "máscara-de-ferro", personagem de filme, e enfraquecido pelo difícil testemunho, esgotado e temeroso, cai-lhe aos pés, de joelhos. Essa postura, a par de ser um atavismo, representa, principalmente, naquela hora, um gesto de humildade de quem pede perdão. E Divaldo o faz, suplicante. Indiferente, impermeável a qualquer pedido de clemência, o sacerdote irá intensificar as perseguições durante os anos porvindouros.

* * *

A aparência dos Espíritos é um assunto muito interessante, sendo abordado por Allan Kardec em suas obras.

Extremamente plástico, o envoltório fluídico "tem a forma que o Espírito queira", dizem os Instrutores Espirituais, na questão 95, de *O Livro dos Espíritos*.

Em *O Livro dos Médiuns*, capítulo VI, intitulado "Das Manifestações Visuais", o tema é bastante detalhado pelo Codificador. Conforme exarado, o perispírito é "o princípio de todas as manifestações".

Como se sabe, Divaldo vê os Espíritos e, especialmente nessa narrativa é freqüentemente "visitado" pelo seu adversário que se faz visível.

Em *O Livro dos Médiuns*, lê-se:

"Como pode o Espírito fazer-se visível?"

"O princípio é o mesmo de todas as manifestações, reside nas propriedades do peripírito, que pode sofrer diversas modificações, ao sabor do Espírito."

"De que depende, para o homem, a faculdade de ver os Espíritos, em estado de vigília?"

"Depende da organização física. Reside na maior ou menor facilidade que tem o fluido do vidente para se combinar com o do Espírito. Assim não basta que o Espírito queira mostrar-se, é preciso também que encontre a necessária aptidão na pessoa a quem deseja fazer-se visível." (Capítulo VI, item 100 — 21 a 26)

Nas aparições, portanto, o Espírito toma a forma que deseja. Freqüentemente surge com o aspecto de sua última encarnação, apresentando características pessoais que o identifiquem.

Sobre este ponto, esclarece Kardec:

"Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo. Assim, embora como Espírito nenhum defeito corpóreo tenha, ele se mostrará estropiado, coxo, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário à prova de sua identidade. (...)

"Frequentemente, mostram atributos característicos da elevação que alcançaram, como uma auréola, ou asas, os que possam ser tidos por anjos, ao passo que outros trazem sinais indicativos de suas ocupações terrenas. Assim, um guerreiro aparecerá com a sua armadura, um sábio com livros, um assassino com um punhal, etc."

O Codificador elucida, ainda, que os Espíritos zombeteiros podem aparecer com chifres e garras se assim o quiserem.

A aparência assumida pelo sacerdote, no caso em foco, é semelhante à do personagem de um filme, "o máscara-de-ferro". É evidente que esta foi a melhor maneira encontrada por ele para amedrontar o médium.

A COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA ATRAVÉS DE CHICO XAVIER

Notável, sob todos os aspectos, a comunicação mediúnica desse sacerdote, em Uberaba, através do nosso querido Chico Xavier.

Em 13 de janeiro de 1960, Divaldo tem o ensejo de conversar com o seu adversário por intermédio da mediunidade do Chico.

Por que conversar através de um médium, se já havia um permanente contato entre ambos? É a pergunta que surge, espontânea.

É evidente que a comunicação mediúnica, neste caso, representa uma comprovação admirável de todo o sofrido relacionamento existente há vários anos.

Divaldo o vê falando através do médium mineiro e pela primeira vez toma conhecimento de todos os detalhes, motivos e intenções dessa perseguição sem tréguas.

Um impressionante desfile de fatos passados, de lembranças e de sofismas acontece então. Citações são feitas com precisão de datas e locais, rememorando ocorrências difíceis, das quais ele se diz o agente provocador.

É possível imaginarmos a emoção e a surpresa com que Divaldo acompanha tais afirmativas. Por outro lado, não se pode deixar de reconhecer a beleza do fenômeno mediúnico que se desenrola ante seus olhos com a força da autenticidade e das vibrações e liames que os unem. Ele não apenas ouve, mas igualmente o vê e lhe sente as vibrações. É o seu perseguidor implacável que, de uma vez por todas, põe "as cartas na mesa".

Usando um belo sofisma, afirma:

"O Espiritismo está barateando a mediunidade, o carisma, a graça, o dom, deixando que este seja colocado no ridículo de um populacho incapaz de o compreender."

Faz alusão, nas entrelinhas, de que a Igreja tem conhecimento da mediunidade e que esta deveria permanecer nos círculos restritos de iniciados, tal como é feito dentro de seus próprios muros. Que a sua propagação, ou melhor, a sua popularização a tem rebaixado.

"Como você consideraria — prossegue ele — se eu, um sacerdote da respeitável religião fosse a um picadeiro de circo para distribuir a *sagrada eucaristia*, entre palhaços, feras e o povo que foi ali para divertir-se? A *eucaristia*, para nós, é o momento culminante da união com Deus. Como os senhores, os espíritas, podem atrever-se a apresentar esta *eucaristia* no circo das misérias humanas?"

A Entidade coloca a mediunidade em plano muito elevado, considerando-a um dom, um carisma, comparável à eucaristia. O intercâmbio mediúnico seria o instante sagrado da eucaristia, e, obviamente, apenas exercida pelos eleitos. Demonstrando o seu pouco apreço ao povo, aos menos cultos, considera que o conhecimento da mediunidade e o seu exercício não deveriam ser de domínio público.

Um sofisma que realmente impressiona e poderia confundir os menos experientes, os que estão hesitantes, dando reforço substancial aos que combatem a Doutrina.

A uma observação de Divaldo, alega que Chico Xavier — o *manequim* de quem se utiliza no momento — tem feito jus a ser veículo dos Espíritos. Descarta-o assim, momentaneamente, da acusação de vulgarizar o dom mediúnico, porém, apenas como medida de efeito, visto que conhece o seu trabalho.

Prossegue, dizendo:

"Quando o Espiritismo apareceu, a Igreja Romana podia ser comparada a um holofote que projetava imensa claridade no céu e o Espiritismo era uma talisca de fósforo acesa que se abria na treva, incapaz de competir com o po-

der e a opulência da Igreja. Que vemos agora? Observamos que o Espiritismo se transforma numa constelação de astros a iluminar os céus, e a Igreja vai apagando a sua claridade."

Neste ponto, o sacerdote se revela. Deixa entrever o seu amargor contra a Doutrina Espírita. Já não mais envolve apenas o ex-companheiro no seu desejo de vingança. Admite que um dos motivos da perseguição é também o seu ódio contra o Espiritismo. Em seu íntimo mesclam-se a revolta por ter perdido um companheiro e o rancor contra a Doutrina Espírita que o arrebatou de seu convívio. Além disso, reconhece agora, essa nova idéia se alastra e ameaça a hegemonia da Igreja. É, pois, uma provocação insuportável e por isto aduz, quando Divaldo, timidamente, o contesta:

"Mas você é um dos responsáveis, porque anda com o archote da fé, de um lado para o outro, buscando iluminar consciências, incendiando tudo à sua passagem."

Toda a sua mágoa se extravasa nessas palavras. É inadmissível que o companheiro de antes esteja agora com o archote da fé, dessa nova e intrusa fé a iluminar consciências, conforme diz.

Pela primeira vez o antigo sacerdote se deixa ver na intimidade dos sentimentos desencontrados que o avassalam. Revolta, despeito, mágoa, ódio, ressumam de suas afirmativas, embora o requinte dos sofismas pretenda ocultar a sua verdadeira face.

Divaldo representa hoje tudo o que o fere, todas as emoções contraditórias com as quais não sabe lidar e perante as quais é algoz e vítima. Naquilo que ele vive, na atual existência, estampa-se um permanente convite para que também faça o mesmo. Para que se resolva a mudar em definitivo.

Não suporta a idéia de que ele, cheio de coragem e de tenacidade, arrostando incontáveis dificuldades, saia pelo mundo levando nas mãos o archote da fé e, agora sim, a legítima mensagem do Cristo que a Igreja, teimosamente, obsta que chegue aos homens. Não admite a hipótese de que



O Governador do Estado da Bahia,
Grão-Mestre da Ordem do Mérito da Bahia,

Confere ao Senhor *Dirvaldo Pereira*
Francis

o grau de *Cavaleiro* da mesma

Ordem, por Decreto de 1.º de *Julho* de 1977

Cidade do Salvador, em 2 de *Julho* de 1977

Alfredo
O Grão-Mestre

[Signature]
O Chanceler



Supremo Conselho do Brasil

(Com Fim de Amizade e Alçada Magnifica com o G. O. B. J.)

2ª Convenção Nacional do Rio de Janeiro

Diploma

O Supremo Conselho do Brasil tem o Rito Brasileiro
entregue a **Francisco Franco** no qualidade
o Rito de **Stoma ao Norte** no qualidade
de **Expediente da Fraternidade** e todos os elementos
sempre prestados e substituídos a **Alma e a Comunidade**
P. de **Salvador, Bahia** 04/11/77 P. G.

1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900
1901
1902
1903
1904
1905
1906
1907
1908
1909
1910
1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025

Mestre Luiz Gomes

1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900
1901
1902
1903
1904
1905
1906
1907
1908
1909
1910
1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025

Francisco Franco

Centro de Investigaciones Metapsíquicas y Afines

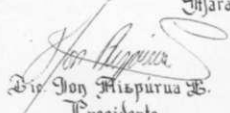
Movimiento Espiritista C.I.M.A.

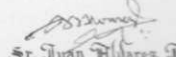
Acuerda designar a:

Divaldo Pereira Franco

Como Socio Honorario de esta Institución en
reconocimiento a su dilatada trayectoria al servicio
de la Doctrina Espiritista

Maracay, 20 de Marzo de 1985


Don Rispurua B.
Presidente


Sr. Juan Aldares B.
Vice-Presidente

1^{er} SEMESTRE SUPLENTE BRISTIANO

A querido hermano

Prof. DIVALDO HERZOG FRANCO

En agradecimiento por las enseñanzas recibidas

Setiembre de 1986

Montevideo Uruguay

EL INSTITUTO DE ENSEÑANZA ESPÍRITA
DE LA CONFEDERACION ESPÍRITISTA ARGENTINA

AL PROFESOR

Dr. Juan B....

NOVIEMBRE DE 1957

Professor Divaldo:

Os poderes Executivo e Legislativo
registram a sua honrosa presença em
Santa Cruz do Sul, externando-lhe as
boas vindas e os votos de uma feliz
convivência em nossa cidade.

Santa Cruz do Sul, 08 setembro de 1988

Amoroso Wink
Prefeito

Sr. Paulo Goettert
Presidente da Câmara





ele próprio esteja em fracasso, tal como a religião que professa e pretende defender, ainda hoje, e novamente, por meios escusos e basicamente anticristãos.

Na parte final da comunicação faz uma advertência muito séria quanto aos meios que adotaria daí por diante. É um ultimato.

Confessa, sem subterfúgios e cinicamente, que se utilizará da bondade, da oferta de recursos e valores, acenando com os triunfos mundanos. Insinua que Divaldo poderia conquistar as glórias do mundo e para isso ele estaria por perto para proporcioná-las, sabendo, de antemão, que este é um dos testes mais difíceis de ser vencido. Incontáveis médiuns têm sucumbido ante os acenos do prestígio, da fortuna ou de qualquer forma de poder.

Acrescenta, em seguida, novas ameaças capazes de balançar até os mais experientes.

"Aonde quer que vá, a humilhação, o desrespeito e o sofrimento o estarão esperando."

E faz, segundo Divaldo, um prognóstico sombrio, que se concretizou em grande parte:

"Ou aceita o meu ultimato ou aonde for pregar a sua malsinada Doutrina, defrontará com a minha presença e, desmoralizado pelos seus correligionários e confrades não terá coragem de abrir a boca para coisa nenhuma. O momento é hoje e se não se voltar para o nosso compromisso, prepare-se para testemunhar se é verdadeira a sua integração nesse trabalho ou não."

Terríveis palavras estas. Carreadas pelo ódio varreram como um tufão os dias de Divaldo Franco.

Sementes de rancor, de torpezas, de injúrias foram sendo lançadas a partir daquele momento. Caídas em terra fértil, em leiras descuidadas, em quintais abandonados, em terrenos baldios, rapidamente medraram.

Corações humanos! Sentimentos frágeis, vacilantes, que apenas começam a existir, a ser, no seu sentido legítimo! Não suportam os ventos que pressagiam tempestades e es-

tiolam-se sob a inclemência do sol causticante. A maior parte tem a duração de uma flor e fenece ante os rigores do tempo.

Divaldo irá verificar, dentro em breve, que a predição do Espírito se torna realidade dolorosíssima.

Corações, antes, amigos, afáveis, amorosos fecham-se e se distanciam, quando não se tornam agressivos. Afetos, amizades que se construíram em dias de sol radioso desmoronam ao primeiro sinal de intempérie.

São nossos, todos esses sentimentos. Fazem parte de nosso ser ainda imaturo e infantil.

É por essa época que Joanna de Angelis, a amorável Benfeitora, escreve algumas de suas mais belas páginas, possivelmente endereçadas ao filho espiritual. "Solidão e Jesus"; "Fidelidade à Fé"; "Sinal de Cristo"; "Em honra do ideal"; "...E Viverás"; "Chorando para servir", são algumas destas mensagens e que estão enfeixadas no livro *Messe de Amor*, editado no ano de 1964.

Este impressionante relato de Divaldo nos leva a profundas reflexões.

Aí estão, numa reunião mediúnica, dois médiuns: Chico e Divaldo. Dois corações que se amam e se reencontram no labor doutrinário. Entre eles uma Entidade clerical, ainda não tocada pela palavra do Cristo. É um Espírito comunicante apenas, mas representa séculos de poderio e legiões de seguidores. Tem, portanto, em sua retaguarda, o apoio da Instituição que defende e pela qual fala.

Uma cisão no Movimento Espírita é o projeto ideal que ressalta de qualquer análise por mais superficial que seja.

A decisão está tomada.

*

Divaldo terá de provar se é verdadeira a sua integração na fé e no trabalho que realiza.

O "circo" para onde leva a "eucaristia" ser-lhe-á a arena do sacrifício, que se consuma por longos anos. . .

A PROVA FINAL

Trinta anos transcorreram desse convívio diário até o surpreendente desfecho.

Um dos pontos básicos para que se consiga demover o Espírito perseguidor de seus propósitos é a sua vítima mostrar-se renovada e convencê-lo de suas atuais intenções.

O persistente e tenaz sacerdote necessitou não somente de três decênios para convencer-se da legitimidade da fé e do trabalho de Divaldo, mas também, de uma prova ímpar, da qual participa com toda a carga emocional que já lhe escapa ao controle.

Observa-se nesse episódio do "máscara-de-ferro" que a sua doutrinação não foi realizada em uma ou em várias reuniões mediúnicas, e sim, ao longo de três décadas de acompanhamento cotidiano.

Essa riquíssima experiência do médium baiano é a mais autêntica comprovação de tudo o que o Espiritismo prega a respeito das perseguições espirituais e da imprescindível transformação interior, profunda e permanente — porque, de fato, não cessa nunca essa transformação. O próprio processo de crescimento do ser, em sua dimensão espiritual representa uma seqüência constante de renovações.

Durante todo este longo período o nosso obstinado irmão teve incontáveis ensejos de avaliar o comportamento do médium e a legitimidade de seus propósitos.

As atividades doutrinárias jamais sofreram solução de continuidade. Não se verificou nenhuma ocorrência que atestasse má-fé, hipocrisia, comportamento dúbio, falsidades, ou até mesmo a deserção, o desânimo ou a covardia moral.

Nesse longo tempo Divaldo funda o Centro Espírita "Caminho da Redenção", dedica-se ao labor mediúnico, lança-se à oratória e sai pelo mundo afora a pregar a Doutrina dos Espíritos — portando o *archote da fé* para iluminar consciências — idealiza e concretiza a "Mansão do Caminho", psicografa livros, tudo isto sob a *supervisão* do "máscara-de-ferro" que ainda não se dá por convencido.

Mas, os mecanismos da Justiça Divina resolveriam o caso de forma definitiva. Assim, encaminham para a Mansão uma criança na mais absoluta indigência.

Ao vê-la, Divaldo se questiona sobre a possibilidade de acolhê-la, face às dificuldades em que viviam. Neste momento decisivo reflexiona profundamente, e fiel ao seu compromisso de vivência evangélica encontra a solução ideal no exemplo de Jesus. Recebe então a criança como mais um de seus filhos sem saber ainda a sua procedência espiritual.

Mais tarde, nesse mesmo dia, ei-lo que retorna à sua presença. Vem como outrora, mas chega visceralmente transformado. É possível que embora não aparecesse para o médium, há algum tempo, o estivesse acompanhando oculta-mente para certificar-se, ainda e sempre mais, se este realmente vive tudo o que prega.

Nenhum compêndio do mundo tem em suas páginas tal poder de persuasão do que o gesto de Divaldo. Nenhuma palavra, conselho, doutrinação alcançariam o resultado que a atitude daquele instante consegue.

Para nós, para todos os que lerem estas páginas sobram motivos para um reflexionamento em torno desse belíssimo episódio.

Divaldo resgata a nossa fé no ser humano. E evidencia que a mensagem de Jesus permanece viva, pulsante, redimindo os homens e preparando o amanhã feliz que para todos nós começa agora.

MEDIUNIDADE E ORATÓRIA

Durante a viagem pelos Estados Unidos e Canadá, fui a primeira vez a Montreal, que fica no Estado de Quebec, a convite da Spiritual Science Fellowship, que é dirigida pela professora e médica psiquiatra, PhD, Marilyn Rossner. Ela é a fundadora-presidente.

Depois de recebidos no aeroporto, Dr. João Zério e nós, ele brasileiro que reside nos Estados Unidos há muitos anos, hoje na cidade de Phoenix, no Arizona, professor universitário, tendo feito doutorado em Nova York e que seria o nosso tradutor — fomos para o hotel e demos início ao nosso programa.

No primeiro dia, que foi o onze de agosto de 86, preferimos uma conferência pública numa igreja de beleza ímpar, gótica, que havia sido alugada especialmente para aquela finalidade.

No dia seguinte, realizamos a segunda conferência, na sociedade dirigida pela Dra. Marilyn, que tem o nome de "Marilyn's Center".

Ali, o número de afluentes foi tão grande que as acomodações não permitiram alojar todos os interessados. Foi necessário fechar a porta e dizer, à fila que se aglomerava do lado de fora, que, lamentavelmente, por falta de espaço e por questão de segurança, não se poderia admitir mais

nenhuma pessoa. As escadarias ficaram repletas, as salas e o corredor.

Fizemos um estudo, estilo seminário, sintetizado, do fenômeno mediúnico, porque o nosso objetivo era apresentar Allan Kardec e o conceito espírita a essas Instituições que são mediunistas, acreditam na reencarnação, mas estão profundamente vinculadas ao orientalismo e às doutrinas esotéricas, xintoístas, taoístas e outras...

A nossa intenção, nessa segunda oportunidade, após havermos examinado, no dia anterior, a questão do surgimento do Espiritismo, era a de apresentar a conceituação kardequiana a respeito da dignidade mediúnica e dos recursos terapêuticos que se encontram à nossa disposição. O tema que me foi sugerido era "Psiquiatria, loucura e obsessão", no qual a Dra. Marilyn é versada, pela razão de ser uma psiquiatra PhD.

Realizamos a conferência, com a tradução de João Zério e, ao terminarmos, para fazermos uma demonstração da terapia bio-energética, pedimos um voluntário. Levantou-se um senhor, que estava na escadaria de acesso ao segundo piso, veio até nós, sentou-se e eu comecei a aplicar-lhe passes, conforme é usual esta prática, aqui no Brasil.

Quando estava terminando, Joanna de Angelis me disse que eu tinha diante de mim uma personalidade que realizava um trabalho expressivo e que vinha do passado trabalhando com dignidade e verdadeira elevação.

Ao concluir, agradei-lhe a generosidade e disse-lhe que os Espíritos me haviam dito ter sido ele, na sua anterior existência, um sacerdote belga, que havia vivido nas Ilhas Sandwich, no Hawai. Ele teve um impacto inicial. Logo depois, Joanna me informava que ele se chamara Damião de Veuster, aliás, já referido no nosso livro mediúnico Sublime Expição. Joanna, então, começou a dar detalhes da carta que ele havia dirigido ao Papa e uma série de fatos probantes de sua existência passada. O cavalheiro ficou muito emocionado. Em seguida levantou-se, e, de público, convidou a

Dra. Marilyn, e ambos narraram, a duas vezes, que, anos atrás, ele havia recebido esta revelação por outra fonte. E como era um homem cético resolveu fazer pesquisas a respeito.

Viajou a Molokai, aonde foi sentir a legitimidade daquela informação. Os dados que havia coligido eram tão extraordinários que ele se identificou plenamente com essa realidade, o que o levou a escrever uma minuciosa biografia de Damião de Veuster, o célebre padre Damião, o leproso; e esta biografia estava semiconcluída. Agora, ele vinha ter, de uma pessoa absolutamente estranha — porque ele viera de outra cidade, exclusivamente para estar conosco — o fundamento que lhe dava a prova, sem margem de dúvidas, de que aquela informação era realidade. E mais do que isto: nas informações que eu lhe passara, havia dados que ele não conseguira coligir e que iria agora pesquisar quanto à veracidade dessas novas revelações.

Ao lado disso, ele começou a perceber que, naqueles dados, ele se identificava, mais uma vez, com a emoção que havia vivido quando visitou as Ilhas Sandwich. Tão sensibilizado ficou, que nos pediu uma declaração por escrito, para colocar no livro, como respaldo à pesquisa que estava fazendo. O nome dele é Demitri Trifiatis. Este homem é filósofo, escritor, poeta, orientalista, participa dos trabalhos do Marilyn's Center, realizando uma tarefa verdadeiramente fascinante.

Isto é muito confortador, porque, por uma dessas "coincidências", ontem, dia 8 de setembro de 1986, recebi uma carta dele.

Estávamos na "Mansão do Caminho", no dia atrás mencionado e, no dia seguinte, 9 de setembro, quando gravamos este depoimento, Divaldo nos mostra a carta de Demitri Trifiatis. Está escrita em inglês, mas o próprio autor teve a gentileza de enviar também a tradução, que transcrevemos a seguir.

Montreal (Canadá), 22 de agosto de 1986

Sr. Divaldo Pereira Franco
Rua Barão de Cotegipe, 124
Salvador — BA
Brasil

Querido amigo Divaldo

Já lá se vão duas semanas que tive o privilégio de o encontrar em Montreal, no **Marylin's Center**, onde tive a graça de conversar consigo.

O nosso encontro foi para mim experiência luminosa, que eu considero o mais precioso encontro de minha vida espiritual.

O seu conhecimento, a sua humanidade, a sua espiritualidade, a sua evolução constituem um bem insuperável do mais profundo amor e da mais rica compreensão de um ser compassivo e generoso.

Todos aqueles que são tocados pelos dons que você possui são transformados para sempre.

Fiquei sensibilizado pelo fato maravilhoso de saber que você se ocupa de tantos órfãos. Deus o abençoe. Eu sei bem o que significa crescer sem a presença dos pais. Eu mesmo perdi os meus pais na minha tenra idade. Por esta razão desejo agradecer, do mais fundo do meu coração, o seu trabalho e o seu êxito monumental.

Eu peço a Deus que o guarde com boa saúde e ativo, pois este mundo precisa de pessoas privilegiadas, dinâmicas, especiais como você.

Com muito amor em Jesus, sou, seu irmão e admirador,

Demitri Trifiatis

(Damien)

P.S. Tenho fé de receber notícias suas, um dia.

Isto é muito interessante, porque confirma a mediunidade naquele sentido de "universalidade do ensino", a que se reporta com tanta propriedade o Codificador.

Foi um fato comovente, as pessoas emocionaram-se até as lágrimas, demonstrando, este fato tão singular, o que havíamos falado sobre mediunidade, identificação dos Espíritos, obsessões, e ali estava a ocorrência mediúnica que não deixava margem a qualquer dúvida.

Este fato vem confirmar o que ocorreu, no ano passado, em St. Petersburg, na Flórida (USA).

Realizávamos uma conferência para aí divulgar o Espiritismo. Ao terminarmos, pedimos um voluntário para manter um contato e aplicarmos a terapia bio-energética.

Veio um cavalheiro e sentou-se. Fizemos a aplicação do passe, explicamo-lo ao auditório selecionado, porquanto compunha-se de espiritualistas, de mentalistas e de curadores.

Ao terminarmos, tivemos oportunidade de ver alguns Espíritos que se identificaram e o dissemos ao senhor.

Mas, não sabíamos que este homem era portador de um carcinoma. Para nossa surpresa, ao retornarmos este ano a St. Petersburg, o organizador do "Seminário", (que agora foi de três dias) senhor Reinaldo E. Torres, nos informava que aquele homem havia ficado radicalmente curado, começando a experimentar os resultados positivos logo naquela noite do passe, sendo que ele não dormia fazia mais de três meses. E os médicos que o acompanhavam não tinham qualquer explicação para a sua cura imediata.

A notícia correu e, por efeito, estavam presentes, no "Seminário" deste ano, outros curadores, terapeutas, reverendos e missionários do Espiritualismo americano, interessados no aprendizado da técnica, que então explicamos com maior riqueza de detalhes.

O faio voltaria a repetir-se, na cidade de Greensboro, na Carolina do Norte. Ali também realizamos um "Seminário", que eles chamam de Workshop e, na noite seguinte,

quando estávamos terminando, o auditório solicitou que demonstrássemos uma técnica de meditação e outra de bio-energia.

Pedimos um voluntário, e aproximou-se uma moça.

Sentou-se, e aplicamos-lhe a terapêutica. Os Bons Espíritos, então, nos disseram que ela estava com um problema muito sério de coluna, mas que prosseguisse com o tratamento especializado, o que lhe informamos. Apareceu-nos, nesse momento, uma Entidade dizendo ser a mãe dela, o que lhe provocou uma grande emoção. Ao terminarmos, ela confirmou que estava em tratamento de coluna, razão pela qual se prontificara para a experiência.

Disse mais:

— O senhor falou que minha mãe está aqui, eu poderia saber o nome dela?

Eu estranhei, mas disse-lhe o nome.

— O senhor não repare — explicou-me — sucede que eu tive três mães, isto é, a minha mãe verdadeira, que morreu; depois fui encaminhada a duas casas de órfãos, onde vim a ter outras duas mães adotivas. Mas, nunca deixei de amar à minha mãe, que vem me dar esse recado. É a preocupação dela em vir dizer-me que continua apoiando-me e socorrendo-me.

Sabemos, através do estudo da Doutrina Espírita, especificamente na parte que trata da mediunidade que, quando se realiza uma palestra, seja no Centro Espírita ou local público, enquanto o orador discorre sobre o tema, uma série de ocorrências se verifica no plano espiritual. Vários autores espirituais têm relatado esses acontecimentos, pois os Espíritos aproveitam os momentos de elevação para auxiliarem mais diretamente os encarnados e desencarnados.

Atendimentos diversos, tratamento espiritual, encaminhamento de Entidades, desligamento de Espíritos perseguidores ou daqueles eventualmente vinculados aos circunstâncias e até cirurgias espirituais são realizadas durante a

exposição doutrinária, utilizando-se, os Benfeitores Espirituais, de recursos variados desde a criação de painéis fluídicos com cenas que têm vida momentânea (derivadas, inclusive, da própria palestra) até os quadros que propiciem lembranças pretéritas a Entidades que disto necessitem.

É o "Laboratório do Mundo Invisível", de que nos fala Allan Kardec, no cap. VIII de *O Livro dos Médiuns* e do qual o Espírito São Luís dá notícias detalhadas. Mais tarde, o Codificador, em *A Gênese*, capítulo XIV, itens 13 a 21, explica, de modo claro, a ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais.

André Luiz vem, em nossa época, trazer-nos pormenorizados informes do mundo extrafísico, do qual o mundo terrestre é pálida e imperfeita cópia. Também o Espírito Efigênio S. Victor escreve a respeito, na mensagem "Arquitetos Espirituais", inserida no livro *Instruções Psicofônicas*, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

O próprio Divaldo receberia, oportunamente, através de Manoel Philomeno de Miranda, preciosos esclarecimentos sobre o mundo invisível, em suas várias obras.

Depreende-se, portanto, a notável atuação dos Espíritos Benfeitores nos instantes das palestras do orador baiano, e que, nos casos mencionados, essa atividade se processa também, e principalmente, nas áreas de curas e de notícias espirituais para determinadas pessoas.

Essa ação tem em vista várias finalidades: a comprovação da imortalidade da alma; a comprovação da presença e comunicabilidade dos Espíritos; a comprovação da reencarnação; a excelência da mensagem e dos recursos da Doutrina Espírita; a mediunidade de Divaldo Franco.

É possível aquilatar, embora muito superficialmente, o grandioso planejamento para que esses fatos se tornem realidade.

Pelos informes que já possuímos, pode-se ter uma idéia acanhada do que seriam as providências da Espiritualidade Maior, antecedendo ao momento da palestra.

Tais pessoas mencionadas e beneficiadas não vieram casualmente ao local e nem se ofereceram como voluntárias por um impulso intempestivo. Foram, isto sim, adrede preparadas e estão espiritualmente cômnicas de sua participação dentro de todo esse grande plano de divulgação da Doutrina, através de Divaldo.

É bastante óbvio tal programa, pois as "coincidências" são realmente impressionantes.

Temos observado pessoalmente muitas dessas confirmações ao longo desses anos de nosso convívio e amizade.

Ultimamente, porém, tornaram-se muito freqüentes tais episódios comprobatórios.

Recordamo-nos, por exemplo, que em setembro de 1986 estivemos juntos na 33ª Semana Espírita de Vitória da Conquista, quando de sua palestra. Aí estávamos a convite do estimado confrade Anísio Brito Neves, Presidente da União Espírita daquela cidade, para apresentarmos um trabalho sobre o tema "Mediunidade".

Divaldo inicia a conferência relatando o caso do bispo Pike e seu filho, toxicômano e, depois, suicida. Já conhecíamos o caso, narrado inclusive, aqui em Juiz de Fora, algum tempo atrás. Em meio à interessante narrativa captamos a presença do bispo e achei muito curioso que ele aí estivesse. Mas, algo hesitante quanto à autenticidade da percepção, escrevemos num papel o nome dele e uma pergunta sobre a sua presença. Este papel ficou dobrado sobre a mesa, debaixo de algumas flores, o tempo todo. Ao terminar, Divaldo, espontaneamente, menciona a aproximação do bispo Pike, dirimindo assim qualquer dúvida. Claro que imediatamente mostramos-lhe o papel. Mais tarde, comentamos sobre essas ligações que se estabelecem entre o orador e as personagens dos casos que ele tem narrado, no transcurso dessas quatro décadas de divulgação doutrinária. Aos poucos, tais Entidades se aproximam de Divaldo e se integram nessa equipe realmente fantástica que Joanna de Angelis reúne, comanda e orienta.

O mesmo ocorre com a maioria dos que são citados em suas obras mediúnicas e que terminam por surgir, de uma forma ou de outra, em sua vida.

Mas, o aparecimento, em Montreal, de Demitri Trifiatis supera qualquer expectativa desses *encontros*.

No excelente livro *Sublime Expição*, Victor Hugo narra, pela psicografia de Divaldo, a dramática história de Lucien, belo jovem e promissor pianista que se torna leproso e que se interna na Colônia de Hansenianos Damião de Vesteur. O autor faz, então, uma referência à vida do padre Damião, totalmente dedicada aos hansenianos.

Damião de Vesteur está no plano espiritual — é o pensamento natural que assoma após a leitura do trecho em questão.

Entretanto, indo a Montreal, Divaldo tem uma enorme surpresa: descobre que o *voluntário*, no qual aplica o passe, é nada menos que o padre belga reencarnado, hoje Demitri Trifiatis. Sob a orientação de Joanna, o médium faz tal revelação de público. O homem tem um impacto, chama a Dra. Marilyn e ambos, emocionados, narram ao auditório que era a segunda vez que tal informe estava sendo transmitido e agora com riqueza de detalhes.

Inferre-se disso tudo que a oratória de Divaldo é profundamente associada à sua faculdade mediúnica e que, em boa parte deflui dela, como uma de suas aptidões dominantes.

Afirma o Dr. Gustavo Geley, em seu livro *Resumo da Doutrina Espírita*: "O médium é um ser, cujos elementos constitutivos (mentais, dinâmicos, materiais) são susceptíveis de descentralização momentânea. Nesses casos especiais, a tendência inata para a descentralização é reforçada pela prática da mediunidade, que vai tornando cada vez mais fácil e normal um estado primitivamente excepcional e anormal."

Em outro trecho: "A mediunidade é de essência única, não obstante a diversidade de suas manifestações."

O instante inicial da trajetória de Divaldo como orador é, essencialmente, um fato mediúnico, quando percebe alguém ao seu lado, quando vê o Espírito amigo que lhe afirma incisivamente: "Fala! Falaremos por ti e contigo". A palavra espiritual é imperativa, porém, vem acompanhada do esclarecimento: nós falaremos por ti, através de ti e estaremos contigo. Está estabelecida a sintonia mediúnica (que persiste há quarenta anos), ocorrendo então, de público, com toda a naturalidade, a psicofonia, a xenoglossia e até o raro fenômeno de transfiguração. Pode haver uma semi-incorporação ou, em certos casos, uma incorporação completa, ou seja, o transe mediúnico, inconsciente ou não, existindo, contudo, outras variações como veremos adiante.

É, pois, uma oratória basicamente mediúnica.

Isso, talvez, desse margem à idéia de que o médium ficaria isento da preparação da palestra, da estruturação do tema, já que os Espíritos dirigem e atuam diretamente. Divaldo passou por experiência crucial para que entendesse o mecanismo do labor a que estava sendo convidado.

Assombrado, perplexo — e entusiasmado — ante o resultado alcançado na sua primeira experiência como porta-voz dos Espíritos, o jovem, ao ser convidado para uma segunda palestra, em decorrência do êxito da estréia, resolve que não precisaria preparar o tema, deixando para os Espíritos esta preocupação. No instante azado, todavia, vê-se sozinho e despreparado. Onde estão os Instrutores, por que não se faziam presentes? Apavorado, com a mente em branco, suplica intimamente a ajuda espiritual. Minutos que parecem séculos transcorrem até que surja um Espírito amigo que o adverte da absoluta necessidade de ele mesmo preparar e estudar o tema e de que aquela é uma lição da qual jamais deveria esquecer-se.

Em verdade, os Espíritos preferem, para suas comunicações, um médium preparado, visto que o papel que este exerce na sintonia e intercâmbio é de grande relevância.

É o que preconizam Erasto e Timóteo, em *O Livro dos Médiuns*, capítulo XIX item 225:

"Assim, quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, de natureza a nos facilitarem as comunicações, dele de preferência nos servimos, porque com ele o fenômeno de comunicação se nos torna muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos."

Após essa inolvidável aula de disciplina o orador des-
ponta, e ao labor da pregação dedicaria a sua vida.

As palestras tiveram etapas bastante definidas e marcantes. Bem no início Amélia Rodrigues orienta os temas do Evangelho.

Conta Divaldo que ela o fazia ver as passagens evangélicas e a sentir-se como participante delas. Eram quadros fluidicos maravilhosos, de uma policromia indescritível. (No capítulo 11 tratamos especificamente de Amélia Rodrigues). Mais tarde, a assessoria mais constante é a de Vianna de Carvalho, podendo ser também, algumas vezes, de Ivon Costa, de Carneiro de Campos, de Francisco Spinelli, dependendo do assunto enfocado. Esse novo período assinala uma mudança na temática das palestras, que passam a ter diferentes linhas de abordagem do tema dentro de uma mesma explanação, o que atende aos diferentes níveis intelectuais e emocionais do público presente.

Já dentro desse novo método, Divaldo explica que, ao fazer citações, os Espíritos colocam os trechos dos livros ante os seus olhos para que os leia. Estes trechos podem surgir também como se fossem uma fita de telex, suspensa no espaço à sua frente e que ele lê para o público.

É evidente — e cumpre ressaltar — que Divaldo trouxe, ao encarnar, os recursos próprios para a oratória, pois se

os não tivesse seria apenas um repetidor dos Mentores, sem conseguir transmitir de modo convincente o pensamento deles. Assim, o incrível poder de atrair o auditório, de prendê-lo às suas palavras, de galvanizar emoções[^] do seu magnetismo pessoal, do profundo amor com que realiza o seu trabalho, enfim, do seu inegável carisma.

Há ainda outros aspectos interessantes para o nosso estudo.

Ele menciona que tem o hábito de, enquanto os Espíritos falam por seu intermédio, contar as cadeiras do auditório (e ao final da palestra é capaz de dizer o seu total, quantas fileiras etc), para assim, diz ele, interferir o menos possível. O que não impede que se ocupe em detectar ocorrências espirituais relacionadas com os presentes, as quais descreve, posteriormente, no momento em que atende a um por um. É neste instante que transmite a pessoas desconhecidas as notícias de algum familiar desencarnado ou ainda vários tipos de orientações.

Os fenômenos mediúnicos acontecem, pois, como num só bloco, de várias maneiras e intensidades. São vários gêneros de mediunidade postos em ação ao mesmo tempo. É um estado de transe, especial, se assim podemos dizer, com variações do que ocorre na psicografia.

O fato de *ver* as ocorrências nos dois planos atesta a visão psíquica em avançado grau de expansão, pois pode ver em várias dimensões, à sua frente ou atrás de si.

Ficam demonstradas, portanto, duas coisas principais: a descentralização momentânea, de que nos fala Geley — que a prática torna cada vez mais natural e simples — e a mediunidade em sua diversidade de manifestações.

RESGATANDO ALMAS - O FRANCISCANO

Quando eu trabalhava no IPASE, nós, funcionários, dispúnhamos do horário das quinze e trinta às dezesseis horas para o lanche, mas, raramente eu saía. Aproveitava o tempo para fazer a correspondência.

Mas, certa vez, o ambiente no Instituto estava tão agitado que eu resolvi sair.

Andei pela Praça da Sé e entrei pelo Terreiro de Jesus. São três praças conjugadas, estas duas e a de São Francisco.

Quando fui passando pela porta da Catedral — é um lugar muito popular, onde ficam cantadores de viola, passistas, vendedores ambulantes, é uma balbúrdia infernal, na zona tombada da cidade — muito aturdido, com dor de cabeça, olhei para a basílica e vi um sacerdote franciscano, em pé, já desencarnado. Fitei-o e ele me chamou. Tinha o aspecto de um homem com uns setenta anos.

— Venha cá, meu filho.

Eu me aproximei, ele distendeu o braço e falou:

— Veja, aqui está o mar tumultuado das paixões. Veja a balbúrdia.

(É uma região do chamado "bas-fond", de aventuras e interesses escusos.)

— *Observe ali, os "vendedores de ilusão" — prosseguiu ele — as almas atormentadas. Uns negociam o corpo e outros vendem a própria vida. A aventura, o jogo, os punquistas, tudo o que o mundo tem no seu lado mais infeliz está presente. Este é o mundo. Agora venha comigo, entremos na igreja.*

Ceguei à porta da Catedral, voltei-me para dentro e ele continuou:

— *Olhe o que aí está e esqueça do "mundo" que colocaram aqui dentro.*

(A Catedral tem paredes com pinturas de ouro, muita obra de arte, muito poder.)

— *Esqueça o que as mãos do mundo puseram aqui. Mas, ouça o silêncio da fé, enquanto lá fora está a algazarra da perdição.*

Eu fiquei bem à porta, olhei para dentro — o santuário — e para fora, o mundo agitado. O Espírito estava com a razão.

O franciscano prosseguiu, explicando-me:

— *Venha comigo. Isto aqui é uma ilha que Deus colocou no mar das paixões humanas para diminuir os conflitos das criaturas.*

— *E o senhor, o que faz? — perguntei-lhe.*

— *Depois que eu morri, pedi a Deus a felicidade de me dedicar a resgatar almas que estão sendo afogadas no mar das paixões. A minha tarefa é ficar aqui à porta da Catedral, para inspirar e resgatar aqueles que estão no claro/escuro do faz-não-faz, antes do compromisso negativo. Venha ver.*

Indicou-me uma senhora ajoelhada, chorando muito, orando e debatendo-se na dor íntima.

Ele explicou-me:

— *Esta alma estava caminhando para o bordel. Ela passou por aqui — já estava contratada por um cliente — e quando viu a igreja, imediatamente teve um conflito, porque ela ia em busca de aventura, estava dominada pelo vício.*

Nesse ligeiro conflito, eu me acerquei e a abracei, falando-lhe ao ouvido: "— Você tem o direito de jogar fora a sua vida, mas tem o dever de salvar-se. A opção é treva ou luz. Entre, minha filha, por um pouco, depois faça o que quiser." Ela hesitou e eu a inspirei mais: "— Entre, entre!" Ela não ouviu a minha voz, porque o mecanismo de captação varia de acordo com o estado evolutivo de cada um, porém, senti-me.

Perguntei-lhe:

— Como é que ela lhe ouviu?

— Chegou à mente dela uma saudade, uma nostalgia do tempo em que freqüentava a igreja, uma melancolia enorme e deu-se conta de como se via afastada de Deus. Começou a lembrar que, no tempo em que participava da vida da igreja era uma moça sadia, tinha muito conflito de fé, mas não se havia entregue ainda à dissolução. De repente, a angústia fez-se mais forte e ela se lembrou da mãe, que lhe havia dado tantos conselhos. Nesse momento, a mãezinha chegou e me ajudou a introduzi-la na igreja. Ela entrou e começou a sentir vergonha do seu estado. Ajoelhou-se e está fazendo a sua confissão à própria consciência. Agora você veja como nós podemos agir junto aos que abrem a porta da alma para Deus.

Aproximou-se dela e começou a aplicar-lhe passes. Eu via como se fosse um fruto que se cortasse e fossem caindo as cascas.

— São os fluidos — esclareceu-me o frade — em que ela está envolvida. Não iremos fazer o trabalho total, porque, senão, ela desmaia. Ela está sustentada por essas vibrações. A mente elabora, cria uma psicofera, que vai envolvendo e se tornando cada vez mais grosseira, em volta. Por isto, começamos o trabalho de dentro para fora e vamos intuindo para que a pessoa mude também no mesmo sentido. Retiremos os fluidos externos e a pessoa cria novas condições internas e, mediante o processo continuado, chega o momento do equilíbrio.

O sacerdote continuou a aplicar o passe e ela se dobrou sobre si mesma e ali cochilou, sentindo-se exausta.

Ele aduziu:

— Ela ficará aí, um pouco; vai-se beneficiar da psicofera ambiente. Há muitos que acusam o templo, com argumentos negativos, mas não é o templo em si, é a conduta daqueles que vêm ao templo. Temos a considerar, que aqui vem muita gente honesta, verdadeiramente cristã, afervorada, e isto cria uma atmosfera psíquica positiva. Deus não ouve a religião ou o religioso, mas, a alma sedenta. Vamos ver aquela anciã.

Era uma velhinha que cochilava. Uma dessas velhinhas típicas das igrejas, ao cair da tarde. Ela estava dormitando e ele me elucidou:

— Muitos hão de dizer que a religião é para as pessoas desenganadas, tristes e infelizes; e com toda a razão. Porque os felizes, os enganados e os alegres estão-se comprometendo, pois que não sabem usar a felicidade, nem a saúde, nem a alegria. E é justo que a religião seja uma escola, mas também um hospital. Esta aqui está em tratamento, porque está perto da desencarnação. Toda tarde ela vem para cá para desenchargar-se, a convite meu, a fim de que, ao desencarnar tenha um despertar mais suave, mais tranqüilo. Agora sigamos adiante para você observar a técnica que nós usamos.

Eu saí, e fiquei à porta.

De um lado era o tumulto, do outro o silêncio. Era tão chocante o contraste, que eu olhava para um lado e para o outro. O movimento de Entidades, de vários tipos, entrando e saindo da igreja era grande.

Nisto, vai passando um rapaz, com problemas de sexo; um rapaz atormentado, que era freqüentador daquela religião. Foi seguindo e, atrás, vinha um acompanhante, um conquistador. Quando passou em frente da igreja o doente da alma se benzeu, automaticamente. O frade aproximou-se dele, abraçou-o e foi andando ao seu lado. O cliente vinha atrás — era um caso de homossexualismo — a caminho de

um bordel. O frade encostou a cabeça ao ouvido do rapaz e falou-lhe por alguns momentos. Este, de súbito, parou. Parou e voltou. Chegou defronte da igreja, tornou a benzer-se e fez uma genuflexão. Nesse instante ele viu o altar ao fundo. Aí o sacerdote disse:

— *Venha!*

Ele olhou para a companhia e pediu que esperasse. Entrou na Catedral e ajoelhou-se num dos bancos próprios, benzeu-se pela terceira vez e começou a orar o "Pai Nosso", quando o franciscano se aproximou e pôs-se a aplicar-lhe passes longitudinais.

Ele me explicou:

— *Ê um passe calmante para as funções genésicas.*

O moço aí ficou, embevecido, por alguns instantes e começou a reflexionar em torno da própria vida. Valeria a pena a prostituição a que se entregava? E terminou chorando. Ficou uns quinze minutos, com o acompanhante a certa distância. Daí a pouco este como que resmungou e resolveu ir-se, porque o sacerdote inspirou-o para que se fosse embora.

Quando o rapaz se levantou e procurou-o não o encontrou; resolveu entrar de novo e ficar, talvez, um pouco mais. O frade me disse:

— *Naturalmente não o resgatamos do vício, mas, hoje, ele não descerá um degrau a mais na escada da queda moral.*

O meu prazo esgotara-se e tive de retornar ao Instituto. Periodicamente ia ver a terapêutica socorrista, que ninguém ou quase ninguém, conhecia! O que eu quero ressaltar é o amor de Deus e dos Bons Espíritos sem que a gente tome conhecimento.

Joanna de Angelis diz que quando algo de mau nos acontece é apenas a "cauda do cometa". Se a "cauda do cometa" nos causa tanto dano, imagine se o núcleo nos pegasse de frente...

Certo dia, eu estava lá, três a quatro meses depois, quando o franciscano me disse:

— *Foi muito bom você ter vindo. Eu estou adestrando dois substitutos, porque fui promovido. Agora não mais vou ficar na porta da igreja, irei trabalhar na área dos lupanares, para evitar que moças inexperientes resvalem e que certos crimes ali se cometam. Irei dirigir um grupo de socorristas e estes aqui são dois franciscanos recém-desencarnados que me irão substituir.*

Despedimo-nos, como dois bons amigos, e, como pela outra área raramente eu passava, nunca mais vi este Espírito.

Os dois substitutos continuam lá, há vários anos. São mais jovens e ainda estão no mesmo local.

Como Deus não nos deixa órfãos! De todas aquelas pessoas que por aí passam, algumas se adentram na Catedral, e dizem: — Senti uma enorme vontade de entrar na igreja, e, graças a Deus eu o fiz, pois isto salvou-me!

Ê uma programática do mundo espiritual agindo sempre para o bem.

Em *O Livro dos Espíritos*, na parte referente à Intervenção dos Espíritos, questão 519, o Codificador indaga:

"— As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm Espíritos protetores especiais?"

A resposta dos Instrutores Espirituais foi a seguinte:

"— Têm, pela razão de que esses agregados são individualidades coletivas que, caminhando para um objetivo comum, precisam de uma direção superior."

O surpreendente relato de Divaldo é bem uma pequena amostra de como a Misericórdia Divina age em benefício dos seres humanos.

O resgate de almas é trabalho realizado diuturnamente, em quaisquer situações e lugares. E a certeza dessa atividade é comovente! Basta apenas a mais leve predisposição, o mais ligeiro pensamento que expresse desejo de mudan-

ça, de renovação moral e as portas do coração se abrem para a bênção divina. Por isso é que Leon Denis afirma:

"(...) na morada mais mesquinha, no mais miserável tugúrio há frestas para Deus e o Infinito". (*O Problema do Ser, do Destino e da Dor*)

Em outra obra sua, *O Grande Enigma*, disserta a respeito da prece e de sua importância para o ser humano;

"A prece é a expressão mais alta dessa comunhão das Almas. Considerada sob este aspecto, ela perde toda a analogia com as fórmulas banais, os recitativos monótonos em uso, para se tornar um transporte do coração, um ato da vontade, pelo qual o Espírito se desliga das servidões da Matéria, das vulgaridades terrestres, pára perscrutar as leis, os mistérios do poder infinito e a ele submeter-se em todas as coisas: "Pedi e recebereis"! Tomada neste sentido, a prece é o ato mais importante da vida; é a aspiração ardente do ser humano que sente sua pequenez e sua miséria e procura, pelo menos um instante, pôr as vibrações do seu pensamento em harmonia com a sinfonia eterna."

A Doutrina Espírita reconhece o valor e a eficácia da prece e, uma vez mais, verificamos, na prática — neste caso narrado por Divaldo — como funciona esse mecanismo de socorro e atendimento.

Entretanto, é sempre com certa perplexidade que verificamos, em nosso próprio meio, vicejarem as idéias contrárias à prece.

Tais idéias têm encontrado campo propício, a pretexto de não se adotarem rituais em nossas atividades doutrinárias.

Observamos com pesar, que muitos se deixam envolver por esses argumentos favorecendo assim o programa das trevas, que começa a ganhar terreno por incúria nossa.

Alega-se, por exemplo, que o fato de se fazer a prece antes e depois dos trabalhos doutrinários ou mediúnicos é um ritual. Vê-se que estão confundindo *disciplina* e *método* com *ritos*. Esta distinção precisa ser muito bem avaliada.

"*Ritos*, segundo o dicionário, são as regras e cerimônias que se devem observar na prática de uma religião. As normas do ritual.

Ritual: referente a rito(s). Culto. Liturgia. Cerimonial. Etiqueta.

Liturgia: O culto público e oficial instituído por uma igreja; ritual.

Disciplina: Regime de ordem imposta ou livremente consentida. Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização. Observância de preceitos ou normas.

Método: Modo de proceder; maneira de agir."

Em nossas atividades espíritas existem método e disciplina, mas não os ritos, compreendendo-se por tais as cerimônias, as práticas exteriores. O fato de se repetir determinada prática — como a prece — não significa que essa repetição caracterize um ritual, conforme vimos, mas, sim, um método e uma disciplina de trabalho.

A prece é um ato subjetivo, interior. A prece feita em conjunto significa comunhão de pensamentos, tão necessária ao êxito das tarefas espíritas, como de resto a qualquer assembléia religiosa, consoante enfatiza Allan Kardec em seu discurso do dia 1.º de novembro de 1868.

Jesus legou à Humanidade o "Pai Nosso", como modelo de oração. Quase todos os grandes vultos do Espiritismo referem-se à excelência da prece.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, por várias vezes esse tema é abordado, mormente nos capítulos finais. E o mestre de Lyon considerou-a tão importante que reuniu vários modelos de prece para orientar os espíritas.

Na atualidade, os autores espirituais são unânimes em exaltar os profundos benefícios decorrentes da prece feita com o coração, com o sentimento.

É pois, de se estranhar, que em certos setores de nosso Movimento esteja grassando esse modismo de se querer abolir a prece de nossos eventos e tarefas. São idéias que se vão infiltrando de modo sutil, quase imperceptível, mas que

traduzem uma postura perigosa. Realmente, tirando-se a oração de nossos trabalhos, fecharemos a porta à inspiração do Mais Alto, ao intercâmbio com os Mentores do nosso Movimento. Convém não esquecer que é exatamente através da prece que nós, encarnados, elevamos nosso padrão vibratório para a sintonia com os Benfeitores Espirituais.

* * *

É comovedor o esforço realizado pelo nosso irmão franciscano, resgatando almas do "mar das paixões", como ele próprio diz. Essa atividade é feita no silêncio, no anonimato. Divaldo nem sequer soube-lhe o nome!

Que lição maravilhosa nos transmite esse humilde frade e quanto é reconfortante sabermos que a Bondade do Pai está atenta ao menor sinal de renovação do ser humano.

Para alguns pode soar estranho este relato, pois, talvez, a fim de se fugir ao atavismo, muitos se convencem que as igrejas católicas não oferecem ambiente espiritual propício. Todavia, o nosso sacerdote mencionado revela que a conduta dos que vão ao templo é que vai determinar a sua psicofera espiritual. É preciso também convir que para numerosas almas a igreja ainda é o refúgio, o abrigo, a fé.

A técnica adotada pelo franciscano lembra, de certa maneira, a que é praticada nas sessões mediúnicas na parte referente ao resgate dos Espíritos que vêm, conduzidos para a doutrinação.

A MOÇA DE CATANDUVA

Oportunamente fui pregar em Catanduva. Naquele tempo viajava-se muito em trens noturnos. Eu o tomava em Catanduva e ia até São Paulo. Era uma viagem razoavelmente confortável.

Numa das vezes em que estive naquela cidade, ao regressar, Dona Lola Sanchez e outros confrades me levaram até a estação ferroviária. O trem saía às vinte e duas horas e trinta minutos.

Quando cheguei à plataforma com Dona Lola e os demais companheiros, chamou-me a atenção uma senhora camponesa despedindo-se da filha. A jovem era uma daquelas meninas bonitinhas, bem modestas, do interior, vestida com simplicidade, o cabelo liso, partido ao meio e muito mimosa.

A mãe abraçava-a e despedia-se, beijava-a e abraçava-a de novo e a cena comoveu-me. Fiquei olhando a ternura da mãe com a filha de dezoito ou dezenove anos.

O trem deu o primeiro sinal de partida e me despedi dos amigos, de Dona Lola, Senhor Benedito, da Aparecida e entrei, calmamente.

A mocinha entrou também, apressadamente.

O vagão não estava muito cheio. Eu me sentei à janela, do lado da plataforma para dar adeus aos amigos, enquanto que ela sentou-se do outro lado, sozinha.

Quando a composição começou a mover-se, eu vi que da mãe saía um fluido leitoso, como se fosse uma nuvem alongada — a idéia era de um arminho muito grosso de meio metro de circunferência, que brotava do centro cardíaco, entrava no trem e se implantava na moça.

A medida que o veículo se movia, aquele fluido foi-se afinando, quase desaparecendo.

A mãe dava-lhe adeus e chorava; uma despedida quase trágica. A mocinha chorou um pouco e depois recostou-se, preparando-se para algum repouso desde que a jornada seria longa: umas sete horas em média.

A viagem prosseguiu.

Quando chegamos a Araraquara, houve uma parada. Entrou um rapaz, daqueles tipos de conquistadores de ocasião, cabelo glostorado, num jeito de quem olha a pessoa e despe-a. Ele abriu a porta, entrou, olhou a todos, deteve-se na moça — o olhar dele era tão típico que me chamou a atenção. Examinou-a atentamente, ajeitou-se e foi sentar-se ao lado dela, que estava junto à janela.

Passou o tempo. Fiquei distraído com outras coisas e, quando percebi, ele havia passado o braço por trás da poltrona e se lhe chegara mais perto. Ela, tímida, encolheu-se um pouco.

Eu pensei: Que coisa estranha esse indivíduo! Parece-se a um desses conquistadores baratos, aliciadores de menores ...

Dentro em pouco ele já estava conversando com a jovem. Refleti, comigo mesmo: Meu Deus, a coitada vai cair nas malhas do sedutor, porque, totalmente desarmada, não saberá defender-se.

Ele parecia muito loquaz. Numa estação mais adiante, ele saltou, comprou frutas, ofereceu-lhas. Ante a gentileza, a moça ficou animada.

Vendo a cena eu orei, temendo o que viria depois: Meu Deus, não deixe que ela seja seduzida — eu rogava. Recordei-me da sua mãe, e a lembrança me sensibilizou tanto que prossegui orando, pedindo a Jesus que a protegesse.

Fiquei a imaginar: Certamente ela é uma mocinha que vai tentar a vida em São Paulo, ameaçada de cair nas armadilhas de um sedutor profissional. Fiquei orando, pedindo por ela.

De repente, entrou um Espírito vestido à espanhola, à antiga, tipo sevilhana, com um pente alto preso aos cabelos, uma mantilha de renda, um vestido longo, muito bonito. Era uma Entidade veneranda. Olhou para mim e para o par.

— A tua prece foi ouvida — falou-me.

Dirigiu-se para os dois e começou a aplicar passes na moça. Eu, então, mentalmente, dizia: Não é nela; é no homem. Afaste-o dela!

O Espírito olhou-me, sorriu e continuou aplicando os passes na moça. Terminou, fez-me uma saudação e desapareceu.

Eu fiquei frustrado, pensando que algo estava errado.

De súbito, porém, a moça teve um engulho e vomitou no homem, atingindo-o de alto a baixo.

O homem deu um salto e gritou:

— Miserável! Veja o que fez! — E saiu furioso, tentando limpar-se.

A moça, muito sem jeito, virou-se para mim e justificou-se:

— Veja, eu nunca enjoiei.

Tirei um lenço, dei-o para ela e entendi a técnica que o Espírito usara. Sentei-me a seu lado, para bloquear o lugar e perguntei-lhe:

— Minha filha, você está doente?

— Não senhor, de repente me subiu uma coisa... Logo naquele rapaz, tão delicado. . .

— Você o conhece?

— Não senhor.

— Você está indo para onde?

— Estou indo para São Paulo — explicou-me — para trabalhar como dama de companhia numa casa, e aquele

rapaz, muito educado, veio dar-me o endereço de uma tia, que recebe moças como pensionistas. Ele estava até me oferecendo um emprego melhor, porque ele tem a missão de contratar moças para trabalhar e a tia recebe-as. Ele estava explicando-me quando aconteceu isto. O que é que eu faço agora?

— Você vai ser dama de companhia — respondi-lhe. — Este rapaz é um aliciador de moças para a loucura do sexo desregrado.

Expliquei-lhe o que era e ela ficou muito surpresa.

— Mas, não é possível, ele é tão delicado! — respondeu-me. — Falou até que estava apaixonado por mim, que nunca tinha visto uma moça tão bonita como eu, que me queria levar para a casa da tia, a fim de defender-me dos "lobos" que existem em São Paulo.

— Você vai fazer exatamente como a sua mãe lhe mandou — aconselhei.

Fiquei-lhe ao lado até chegarmos a São Paulo.

Quando saltamos, segui com ela. Neste momento, vimos o rapaz descer do trem, todo sujo, a roupa branca com manchas cor de café. Olhei-o e perguntei-lhe, sorrindo:

— Está melhor?

Ele deu uma resposta a seu tipo e foi-se, enquanto eu fiquei a reflexionar na forma como os Espíritos agem.

Deste interessante caso derivam vários pontos para uma melhor reflexão.

Novamente, através da vidência de Divaldo, os fatos são vistos pelo ângulo espiritual.

De princípio, sobressai a vibração de amor da mãe ao se despedir da filha, na estação.

Vale a pena recordar o que diz André Luiz, em *Evolução em Dois Mundos*, a respeito de fluidos:

"No plano espiritual, o homem desencarnado vai lidar, mais diretamente, com um fluido vivo e multiforme, estuante e inestancável, a nascer-lhe da própria alma, de vez que podemos defini-lo, até certo ponto, por subproduto do fluido cósmico, absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanente do Criador, esparsa em todo o Cosmo, transsubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma.

"Esse fluido é o seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado."

Mais adiante o mesmo autor espiritual afirma em relação à força do pensamento:

"A partícula de pensamento, pois, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência, a subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetórias dos componentes que a integram.

"E assim como o átomo é uma força viva e poderosa na própria contextura, passiva, entretanto, diante da inteligência que a mobiliza para o bem ou para o mal, a partícula do pensamento, embora viva e poderosa na composição em que se derrama do espírito que a produz, é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal, convertendo-se, por acumulação, em fluido gravitante ou libertador, ácido ou balsâmico, doce ou amargo, alimentício ou esgotante, vivificador ou mortífero, segundo a força do sentimento que o tipifica e configura, nomeável, à falta de terminologia equivalente, por "raio de emoção" ou "raio do desejo", força essa que lhe opera a diferenciação de massa e trajeto, impacto e estrutura." (*Evolução em Dois Mundos*, capítulo XIII — 1.ª edição FEB)

Este processo, explicado por André Luiz em relação ao homem desencarnado, não difere do que ocorre ao encarnado, a não ser, evidentemente, pelas barreiras que o corpo físico representa, mas como o autor ressalta é no plano

espiritual que o ser humano tem condições de aquilatar esse mecanismo.

* * *

Com sua atenção despertada desde o início da viagem, Divaldo registra as más intenções do homem que toma lugar junto à jovem.

É nesse momento que utiliza a prece em benefício dela.

E eis-nos outra vez diante da eficácia da oração. E da certeza de que face às situações as mais inusitadas e complexas, sempre se pode usar o excelente recurso da prece, seja em benefício pessoal seja em proveito de outrem. Esta é, aliás, uma nobre forma de auxiliar o próximo e de exercer a caridade.

A resposta ao pedido não se fez esperar.

Há que se considerar o mérito da moça ou de sua mãe, ou de ambas, que propiciou fosse Divaldo o seu vizinho de poltrona, no trem noturno. Evidentemente este mérito valeria em qualquer circunstância, mas, a presença dele facilitou o socorro espiritual.

A técnica de ajuda que a Entidade Amiga adotou é digna de menção. É que nem sempre nos é dado avaliar ou entender como se processam os atendimentos. Por não detectar as atividades da Espiritualidade, nas ocorrências da vida cotidiana, o homem, não raras vezes, se revolta contra certos fatos que, em geral acontecem para o seu próprio benefício. Quantos impedimentos e obstáculos, quantas surpresas e situações desagradáveis, de pequena monta ou não, surgem no caminho da criatura exatamente para impedi-la de cometer determinados erros, de comparecer a certos lugares que lhe seriam prejudiciais, de agir impensadamente! Esses impedimentos proporcionam momentos de reflexão e se constituem em ensejos preciosos para que o auxílio do Mundo Maior se faça.

Se a Benfeitora Espiritual tivesse aplicado o passe no homem, visando retirá-lo do lado da moça, sempre haveria

a possibilidade que ele retornasse à carga. Agindo diretamente sobre a jovem, da forma como aconteceu, o homem retirou-se revoltado e com asco. Isso o afastou de vez.

Esse curioso caso proporciona ainda outras conclusões.

Ficamos, todavia, com a certeza de que, onde estivermos, em qualquer momento, haverá um meio de ajudar ao semelhante. E de que a prece é o meio mais eficaz quando se deseja ser útil, especialmente quando nos faltem quaisquer outros recursos.

DESDE O TEMPO DAS CRUZADAS

Uma das assistidas pela "Caravana Auta de Souza", uma moça tuberculosa, de vinte e dois anos, ficou grávida. Um dia eu soube que ela estava muito mal. Fui visitá-la, no casebre de taipa e palha. Quando lá cheguei o menino já havia nascido, há alguns dias, e estava sobre uma rede em cima da cama dela.

A doente me disse:

— Irmão Divaldo, eu não posso morrer, porque não tenho com quem deixar o meu filho. No dia em que alguém puder tomar conta dele, morrerei em paz.

— Então, minha irmã — respondi-lhe —, morra em paz, já que eu vim aqui em nome de Auta de Souza, para tranquilizá-la e dizer-lhe que tomaremos conta de seu filho.

— Olhe o meu filhinho — pediu-me.

Olhei-o e o vi gordo, muito pretinho, todo caiado de talco. . .

— Quando me dão dinheiro — explicou a mãe — eu deixo de comprar comida para mim, para comprar leite e pó-de-arroz para passar nele.

— Pode ficar em paz, minha irmã, pois ele será meu filho.

— O senhor garante que fará meu filho feliz?

— Garanto.

— Então, fique com Deus!

Foram suas últimas palavras. Virou a cabeça para o lado, teve uma hemoptise e morreu.

Chamei algumas pessoas para me ajudarem. Veio uma das tias, levou o menino e, após tirarmos o cadáver ateamos fogo no barraco. Depois, fizemos o enterro.

Quando o garoto estava com oito meses adoeceu, ficou muito mal. Preocupado, vendo-o quase morto, dobrei-me sobre ele, ao lado da cama, e comecei a aplicar-lhe passes, rogando, com muito fervor, a Jesus, que lhe restituísse a saúde.

Nisso, vi aproximar-se um ser venerando. A Entidade era tão luminosa que, antes de se adentrar pelo quarto, vi como se alguém estivesse caminhando pelo corredor, carregando uma lanterna, com uma luz oscilante. Por debaixo da fresta da porta, a luz movimentava-se chamando-me a atenção, e vi, através da porta, um Espírito vestido à moda do século XVII, na Inglaterra, com a gola alta muito eriçada, as mangas bufantes, terminadas em punhos de renda. Olhou para a criança e falou-me:

— Meu filho não deve voltar agora. Vou desdobrá-lo a fim de o vitalizar. Deite-se ao lado dele, pois vou fazer uma transfusão de forças, perispírito a perispírito.

Atendi-lhe a solicitação. Ele estava prostrado pela pneumonia, febre alta e eu tinha receio de uma convulsão, pois estava com temperatura de quarenta graus.

Ele se desdobrou e surgiu aos meus olhos como um pajem francês, de onze anos aproximadamente, os cabelos penteados à escovinha, na testa, a roupinha negra, a camisa branca rendada, o laço de fita negra, os sapatos "scarpin" com fivela de prata. Ele me pediu:

— Tio, não me deixe morrer. Eu tenho que viver para poder, um dia, unir-me à mamãe.

— Peçamos a Deus, meu filho.

Ela começou a orar. O corpinho da criança tremia, enquanto recebia a transfusão de forças, de prana, de energias ectoplásmicas. Após trinta minutos, aproximadamente, ela voltou a falar-me:

— Ouço uma voz que afirma que as nossas preces foram atendidas: ele ficará na Terra.

O jovenzinho espiritual, prestamente, retornou ao corpo e eu o vi encaixar-se para prosseguir na prova redentora. A criança agora transpirava abundantemente. Mudei-lhe a roupinha.

Ela, zelosamente, recomendou-me:

— Não lhe deixe a temperatura cair muito, a fim de evitar-lhe um colapso cardíaco.

Começamos a conversar, já bem mais tranqüilos e perguntei-lhe:

— Desde quando a senhora é mãe dele?

— Desde o século XI, tenho sido sua mãe, várias vezes, e ele sempre que mergulha na névoa do mundo, perde-se de mim. Esta reencarnação é-lhe decisiva, porque ele veio nessa situação para aprender a humildade, sem o carinho de mãe, recebendo os beijos e a ternura dos outros. Não o deixe fracassar desta vez. Ele tem de servir a Jesus, custe o que custar. Meu filho tem de resgatar os crimes cometidos durante a Terceira Cruzada, de que participou...

— Mas, por que a senhora demorou tanto a aparecer?

— Porque antes de vir vê-lo, visitei todos os que aqui nesta casa não têm mãe. Fui primeiro ver os filhos cujas mães, no Além, não os podem visitar e deixei o meu — porque todos são de Deus — por último; eu queria passar antes pelos que não receberam a visita de sua própria genitora. Quase cheguei tarde, mas, o meu dever é amar os estranhos para mais amar ao meu filho.

Ela me falou com tanto amor e ternura que comecei a chorar, diante daquele corpinho frágil que necessitava prosseguir com a vida física.

— O menino vai viver — afirmei-lhe — porque, se depender de nós, de mim, minha irmã, tudo faremos, nem que eu tenha de lhe dar o meu corpo, a minha vida. Ele viverá! Deus nos vai ajudar.

— Faça isto, **Divaldo. Daqui a dez anos eu voltarei.**

Despediu-se de mim e desapareceu.

No dia seguinte, Tagore escreveu para esse menino a página "Testamento do Rei", que está no livro Filigranas de Luz.

Dez anos depois, no dia do aniversário dele, eu participava da sua festinha — nós comemoramos os aniversários do mês em uma mesma data e aquele era dia do aniversário dele — quando me lembrei de sua mãe espiritual e fiz uma prece.

Ao final, ela apareceu-me. Apresentou-se-me com a mesma beleza espiritual e afirmou-me:

— Nas leis do mundo espiritual, quando alguém comemora dez anos, adquire mérito para um pedido à Divindade. Quem é fiel e permanece no trabalho por um decênio já não é mais um entusiasta, tornando-se credor do prosseguimento na tarefa. Meu filho viverá. Tenho notícias de que ele vai viver até ultrapassar a idade na qual ele maculou o nome do Cristo, pela conduta irresponsável.

— Com quantos anos ele se comprometeu?

— Com vinte e seis anos.

Esse Espírito esclareceu-me, ainda, que se não houvesse muito amor em volta dele, os obsessores desencarnavam-no, porque ele era sugado, vampirizado pelas vítimas de antanho.

A Terceira Cruzada deve ter sido há uns 800 anos e pregada por Guilherme, arcebispo de Tiro. Agora é que ele está resgatando. Indaguei-lhe o porquê dessa demora em reabilitar o passado. Ela explicou-me:

— Ele voltou sempre na viciação clerical. Cristo, para ele, era só um móvel para atingir as metas. Era o interesse da igreijificação do poder. No século XIX ele veio com o "mal de Hansen", que lhe foi o grande despertador e agora veio em outra prova.

— Mais tarde — prosseguiu ela — será encaminhado à mediunidade, especialmente para o trabalho anônimo e cansativo dos passes. A terapia dos passes é uma tarefa de re-

denção, onde a pessoa dá de si mesma e depois, quando o paciente se recupera, ignora quem o ajudou.

Ela se despediu, prometendo retornar após mais dez anos.

Acho este jato de uma beleza comovedora.

É impressionante a riqueza desses fatos que Divaldo narra e que, graças à sua mediunidade, tornam-se conhecidos.

Um barraco de taipa e palha, uma mulher tuberculosa, um bebê recém-nascido compõem um novo quadro, um novo ato do pungente drama humano, tendo como pano de fundo a dor e a miséria.

Mas a mulher, prestes a abandonar a vida terrena, luta para manter o filho — a vida que se inicia na carne.

Morte e vida! O crepúsculo, o dia que finda e o amanhecer de promessas e esperanças, no constante confronto dos contrários. Tese e antítese que se vão fundir na síntese final da Vida que prossegue além da vida.

Mas, alguém vela por essa solidão e entra no barraco como se fosse o próprio sol a dissipar as sombras dos mais tristes presságios que invadiam o coração dorido da pobre mãe.

— Ele será meu filho — promete. — Eu o farei feliz.

Ela ouve a promessa, o compromisso selado à beira de sua humilde enxerga — e o vê no futuro, adulto, trabalhador, feliz —, aquietando-se-lhe, então, a alma que se despede, de chofre, como se o débil organismo físico a expulsasse, entre as dores de um parto em que a vida triunfa, definitivamente, da morte.

Aparentemente uma história simples e triste.

A criança é levada para a sua nova vida. É apenas um **bebê**, mais um, dos muitos que já passaram pela "Mansão do Caminho".

Aos 8 meses enferma gravemente. Divaldo, em plena vivência da promessa, aflige-se. É seu filho, que aí está enfermo, com risco de vida.

Em sua aflição ora e intercede por ele. Aplica-lhe passes; preocupa-se. Neste momento tem uma belíssima visita, conforme descreve.

Um detalhe que primeiro chama a atenção é que Divaldo vê a Entidade através da porta; ela ainda não entrara no quarto.

* * *

Em *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec dedica o capítulo VI à questão das "Manifestações Visuais", e a certa altura diz:

"O microscópio revelou-nos o mundo dos infinitamente pequenos, de cuja existência não suspeitávamos; o Espiritismo, com o auxílio dos médiuns videntes, revelou-nos o mundo dos Espíritos, que por seu lado, também constitui uma das forças ativas da Natureza. Com o concurso dos médiuns videntes, possível nos foi estudar o mundo invisível, conhecer-lhe os costumes, como um povo de cegos poderia estudar o mundo visível com o auxílio de alguns homens que gozassem da faculdade de ver." (it. 103)

Também no capítulo XIV, referente às categorias de médiuns, o Codificador esclarece quanto aos médiuns videntes.

"A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos freqüente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que seja absolutamente estranho ao vidente. A posse desta faculdade é o que constitui, propriamente falando, o médium vidente.

"Entre esses médiuns, alguns há que só vêem os Espíritos evocados e cuja descrição podem fazer com exatidão minuciosa. Descrevem-lhe, com as menores particularidades, os gestos, a expressão da fisionomia, os traços do semblante, as vestes e, até, os sentimentos de que parecem animados. Outros há em quem a faculdade da vidência é ainda

mais ampla: vêm toda a população espírita ambiente, a se mover em todos os sentidos, cuidando, poder-se-ia dizer, de seus afazeres, (it. 168)

* * *

Pela vidência Divaldo acompanha todo o desenrolar do socorro que a mãe presta ao filho, sendo ele próprio convocado a colaborar com suas energias para a renovação das forças da criança, o que proporciona então uma reação orgânica contra a infecção.

Um outro ponto se destaca: é o desdobramento do Espírito encarnado no corpo infantil. Quando este surge diante do médium está com a sua aparência anterior, isto é, de sua última existência.

Isto nos recorda um capítulo de nosso livro *Testemunhos de Chico Xavier*, editado pela FEB, intitulado "Um sonho que se realizou", no qual Chico narra, em carta datada de 25-11-1948, que em desdobramento encontrara um Espírito cercado de luz, a sra. Virgínia e um cavalheiro num jardim. Esta era mãe do Dr. Wantuil de Freitas e o cavalheiro ele identificaria, mais tarde, em Zeus Wantuil, àquela época uma criança. Note-se que embora criança, fisicamente falando, Zêus-Espírito apresenta-se como adulto, quando em desdobramento.

As narrativas de Divaldo e Chico Xavier apresentam esta similitude.

Antes de qualquer comentário é oportuno meditarmos o quão pouco sabemos a respeito do perispírito.

Sabe-se que, no processo reencarnatório, o perispírito sob o comando do Espírito miniaturiza-se e assume a morfologia que terá daí por diante à qual imprime no corpo em formação. Este processo só se completa quando a criança **atinge os 7** anos de idade. Infere-se, portanto, que durante **estes sete** primeiros anos o Espírito poderia ter, *em certos casos*, uma autonomia maior, conforme lhe fosse conveniente.

Assim se explica, de maneira lógica, essa plasticidade do perispírito de um Espírito encarnado, que traz consigo, inclusive, muitas lembranças do passado.

A programação das reencarnações varia ao infinito e tanto no caso da criança enferma quanto no de Zeus houve permissão — talvez por necessidade e/ou mérito — dessa autonomia.

Só aos poucos vamos desvendando essas nuances do processo reencarnatório, das funções do perispírito e, isto, graças à mediunidade e à revelação dos Espíritos.

Ressalta ainda deste texto a comovedora dedicação da Entidade que se apresenta como mãe espiritual da criança.

A ligação entre ambos, como mãe e filho, vem desde o século XI. Ela explica que ele cometera graves crimes por ocasião da Terceira Cruzada.

* # *

As Cruzadas eram expedições militares de caráter religioso, quando leigos e religiosos se uniram numa tentativa maciça de recuperar a "Terra Santa da Cristandade" em poder dos muçulmanos infiéis.

As Cruzadas aconteceram entre os Séculos XI e XIII. Os historiadores costumam estabelecer as seguintes datas para as Cruzadas: Primeira Cruzada, 1096-1099; Segunda Cruzada, 1147-1149; Terceira Cruzada, 1189-1192; Quarta Cruzada, 1202-1204; Cruzada das Crianças, 1212; Quinta Cruzada, 1218-1221; Sexta Cruzada, 1228-1229; Sétima Cruzada, 1248-1264; Oitava Cruzada, 1270-1274.

Essas guerras convulsionaram a Europa e o Oriente Próximo durante 178 anos.

"Entre as "guerras santas" nenhuma foi mais sangrenta e mais dilatada do que as Cruzadas cristãs, durante a Idade Média. Além da alegação notória que as lançou — tomar os Lugares Santos da Cristandade em Jerusalém —, a Igreja de Roma viu nelas uma oportunidade de alargar para

o Oriente os seus domínios, onde imperava a sua grande rival, a Igreja Grega. Os reis e senhores feudais da Europa ocidental viam perspectivas de adquirir novas terras e riquezas e o clero esperava encontrar um escoadouro para os rixentos e desordeiros.

"Os próprios Cruzados obedeciam a impulsos conflitantes. Tomando a cruz, tinham perfeita noção das recompensas prometidas pela Igreja — inclusive a remissão de penitências pelos seus pecados e moratórias para as suas dívidas. Muitos, porém, mostravam-se dissolutos e brutais. Violavam e saqueavam outros cristãos e cometiam terríveis atrocidades contra os inimigos muçulmanos. Contudo, uma grande força de fé também dirigia os Cruzados, uma profunda reverência pelo solo pisado por Jesus.

"Os Cruzados recuperaram os Lugares Santos, mas só os mantiveram em sua posse menos de cem anos. E tanto nessa obra de conquista como na realização do sonho de estender até ao Oriente o poderio do Ocidente, os Cruzados fracassaram, ao final. Ao se encerrarem as Cruzadas, a lei de Maomé dominava as terras onde se haviam travado as batalhas, o império bizantino dos cristãos orientais estava fatalmente abalado, e a Europa novamente deveria voltar-se sobre si própria. Porém jamais seria a mesma Europa; suas janelas para o mundo tinham-se aberto e todos os aspectos da vida medieval haviam sido afetados." (Dados extraídos da "Biblioteca de História Universal Life")

* * *

A Terceira Cruzada aconteceu no século XII, entre 1189 e 1192, e foi por esta época que o Espírito hoje reencarnado no menino adotado por Divaldo, se comprometeu gravemente.

A própria mãe esclarece que ele usou o nome do Cristo para se locupletar através do poder que a Igreja lhe conferira.

Como se pode perceber a cada passo dos ensinamentos dos Espíritos, a cada testemunho vivo que apresentam o quanto são gravíssimos os crimes perpetrados em nome do Cristo. São os mais hediondos que o ser humano pode cometer, pois além do crime em si ainda levam o agravante de usarem o nome d'Ele, que para todos nós deveria ser sagrado. Entretanto, em nossa mesquinha pequenez quantas vezes o usurpamos para mascarar nossas tenebrosas intenções?

E hoje, engajados nas hostes espiritistas, o que estamos fazendo do nome d'Ele? Da Sua mensagem? Do Consolador que Ele prometeu à Humanidade?

O que fazemos do Cristo?

A FELICIDADE DE BEZERRA DE MENEZES

Um dia, perguntei ao Dr. Bezerra de Menezes, qual foi a sua maior felicidade quando chegou ao plano espiritual. Ele respondeu-me:

— A minha maior felicidade, meu filho, foi quando Celina, a mensageira de Maria Santíssima, se aproximou do leito em que eu ainda estava dormindo, e, tocando-me, falou, suavemente:

— Bezerra, acorde, Bezerra!

Abri os olhos e vi-a, bela e radiosa.

— Minha filha, é você, Celina?!

— Sim, sou eu, meu amigo. A Mãe de Jesus pediu-me que lhe dissesse que você já se encontra na Vida Maior, havendo atravessado a porta da imortalidade. Agora, Bezerra, desperte feliz.

Chegaram os meus familiares, os companheiros queridos das hostes espíritas que me vinham saudar. Mas, eu ouvia um murmúrio, que me parecia vir de fora. Então, Celina, me disse:

— Venha ver, Bezerra.

Ajudando-me a erguer-me do leito, amparou-me até uma sacada, e eu vi, meu filho, uma multidão que me acenava, com ternura e lágrimas nos olhos.

— *Quem são, Celina? — perguntei-lhe — não conheço a ninguém. Quem são?*

— *São aqueles a quem você consolou, sem nunca perguntar-lhes o nome. São aqueles Espíritos atormentados, que chegaram às sessões mediúnicas e a sua palavra caiu sobre eles como um bálsamo numa ferida em chaga viva; são os esquecidos da Terra, os destroçados do mundo, a quem você estimulou e guiou. São eles, que o vêm saudar no pórtico da eternidade...*

E o Dr. Bezerra concluiu:

— *A felicidade sem lindes existe, meu filho, como decorrência do bem que fazemos, das lágrimas que enxugamos, das palavras que semeamos no caminho, para atapetar a senda que um dia percorreremos.*

Este belo diálogo mantido entre Divaldo e o Dr. Bezerra de Menezes leva-nos a recordar alguns momentos da vida desse grande missionário, que foi Presidente da Federação Espírita Brasileira, no ano de 1895.

A FEB, fundada em 1884 por Augusto Elias da Silva, reunia, então, os nomes mais expressivos e respeitáveis do meio espírita e despontava como autêntico celeiro de luzes aclarando e dissipando as densas nuvens formadas pelas divergências e disputas em que se empenhavam os espiritistas da época, divididos em várias correntes, sobressaindo-se a dos "místicos" e a dos "científicos".

Na sua gestão, Bezerra imprimiria o cunho evangélico, a orientação pautada nos ensinamentos de Jesus, que eram por ele não apenas ressaltados, mas eminentemente sentidos e vividos.

Somente uma mensagem desse quilate teria o condão de unir os espíritas, porquanto, alicerçadas nas bases sólidas da Doutrina Espírita, promovendo, realmente, a aliança entre a Ciência e a Religião, escoimando, tanto de uma

quanto de outra, os radicalismos prejudiciais que impedem essa associação.

Além dessa atuação decisiva à frente do Movimento Espírita, no final do século, Bezerra exercia várias outras atividades. Uma delas, a de doutrinador e dirigente de reuniões mediúnicas. A todas estas tarefas alia-se, evidentemente, a sua ação caritativa no desempenho de sua atividade profissional e na vivência em geral.

Pode-se imaginar Bezerra de Menezes atendendo aos encarnados e desencarnados com o mesmo e imenso amor que o caracteriza. Amor que o leva a permanecer entre nós e prosseguir no mesmo amorável atendimento aos que ainda estão jornadeando pela Terra e aos que estão em regiões de sofrimentos e de sombras no plano espiritual.

Ele mesmo, esse Espírito de escol, tem vindo ditar a Divaldo e outros médiuns as suas experiências no resgate de almas transviadas, que, padecentes, colocam-se em condições de receberem a sua palavra permeada de amor.

Uma sessão mediúnica memorável aconteceu, em Brasília, na sede da FEB, por ocasião da reunião do Conselho Federativo Nacional, em novembro de 1985.

Divaldo, estando presente para as sessões do CFN e palestras, transmitiu ao Presidente Francisco Thiesen a orientação de Joanna de Angelis sobre a necessidade de fazer-se um labor mediúnico. Este, então, marcou a hora e local, e convocou médiuns, doutrinadores e alguns participantes.

No momento aprazado, a sessão é iniciada. Joanna de Angelis apresenta-se em primeiro lugar e orienta o andamento dos trabalhos. Comunicaram-se quatro entidades: a primeira delas pelo próprio Divaldo e a quarta por nosso intermédio.

O comunicante transmite, pela nossa psicofonia, as suas intenções. Diz estar satisfeito com as ocorrências do

Movimento Espírita. Suas palavras, ditas em tom de voz vibrante, resumidas, foram:

— Estamos vivendo, de novo, a época dos místicos e dos científicos. Este é o melhor modo de dividirmos os espíritas e acabarmos com o Espiritismo. É nosso interesse manter essa disputa, hoje com roupagem diversa, atualizada, bem de acordo com a época, mas que traz, em seu bojo, a mesma intenção de outrora. Estamos em toda a parte, levando o fermento da discórdia, da cizânia. Temos os nossos médiuns, que transmitem o que planejamos. Hoje temos novamente as duas correntes: a dos místicos e a dos científicos. A história se repete, só que desta vez não terão a ajudá-los a figura daquele que tanto enaltecem e veneram. Ele não está mais com vocês. Agora estão sozinhos e não conseguirão vencer-nos.

Vibrante e colérico ele não aceita os argumentos do doutrinador que, em vão, tenta mostrar-lhe, com paciência e carinho, o erro em que incorre, com prejuízos maiores para si mesmo.

Arrebatado, ele não identifica, de pronto, a figura luminosa que se aproxima. Bezerra de Menezes, envolvendo a Divaldo, transmite, ao irmão angustiado, atormentador-atormentado, amorosas palavras de esclarecimento. Entretanto, mais que as palavras, a vibração de amor foi de tal intensidade que a Entidade é atingida no âmago de suas emoções, e transbordando de dor, de mágoa, de carências outras, desliga-se, em pranto, e prosterna-se diante do vulto aureolado de Bezerra de Menezes — cena esta que vimos — que o retira, em seguida.

Bezerra de Menezes — nome amado e respeitado por todos — singelamente narra a Divaldo a sua mais comovente surpresa ao despertar no Mundo Maior.

Tem, a seu lado, Celina, a mensageira de Maria, o que, por si só, basta para aquiltarmos a recepção merecida por

ele. Celina ali está, radiosa como nunca. Entre sorrisos e lágrimas de emoção ele vê chegar os entes queridos do coração, mas, ouve um murmúrio que vem de fora. Celina o conduz até a sacada e o bondoso "médico dos pobres" depara-se com uma cena realmente comovedora.

Isto nos faz recordar a narrativa de Allan Kardec, em *Obras Póstumas* quando o Espírito de Verdade, ao revelar-lhe a missão, faz-lhe, também, uma grave advertência, mostrando-lhe os percalços do caminho, as lutas ingentes, os sofrimentos e sacrifícios que lhe seriam exigidos.

Dez anos e meio depois, o Codificador escreve uma nota que é um dos trechos mais belos e significativos de sua pena magistral. Descreve aí o calvário por ele enfrentado no desempenho de sua missão. E finaliza, afirmando:

"Mas, também, a par dessas vicissitudes, que de satisfações experimentei, vendo a obra crescer de maneira tão prodigiosa! Com que compensações deliciosas foram pagas as minhas tribulações! Que de bênçãos e de provas de real simpatia recebi da parte de muitos aflitos a quem a Doutrina consolou! Este resultado não mo anunciou o Espírito de Verdade que, sem dúvida intencionalmente, apenas me mostrara as dificuldades do caminho. Qual não seria, pois, a minha ingratidão, se me queixasse! Se dissesse que há uma compensação entre o bem e o mal, não estaria com a verdade, porquanto o bem, refiro-me às satisfações morais, sobrelevaram de muito o mal."

A felicidade de Bezerra de Menezes, ao se defrontar com os beneficiários do seu apostolado de amor, relembra-nos Allan Kardec no trecho citado.

É bem essa, guardadas as devidas proporções, a senda crucial daqueles que se resolvem por seguir a Jesus, dos que se doam ao Bem. A estrada é aspérrima, todavia, as bênçãos alcançadas transformam-se em felicidade indescritível que transcende ao nosso — por enquanto — estreito entendimento.

A ESTESIA DE TAGORE

No ano do aparecimento psicográfico de Marco Prisco, em 1949, certa noite eu estava deitado, quando ouvi uma música de uma beleza indefinível, tocada numa espécie de cítara. Ao som dessa música, muito plangente e muito profunda, tive uma visão belíssima de jardins verdejantes e floridos, cortados por um riacho de águas claras no qual deslizava uma barca. Nesta, uma Entidade veneranda, de túnica alva, de tez bem escura, em cuja fisionomia, de serena beleza, sobressaíam os olhos negros, enormes e brilhantes, e a barba alvinitente, cujos fios pareciam ter cambiantes prateados.

— Eu sou Rabindranath Tagore, poeta da Índia, e desejo que me grafes alguns pensamentos — disse-me o Espírito.

Imediatamente, levantei-me e providenciei o material para a psicografia, entrando em transe mediúnico, logo em seguida. Enquanto psicografava, continuei a ouvir a melodia, penetrante e bela.

Eu confesso, honestamente, que nunca havia ouvido falar neste nome ou lera qualquer coisa a seu respeito.

A partir dessa noite, durante certo tempo, Tagore foi ditando as várias mensagens que constituiriam seu primeiro livro, que, no entanto, só veio a ser publicado muitos anos depois, em 1965, com o título de Filigranas de Luz.

Em 1957 ocorreria um fato muito interessante para mim.

Em visita a Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, como habitualmente fazia, no dia 28 de janeiro desse ano, este convidou-me a ir com ele a Matosinhos, pequena cidade próxima, onde o médium mineiro, com certa frequência, participava do Culto Evangélico em casa da senhora Hermelita Horta.

Na ocasião, Chico psicografou uma mensagem de Tagore, intitulada "Louvor", e, ao terminá-la, entregou-me, esclarecendo ser o prefácio para o livro que eu psicografara e que se encontrava guardado. Grande foi a minha surpresa, pois nada comentara a respeito e nem mesmo estava a recordar-me do fato, naquele momento.

Em 1960, o Professor Carlos Torres Pastorino e sua esposa, a senhora Elza Pastorino, foram passar uns dias na "Mansão do Caminho" e aproveitei o ensejo para mostrar-lhes os originais do livro ditado por Tagore. Para minha surpresa, o Professor Pastorino, homem de vastíssima cultura, informou-me que conhecia a obra do poeta hindu no original inglês, no original indiano e nas traduções de Guilherme de Almeida, e que, portanto, poderia fazer uma análise cuidadosa. Ao terminar a leitura, o Professor Pastorino expressou-me sua emoção e alegria por encontrar, nas páginas psicografadas, não o Tagore traduzido, mas o original. E foi tal o seu entusiasmo que ele próprio datilografou o livro, nos dias em que estive na "Mansão". Foi, também, a pedido dele, que Nelson Affonso, diretor do "Grupo de Estudos SPIRITVS" escreveu um prefácio, com o qual, posteriormente, o livro seria publicado. Em 1965, quando o livro finalmente foi lançado, não coloquei o prefácio recebido por Chico Xavier por timidez.

Quase trinta anos decorreram. Rabindranath Tagore prosseguiu ditando-me as suas páginas, algumas delas publicadas na imprensa espírita e agora enfeixadas no nosso livro ESTESIA, que está sendo lançado. Como prefácio, após consultar Chico Xavier e dele receber anuência, colo-

camos, em fotocópia, a mensagem psicografada por ele três décadas atrás.

A primeira visão que Divaldo tem de Rabindranath Tagore é deveras singular e expressa bem o sentido do belo, que, imaginamos, lhe deve ser inerente.

Mas, Tagore não é um nome conhecido do médium, que até então não travara contato com as suas obras. As páginas recebidas, a partir de 1949, ficam arquivadas. Em 1957, indo a Matosinhos, em companhia de Chico Xavier, este psicografa a mensagem ditado por Tagore, intitulada "Louvor" e a entrega a Divaldo, dizendo ser o prefácio para aquele livro que ele psicografara. O médium baiano fica agradavelmente surpreso, pois não se recordara, naquele momento, do acontecido.

Mais três anos decorrem até que Divaldo tenha a ocasião de mostrar os originais ao Professor Carlos Pastorino, em 1960. Este incentiva o médium a publicá-los, reconhecendo a autenticidade das páginas de Tagore, o que, entretanto, somente aconteceria cinco anos depois.

Em 1965, *Filigranas de Luz* é lançado, mas não traz o prefácio do autor espiritual, ditado a Chico Xavier em 57, para esta finalidade. Divaldo prefere, naquele momento, renunciar a ele.

O tempo coloca, entre nós e aqueles dias, uma distância que nos permite, hoje, dizer que a grandeza deste gesto de renúncia é imensurável. O fato em si fala mais alto que quaisquer palavras e deve merecer a nossa reflexão, pela nobreza de que se reveste.

É muito interessante observar-se o estilo de Tagore através de um e de outro médium, e constatar-se que em ambos ele se mostra com a mesma extraordinária estesia.

A esse respeito, o título do novo livro *Estesia*, não poderia ser mais bem escolhido, pois o genial poeta hindu parece ter, como ninguém, a visão e o sentimento da beleza, a sensibilidade lírica singular capaz de extrair de tudo o significado puro e transcendente.

Tagore percorre os caminhos do sentimento e expressa o que existe de mais belo nas aspirações e expectativas humanas. Mesmo quando descreve as misérias e as dores, mantém o suave lirismo que o caracteriza, o que torna a sua mensagem altamente positiva.

Transmitindo uma visão constante da busca do Criador pelo ser humano, o autor espiritual fala dos encontros do homem com o Cristo, por ele denominado de diferentes maneiras:

"Os ouvidos do Zagal Divino registram a voz do coração"(. . .) diria ele em *Filigranas de Luz*.

"Graças Amado meu! Senhor, bendito sejas!. . ." escreve por Chico Xavier no prefácio de *ESTESIA*.

"Artista da Vida, quanta estesia na Tua realização!" exclama em seu novo livro.

"Rei da Juventude e da Paz", "Cancioneiro do silêncio", "Rei de todos os Reis"! são algumas das formas com que Tagore revela o seu amor por Ele.

Um ponto que merece mencionado é o extremado zelo com que Divaldo encara a sua mediunidade.

Entre o ano em que Rabindranath Tagore inicia o seu trabalho com o médium até a época da publicação de *Filigranas de Luz*, transcorreram dezesseis anos. Nesse período, a produção psicográfica desse autor permanece inédita. Divaldo não tem pressa em publicá-la, como também acontece com muitas outras páginas por ele psicografadas, que só vieram a ser divulgadas após muitos anos.

A prática mediúnica exige, realmente, um período de maturação, pois, na sua fase inicial o médium necessita percorrer um longo caminho, a fim de adquirir experiência, enquanto vai sendo testado pelos seus Guias Espirituais

quanto à perseverança, disciplina, dedicação, boa vontade e amor à tarefa.

Leon Denis refere-se a isso, em sua excelente obra *No Invisível*:

"A boa mediunidade se forma lentamente, no estudo calmo e silencioso, recolhido, longe dos prazeres mundanos e do tumulto das paixões. Depois de um período de preparação e expectativa, o médium colhe o fruto de seus perseverantes esforços: recebe dos Espíritos Elevados a consagração de suas faculdades, amadurecidas no santuário de sua alma, ao abrigo das sugestões do orgulho. Se guarda em seu coração a pureza de ato e de intenção, virá, com a assistência de seus Guias, a se tornar cooperador utilíssimo na obra de regeneração que eles vêm realizando."

André Luiz diria mais tarde, pelo lápis de Chico Xavier:

"Nenhuma árvore nasce produzindo, e qualquer faculdade nobre requer burilamento. A mediunidade tem, pois, sua evolução, seu campo, sua rota." (*No Mundo Maior* — capítulo 9)

Esse processo de amadurecimento, essa fase mais ou menos longa de estudo e trabalho, como também de expectativas, nem sempre são aceitos pelos médiuns. Muitos não têm a necessária paciência e anelam pelo prestígio, por tornarem conhecidas as suas produções mediúnicas, que, por isso, nem sempre são submetidas ao crivo da razão. O resultado acaba sendo prejudicial ao próprio medianeiro, que, ao lançar obras mediúnicas eivadas de erros doutrinários, irá sofrer críticas as mais diversas, que poderão, inclusive, desiludi-lo e afastá-lo da tarefa. Ou ainda, não aceitando as críticas por julgá-las injustas, o médium pode entrar em lamentável processo de fascinação.

O exemplo dos nossos mais respeitados médiuns da atualidade, porém, são condizentes com os ensinamentos da Doutrina. Em Divaldo Franco, Chico Xavier e Yvonne Pereira vamos encontrar esse laborioso processo de adestramento e amadurecimento da faculdade mediúnica.

O tempo consagrou a missão de cada um e a fidelidade com que se dedicam à Causa.

Para os Espíritos Superiores, evidentemente, não há pressa. Rabindranath Tagore, Espírito trabalhado na forja do sofrimento, afeiçoado à disciplina, à meditação, cuja sensibilidade altamente aprimorada é toda voltada para o Bem, encontrou, nos anos de trabalho mediúnico de Divaldo, o burilamento imprescindível para torná-lo seu médium.

O poeta hindu, que foi Prêmio Nobel em 1913, encontra assim, em Divaldo Franco, o médium ideal para filtrar o seu pensamento, cuja linguagem poética sabe a mistérios e encantos da Índia.

AGORA, ENQUANTO É HOJE

Em 1952 fui ao Cartório para registrar o meu primeiro filho.

Ele havia sido abandonado à porta da rua, em nossa "Mansão do Caminho", em um pequeno depósito de lixo. Seu choro atraiu-nos a atenção. Era uma criança raquítica e seu estado de miséria era tal que nos constrangeu profundamente.

Recolhemo-lo com carinho e todos os cuidados lhe foram dispensados.

A sua chegada, representava, porém, para toda a nossa equipe, o início de uma nova etapa.

Tê-lo em meus braços, significava para mim o passo para a concretização de compromissos que assumira.

Foi, portanto, com a alma em festa que me dirigi ao Cartório a fim de registrá-lo.

Obviamente, o meu intuito era o de lhe dar o meu nome. Eu lhe seria o pai, não apenas na nossa Instituição, mas, também, nos registros legais. Uma dúvida, contudo, me preocupava: que nome declararia como sendo o da mãe da criança? Foi, nesse momento, que vi aproximar-se um Espírito conhecido, que me disse:

— Dá-lhe o meu nome, porquanto desencarnei há muito tempo. Chamo-me Auta de Souza. Fui, na Terra, poetisa potiguar.

Encantado com a sugestão e com as vibrações suaves e amoráveis com que ela me envolvia, prontamente registrei Jaguarassu como meu filho e de Auta de Souza.

Anteriormente, já a homenageara colocando o seu nome no setor das nossas atividades assistenciais iniciadas em 1947, que era conhecida como Caravana "Auta de Souza".

Em 18 de maio de 1954, estando em Pedro Leopoldo, tive a grata surpresa de receber, pelas mãos de Chico Xavier, o soneto que ele acabara de psicografar, ditado por Auta de Souza e a mim dedicado, intitulado AGORA.

A revelação de Divaldo, de que Auta de Souza, desencarnada em 1901, está registrada como mãe de seu primeiro "filho", por sugestão dela própria, é mais um interessante episódio de uma vida imensamente rica de fatos marcantes e, sobretudo, pontilhada desde o berço pela presença dos Espíritos, cuja convivência diária lhe é absolutamente natural.

Espírito profundamente ligado a Divaldo, Auta, em 18 de maio de 1954, pela psicografia de Chico Xavier, dedicou-lhe um de seus mais belos sonetos.

Com incontida emoção, o jovem baiano ouve a leitura do soneto, no qual a doce poetisa potiguar traça, em suaves versos, com o lirismo que lhe é peculiar, todo um programa de amor ao próximo.

Raras vezes, tem-se visto uma mensagem de estímulo, de convite à caridade, de maneira tão persuasiva e bela.

"Agora, enquanto é hoje, eis que fulgura
O teu santo momento de ajudar! . . .
Derrama em torno compassivo olhar
Estende as mãos aos filhos da amargura."

Ao impacto dos primeiros versos, Divaldo percebe estar num momento muito especial de sua vida. Sente que está sendo convidado a realizar os planos que há muito cons-

tituem o tema de suas cogitações profundas e íntimas. Relembra, num relance, todos os sonhos carinhosamente anelados.

"Repara! Aqui e além a desventura
Caminha ao léu, sem pão, sem luz, sem lar,
Acende o próprio amor! Faze brilhar
A tua fé tranqüila, doce e pura."

Pelos seus olhos passam as figuras sofridas que Auta vai mencionando, o desfile das dores e misérias que tanto o sensibilizam e às quais está sendo emulado a entender. Todo o amor que carrega dentro do peito parece explodir naquele instante e, desde então, vê-se incapaz de contê-lo por um momento que seja. Rompe-se, definitivamente, o dique das emoções e sob esta força edificaria o mundo à sua volta. A fé que a Doutrina Espírita torna raciocinada, "tranqüila, doce e pura" será transformada, cada vez mais, em obras.

"Agora! Eis o minuto decisivo! . . .
Abre teu coração ao Cristo vivo,
Não permitas que o tempo marche em vão."

Este é o instante. O "agora" é a força desencadeante de todos os sentimentos, promessas e esperanças que moram dentro dele. Abrir o coração ao Cristo que vive, que está ao lado dos que sofrem, dos que desejam segui-lo, é o caminho. O Mestre não é uma figura longínqua, mas uma certeza presente e atuante ao lado dos que O procuram. Aproveitar o tempo como nunca fizera até então. Nem mesmo antes, em outras épocas e lugares. O agora seriam todos os dias, todos os seus momentos. Dedicar-se integralmente ao serviço do Bem, devotar-se aos sofredores, viver a excelência dos ensinamentos que a Doutrina Espírita reacendia em seu coração.

"E ajudando e servindo sem cansaço,
Alcançarás subindo passo a passo
A glória eterna da ressurreição."

O fecho traz uma promessa que ainda não percebera, ele que sente a imperiosa necessidade de servir. Que ali

está ao lado de Chico Xavier, como o filho busca o pai, como o aluno busca o mestre, por sentir intimamente que junto ao médium receberia aquilo que precisa saber. Ajudar e servir sem cansaço, subir, caminhar, seguir — convites decisivos dando-lhe a certeza inabalável de que todos os seus ideais são legítimos e possíveis. Dependeria apenas dele realizar o "agora". Fazer o futuro com as próprias mãos, construir o seu próprio destino. *Hoje, diz Auta, agora!*

O moço estende as mãos trêmulas e recebe de Chico Xavier a preciosa mensagem. Pelo caminho a relê mil vezes. Já a tem de cor e também no coração. Cor/ação. A ação vai ampliar-se cada vez mais. A vida, afinal, começa agora.

Com a alma nos olhos vê a sua Salvador aproximar-se. Ligeiro alcança o bairro da Calçada e transpõe as portas do "Caminho da Redenção", de onde parte otimista e feliz para o seu destino.

Em breve tempo eis o momento. As filas crescem. Os "filhos da amargura" chegam aos magotes. O mundo o procura para fazê-lo falar desse amor que o anima e motiva, desse Cristo vivo de que o Espiritismo dá notícias para consolo e esperança da Humanidade. As crianças o rodeiam e lhe estendem os braços. Surge da terra, do mato, do sonho a "Mansão do Caminho".

Avançam os dias, os anos, mas, para Divaldo, todas as manhãs que nascem prosseguem sendo o seu AGORA, ENQUANTO É HOJE.

NOME ESCRITO NO LIVRO DOS CÉUS

Certa vez, fui procurado no Centro por uma senhora que me veio pedir ajuda. Ela se aproximou, muito humildemente e disse-me:

— Senhor Divaldo, eu vim aqui porque um freqüentador desta casa mandou. Ele mandou perguntar se o senhor pode internar meus quatro filhos.

Ela foi falando, falando, contando a sua história.

Eu estava muito cansado e comecei a ficar angustiado com o problema dela. Eu ia ter de negar-lhe, pois não tínhamos mais lugar nem condições para os receber. Então, eu pensei: por que essa pessoa que a recomendou a mim, não ajudou a pobre criatura? Por que têm sempre que pensar em mim para resolver o problema dos outros?

Enquanto fazia tais indagações mentais, Joanna de Angelis me apareceu.

(Ela já estava ali para verificar o meu comportamento, pensei).

Ao vê-la, disse-lhe:

— Ah, que bom que a senhora apareceu. Veja este caso! Eu vou ter de dizer um não para ela. Eu não posso fazer nada por essa pessoa.

Ela ouviu a minha queixa e respondeu-me:

— *Então estás triste porque alguém mandou que um necessitado viesse a ti?*

— *Sim, porque vou ter de negar. Não lhe posso atender o pedido.*

— *Mas tu podes amá-la. Não podes aquiescer em relação ao pedido que ela te jaz, mas, podes amá-la. E ao invés de te angustiares ou te impacientares, tem calma. Ela está fazendo-te a caridade de aprenderes a ouvir.*

Fez uma pausa e, para me consolar, aduziu:

— *No Evangelho há um texto que diz: "Não vos alegréis porque se vos sujeitem os espíritos, alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos nos céus." (Lucas 10:20) Quando o Senhor sabe que na Terra alguém ama, alguém está exercendo a caridade, alguém está sendo útil, Ele determina que Espíritos gentis anotem o seu nome, para que, numa emergência, saibam a quem pedir ajuda. Esta pobre irmã chorou muito e pediu a Deus que lhe enviasse o socorro. Os Benfeitores Espirituais procuraram então quem lhe pudesse ajudar. Viram que, em Salvador, na rua tal, estava anotado Divaldo Franco. Ia passando uma pessoa de bom coração que te conhece e os Espíritos inspiraram-na a pedir-lhe ajuda. Veio a intuição: manda para o Divaldo que tem o nome escrito em nosso livro. O freqüentador, inspirado, sugeriu-lhe:*

— *Minha irmã, vá lá, a Divaldo, vá lá. Ele resolverá o seu caso.*

— *E ela veio. Então — prossegue Joanna — tu estás aborrecido, porque o teu nome está escrito no livro do Reino do Céu?*

— *Não, senhora, só que eu quero pedir a Nosso Senhor que não precisa exagerar muito. . .*

Mas a mulher me estava fazendo a caridade de contar o seu caso. Quando terminou, expliquei-lhe:

— *Receber as crianças eu não posso. Não posso porque a senhora é mãe, e é uma falta de caridade separá-la dos filhos. Mas nós vamos estudar um jeito de ajudá-la sem*

retirá-los do seu convívio. A senhora me dá o seu endereço, explica onde é e iremos, no sábado, tentando solucionar o problema.

Ela me olhou bem e disse-me:

— Ah, senhor Divaldo, eu estava com tanto medo de que o senhor quisesse ficar com eles. O que eu queria mesmo é uma colaboração para criá-los.

Fiquei imaginando a caridade que esta mulher me fez. Nunca mais — isto foi há mais de trinta anos — eu me precipitei. Quando uma pessoa me procura com um problema, o mais difícil possível, eu me imagino na situação dela e penso: talvez, se eu estivesse no seu lugar eu não pediria, talvez tomasse à força. Portanto, nesse trabalho, essas pessoas nos fazem a caridade, ensinando-nos a paciência, o desprendimento, o amor, enfim.

Bela lição esta, de paciência, de tolerância, de caridade legítima e completa.

O trecho do Evangelho, em que está inserido o versículo citado por Joanna de Angelis, é o capítulo X, de Lucas, e se inicia com a missão dos setenta discípulos, quando Jesus os orienta:

"E depois disto designou o Senhor ainda outros setenta, e mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares onde Ele havia de ir."

Após transmitir as instruções, Ele afirma-lhes que têm os seus nomes escritos nos céus. Logo em seguida Lucas narra a parábola do Bom Samaritano e finaliza com o texto de Marta e Maria.

Verifica-se, neste capítulo, tomado em seu conjunto, que há um perfeito encadeamento da parábola com as instruções dadas aos discípulos, pois ela representa o exemplo da verdadeira caridade, exercida com abnegação e total desprendimento. No diálogo com Marta o Mestre ressalta a relevância das coisas espirituais.

Observando a vida de Divaldo Franco encontramos-lo em plena e integral vivência de todo este texto de Lucas, que constitui o capítulo X, para o qual remetemos o leitor a fim de que sinta em toda a sua beleza a narrativa do evangelista.

Consideremos a Parábola do Bom Samaritano através da narrativa de Joanna de Angelis, no seu livro *Espírito e Vida*. (pág. 111 — 2.ª edição, LEAL):

"Conta Lucas, no versículo 25 e seguintes, do capítulo 10, do Evangelho, que interrogado o Mestre por um doutor pusilânime que o tentava, a respeito da herança celeste, narrou-lhe o Senhor, após inquiri-lo sobre a Lei, a parábola do bom samaritano, a fim de informar-lhe, na aplicação do amor, quem seria o próximo.

Sintetizemos a narrativa: 'Assaltado por malfeitores, um pobre homem foi deixado à margem da estrada que descia de Jerusalém a Jerico. Casualmente passou pela mesma via um doutor, e depois um levita que, embora o vissem, seguiram indiferentes. Um samaritano, porém, por ali passando e o vendo, tomou-se de piedade e o assistiu carinhosamente, conduzindo-o na sua alimária até uma hospedaria onde o deixou cercado de cuidados, dispondo-se a resgatar quaisquer compromissos excessivos, quando por ali passasse de retorno.' E ante o assombro do interlocutor o Mestre indagou-lhe, quem seria o próximo do homem sofrido, ao que este respondeu: 'O que usou de misericórdia para com ele.' Disse, então, Jesus: *Vai, e jaze da mesma maneira.*

Em seguida Joanna faz uma comparação entre a parábola e as reuniões mediúnicas, em um texto muito interessante que vale a pena ser lido.

Parafraseando esta comparação da autora espiritual:

A "Mansão do Caminho" pode ser comparada à hospedagem acolhedora e gentil; o homem caído na orla do caminho, consideremo-lo como a representação dos muitos Espíritos tombados nos próprios enganos e que retornam à esfera física e são aí acolhidos e adotados como filhos

do coração; a equipe que colabora, assemelhe-mo-la ao encarregado da estalagem; os que deixam o labor em meio ou que são convidados e se conservam indiferentes, examinemo-los como o doutor e o levita sem piedade; o médium baiano, tenhamo-lo como o bom samaritano e a via entre Jerusalém e Jericó convencionemos como a estrada dos deveres fraternos por onde todos transitamos. Ainda poderemos considerar o bálsamo e o unguento postos nas feridas do assaltado como sendo a devoção, o carinho, as orientações, a palavra de Divaldo; as moedas pagas ao hospedeiro simbolizemo-las como as renúncias e dificuldades, lutas e testemunhos por ele vividos no cumprimento de sua missão, e o doutor da lei, zombeteiro e frio, representemos como sendo os companheiros conhecedores da vida imortal, notificados das surpresas além-do-túmulo, indiferentes, entretanto, às tarefas sacrificiais do auxílio fraterno...

Divaldo pode, como vimos, simbolizar, perfeitamente, o bom samaritano, pois vive integralmente o que prega, o que a Doutrina postula e o que Jesus recomenda aos seus discípulos.

Para o nosso querido Divaldo sabem muito bem as palavras de Cristo: "Ditosos os olhos que vêem o que vós vedes. Pois digo-vos que muitos profetas e reis desejaram ver o que vedes, e não o viram; e ouvir o que ouvís, e não o ouviram". (Lucas 10:23 e 24)

Quanto a nós outros, Jesus aconselha ao encerrar a parábola: "Vai e faze da mesma maneira."

A MOÇA DA PRAIA - EVITANDO UM SUICÍDIO

Era do nosso hábito, no começo da obra, e particularmente nos anos 60, passarmos o sábado ou o domingo em uma praia muito deserta, na periferia de Salvador, que hoje se transformou em um lugar famoso.

Certo dia, um amigo que possuía uma propriedade ampla, onde estavam plantados dez mil coqueiros, gentilmente, nos emprestou a chave da casa, para irmos com as crianças e vivermos um pouco em contato com a Natureza. Dois fatos, entre muitos que aconteceram, foram marcantes, na nossa mediunidade, naquela época.

De uma feita, nós, que sabíamos o caminho como a palma da mão, erramos a estrada. Maximiano, meu filho, ia dirigindo a kombi e por mais que tentássemos encontrar o lugar não acertávamos.

Paramos numa venda, na estrada, e perguntamos onde ficava o local que procurávamos. O vendedor respondeu que fôssemos em frente até encontrarmos o rio Jacuípe, aí dobrássemos por outro trecho da estrada e sairíamos lá.

Nós achamos estranho, porque ficava no sentido oposto ao que pensávamos. Mas fomos.

Chegamos a uma região de beleza invulgar. O rio desaguando no mar. A paisagem de coqueiros, a areia alva.

Eramos nove pessoas, Lygia, Ziza e outras tias. Quando fizemos a volta, olhei na direção do mar e vi que uma pessoa adentrava pelas águas, num lugar muito deserto. Então ouvi uma voz que me disse:

— Salta, porque ela está tentando suicidarse.

Pedi a Maximiano:

— Meu filho, pare o carro, aquela mulher vai-se matar!

Todos ficaram surpresos e acharam até absurdo. Mas eu saí correndo, mar a dentro — não sei nadar — e peguei a senhora que estava numa crise de loucura. Segurei-a, tirando-a da água; então chegaram os outros, Lygia, Ziza, Maria, Carmem, e nós a arrastamos para a praia.

Ela teve uma crise de desespero muito grande e a custo conseguimos acalmá-la. Levamo-la a uma casa que ficava a uns duzentos metros, onde ela residia.

Era uma casa muito modesta. Ali ela teve uma hemoptise muito forte, sujando-me de sangue. Quando conseguiu acalmar-se, fui buscar água, limpei a roupa e então perguntei-lhe:

— Por que a senhora quis matar-se?

Ela contou uma história muito curiosa.

Era mãe de seis filhos e algum tempo atrás contrairá tuberculose pulmonar. Com a doença, coincidentemente advirá uma nova concepção, que seria o sétimo filho.

Naquele estado ela foi ao Quarto Centro de Saúde, na Calçada, em Salvador, e o médico diagnosticou estar ela realmente grávida e tuberculosa. Ele falou-lhe que naquele estado a gestação era um grande perigo, e o parto um grande risco de vida, sugerindo-lhe o aborto. Mas o aborto também era um grande risco de vida, e ela, uma pessoa muito pobre, muito necessitada, não tinha como solucionar o problema.

Aí no posto, alguém aconselhou que fosse a um Centro Espírita que havia nesse bairro. Ela nada conhecia de Espiritismo, mas resolveu ir, naquela mesma noite, que

era uma quinta-feira. Ficou na cidade, pois morava a quarenta quilômetros de distância.

À noite, foi ao Centro. Lá ouviu um homem moço falar muito sobre os deveres perante a vida, a misericórdia de Deus, que Deus soluciona sempre todos os problemas, etc. Quando ele acabou de falar, ela quis tirar uma consulta e mandaram-na dar o nome e o endereço na portaria para na terça-feira buscar a resposta. Ela assim o fez, e viajou.

Mas, no sábado, que era o dia em que os Espíritos iriam atender a consulta, o marido esteve lá, à tarde, bêbado. Já a havia abandonado, e deu-lhe uma surra muito grande. Ela ficou desesperada. No domingo pela manhã achou que a única solução para a sua vida era o suicídio. Saqueia hora as crianças ficaram nervosas, começaram a chorar, e ela muito desesperada saiu correndo para entrar pelo mar e matar-se. Foi no justo momento em que nós passávamos.

Perguntei-lhe qual era o endereço do Centro e ela disse que era na rua Barão de Cotegipe. Indaguei:

— Você se lembra do moço que estava falando?

— Não, senhor, porque o salão é muito grande e não o vi bem.

Tirei os óculos escuros e perguntei-lhe:

— Seria eu?

— Meu Deus.' Foi o senhor quem estava falando — disse, surpresa. — Mas, como é que o senhor veio parar aqui?

— Deve ter sido a Providência Divina — respondi-lhe, emocionado. — Você pediu ajuda e eu vim, trazido pelos Espíritos.

Aplicamos-lhe um passe, fizemos um culto evangélico e tomamo-la sob a nossa responsabilidade emocional.

— Sa terça-feira — recomendei-lhe — você vai à reunião e vamos ver o que os Espíritos aconselharam.

Conversamos muito. Ela ficou mais consolada, cotizamos-nos, arranjamos algum dinheiro para ela comprar qualquer coisa de emergência e fomos para a tal praia.

Aí não erramos mais. Fomos direto, passamos o dia. Mas eu fiquei com uma curiosidade de saber o que é que os Espíritos teriam colocado na consulta, para nos desviarem da rota no momento próprio.

Quando chegamos a Salvador, eu fui à pasta de orientações espirituais, que arquivamos em ordem alfabética e lá estava escrito exatamente assim:

"Receberá, no momento próprio, a solução para o magno problema da vida. A sua vida é muito preciosa para você e a Divindade, e deve ser poupada.

Siga a orientação médica e acrescente os seguintes remédios..."

Então vinham três remédios da Homeopatia, específicos para a tuberculose, inclusive um chamado Pulmonina, do Laboratório Seabra.

Assim eu notei, uma vez mais, a interferência poderosa dos Espíritos e de alguma forma o merecimento dessa senhora, porque nós erramos vinte e tantos quilômetros de estrada num percurso que fazíamos a cada quinze dias.

Na terça-feira, quando ela chegou, mostramos-lhe o resultado da consulta e conseguimos interná-la no Hospital Santa Terezinha, para tratamento especializado. Ela ficou boa, recuperou-se completamente. Nós ficamos com a criança que nasceu por último, pois ela não tinha a menor condição de mantê-la; a criança era muito frágil. Hoje está um adulto, já se emancipou.

Desejo anotar a interferência dos Espíritos, a claridade do fenômeno mediúnico e também a lei do mérito, porquanto, se passássemos alguns segundos antes ou depois, o suicídio teria sido consumado.

Isto foi em 1964.

Comoventes são os esforços da Espiritualidade Maior para impedir que uma pessoa cometa o suicídio.

Nestes anos de atividades mediúnicas temos tido o ensejo de conhecer um pouco do que sejam os tormentos tenebrosos que existem no "vale dos suicidas". Em alguns desdobramentos, durante as reuniões mediúnicas, especialmente, incursionamos, por breves minutos, nessas regiões de sofrimentos, quando buscamos aprender com os Amigos Espirituais a tarefa de resgatar algumas das Entidades que, exauridas pelo desespero e pela dor, já têm condições de serem socorridas e encaminhadas para tratamento.

As comunicações desses nossos irmãos são as mais dolorosas para o médium. Entretanto, são, também, a nosso ver, as que mais dulcificam e aprimoram os sentimentos.

O fato de o médium conviver com esses dramas, tornando-se, de certa maneira, testemunha, expectador deles, compartilhando por instantes das dores que avassalam essas Entidades, proporciona-lhe uma fantástica vivência. Com o passar dos anos, no exercício contínuo de socorro e aprendizado junto a esses sofredores, o medianeiro terá conseguido vivenciar uma gama muito intensa de emoções e experiências que o enriquecem de forma notável. Os conteúdos psicológicos desses Espíritos em dificuldades são como que absorvidos, em parte e em breves minutos pelo médium, que os experimenta e deles se impregna, enquanto dura a sintonia mental e fluídica. Cessa esta, o medianeiro se recompõe; entretanto, tais estados emocionais ficam íregistrados no seu psiquismo e passam a fazer parte do seu acervo como aprendizado, como "lições vivas".

Assim, ocorre, também, com quaisquer outros estados emocionais que o Espírito comunicante exteriorize e o médium venha a captar.

Emoções negativas, tais como o ódio, o desequilíbrio mental, a mágoa profunda, tudo, enfim, passa pelo campo emocional do médium que as *sente* momentaneamente. Quando o médium atinge essa vivência profunda precisa

estar muito atento e vigilante, pois compete-lhe envolver o Espírito em vibrações opostas àquelas negativas de que ele é portador. O ódio, o desejo de vingança, o sarcasmo, a frieza, a crueldade, o desequilíbrio afetivo, o sofrimento moral acerbo, tudo isso deve encontrar no médium a contraparte do amor, da compaixão e da solidariedade.

Alguns médiuns — como é o nosso caso — têm desde o início do exercício da mediunidade essa aptidão para assimilar as angústias e aflições das Entidades que se manifestam por seu intermédio, a captação de seus sintomas e dores. Isso, às vezes, assusta um pouco e tem sido causa de receio e evasão de algumas pessoas às tarefas mediúnicas.

É evidente, contudo, que essas captações por parte do médium são muito atenuadas. Quando um Espírito está com dor, sentindo, por exemplo, o esmagamento de suas pernas num desastre, ou uma facada no peito, ou, ainda, um tiro que ele próprio desfechou no ouvido, o médium *sente* essas aflições e sofrimentos, porém, é óbvio, de forma atenuadíssima. Ocorre que certos médiuns são muito impressionados e receiam a rigidez ou dormência muscular momentânea que os acometem em certas comunicações, a taquicardia, a falta de ar, ou mesmo quaisquer sensações que os Espíritos transmitem. Esse quadro parece assustador e chocante. Na prática, todavia, a coisa funciona de outro jeito. É que o médium *sabe* e *sente* que apesar de captar tais estados, *estes não são dele*, que está *a salvo*, sentado em seu lugar, na sala de reuniões, protegido e defendido por uma corrente vibratória entre encarnados e desencarnados e, sobretudo, pelas defesas estabelecidas pelos Mentores, nos quais deve confiar incondicionalmente.

No extraordinário livro *Memórias de um Suicida*, Yvonne Pereira, narrando a comunicação de um suicida que se atirara sob um trem, o seu desespero e desequilíbrio, esclarece:

"As vibrações mentais dos assistentes encarnados e, particularmente, da médium, cuja saúde, físico-material,

físico-astral, moral e mental, encontrava-se em condições satisfatórias, *pois que fora anteriormente examinada pelos provedores do importante certame espiritual*, reagiam contra as do comunicante, que, viciadas, enfermas, positivamente descontroladas, investiam violentamente sobre aquelas, como ondas revoltas de imensa torrente que se despejasse abruptamente no seio esmeraldino do oceano, formoso e sobranceiro, refletindo os esplendores do firmamento ensolarado. Estabeleceu-se, assim, luta árdua, na realização de sublime operação psíquica, uma vez que influências saudáveis, fluidos magnéticos mesclados de essências espirituais aconselháveis no caso, fornecidas pela médium e pelos guias assistentes, deveriam impor-se e domar as emitidas pela entidade sofredora, incapaz de algo produzir distante do inferior. A corrente poderosa pouco a pouco apresentou os frutos salutares que era de se esperar, dominando suavemente as vibrações nefastas do suicida depois de passar pelo áureo veículo mediúnico, o qual, *mater ializando-a, adaptando-a em afinidades com o paciente, tornava-a assimilável por este, cujo envoltório astral fortemente se ressentia das impressões animalizadas deixadas pelo corpo carnal* que se extinguiu sob a pedra do sepulcro! Eram como que compressas anestésicas que se aplicassem na organização fluídica do penitente, suavizando-me o efervescer das múltiplas excitações, a fim de torná-la em condições de suportar a verdadeira terapêutica requisitada pelo melindroso caso. Era como sedativo divino que piedosamente gotejasse virtudes hialinas sobre suas chagas anímicas, através do filtro humano representado pelo magnetismo mediúnico, sem o qual o infeliz não assimilaria, de forma alguma, nenhum benefício que se lhe desejasse aplicar!" (os grifos são do original)

* * *

É exatamente por saberem e conviverem — na tarefa socorrista — com os sofrimentos superlativos dos suicidas e, por ser este um crime contra as Leis Divinas, que os

Benfeitores Espirituais envidam todos os esforços no sentido de impedirem que exista um maior número de suicídios no mundo.

Assim, Divaldo foi o instrumento, uma vez mais, de que o Mundo Maior se utilizou para impedir à mulher de consumir o seu intento.

Vinte quilômetros de erro na estrada — e uma vida foi salva de séculos de tormento e dor.

NAS MÃOS DE NILSON

Nesse mesmo lugar, aonde íamos periodicamente, ocorreu um outro fato e que envolve Nilson.

Nós íamos com as crianças e as tias. A casa era modestíssima. Nós deitávamos até no chão. Levávamos alguns colchões, a casa tinha umas três camas e iam umas trinta pessoas. Mas era um desses lugares preservados pela Divindade para o contato com a Natureza.

Praia virgem, deserta.

Numa dessas vezes, num domingo, nós ficamos na praia com as crianças e as tias. Depois fomos almoçar e deitamos para repousar um pouco.

Depois de uma hora mais ou menos, ouvi um grito de socorro. Eu disse, assustado:

— Nilson, há alguém se afogando, gritando por socorro.

Levantamos, subimos no peitoril da janela para olhar o mar e, naquela imensidão, não vimos ninguém.

Joanna me apareceu e avisou:

— Duas das tias estão correndo perigo de vida. Corram nesta direção, porque a correnteza as está levando para o mar alto.

Eu não sei nadar, mas Nilson sabe. Saímos a correr na direção indicada. Maria Seippel e Carmem Prazeres haviam

sentado em uma jangada que estava ali e, sem darem-se conta, a jangada começou a se deslocar. Quando perceberam, já estavam longe da praia. Entraram numa corrente marítima.

Maria, muito nervosa, segurou-se, e Carmem saltou para ver se nadava, mas, não conseguindo, apegou-se à borda da jangada, que as carregava. Então, vi Joanna erguer-se e, com o manto, abrir os braços, como se estivesse empurrando a frágil embarcação para a praia. Automaticamente, ficamos na areia, estarecidos, Lygia, Ziza e as crianças, que começaram a gritar, quando lhes propus:

— Vamos orar, todos; vamos orar!

Nilson era o único que sabia nadar.

Ele atirou-se ao mar e nadou. Pegou, primeiro, Carmem, que estava quase se afogando, fora da jangada, e pediu a Maria que tivesse calma. A jangada prosseguiu sendo levada. Ele trouxe Carmem, deixou-a na areia e vi Joanna chamando-o. Havia um toro de madeira que ele tomou e jogou-o no mar para apoiar-se, pois, já não tinha forças e foi segurando-o até à jangada.

Lentamente, muito lentamente, foi trazendo-a, até que salvou, também, a vida de Maria, colocando-a na praia.

Nós, automaticamente, ali mesmo, fizemos um culto evangélico de agradecimento, pois poderia ter sido uma tragédia. Não havia uma pessoa sequer, além de nós, em vários quilômetros.

*Isso foi em 1965. Depois disso nós brincamos, afirmando que Maria e Carmem * deviam a vida a Nilson.*

São estas, demonstrações da Misericórdia de Deus.

Nas mãos de Nilson as vidas de Carmem e Maria.

Às mãos de Nilson Joanna confiou o salvamento.

(*) Carmem Prazeres desencarnou em 23 de maio de 1987, com problemas hepáticos. (Nota de Suely C. Schubert)

Nas mãos de Nilson Pereira, por algumas vezes, a vida de Divaldo.

Nessas abençoadas mãos o labor do bem se desenvolve e se mantém constante.

Essas mãos seguras e firmes, de irmão, de amigo, de pai, são mãos de sustento, de apoio, de bondade para a vida de Divaldo.

Mãos fortes e belas que falam de um coração bondoso e fiel.

Mãos que aram e semeiam a leira dos corações.

A magnífica e comovedora visão de Joanna a proteger a jangada com as tias é por demais significativa, pois expressa os cuidados, o zelo com que os Benfeitores da Vida Maior cercam a nossa vida.

Será que já nos demos conta disso?

O episódio merece uma reflexão mais profunda de cada um.

EM UM MINUTO APENAS

Eu estava atendendo, um dia, à fila, lá no Centro, quando chegou uma senhora com uma criança, muito nervosa e agitada. Ela estava tão inquieta que me pediu que a atendesse de imediato.

Pedi licença às pessoas que estavam na frente e atendi-a.

Ela me disse que teria de voltar para casa, imediatamente, pois estava vivendo um drama muito sério, um drama com o marido, muito grave.

Contou-me que era muito feliz na vida conjugal, tinha tido um filho, quando, de repente, o marido arranhou uma companheira e começou a maltratá-la, chegaram a ter vários atritos, e, à véspera, ele agredira-a, batera-lhe. Ela considerava aquilo o ponto final do casamento — agressão física!

Ficou desesperada. Naquela situação resolveu suicidar-se. Morando na Barra — que é um bairro sofisticado de Salvador, perto do farol, onde o mar bate no penhasco — ela resolveu suicidar-se e, por vingança, matar o filho, para que o marido ficasse com um problema de consciência.

Pegou o filhinho de quatro anos para ir na direção do farol. (Ê um trecho muito movimentado.) Quando estava atravessando a avenida, a criança escapuliu-lhe da mão. (Ê curioso ver como Deus nos armou do instinto de conservação da vida, enquanto a ira deseja que matemos o corpo.)

Ao percebê-lo solto, ficou angustiada ante o pavor de vê-lo morrer atropelado, embora, ainda há pouco, tivesse o desejo de matá-lo, o que é um paradoxo.

Quando conseguiu segurar o filho e abaixou-se para dar-lhe umas palmadas, o garoto apanhou um papel que estava no chão. Ela o arrebatou e ia jogá-lo fora quando viu escrito "UM MINUTO APENAS". Então, olhou-o melhor, interessada pelo título, com raiva o leu: "Num minuto apenas, a tormenta acalma, a dor passa, o ausente chega. O dinheiro muda de mão, o amor parte, a vida muda." Foi andando, puxando a criança e lendo a página. No final estava escrito: Marco Prisco. Ela terminou de ler, passou o ímpeto — em um minuto! Parou e olhou em torno, já estava próxima ao penhasco, sentou-se e teve uma crise de choro. O impulso havia desaparecido. Ela viu que era escrita por mim — era uma página mediúnica. Nesse momento recordou-se de que, no Banco . . ., onde trabalhava o marido, havia um senhor que era espírita — Elísio Dórea — e que um dia, indo à sua casa jantar, tentou falar-lhes sobre o Espiritismo. Mas, ela e o marido, de formação católica, reagiram incontinenti.

Com essa angústia toda, ela voltou à casa e telefonou àquele senhor. Contou o acontecido, e, agora, não queria viver, nem queria morrer, não sabia o que fazer da vida. O amigo espírita explicou-lhe que era fácil encontrar-se comigo, deu-lhe o endereço, e ela ali estava para pedir uma orientação.

Conversei demoradamente com ela, explicando-lhe que a vida era o dom mais precioso de Deus e que ela passasse a freqüentar a nossa Casa, na medida do possível. Já que o seu casamento estava em tal situação, ela fosse franca com o marido e lhe dissesse que o direito que ele tinha de **ir a casa** de uma companheira, ela também tinha de procurar aquilo que lhe fizesse bem. Caso ele tivesse qualquer suspeita do seu comportamento, aqui viesse e a surpreendesse, caso duvidasse de sua integridade moral.

Conversamos muito, ela saiu renovada e passou a **freqüentar** as reuniões públicas. Foi mudando de comporta-

mento, porquanto era também muito agressiva, estava magoada e reagia facilmente.

Mais de um mês depois, ela estava conversando comigo, na fila, quando irrompeu um homem, visivelmente desesperado, com um revólver na mão. Entrou pelo salão e chegou perto de mim com a arma em punho, dizendo, à frente de todos:

— Me disseram que o senhor é o amante de minha mulher e eu vim aqui para pôr isto em pratos limpos.

— O senhor há de notar que é, realmente, um ato de amor — respondi-lhe — mas de um amor fraterno, público, e não escuso, como aquele que o senhor se permite. O que sua esposa está buscando aqui é o amor universal, para não o odiar, ao senhor que desrespeitou o seu lar e a sua família. E ela, ao invés de desrespeitá-lo, está dignificando o seu nome.

Ele levou um choque com as minhas palavras e ficou sem ação. Pedi-lhe, então, que guardasse a arma. Ele a colocou no coldre, na cintura. Falei-lhe demoradamente, ele teve a célebre crise de choro (que sempre ocorre nesses casos) e depois saíram abraçados.

A família foi reconstituída e hoje são excelentes espíritas. Ele, com o tempo, passou a canalizar as suas energias para a aplicação de passes, enquanto ela revelou a mediunidade de psicofonia. Através dela foi trazido, pelos Benfeitores Espirituais, o agente da grande perturbação, que era um inimigo, um ex-marido a quem ela não soubera respeitar na encarnação passada e que estava atirando o atual esposo invigilante ao adultério, para que ela enveredasse pelo suicídio.

Aclarada a causa do desajuste conjugal, ela hoje dedica a vida à prática do bem, o lar está reconstituído, o casal tem três filhos.

Aquele filho, quase assassinado, está adolescente de quinze anos e a paz voltou à família.

O obsessor reencarnou. É o filho caçula, está dentro de casa agora, apaziguando os dois.

Um minuto apenas!

Duas vidas salvas por uma página caída na calçada da movimentada avenida. Como foi parar aí? Que prodigiosos recursos espirituais foram carreados para que aquela mulher a lesse, no momento certo? Como, na fração de um minuto, a criança vê a página no chão e, num impulso, a segura?

Num átimo o vento poderia tê-la deslocado do lugar. Alguém poderia pisá-la, amassando-a. A mãe, desesperada, puxando o filho pela mão, poderia ter passado antes ou depois que a folha de papel aí estivesse. Ou ter ido pelo outro lado da rua. Ou então ...

Quantas coisas poderiam ter impedido que o tão esperado momento da leitura acontecesse. As probabilidades contrárias são quase incalculáveis.

No entanto, em um minuto apenas, a mulher caminha naquela direção, no local exato e, no seu desespero, vê o filho escapular de suas mãos em meio ao trânsito intenso. Segura-o. Por um estranho paradoxo teve medo que ele morresse atropelado — ela que pensava em matá-lo. É, precisamente, neste instante, que a luz do Mundo Maior incide sobre ambos.

A criança pega a página solta no chão. E ela vai parar nas mãos da agonia.

Um minuto apenas!

O que é isto? É o tempo exato do socorro, do amparo, das bênçãos divinas.

Alguém, um dia, num minuto de luz, idealizou aquela página e a transmitiu para a Terra. Outro alguém, predisposto ao amor, num momento de elevação captou a mensagem. A partir daí, a trajetória do bem se faz. Por caminhos insuspeitados, para nós, que temos a nossa visão obliterada pelos estreitos limites físicos.

Salvar alguém das garras da loucura, do desespero, das horríveis voragens do suicídio, do crime — não é esta a meta do Consolador? E, trazê-lo de volta, resgatá-lo dessas tenebrosas malhas, recuperá-lo, promovê-lo não são estas as finalidades da Doutrina Espírita?

O desfecho deste lindo caso é comovedor.

A reencarnação a fazer cumprir as suas leis, nos leva a outras reflexões.

Em um minuto apenas, a Misericórdia Divina se derama, plena de bênçãos, sob as tortuosas vielas dos passos humanos, corrigindo, saneando, reparando, transformando-as em estradas luminosas no rumo da Vida Maior.

Precisamos de outras provas disto?

FATOS MEDIÚNICOS EM ISRAEL

Quando fui a Israel, levei um gravador pequeno para registrar o que o guia ia dizendo e consignar as minhas impressões, porque depois que daí saísse não me recordaria de todos os detalhes.

Em Tiberíades, há um ancoradouro de barcos e fui gravando tudo. Numa grande emoção, sentei-me nas pedras, enquanto Juan e Nilson choravam. . . Quando o guia viu-nos em tal estado, sugeriu:

— Acho bom irmos embora, porque senão o tempo não dará para visitar o restante. ..

Saimos todos em "estado alfa".

Quando entramos no carro, apareceu-me o Espírito Marcelo Ribeiro e falou-me:

— Baiano, tu deixaste o gravador lá, sobre as pedras.

Levei um susto terrível e pedi ao guia:

— Pare, imediatamente; vamos voltar, porque o meu gravador ficou lá.

— Se ficou, perdeu, porque já devem tê-lo tirado do lugar.

Mas, o Marcelo afirmou:

— Volta rapidamente, pois estou tomando conta; a meninada está a cinqüenta metros .. .

— Volte, imediatamente — insisti.

Retornamos, e quando íamos chegando, vimos um menino apontando para o gravador.

Eu gritei:

— Não o toque. É meu — e consegui reavê-lo.

Mas, o nosso guia era um árabe, falando espanhol perfeitamente. Ele falava nove idiomas. A certa altura nos informou:

— Vou lhes mostrar agora a estalagem do "Bom Samaritano".

Entramos e fiquei empolgado. Quando estávamos assim, naquele entusiasmo, apareceu-me Joanna e disse-me:

— O conhecimento evangélico do senhor deixa muito a desejar. (Quando ela está muito austera chama-me de senhor, que é para quebrar a intimidade)

Eu, crente que conhecia o Evangelho de capa a capa...

— Mas, como?

— Porque o senhor está aqui considerando que esta é a hospedaria do "Bom Samaritano"...

— Porém, é a hospedaria do "Bom Samaritano", conforme o senhor o afirma. (E perguntei ao guia só para confirmar).

Ela, tranqüilamente, prosseguiu:

— A narrativa de Jesus é uma parábola, e uma parábola é um conto imaginativo por paralelismo. Não foi nesta hospedaria. Para mostrar quem era o próximo, Jesus concebeu uma história com a figura do "bom samaritano". Portanto, podia ser esta como qualquer outra estalagem, caso houvesse acontecido...

Aí, despertei. . . Então voltei-me para o guia e perguntei:

— Mas, o senhor tem certeza do que está informando?

— Sim, tenho.

Ansioso por sua reação, passei-lhe o argumento. Ele caiu em si.

— *Daqui por diante o senhor diga: em uma hospedaria como esta...*

— *Qual é afinal a religião que vocês professam? — indagou-nos. — Porque católicos, não são, pois que não se benzeram e nem se ajoelharam nenhuma vez; protestantes, também não, porque não me tentaram convencer. Qual é a sua religião?*

— *Nós somos espíritas.*

— *O que é isto?*

Então aproveitei o ensejo... Esqueci-me de onde estava e, com Juan e Nilson do lado, gentilmente, ele foi "doutorado". Quando descobriu que acreditávamos na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos Espíritos, no que eles acreditam, mas de forma diferente, sensibilizou-se. Era maometano, fazia o culto cinco vezes, ouviu-nos e respondeu:

— *Eu já atendi turistas de todos os tipos, mas os senhores são o grupo mais equilibrado — de um equilíbrio especial — que eu conheço. São equilibrados porque não bebem, não fumam, não comem coisas vulgares, mas são completamente loucos porque acreditam que a alma retorna, e esta não volta: a alma que serviu ao Alcorão está lá nas delícias.*

— *Como são as delícias? — indaguei.*

Ele explicou, e nessa altura fomos nós que o achamos estranho.

Para completar, Juan informou-lhe:

— *O Divaldo é médium, ele vê e conversa com os "mortos".*

— *O senhor vê os "mortos"? — perguntou, surpreso.*

— *Não, porque quem morreu acabou. Eu vejo os vivos, que venceram a morte. ..*

ü assunto encerrou-se neste ponto.

Fizemos todo o roteiro. No último dia, já éramos muito amigos, e ele então, para nossa surpresa, indagou-me:

— *Senhor Divaldo, vou perguntar-lhe uma coisa, com toda a sinceridade. O senhor promete ser leal comigo?*

— *Sim, eu prometo.*

— *O senhor vê quem já se foi?*

— **Sim**, *eu vejo.*

— *Como é que vê?*

— *Como o senhor está vendo aquela árvore ali.*

— *Mas, eu não o posso conceber. Agora, que nos vamos despedir, se o senhor me puder dar assim uma prova, uma coisa qualquer...*

— *Eu lhe vou dar agora esta prova — afirmei. — Eu vi o seu pai que já morreu...*

Ele ficou lívido.

— *Como o senhor pode tê-lo visto, se meu pai está no paraíso?*

— *O senhor o colocou lá, mas ele não é obrigado a ficar.*

O genitor dele me ditou uma mensagem em árabe, que eu escrevi com muita dificuldade, tendo a mão conduzida. Eu lhe disse que não tinha conhecimento algum do idioma, porque o meu alfabeto é latino, mas pedi um papel, e o pai escreveu uma citação do Alcorão, o versículo 114, uma sura: "A esperança na bondade de Deus é o coroamento de uma vida digna."

Ele leu em árabe e traduziu-a para nós. Ficou abaladíssimo. Eu descrevi-lhe o pai, fisionomicamente.

Despedimo-nos, e ele, profundamente impressionado, prometeu escrever-me. Assim, mantivemos correspondência por algum tempo, hoje interrompida.

Muitos e extremamente ricos foram os acontecimentos mediúnicos vivenciados por Divaldo quando de sua viagem a Israel.

Não é muito difícil imaginar o que representa para um médium como ele, que tem condição de captar a ambiência etérica dos locais onde se encontra, esse contato com a psicofera das regiões onde Jesus viveu.

Estes fatos aqui narrados pelo médium são uma pequena amostra dentre as interessantes e comoventes experiências que a psicofera da "Terra Santa" lhe propiciou.

OS TRÊS PASSES

Em nossa Casa temos o plantão de passes. Certo dia, estavam as encarregadas em plena função, quando entrou um senhor e sentou-se.

Uma de nossas passistas, que é uma pessoa muito distraída, ingênua, chegou perto dele e aplicou-lhe a bioenergia com todo o amor. Terminado o mister, todos os beneficiados saíram e entrou novo grupo, mas ele continuou sentado.

Ela pensou: naturalmente ele não se sentiu melhor. Fez então a leitura de praxe, os comentários, a prece e aplicou os passes. Aproximou-se do homem e repetiu o socorro flúidico, agora, mais cuidadosamente ainda. Terminando, saíram todos e ele não se mexeu do lugar. Entraram outras pessoas e ela ficou intrigada.

Então, fez uma leitura maior e comentou-a, dizendo, a certa altura, que a pessoa tem de se abrir para Deus, tornar-se receptiva às bênçãos divinas, para ser beneficiada; explicou que o passe é uma transfusão de energias, porém, cada um tem de fazer a sua parte. Preparou a água, fluidificou-a, aplicou passes em todos, e, chegando junto ao senhor, transmitiu-lho por terceira vez. Deu-lhe, em seguida, a água fluidificada, dizendo:

— Agora o senhor já pode ir, pois já o atendi por três vezes. Por que o senhor veio aqui?

— *Minha senhora, eu não estou entendendo nada do que a senhora está jazendo. Eu sou o cobrador da luz. Entrei, vi a porta aberta, estava com calor terrível, uma dor de cabeça violenta. Então sentei-me aqui, por estar muito fresquinho e agradável. A senhora chegou, fez estes movimentos sobre a minha cabeça, eu não entendi nada. A dor de cabeça passou. Eu sofro de uma dispepsia nervosa; a senhora veio, fez aqueles gestos outra vez. Eu pensei: — Daqui não saio enquanto esta senhora fizer isto sobre a minha cabeça. — Agora estou ótimo! A senhora pode explicar-me o que é isto?*

— *Bem, primeiro, a luz é paga lá, na outra sala. Depois, aqui é uma Instituição Espírita — e explicou-lhe tudo.*

O homem passou a freqüentar as reuniões. Ela deu-lhe O Livro dos Espíritos, enquanto ele ficou-lhe como afilhado emocional. Hoje é passista plantonista da Casa.

Podemos ver como funciona o mecanismo do Mundo Espiritual...

Muita gente diz: — Não se deve dar passes; não se deve fazer isto ou aquilo, escondendo-se no comodismo. — Vamos passar o verbo para a ação positiva: Vamos fazer. Se não der resultado, realizamos o melhor ao nosso alcance.

A nossa tarefa é ajudar sempre, pois nunca sabemos quando a semente vai germinar. Então, saíamos a semear. Que elas caíam onde caírem. As que ficarem aparentemente perdidas no asfalto, nas pedras e na terra safara, serão resgatadas por uma apenas que encontre terra boa.

Lançamos mil sementes; se perdermos novecentas e noventa e nove, uma que germine vai dar-nos dez mil. O que importa é semear, porque o resultado da colheita é de Deus.

A aplicação do passe, o número de passes aplicados, a forma de ministrá-los; deve-se restringi-los ou atender a todos? Estas são algumas das questões constantemente formu-

ladas, estudadas e debatidas pelos que se interessam pelo bom andamento dos trabalhos espíritas.

Técnicas foram criadas, cursos de passes, páginas são escritas, seminários, palestras, até livros específicos sobre o assunto, expressando uma preocupação permanente em nosso meio espírita quanto à prática correta para a sua aplicação.

O passe é um ato de amor e deve ser transmitido no clima que este sentimento propicia a quem o cultiva. Isto envolve a alegria de servir, o entusiasmo de ser útil, de sentir-se solidário com o próximo; é todo um exercício de amar.

Jesus curava pelo olhar; pelo suave magnetismo do Seu amor; pelo impulso da vontade; à distância; pela imposição das mãos. . . Ele deixou-nos o exemplo. Todavia, a nossa carência de valores íntimos impede-nos de conseguir melhores resultados. Em razão disso surgiram algumas técnicas para a aplicação do passe, com a finalidade de aprimorá-lo, isto é, de suprir, talvez, as nossas dificuldades. Os próprios autores espirituais fazem referência a algumas dessas técnicas. André Luiz, no capítulo de *Missionários da Luz*, intitulado "Passes", menciona o passe longitudinal e o rotatório utilizado pelos Instrutores Espirituais. Manoel Philomeno de Miranda refere-se aos passes de dispersão fluídica e ao longitudinal, em *Grilhões Partidos e Painéis da Obsessão*. As técnicas seriam, pois, os recursos auxiliares na condução das energias espirituais e físicas.

Mas, atualmente, este assunto — passes — tornou-se um problema complexo, porque, no afã desse aprimoramento, surgiram algumas novidades para se ministrá-lo, tão complicadas que dificultam o que deveria ser simples, talvez até com prejuízo do verdadeiro sentido de doação e de amor que são primordiais.

Isto motivou uma corrente de opinião que diz não serem necessárias as técnicas, nem as mais simples, bastando apenas a imposição de mãos.

Nesse contexto todo, uma coisa é evidente e fundamental: o sentimento com que o passe é transmitido, porque

este é um trabalho que jamais deverá ser feito de maneira maquinal. Na verdade, a essência do passe é o amor. O amor que dimana do nosso Pai e Criador em favor de todos os Seus filhos. O amor de Jesus Cristo que impregna o nosso planeta, do qual Ele é o Governador Espiritual, conforme assevera Leon Denis. O amor dos Benfeitores Espirituais, sempre tão abnegados e solícitos em socorrer as dores humanas. O amor que o passista deve cultivar a fim de que se torne médium dos Espíritos Amigos e juntos, unindo sentimentos, possam doá-los a quem necessita.

E para que esse amor logre atingir a finalidade para a qual é canalizado, o passista não pode prescindir dos valores morais indispensáveis, lutando pela reforma íntima e constante progresso espiritual, a fim de tornar-se um bom servidor.

Outro ponto que merece ser ressaltado e do qual não se deve prescindir nessa tarefa é o da ética do passe. O passista deve preservá-la, usando ou não as técnicas. A pretexto de doar, que não se vá tocar o receptor ou fazer ruídos, estalar de dedos etc. Também que se evitem quaisquer tipos de consultas e orientações no momento da aplicação. Aliás, Kardec é bem claro sobre esta questão quando diz que o médium deve evitar tudo que o transforme em agente de consultas. Esses cuidados, no seu conjunto, constituem a ética do passe.

É oportuno falarmos a respeito do passe a propósito deste tão interessante caso narrado por Divaldo.

A médium passista, conforme se vê, o aplica, nada mais nada menos por três vezes consecutivas no senhor que permanecia sentado, na sala própria.

Obviamente, a pergunta que ela lhe faz após a terceira aplicação, poderia ter sido feita da primeira vez. Entretanto, Divaldo esclarece, logo no início, que ela era uma pessoa distraída, ingênua. Uma pessoa que age, naquele instante

preciso, pelo sentimento, pelo desejo puro e simples de ajudar.

Este é um bom exemplo para quantos se preocupam, em demasia, com o uso das técnicas em nossos serviços espíritas, em prejuízo da espontaneidade de sentimentos e do legítimo desejo de praticar o bem e a caridade.

Não se está condenando os novos conhecimentos especializados em torno deste ou daquele assunto, desta ou daquela prática, mas, enfatizando que o excessivo uso das técnicas tem empalidecido o verdadeiro sentimento da caridade e do amor.

E no tocante ao passe, quase que se exige hoje em dia, um diploma daquele que quer servir nesta área.

Divaldo ressalta então a questão das restrições: não se deve fazer assim; não se deve fazer isto ou aquilo.

Semear sempre — ele nos conclama.

Semear — ensina Jesus.

Semear — eis um tema muito sério para nossa meditação.

COM MARCO PRISCO NA AVENIDA IPIRANGA

Em certa ocasião, quando eu ia proferir uma palestra na Federação Espírita do Estado de São Paulo, um confrade se ofereceu para ir buscar-me no hotel. Acertamos que ele iria pegar-me na Avenida Ipiranga, à porta do Cine do mesmo nome, para facilitar-lhe o esforço e ganharmos tempo.

À hora aprazada, eu me postei no local indicado, aguardando. Após alguns momentos percebi que era um lugar muito turbulento e complicado. Muitas pessoas atormentadas e uma grande confusão. Procurei olhar os cartazes, mas foi pior pois eram muito chocantes. Vi, nas proximidades, uma banca de jornais e encaminhei-me até lá, para não ficar parado naquele local.

À medida que eu andava, percebi uma pessoa seguindo-me. Parei numa vitrine, mais adiante, e vi pelo vidro, que o outro também parou. Andei um pouco mais e resolvi virar-me, quando então observei que o aspecto dessa pessoa era um tanto estranho. Todo o mundo tem o direito de viver como lhe apraz. Sendo espírita, a minha atitude é de compreensão para todo e qualquer problema humano, como em relação aos indivíduos, porque não me cabe o direito de julgar. Não obstante, surpreendi-me, porque o rapaz me olhou demoradamente. Fiquei muito constrangido. Continuei a an-

dar e comecei a orar. Pensei que devia tomar uma atitude, saber o de que se tratava, enfrentar a situação.

Virei-me subitamente e perguntei-lhe:

— O senhor desejava alguma coisa?

Ele assustou-se com a minha indagação, que não esperava, e respondeu:

— O senhor deve estar intrigado por eu o estar seguindo, não é?

— Bem, notei-o agora e pode ser que o senhor me conheça de algum lugar.

Ele me olhou muito constrangido, começou a gaguejar e tentou explicar:

— O senhor não se incomode, mas é que eu estou observando uma coisa que sempre me acontece e vou dizer-lhe francamente: sucede que eu vejo coisas. . .

Foi a minha vez de ficar surpreso, pensando o que seriam tais coisas. Mentalmente roguei ajuda espiritual e aguardei.

— Eu vejo coisas — prosseguiu — e estou vendo junto ao senhor algo curioso.

— E o que é?

— Bem. . . Um Espírito. O senhor acredita em Espíritos?

— Não, senhor. (Pensei: naturalmente ele me conhece...) Bem, aliás, não sei se acredito — acrescentei, um tanto embaraçado, preparando-me para encerrar o assunto.

— Estou vendo um Espírito perto do senhor. É um romano.

E o descreveu com uma clareza impressionante, a vestimenta e todos os detalhes.

— Não sei de quem se trata. Já que o está vendo pergunte-lhe quem é.

— Ele declarou que as suas iniciais são M e P.

Pensei: ele me conhece. Tratava-se de Marco Prisco. Neste momento, também o vi a meu lado e ele me disse:

— *Divaldo, atenda-o, porque ele é amigo meu; fui buscá-lo para podermos ajudá-lo. Atenda-o!*

— *M e P, conhece? — prosseguiu o moço.*

— *Ah! acho que sei quem é, chama-se Marco Prisco!*

— *Isto mesmo, ele está balançando a cabeça afirmativamente.*

— *Bem, já que você foi muito honesto, eu vou dizer-lhe que acredito.*

— *O senhor acredita? — indagou bem mais animado, pegou-me as duas mãos e notei que as suas estavam geladas. Tentou explicar a situação:*

— *Eu não sei o que fazer. Eu vejo, eu ouço...*

Enquanto ele falava, vi uma Entidade malévola, de baixo teor vibratório, ao seu lado, que começou a me desafiar, usando expressões sórdidas, e, ao mesmo tempo, agredia-o de forma violenta, repetindo: — Ela é minha. Ela foi minha...

E descia a detalhes muito desagradáveis. Então esclareci ao rapaz:

— *Não vamos render muito o assunto aqui. Eu sou espírito e estou indo agora a uma conferência. Você está desejando ser esclarecido?*

— *Estou sim, senhor, porque estou muito atormentado.*

Em poucos minutos contou-me a sua vida de dissabores e aflições.

Adolescente, de muito boa aparência, naquele período fora seduzido por uma pessoa de maus instintos. Desde então passou a ter um sonho com um homem que o perseguia. Era-lhe o obsessor, o antigo marido traído na encarnação anterior. Como consequência, cada dia ele caía mais.

— *Eu estou com vinte e seis anos — afirmou-me. — Eu tenho dignidade, mas, não agüento. É uma loucura, uma volúpia; quando me ataca eu saio a caçar (foi a expressão que ele usou). Eu sou uma pessoa de sociedade, trabalho. . . Tenho um tipo padrão, vamos dizer dez por cento. Então eu o procuro, porém, se não o encontro, vou descendo, nove,*

oito, sete, três, zero, o que achar. É uma loucura! E depois. . . a vergonha, o ódio de mim mesmo, o desejo de matar-me. .. Às vezes interno-me para recuperação. O que será isto?

— Você vai saber.

Chegou o confrade que me viera buscar.

Levamo-lo à Federação, ele assistiu à palestra, eu o apresentei a alguns amigos que iriam propiciar-lhe a terapia do passe e o conhecimento da Doutrina.

Dei-lhe o Evangelho Segundo o Espiritismo e disse-lhe:

— Amigo, este livro vai levá-lo à renovação; se você o estudar vai superar tudo. Ninguém nasceu para sofrer. A dor não é de Deus, mas consequência de nossos erros. Leia-o, estude-o. Enfrente as dificuldades que virão, durante o processo de cura e tudo será diferente.

Ele agradeceu comovido e despedimo-nos, após dar-lhe o meu endereço, a seu pedido.

Mantivemos correspondência. Acompanhei-lhe a convalescença moral.

Reencontrei-o um ano depois.

Casou-se mais tarde, fez-se pai. Hoje é um espírita dedicado, um cristão exemplar.

Eis como Divaldo relata o seu conhecimento com Marco Prisco:

"Em 1950, na Federação Espírita do Estado de São Paulo, me apareceu pela primeira vez o Espírito de um jovem romano, de toga, sandálias, cabelo cortado à Júlio César, aparentando uns vinte e dois anos, de beleza física muito grande, pescoço bem grosso, bem romano, que me disse:

— Eu sou Marco Prisco. Tive a honra de militar nas catacumbas. Conheci Simão Pedro e o apóstolo Paulo. Oportunamente (1949) escrevi por tuas mãos uma página.

Daí por diante ele começou a me aparecer. Um dia, em nossa conversa, falei-lhe:

— Mas, você só me fala do tempo cristão, das catacumbas, e na História?

— Na História fui um desastre. Só me recordo dos tempos do Cristianismo.

O Espírito (esclarece Divaldo), imprime os seus momentos de felicidade e, por gratidão àquela reencarnação na qual foi ditoso, plasma a sua presença com aquelas características do seu período de felicidade."

Muito interessante este caso.

O que ressalta, em primeiro lugar, é a mediunidade do jovem, natural, espontânea.

Marco Prisco promove o encontro entre o moço atormentado e Divaldo. Pode-se imaginar quantos preparativos e cuidados foram necessários para que ambos se encontrassem.

Quando finalmente se defrontam é relevante observarmos os pontos em que o diálogo se estruturou.

Dois médiuns, em meio à movimentada Avenida Ipiranga. O ambiente é conturbado. Mas, o fato mediúnicos acontece em toda a sua plenitude, despercebido do público, porém intenso e revelador.

A vidência é uma situação corriqueira para o rapaz, embora não lhe entenda o mecanismo e, nem de longe, as possíveis implicações na vida de uma pessoa. É exatamente essa faculdade mediúnica que o faz observar o médium baiano. Vê junto a este um Espírito que se apresenta à romana. Isto, obviamente, lhe chama a atenção.

Um romano na Avenida Ipiranga! É bastante curiosa a cena.

A ligação espiritual que existe entre cada um dos médiuns com Marco Prisco, todavia, é o referencial que os aproxima.

É maravilhosa a faculdade mediúnica! Muito embora enseje a visão e, muitas vezes, a sintonia com Entidades e planos inferiores, também, e principalmente, se constitui em ponte para a Vida Maior.

O jovem vive um angustiante drama. A obsessão o prende em suas malhas, pelas dívidas do passado que o tornam vulnerável ao seu perseguidor.

A obsessão, no caso em pauta, apresenta-se com características de subjugação, pois o perseguidor constringe a sua vítima a agir contra a sua própria vontade.

Observe-se que o ex-marido do passado identificou no rapaz de hoje a mulher que o traíra em precedente existência. A partir desse forte vínculo a sintonia se torna possível, favorecendo ao perseguidor dominar-lhe a mente por largos períodos.

No livro *Nos Bastidores da Obsessão*, Manoel Philomeno de Miranda, através da psicografia de Divaldo, relata um caso muito semelhante a este.

Segundo a narrativa, o obsessor persegue aquela que o traíra no pretérito, agora reencarnada num corpo masculino. O plano' consiste, exatamente, em desequilibrar o jovem — no qual "vê" a esposa traidora — até levá-lo ao suicídio. Para consumir a sua vingança tem o apoio do Dr. Teofrastus, Entidade de grande cultura e crueldade e que dirige uma organização das trevas.

Vejamos como Miranda relata o caso. Referindo-se ao jovem em questão, o obsessor explica:

— "O corpo era moço, mas o espírito que o animava era o da assassina, que merecia uma severa punição. Identificando nela (em corpo de homem, embora) as tendências guardadas da vida anterior, em que as dissipações atingiram o auge (...) fácil seria perturbar-lhe os centros genésicos, através da perversão da mente inquieta, em pro-

cesso de hipnose profunda, praticada por técnicos do nosso lado.

— "Em pleno amadurecimento (continua o perseguidor espiritual) das faculdades sexuais, sob a rigorosa assistência de um hipnotizador destacado pelo Dr. Teofrastus, foi fácil modificar-lhe o interesse e inclinar-lhe a *libido* em sentido oposto ao da lei natural, já que o seu corpo era masculino, produzindo irreparável distonia nos centros da emoção. Daí por diante associei-me à sua organização física e psíquica, experimentando as sensações que lhe eram agradáveis e criamos um condicionamento em que nossos interesses agora passariam a ser comuns. Tão fortemente me liguei à sua vida, que o ódio se converteu em estímulo de gozo, imanando-nos em processo de vampirização em que me locupleto e através do qual *a* destruo, atirando-a cada vez em charco mais vil, até que o suicídio seja sua única solução. . ." (grifos do original)

O jovem conta o seu angustiante problema a Divaldo. A tormenta interior que o avassala se acentua dia após dia. Nos momentos mais difíceis, quando o assédio obsessivo é mais intenso ele acaba por ceder ao domínio hipnótico, fragilizado pela dívida moral do passado. Arrefecida a atuação maléfica advém-lhe um sofrimento maior pelo remorso, pela sensação de culpa, pela rejeição a si mesmo.

Dr. Jorge Andréa, emérito escritor, assim se refere à questão do homossexualismo:

"Consideramos, sem qualquer sombra de dúvida, que o homossexual ao atender aos sentidos em satisfação sexual, jamais estará em processo de realização conforme pensam algumas escolas. Ninguém se realiza no caminho do desequilíbrio e da desordem. A prática deformante é resultado da distonia íntima que carrega consigo, cujo processo desencadeará desajustes, principalmente no setor moral. A vivência desses mecanismos desarmônicos despertará

impulsos específicos que responderão, algum dia, pelo processo de integração na linha positiva da evolução. A reação-resposta, pela zona espiritual, estará diretamente ligada à ação desencadeante com toda a colheita das necessárias "dores-equilíbrio". Então, o negativo, o mal, o processo degenerativo desenvolverá sempre mecanismos de defesa e de impulsos no sentido contrário, portanto evolutivo, não conseguindo, jamais, sedimentar posições inferiores ou paralisar o processo. O grande impulso será sempre dirigido na faixa do equilíbrio e harmonia, da distonia fica a experiência e vivência, a fim de criar defesas para a sedimentação de novas posições mais expressivas. Existe, após a queda, sempre possibilidades de soerguimento." (*Forças Sexuais da Alma*)

Na Avenida Ipiranga, dois médiuns e Marco Prisco, um romano dos tempos de Pedro e Paulo.

Dois médiuns se encontram, se defrontam. Séculos de experiências, todavia, medeiam entre ambos.

O jovem inicia aí a sua longa caminhada no rumo do equilíbrio e da paz.

Divaldo prossegue a sua trajetória de equilíbrio e de paz.



FEE

A DONALDO P. FRANCO, la Federación
Espírita Española en reconocimiento a su labor
dedicada en pro de la divulgación en España de
la Doctrina Espírita.

Madrid, Junio de 1.985

EL SECRETARIO



EL PRESIDENTE





Câmara Municipal
DO SALVADOR

A Câmara Municipal do Salvador,
nos termos da resolução nº 586/84
concede a 'Medalha Tomé de Souza'

ao Sr.

Divaldo Pereira Franco

Paço Municipal da Cidade de Salvador
em 08 de maio de 1985

Albino
Presidente

Ana Coelho
1ª Secretária

Luiz Gomes
2ª Secretário



A Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco,
de acordo com a Resolução N.º 32/84, de 8 de dezembro de 1984, concede o título de
Cidadão de Pernambuco
ao *Professor Divaldo Pereira Franco*.

Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, em 24 de março de 1986.

[Signature]
PRESIDENTE

[Signature]
SECRETÁRIO

[Signature]
SECRETÁRIO



República Federativa do Brasil

Estado do Paraná



Município de Curitiba

Título de Cidadão Honorário

A Câmara Municipal de Curitiba, Capital do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais e, de conformidade com a Lei N.º 7055 sancionada em 21 de setembro de 1937, confere ao Ilustríssimo Senhor

Divaldo Pereira Franco,

o Título de Cidadão Honorário de Curitiba, pelos seus relevantes serviços prestados à Comunidade.

Curitiba, 14 de junho de 1938

[Signature]
M. Francisco Rodrigues
Presidente da Câmara

[Signature]
R. de A. de M. Silva
Cepes Municipal



EL CONSEJO ESPIRITA DE RELACIONES DE HONDURAS
(G.E.R.H.O.N.)
CON PERSONERIA JURIDICA

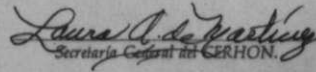
CONFIERE
DIPLOMA DE RECONOCIMIENTO

Al Señor Divaldo Pereira Franco
Por su Efectiva y Brillante Labor en Pro de la Causa Espirita.

Tegucigalpa, D. C., 26 de Julio de 1976.


Presidente del CERHON.




Secretaria General del CERHON.

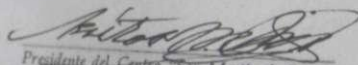
EL CENTRO ESPIRITA "SAN MARTIN DE PORRES"
CON PERSONERIA JURIDICA

OTORGA

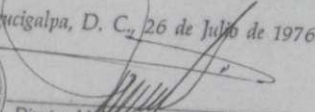
DIPLOMA DE RECONOCIMIENTO

Al Señor Divaldo Pereira Franco
Por su Ininterrumpida Labor Espirita en Bien de la Humanidad.

Tegucigalpa, D. C., 26 de Julio de 1976.


Presidente del Centro "San Martín de Porres"




Director del Centro "San Martín de Porres"

ALÉM DA MORTE

Eu havia ido visitar o senhor Aristides Silva, que estava enfermo. Não nos conhecíamos, não tínhamos maior intimidade. Fui com Celeste Mota. Quando estava de saída para a casa dele, peguei os originais do livro que estava revisando, que era o Além da Morte e levei comigo, pensando ter uma brecha de tempo para prosseguir o trabalho.

Chegando à sua casa encontrei-o já em convalescença. Ficamos conversando e depois de algum tempo ele perguntou-me:

— *O que é isto que você tem na mão?*

— *É um livro que psicografei.*

— *E o que vai fazer com ele?*

— *Eu o estou levando a Curitiba para fazer um orçamento, a fim de conseguir publicá-lo — expliquei.*

— *Leia algo para eu ouvir.*

Sentou-se, mais próximo a mim e, então, li o primeiro capítulo, aquele no qual Dona Otília, a autora espiritual, fala que tinha morrido "do coração", que tinha "angina pectoris". Ele o ouviu, seriamente, e depois, me disse:

— *- Coisa interessante, é o meu problema: eu tenho angina. Este livro deve ser publicado para consolar muita*

— *Mas em creio que não o será, porque é muito cara uma edição. Eu JÁ publiquei outros cinco livros até então.*

Concedi à "Mansão do Caminho" os "direitos autorais". Agora, uma amiga, em Curitiba, prometeu fazer um orçamento para este.

— E você acha que fica por quanto uma edição? — indagou-me.

— Dizem que, quanto maior é uma edição, melhor, porque barateia-lhe os custos. Se for uma edição de três mil exemplares fica em tanto, se for de cinco mil ou de dez mil, o preço por exemplar diminui progressivamente, enquanto se eleva a tiragem.

Ele ficou pensativo por alguns instantes, e prosseguiu:

— E por quanto você faria dez mil exemplares?

— Um absurdo! Imagine que fica em dez milhões de cruzeiros ou mais...

— Só isto?

— Mas, é muito, eu nem tenho uma idéia. ..

Ele silenciou, conversamos outras coisas. Daí a pouco o senhor Aristides levantou-se e chamou a esposa, dona Irene. Dirigiram-se ao interior da residência onde demoraram alguns minutos. Ao retornarem, ele trazia uma caixa de sapatos nas mãos e disse-me:

— Publique o livro. O dinheiro aí está.

E entregou-me a caixa.

Eu fiquei perplexo, pensando não ter ouvido bem.

— Eu quero que este livro saia — continuou. — Este livro vai ser a porta que se abrirá para outras obras. Porque, depois de o publicar, ele vai dar a renda, e, em seguida, você publicará outro. Com a renda dos dois será publicado mais um e assim se farão as reedições.

Eu fiquei sem ação. Não sabia o que pensar.

Nesse instante, um Espírito amigo comentou comigo:

— Ele é muito grande, mas ela (a esposa) é ainda maior. Quando ele abriu o cofre e indagou-lhe:

— Ireninha, eu vou dar os dez milhões de cruzeiros a este rapaz, sim?

Ela (proseguiu a Entidade), ao invés de dizer, como a maioria das esposas: — Tudo isto? — propôs ao marido: — Ô Tidinho, só? Dê treze. Ele aquiesceu e está dando treze milhões de cruzeiros. ()*

Em agosto de 1959, Divaldo termina de psicografar o livro de Otília Gonçalves, intitulado *Além da Morte*.

No início do ano seguinte, indo a Uberaba, recebe de André Luiz, pela psicografia de Chico Xavier, o prefácio com o mesmo título do livro.

Este, no entanto, só é publicado em 1968, porém sem a contribuição que André Luiz espontaneamente ofertara, oito anos antes.

Uma vez mais, Divaldo renuncia a colocar em evidência o que lhe era de direito e por mérito. Em substituição, Joanna de Angelis escreve uma página de intróito.

Essa atitude ainda hoje nos comove pela sua nobreza.

Em poucos momentos, a renúncia atinge tão alto significado quanto no silêncio mais profundo da alma ante o alarido dos inconscientes.

Em raros instantes a renúncia se faz tão bela quanto no silêncio de quem se deixa apagar para que não se apague a luz que brilha adiante.

O tempo fez a sua trajetória e tem despertado os que adormeceram na ilusão e no engano.

Ou, como é irreversível, propicia que *além da morte* cada um encontra as respostas ante o enigma da verdade.

Apresentamos, em seguida, o belo prefácio de André Luiz.

(*) Quando concluída, a obra custou OS referidos treze milhões de cruzeiros. (10.000 exemplares). (N. **da** E.)

ALÉM DA MORTE

Todos os dias chegam corações atormentados, além da morte.

E apesar do horizonte aberto, jazem no chão como pássaros mutilados.

Loucos, sob a hipnose da ilusão.

Suicidas, descrentes dos próprios méritos.

Criminosos sentenciados no tribunal da consciência.

Malfeitores que furtaram de si mesmos.

Doentes que procuraram a enfermidade.

Infelizes a se imobilizarem nas trevas.

oOo

Alcançando a Grande Luz, assemelham-se a cegos da razão ante a sabedoria da Natureza.

Por mais se lhes mostre a harmonia do Universo e por muito se lhes fale dos objetivos da vida, continuam desditosos e dementados.

Há quem diga que os chamados mortos nada têm que ver com os chamados vivos, entretanto, como os chamados vivos, de hoje, serão os chamados mortos de amanhã com possibilidade de se perturbarem uns aos outros — caso perseverem na ignorância — cultivemos na Doutrina Espírita o instituto mundial de esclarecimento da alma, a fim de que o pensamento regenerado consiga redimir as suas próprias criações que substancializam a experiência da Humanidade nas várias nações da Terra.

oOo

É por isso que saudamos neste livro mais um brado de renovação e esperança concitando-nos ao aproveitamento das horas.

Fixemos a atenção.

O médium é o braço do semeador.

A emissária é a mão que semeia.

A mensagem é a semente de luz.

O Evangelho do Cristo é o celeiro que os reúne no solo de nossas necessidades.

Ouçamos, assim, todos nós, encarnados e desencarnados, a palavra de amor e exortação que nos é trazida ao entendimento, assimilando-lhe os valores imperecíveis porque, em verdade, andam sempre avisados e felizes os que trazem consigo "os olhos de ver" e "os ouvidos de ouvir."

ANDRÉ LUIZ

(Psicografia de Francisco Cândido Xavier em Uberaba, a 13 de janeiro de 1960).

Além da Morte

• Todos os dias chegam corações atormentados, além da morte.

• E, apesar do horizonte aberto, jazem nos chão como pássaros mutilados...

• Loucos, sob a impressão da ilusão.

• Suicidas, descrentes dos seus próprios sentimentos.

• Criminosos sentenciados nos tribunais da consciência.

• Balhetas que hantaram de si mesmas.

• Doentes que ignoraram a segurança.

• Infelizes a se

• imobilizarem nas trevas

...

• Alcançando a grande Luz, assim se chamam-se a cejos da sagrada ante a sabedoria da natureza.

• Por mais se

• lhes mostre a harmonia do Universo e

• por muito se deslembra dos objetivos da

vida, continuam desditos e demen-

taos.

Ha quem diga
que os chamados
mortos nada tem

a ver com os
chamados

vivos, entretan-
to, como os
chamados vivos

- hoje, até os chamados
mortos de
amamba, em
possibilidade
de se pertun-
barem, um
aos outros -
como se -

- Vnem na
sua ancião
cultivemos na
Doutrina Espi-
ritar, o insti-
tuto mundid
de esclareci-
mento da
alma, a fim de

- que o pensa-
mento refe-
ntrado com
redimir as
mas próprias
criações que
substancia-
zam a expe-
lencia da Hm
mandade

- na varias
nações da
Terra.

- ...
É por isso
que pauda-
mos neste
livro mais
um brado

- de renovação
e placua
conclaudó:
nos as apro-
reitamento
na horas.
fixamos a
atenção.

- O médium é o braço do semeador.
- A sua mão é a mão que semeia.
- A mensagem é a semente.

luz.

O Espírito de Cristo é o celeiro que reúne no céu de nossas necessidades.

Venhamos, amigos, todos.

- incamadas e desencarnados, a palavra de amor e exortação que nos é trazida em um

- diamente, arrimando-o - e os valores impercíveis porque, em verdade, andam

- amados e felizes os que trazem consigo os olhos de "os ouvidos de onívoros"

André Luiz

A LOUCA

Algumas considerações sobre a agressividade das pessoas.

Ê muito difícil julgar pelas aparências.

Se uma pessoa é grosseira conosco não nos ofendamos com essa atitude: vai ver que a pessoa tinha um motivo oculto.

Joanna de Angelis me disse, nestes longos anos de convívio, para que não revide e que nunca devemos acusar a bomba que explode, pois que assim se dá porque alguém acendeu-lhe o pavio.

A pessoa faz uma grosseria conosco, não porque não goste de nós, talvez, porque alguém acendeu-lhe o pavio da cólera na rua e este veio queimando até aqui e estourou. Possivelmente, nem era contra nós, porém aconteceu.

Eu tive uma experiência que me marcou a vida.

Quando eu era muito jovem, estive em moda, na Bahia, um tipo de sapato marrom e branco. Era horrível, mas eu o achava uma beleza. Era de borracha com uns dois dedos de espessura. Ao vê-lo me apaixonei e comprei um par, a prestação.

Eu estava com dezoito anos nessa época.

Arrependi-me da compra ao terceiro dia... No primeiro calcei-o e saí, mas ele pesava tanto que me deu câibras.

Entrei num ônibus, o primeiro que passou. Era um veículo que servia ao subúrbio; as pessoas entravam com galinhas, gaiolas, com tudo; adentravam-se e iam socando quem já estava, empurrando para o fundo. Eu entrei também, fui empurrado, porém, tentando defender o sapato. . . Nisso veio um homem enorme, chegou no meu pé junto a mim e pisou. Uns cem quilos! Eu não sentia tanto a dor no pé, senão a decorrente de ele estar estragando o meu sapato novo. Se ele fosse mais baixo do que eu, acho que lhe teria dado um empurrão, porque a valentia da gente é sempre contra o mais fraco... Mas, quando o olhei, ele era enorme. Aí, fui muito delicado:

— *O senhor quer tirar o seu pé de cima do meu?*

— *Ah! granfino, não é? Por que não pegou um carro?*

E pisou com mais força. Eu não podia reclamar, o jeito era sair dali.

Dei o sinal. Quando o ônibus parou eu o empurrei e descí. Fora, olhei o sapato, que estava rasgado. Confesso que chorei de raiva, de mágoa, de dor, pois ainda o teria que pagar...

Eu era médium, mas ainda não era espírita. Já atendia aos pobres e sofredores, exercia a mediunidade.

Daí a dias, quando estava atendendo a fila, em nossa Casa, vi o tal homem aí postado.

Pensei: ele me descobriu e vem dar-me uma surra.

Baixei a cabeça e, quando ele chegou perto, eu o fui olhando devagar. Ele perguntou-me:

— *O senhor é o seu Divaldo?*

— *Sim, senhor — respondi contrafeito.*

— **Seu Divaldo**, eu vim aqui para pedir-lhe uma **caridade**. Estou com um problema muito sério: a minha esposa ESTÁ LOUCA *Eu :enho quatro filhinhos. O senhor imagine que eu trabalho nas docas. Estou a ponto de matar-me, porque, pela manhã tenho de amarrar a minha esposa no quarto. tramco meus filhos noutra e saio para trabalhar. À noite, eu volto, tenho de lhe dar banho, dar comida aos*

meus filhos e tenho de cozinhar para o dia seguinte. Já não agüento mais! Internei-a num hospício e tirei-a. Levei-a ao candomblé e me disseram que ela "tem" Espírito. Eu ando provocando todo mundo, para ver se alguém me mata ou se eu mato, porque assim eu não suporto mais. Disseram-me que o senhor é médium; o senhor poderia fazer qualquer coisa para me ajudar?

— *Se o senhor tiver paciência de me esperar, quando acabar aqui irei lá com Nilson, para dar-lhe um passe e observá-la.*

Ele se dispôs a esperar. A fila sempre acabava pela madrugada — uma e trinta ou duas horas. Assim fizemos. Fomos com ele à sua residência.

Ao chegarmos, ouvimo-la urrando, ululando.

— *Ninguém dorme — explicou. — A vizinhança já deu queixa na polícia.*

Fomos entrando, acompanhando-o. Ele abriu a porta do quarto e eu entrei. Ela estava toda amarrada de cordas e despida.

— *Ponha um cobertor sobre ela — pedi-lhe. — E desamarre-a.*

— *Mas, seu Divaldo, ela bate em mim, que sou deste tamanho, quanto mais no senhor...*

(Eu era magrinho. . .)

— *Não faz mal; se ela bater, louvado seja Deus!*

Ele desamarrou-a e eu me aproximei.

— *Meu irmão, por que você faz isto? (Eu via o Espírito. Ele assustou-se.)*

— *Por que você me chama de irmão? — perguntou-me.*

— *Porque você é meu irmão, só que um irmão que já morreu (eu não sabia nada de desencarnado). Você não pertence mais à Terra. Você já morreu e está do outro lado da vida. Por que fazer isto com ela?*

E comecei a doutriná-lo. Eu acho que o Espírito gostou de mim, porque se acalmou e sentou-a no chão.

— *Eu tenho raiva desta mulher, eu odeio este homem. Eu sou fulano de tal. Ele me prejudicou nas docas, tomou meu lugar. Você se lembra de mim?* — perguntou, dirigindo-se ao marido dela.

— *Lembro-me, sim.*

E começou uma discussão entre os dois.

— *O senhor fique calado, por favor — pedi. — Deixe que eu lhe fale.*

Joanna de Angelis incorporou-me e conversou com a Entidade. Quando eu voltei ao normal a mulher estava calma, vestidinha.

Retornei lá, outras vezes, uma semana. Ela ficou boa. O marido se tomou de gratidão e amizade por mim, tornando-se quase um guarda-costas. Aonde eu ia pela madrugada, ele ia também, acompanhando-me.

Meses depois, um dia, eu lhe perguntei:

— *Fulano, você não se recorda de mim?*

— *Não, senhor, seu Divaldo.*

(Ele tinha quarenta anos e me chamava de senhor, a mim, que tinha dezoito).

— *Você não se recorda de um sujeitinho antipático, que entrou no ônibus de sapato marrom e branco?*

— *Não, senhor.*

— *Você não se lembra da pessoa que você pisou no pé? Você nunca me viu?*

— *Não, nunca!*

Então eu contei-lhe o caso e ele me respondeu:

— *Ah! seu Divaldo! Naquele tempo eu andava louco; provocava as pessoas para ver se alguém me matava ou se eu o matava, porque assim eu iria para a cadeia e ficava livre deste mundo horroroso. . .*

Então, aquele homem rude, aparentemente, era apenas um homem muito sofrido. Ele tinha um problema tão grande, que se tornara agressivo, a fim de se ver livre da aflição.

Isto me ensinou a nunca revidar. Eu não sou uma pessoa boa, mas, não revido.

Interessante enfoque sobre as causas da agressividade humana.

A violenta reação das pessoas é, muitas vezes, resultante da violência da vida, de problemas que aturdem o ser humano.

Um homem sofrido, uma mulher louca. Obsidiada.

A obsessão em certo grau pode ser confundida com a loucura. Nesses casos, a obsessão muito prolongada pode ocasionar "desordens patológicas", como já elucidava Allan Kardec.

"Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornam verdadeiros loucos." (O *Livro dos Médiuns*, capítulo XXIII, item 254-6)

Manoel Philomeno de Miranda, com o brilho que lhe é peculiar, escreve, mais tarde, através de Divaldo, a excelente obra *Nas Fronteiras da Loucura*.

São dele os trechos abaixo:

"Queremos deter-nos nas psicopatogêneses espirituais, sejam as de natureza emocional, pelas aptidões e impulsos que procedem das reencarnações transatas, de que os enfermos não se liberam, sejam pelo impositivo das obsessões infelizes, produzidas por encarnados ou por Espíritos que já se despiram da indumentária carnal, permanecendo, no entanto, nos propósitos inferiores a que se aferram...

"A obsessão é uma fronteira perigosa para a loucura irreversível. (...)

"No painel das obsessões, à medida que se agrava o quadro da interferência, a vontade do *hospedeiro* perde os contatos de comando pessoal, na razão direta em que o invasor assume a governança. (. . .)

"Um contínuo aturdimento o toma (ao encarnado). A visão, a audição como os demais sentidos confundem a realidade objetiva ao império das vibrações e faixas que regista desordenadamente na esfera física e na espiritual.

"O Espírito encarnado movimenta-se num labirinto que o atemoriza, algemado a um adversário que lhe é impenitente, maltratando-o, aterrando-o com ameaças cruéis, em parasitose firme na desconcertada casa mental."

Nesses trechos citados, Miranda analisa a obsessão por subjugação, que era o caso da mulher a quem Divaldo vai atender.

Divaldo atende a um homem na fila. E, na fila das misérias humanas ajuda uma criatura obsidiada a se reequilibrar.

Por certo, é longa a fila das necessidades, é interminável a sucessão dos sofrimentos.

Feliz de quem atende aos que estão passando, em **trânsito** para o futuro.

CHICO E DIVALDO

Pedro Leopoldo, 3 de agosto de 1948

*Prezado amigo Divaldo
Jesus nos abençoe a todos.*

Recebi tua carta hoje e apresso-me a dizer-te do bem que as tuas palavras me trouxeram. Tive a impressão de receber notícias de um amigo de muito tempo, tal o carinho espontâneo de tuas frases acolhedoras e generosas.

Não tive, assim, qualquer dúvida em escrever-te à vontade, sem cerimônia, pedindo-te a mesma intimidade para comigo.

Espero, pois, não me trates por "vós".

Sou apenas teu irmão mais velho e em se tratando de ti — irmão mais jovem, todavia mais iluminado —, cabe-me o dever de rogar-te desculpas pelo tom fraterno de minhas palavras.

Tuas notícias foram muito confortadoras para o meu coração. Falam-me de uma Terra nova, em que a juventude traz no espírito a divina semente do mundo regenerado. Entusiasma-me a dedicação de tua mocidade ao nosso idealismo, dentro da Consoladora Doutrina que nos irmana. Através de tuas expressões, ricas de bondade e ternura, sinto-te o coração ardendo em luz renovadora e

peço ao nosso Mestre Divino abençoar-te os propósitos de trabalhar na edificação sublime do Amanhã. Estamos, sim, meu irmão, num grande combate. Combate pela felicidade humana na construção de nossa própria felicidade com o Cristo.

Lastimo haver renascido distante da terra abençoada em que ressurgiste para a boa luta, mas, mesmo longe, seguir-te-ei os passos com os meus votos por tua vitória integral.

A atualidade precisa de corações valorosos quais o teu e espero que prossigas sem desânimo, campo afora.

Muito grato pelas tuas referências à minha apagada tarefa mediúnica. Nada tenho feito, meu caro. E espanta-me o devotamento dos Benfeitores Espirituais que, sem reparar minha deficiência e fragilidade, se utilizam de minhas pobres mãos para o serviço que lhes diz respeito. Podes crer que a caridade deles para comigo tem sido infinita e peço-te incluir-me em tuas orações para que eu, um dia, seja digno da amizade com que me tratam.

Emmanuel, André Luiz e o nosso grande Humberto hão de ajudar-te a vencer, com brilho, em todos os lances difíceis da nossa jornada.

Recolhendo tanto conforto em tua carta, espero não perder-te a amizade, portadora para mim de tanto estímulo. Sou empregado aqui numa repartição, cujos trabalhos nos compelem a viagens freqüentes. Será esta a razão da demora de qualquer notícia minha, mas escrever-te-ei sempre.

Peço ao teu bom coração distribuir minhas lembranças com todos os amigos do grupo em que te integras.

Quando te for possível, estimaria receber-te um retrato. Teria muito prazer, guardando-te essa lembrança. Pode ser? Desde já, agradeço, muito reconhecidamente.

Reafirmo-te minha gratidão imensa pela alegria em que tuas notícias me envolveram a alma e, na expectativa de que me proporcionas o contentamento de uma

nova carta, pede a Jesus por tua paz e felicidade e abraço-te cordialmente o amigo e irmão muito agradecido.

Chico

Francisco Cândido Xavier

Divaldo, médium de berço, acostumado a ver e conversar com os Espíritos desde a mais tenra idade, atravessa a adolescência sob acerbos sofrimentos. O suicídio da irmã Nair é um choque traumático que o abala profundamente. A morte de mais dois irmãos torna ainda mais sofrido esse período de intensa busca, de dolorosas interrogações e de dúvidas angustiantes. A enfermidade ronda-lhe os passos, a paralisia é uma ameaça muito próxima, resultado dos traumas sucessivos. Por outro lado a mediunidade, sempre presente em sua vida, eclodindo ostensivamente (efeitos físicos, clarividência, clariaudiência, psicofonia) à feição de uma cachoeira, cujas águas represadas são uma força tremenda ameaçando romper o dique das emoções.

A noite parece avizinhar-se de todo, carregada de estranhos presságios, sombria e ameaçadora. Os vultos amigos afiguram-se-lhe longínquos e inatingíveis, e as esperanças, fenecendo, ante as dúvidas sem soluções e as angústias que se repetem, sem respostas.

Pesadelos, febres, o leito onde as pernas doridas repousam, o coração oprimido e desalentado e as súplicas de quem se volta para Deus na urgência de um socorro que tarda.

Nesse conflito todo, porém, os Benfeitores Espirituais, incansáveis e amorosos, preparam um novo dia para o jovem Divaldo.

Na sua noite de trevas, uma porta de luz se abre dissipando as sombras e prenunciando o amanhecer de bênçãos.

O querido Amigo Espiritual, Manoel Philomeno de Miranda, pelas mãos de Divaldo escreve em 1970, referindo-se à mediunidade:

"Avalie o significado de uma porta libertadora, que subitamente se abra, convidativa, banhada que fosse de fraca mas significativa luz, através da qual, transposta a mínima distância entre você e ela, poderia ouvir consolo, chorar sem desespero, lendo as próprias angústias, e repousar; além da qual, doce canto embalante ciciasse u'a melopéia conhecida ou uma *berceuse* reconfortante; após vencida, revise paisagem esquecida e agradável e, dilatados os ouvidos, escutasse a pronúncia de um terno nome, em relação a você: irmão! — depois do que, roteiro e medicamento chegassem salvadores, inaugurando experiência feliz, transpassada a expiação inominável..." (*Nos Bastidores da Obsessão*)

Parafrazeando-o, diremos, que tal porta de luz é a Doutrina Espírita, que se abre para Divaldo e o faz saltar do leito e andar ao seu encontro. Transpõe, timidamente, o portal e banha-se de luz! Aí estão todos os seus Amigos Espirituais a esperá-lo! Amanhece o dia!...

O Livro dos Espíritos é o seu encontro com Allan Kardec e a Falange do Espírito da Verdade. Ele o lê com avidez e, em suas páginas, descobre as respostas, o consolo, o conhecimento. O ideal do Bem e do Amor crescem em definitivo sua vida. Já sabe o caminho.

Por essa época inicia a sua vida profissional e a consolidada. Simultaneamente vai superando os conflitos íntimos imediatos e se fortalecendo para as lutas contra aqueles que só o tempo poderia solucionar.

Jovem, com o coração voltado para o ideal de servir a Jesus, tem o primeiro contato com a obra mediúnica de Chico Xavier. Inteira-se de sua vida e vê nascer um sentimento profundo de respeito e carinho por aquele que elege para exemplo de devotamento e abnegação à causa espírita.

É com esses sentimentos que escreve pela primeira vez ao médium Francisco Cândido Xavier.

A resposta afetuosa fê-lo exultar e, a partir daí, consolidaria em seu íntimo a afeição que lhe devota.

O "DEUS" HURACÁN

Em 1985 fui à Guatemala, e após fazer a conferência em Guatemala (DF), os confrades me disseram que a palestra do dia seguinte seria em Coatepec e que haviam feito uma larga propaganda para atrair umas seis mil pessoas.

— Mas, em Coatepec, seis mil pessoas? — indaguei.

— Sim, irmão Divaldo, há um mês estamos viajando pelos vales, pelas montanhas e o irmão vai falar ali no Palácio de Metal.

Eu comecei a imaginar a beleza do Palácio de Metal. Tenho a mente muito entusiasta e logo imaginei alguma coisa de belo como os palácios da Índia.

Quando chegou o dia, os confrades estavam entusiasmadíssimos com a minha palestra no Palácio de Metal.

— Irmão — disse-me um deles —, toda a província de Coatepec virá para assisti-lo.

Viajamos trezentos e vinte quilômetros e quando chegamos perto, disseram-me:

— Vamos esperar a comissão de recepção.

Veio a comissão e entramos, na cidade, em caravana. Eu imaginava a cidade de Coatepec, com o seu Palácio de Metal, imponente e grandioso. Quando entramos, porém, constatei que era um lugar mais simples e menor do que eu esperava.

O hotel, onde me hospedei, era quase todo de tábuas, ainda em construção.

Às quinze horas começou a chover, a relampejar, a trovejar. O presidente amigo me disse:

— Aqui chove muito; é chuva tropical, dá aquela pancada e logo passa.

Às dezessete horas a chuva prosseguia. Ele voltou a afirmar-me:

— Passará já.

Às dezoito e trinta a cena se repetiu e ele garantiu-me que a chuva logo passaria. Eu me aprontei, e, às dezenove horas, disse-lhe que já podíamos ir.

— Ainda não. Só iremos quando faltarem quinze minutos, pois preparamos uma entrada triunfal. O irmão já imaginou quase sete mil pessoas aplaudindo a sua entrada?

Tentei demovê-lo desse propósito, dizendo que preferia entrar por alguma porta lateral, pois fico constrangido, quando tenho de passar pelo meio do povo a me aplaudir.

— Não — respondeu-me. — Tudo está preparado; tem mestre-de-cerimônia, o salão mede setenta metros por dez.

Fiquei a imaginar um salão assim, devia ser quase uma quadra. Mas a chuva prosseguia, torrencialmente.

Às dezenove e quarenta, saímos de carro. Quando chegamos a uma certa distância, tudo estava interrompido. As enxurradas eram como rios. Carroças, carros, ônibus, caminhões, tudo interditado. O meu anfitrião olhou para mim e falou:

— O irmão trouxe guarda-chuva?

— Não, eu não sabia que ia chover.

— E se importa de se molhar? Porque não vamos conseguir ir até lá de carro.

— Não havendo outra alternativa...

— Então vamos correr.

Quando descí do carro a água me veio quase aos joelhos. Fomos andando pela rua, bem devagar, cercados de

água e com a chuva caindo sobre nós. Então, chegamos ao local. Quando eu parei para olhar o Palácio de Metal. • .

Era enorme e estava superlotado. Era, porém, um barracão de meia parede e a chuva entrava por um lado quase saindo pelo outro. Em cima era de zinco, daí a razão do nome — Palácio de Metal. A chuva caindo sobre o zinco fazia um barulho de estremecer. O mestre-de-cerimônia falava ao microfone e o povo permanecia firme.

— Ê o irmão Divaldo! — anunciou.

Entreí e foram muitas as palmas. Fui sendo levado até o meu lugar. Sentei-me e olhei o público. E o que vi, me comoveu. Foi um dos dias mais belos da minha vida.

Ali estavam índios e mestiços guatemaltecos. Alguns haviam vindo desde mais de cem quilômetros de distância: a cavalo, de caminhão, de carruagem, de carroça, de ônibus para ouvir a mensagem. Mães com filhinhos às costas e um xale, como é comum na região, ali estavam, de pé. Não havia um assento, todos paradinhos...

Cheguei ao palco e exclamei intimamente: — Meu Deus! — Comovi-me, e fiquei envergonhado de mim próprio. — O que vou dizer a eles, se não tenho o que dar. Se Jesus não vier, o que será de mim? — conjecturei.

Havia, na cidade, um problema, porque o senhor bispo, à véspera, atacara duramente o Espiritismo e ameaçou de excomunhão a quem fosse assistir a palestra espírita. Esta seria irradiada. Os intelectuais, o bispo e as autoridades iriam ouvi-la em casa, certamente, mas aquele povo ali era modesto, semi-alfabetizado, simples de discernimento. Eu teria de falar para os críticos que ficaram em casa, sem me esquecer dos necessitados ali presentes.

Supliquei intimamente: — Meu Deus, tenha misericórdia de nós! Se eu jamais fui inspirado, meu Jesus, hoje, por caridade para com eles, inspire-me. Eu afirmo que, a partir de hoje, irei mudar para melhor, procederei bem, para o Senhor me inspirar sempre, sem eu o pedir. — Comecei a orar. As lágrimas me corriam pela face. Olhei o público

novamente. Havia próximo uma indiazinha, com imensa pureza me olhando como se eu fosse um totem.

Deram-me a palavra. Levantei-me, o microfone com defeito de transmissão, um som descontrolado.

Fechei os olhos, para me concentrar, porque a zoadá externa era terrível. Comecei a falar, a falar e a pedir intimamente: — Meus Deus, pare a chuva!

Falei sobre a imortalidade da alma, que é um tema universal.

De repente, ouviu-se um estrondo. Caiu um raio em algum lugar; faltou luz; pararam os sons e eu me sentei; não podia continuar, porque a sala era muito comprida, embora eu tenha a voz muito forte, não conseguiria fazer-me ouvir.

Eu fiquei sentado, mas ninguém saiu do recinto, nem mesmo a chuva. O silêncio era sepulcral. Vinte minutos depois voltou a luz fluorescente, voltou o rádio. Alguém disse alto: — Continue! (Mas eu me esquecera onde havia parado.)

O presidente, então, falou: — Irmão, estamos esperando.

Eu me aproximei do microfone e, nesta hora, lembrei-me da parte em que parara.

Continuei a falar, mas, com uma ternura diferente. Eu estava falando para as minhas necessidades espirituais. Descobri que me amava pela onda de amor que senti por aquele povo. Prossegui, e, quando me preparava para a pré-tarefa de terminar, vi aparecer, à porta de entrada, um ser luminescente, estóico, em corpo espiritual como nunca havia visto antes com tanta beleza. Parecia um deus da mitologia, mas era um deus asteca. Ele estava de torso nu, uma compleição robusta, parecendo ter dois metros de altura, uma perfeição; os olhos eram duas lâmpadas que me alcançavam. Sobre a cabeça havia um tipo de cocar especial, feito de plumas de quetzal, que é a ave nacional (de onde se originou a moeda) que dá uma pluma que chega a ter dois metros. E uma ave que só existe na Guatemala e só em Coatepec, porque só aí há um fruto, que parece

grão de café, de que a ave se nutre. O macho é lindo, a fêmea é pequenina, não tem a mesma plumagem. Ele me apareceu com tal adorno.

Joanna, então, alertou-me: — Continue falando.

Ele veio andando, triunfalmente, se se pode falar, como se deslizesse. Comecei a ouvir uma música no ar. Uma melodia de ordem ritual, aquela melodia infinita, em muitas vozes, que balsamizava o ambiente.

Mas, esqueci-me de um detalhe. Quando entrei, do lado esquerdo, estava uma mulher deitada ao solo, visivelmente parálitica, no palco; e no lado direito estavam dois outros paráliticos, igualmente deficientes nas pernas e nos braços.

O Espírito veio vindo, chegou-se até mim e, naquela grandiosidade, disse-me:

— Chamam-me Huracán; eu sou tido como o deus que criou o povo asteca. Sou teu amigo e teu irmão. Venho para encerrarmos a nossa noite. Continua!

A mente dele, entretanto, era tal que a minha se inundou de inspiração e, dentro do tema da imortalidade, eu dizia, terminando:

— Para vós não é estranho o tema da imortalidade, porque quando Huracán desceu à Terra, tomou do lodo do riacho para formar a raça asteca, soprou-lhe a imortalidade da alma... e comecei a contar a história do povo asteca, que não conhecia, mas que me chegava em clichês psíquicos transmitidos pelo Espírito.

Ele foi até a mulher parálitica e curvou-se. Foi até o outro lado, curvou-se e chegou a mim, envolveu-me por detrás e me senti flutuar. Ele atravessou-me o corpo e, chegando, naquele imenso corredor, eu já estava terminando o tema, ele abriu os braços (necessitei de muita imaginação para entender) e por ideoplastia eu o vi numa forma cerimonial do povo: sobre a cabeça estava uma moldura de águia, nos dois braços cresceu uma plumagem e ele, de repente, como uma seta voou, e, ao voar, naquela inclinada em direção ao infinito, deixou um rastro de luz, com os

braços abertos, ficando sobre o povo uma imensa cruz dourada, flutuando no ar, que gotejava uma luz violácea ou dourada-prateada.

Eu terminei a palestra e percebi que as pessoas choravam. Notei cair sobre a multidão flocos de luz e todos ficaram como que revestidos de um ectoplasma de luminescência invulgar. Sentei-me, fechei os olhos, e a chuva parou.

Nesse momento, eu disse a Joanna de Angelis: — Que pena, se a chuva tivesse parado antes...

— Meu filho, porque recalcitras? Tu achas que deves dizer a Deus o que fazer? Se choveu, havia uma razão. Esta região está invadida por lutas camponesas, pela guerra civil que ronda a Guatemala, provinda de El Salvador, da Nicarágua, de Honduras. Estas almas estão sendo aliciadas pelos fomentadores das guerras pelas terras. Elas não sabem o que é "direito de terras", mas estão sendo envenenadas para matar e morrer, e quando foi anunciada a palestra, o Mentor da comunidade pediu aos céus que uma tempestade varresse o ar, retirasse os miasmas... (Eu me lembrei de Obreiros da Vida Eterna, de André Luiz, ao referir-se ao fogo purificador para limpar a psicofera.) E agora — prosseguiu ela — que a mensagem terminou, esses vibrões mentais, essas construções pestíferas do ódio foram afastadas ou destruídas pelos raios, os trovões, a chuva, e a paz permanecerá neste ambiente. Nunca suponhas que o Senhor não sabe. Aprende a submeter-te sem sugerir.

A solenidade foi encerrada. A cruz permanecia no ar como nunca vi nada igual antes, em quarenta anos de mediunidade consciente.

Fui saindo, e quando passei pela senhora parálitica, muito comovido, aproximei-me, passei-lhe a mão na cabeça e perguntei-lhe: — A senhora gostou?

Veio um rapaz, um indiozinho, correndo, e respondeu-me:

— Ela não fala espanhol, só o asteca e o maia.

Então, pensei: — Meu Deus, ela não entendeu nada.

Vendo o meu interesse, o jovem intérprete esclareceu:

— *Esta senhora é minha mãe. O senhor quer saber alguma coisa?*

— *Pergunte-lhe se gostou da palestra.*

Ele inquiriu-a e traduziu-me a resposta:

— *Sim, ela gostou.*

— *Volte a perguntar-lhe — insisti — se me compreendeu.*

Ele indagou e respondeu-me:

— *Não, ela não compreendeu, ela entendeu, ela sentiu; não é necessário falar quando se pode penetrar a idéia.*

Admirado ante tal resposta, prossegui:

— *Indague-lhe o que ela veio fazer. (Mas não esperava a resposta). Ela falou através do intérprete:*

— *Eu vi o deus e ele me disse que eu trouxesse os doentes e os aleijados para escutar o "emissário do Senhor".*

— *O "emissário do Senhor"?*

Ela me olhou, profundamente, e completou:

— *O senhor tem a "voz de Deus". Eu vi chegar o deus Huracán e senti o rociar de suas asas abençoando-nos.*

Ela falou qualquer outra coisa e o filho esclareceu-me:

— *Mamãe o está abençoando. Ela é quem recebe as mensagens do nosso deus. Ele mandou que se espalhasse pelas aldeias que o "emissário do Senhor" viria a Coatepec, e que todo o mundo viesse escutá-lo.*

Eu tomei aquela mão engelhada, olhei aquela mulher sofrida, encostei a minha na sua cabeça e ela sorriu. Quase não se podia mexer. O rapazinho então esclareceu-me:

— *Nós moramos a quase trinta quilômetros daqui. Mamãe veio amarrada num cavalo e eu vim noutro, puxando-a.*

Ouvindo-o, senti-me envergonhado. Fui levado pelo jovem aos outros dois paralíticos e um deles falou-me:

— *Nosso deus mandou dizer que se nós viéssemos ficaríamos curados. Estamos esperando que o senhor dê a ordem.*

Hesitei, emocionado, mas Joanna orientou-me:

— *Mande-o levantar-se, meu filho.*

Eu vi que não tinha a "fé que remove montanhas", porque sendo um homem racional, naquela hora a primeira coisa que pensei foi: quem sou eu? Mas, num momento como aquele é o Cristo quem está em nós, naquela hora não somos nós.

Joanna me deu segurança e amparo. Ficou atrás de mim e tornou a dizer-me:

— *Fale, meu filho.*

Aproximei-me, e, olhando-o fixamente, disse-lhe:

— *Você crê em Deus?*

— *Creio! — respondeu-me.*

— *Então, levante e ande, em nome de Deus e de Huracán! Venha!*

Ele foi escorregando do palco como quem ia cair. Quiseram segurá-lo, porém, pedi que o deixassem. Ele caiu mais ou menos em pé e qual um pêndulo de relógio oscilou. Equilibrou-se e deu o primeiro passo.

O silêncio em todo o salão era total. Todos permaneciam numa postura de dignidade, como se já soubessem o que iria acontecer. Nenhum grito, nenhuma emoção. Fé! A fé que nos falta. E o amor!

Ele andou, segurou o meu braço. Fomos até ali, voltamos até acolá.

— *E eu, e eu? — indagou o outro, afobadamente.*

— *Venha, o Senhor está mandando-o também. Venha, em nome de Deus!*

Ele foi desentortando, como se estivesse obsidiado, padecendo de uma obsessão física. Não era um paralítico orgânico.

Recordei-me, imediatamente, de que Kardec narra, no capítulo 23, de O Livro dos Médiuns, o caso de um obsessor que atuava nos jarretes de um homem, fazendo-o cair de joelhos diante de uma moça, humilhando-o terrivelmente.

Mas, ele se foi retorcendo, e do seu corpo saiu um fluido, como um fumo, como que uma nuvem escura e ele começou a andar.

— Deus abençoe o "emissário do Senhor" — disseram repetidas vezes.

A minha emoção foi tão grande que eu não saberia descrevê-la. Vi que estava na hora de ir-me embora, porque não podia suportar mais tão intenso estado emocional — um sentimento intraduzível. Só sei dizer que meu coração parecia querer arrebentar-se dentro do peito.

Chamei o presidente e amigo anfitrião, que estava a regular distância, e pedi-lhe, quase sem voz:

— Vamos? Já que a chuva parou, vamo-nos embora.

Fomos atravessando o salão. Olhei o relógio, eram vinte e duas e trinta. Alguém veio e me abraçou. Veio outro e fez o mesmo. E veio outro, mais outro. Quando cheguei à porta, após atravessar o largo recinto, faltavam quinze minutos para a meia-noite.

Eram o amor e a visão do deus Huracán, porquanto vivendo eles no contexto de uma crença totêmica, é óbvio que a resposta espiritual se apresentaria de igual forma. Huracán, seria, pois, o Mentor, o Guia Espiritual da comunidade, que se apresentava conforme a concepção deles: uma águia que habita as grandes alturas, nas montanhas mais elevadas.

A rua escoara, não havia mais água ou enxurrada.

Não pude dormir. Durante um largo tempo não conseguí dormir, porque o deus Huracán havia vindo e a mensagem do amor tornara-se realidade em Coatepec.

A PREPARAÇÃO DO AMBIENTE — A CHUVA

A aparição do deus Huracán e toda essa experiência vivida por Divaldo, na cidade de Coatepec, é uma das mais belas e comoventes passagens que já encontramos no riquíssimo acervo de vivências que a mediunidade a serviço de Jesus proporciona àqueles que, como o médium baiano, a elegem como fanal de suas vidas.

* * *

Algumas horas antes da palestra começa a chover. Divaldo menciona a intensidade da chuva, os relâmpagos e trovões.

Segundo os confrades que o convidaram, a chuva seria passageira, tal como acontecia diariamente. Apenas uma chuva tropical. Entretanto, conforme elucidada Joanna de Angelis, posteriormente, esta era uma chuva programada para um fim determinado.

Pelo menos um mês antes da vinda de Divaldo, os moradores de toda a região haviam sido alertados para a vinda do "emissário do Senhor". Houve uma programação de ordem superior para aquela população, constituída de almas simples e humildes, que, no entanto, estavam sendo induzidas a participar de guerrilhas, de movimentos revolucionários. Para isso, não hesitavam, os fomentadores da guerra, em contagiá-los com o vírus do ódio, da revolta, da violência.

Gente de índole pacífica, apegada aos costumes locais, à terra e às tradições dos antepassados, vivia ali pelos vales e montanhas sem preocupações de posses e conquistas.

Coatepec! Uma cidade perdida nos montes guatemaltecos foi assim incluída no roteiro de palestras de Divaldo Franco.

Uma mulher desse povo generoso, parálitica, é avisada espiritualmente que seria aquele o dia da chegada. Médium natural, fizera-se respeitada e acatavam-lhe as orientações.

A mediunidade é parte integrante na vida de todos, na comunidade. Encarada com naturalidade, faz-se espontânea

e autêntica, como parte de comunicação entre os dois planos da vida. Para o povo dessa região, constituído de índios e mestiços, a certeza na imortalidade da alma e na comunicabilidade dos Espíritos é, portanto, decorrente de fatos concretos, não de teorias ou de abstrações filosóficas, distantes do seu alcance.

A notícia se espalhou por todas as aldeias. Quase quatro mil pessoas acorreram ao *Palácio de Metal*. A médium parálitica veio *amarrada* ao cavalo, com a coragem da fé, de quem sabe e conhece.

A chuva fora programada pela Espiritualidade Maior.

* * *

Em *O Livro dos Espíritos*, no capítulo IX da 2.ª parte, os Espíritos da Codificação respondem a Allan Kardec sobre a ação dos Espíritos nos fenômenos da Natureza. Vejamos o que dizem:

538 — "Formam categoria especial no mundo espírita os Espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza? Serão seres à parte, ou Espíritos que foram encarnados como nós?"

Que foram ou que o serão.

a) Pertencem esses Espíritos às ordens superiores ou às inferiores da hierarquia espírita?

"Isso é conforme seja mais ou menos material, mais ou menos inteligente o papel que desempenham. Uns mandam, outros executam. Os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, assim entre os Espíritos, como entre os homens."

539 — A produção de certos fenômenos, das tempestades, por exemplo, é obra de um só Espírito, ou muitos se reúnem, formando grandes massas, para produzi-los?

"Reúnem-se em massas inumeráveis."

É pois, perfeitamente possível e admissível que a chuva fosse solicitada pelo Espírito Protetor da região, com o fim de purificar a atmosfera.

Ao ouvir as explicações de sua Mentora, Divaldo recorda-se do "fogo purificador", conforme descreve André Luiz em *Obreiros da Vida Eterna*.

Nesta obra o autor desencarnado relata a sua experiência na "Casa Transitória", situada em região espiritual de densas trevas. Eis um trecho a respeito:

"Permanecíamos em região onde a matéria obedecia a outras leis, interpenetrada de princípios mentais extremamente viciados. Congregavam-se aí longos precipícios infernais e vastíssimas zonas de purgatório das almas culpadas e arrependidas.

Na verdade, muita vez viajara entre a nossa colônia feliz e o plano crostal do planeta, atravessando lugares semelhantes, mas nunca me demorara tanto em círculo desagradável e escuro como esse. A ausência de vegetação, aliada à neblina pesada e sufocante, infundia profunda sensação de deserto e tristeza." (capítulo VI)

É nessa zona sombria que o fogo etérico, purificador, vai atuar, em meio a trovões e relâmpagos. Recomendamos ao leitor uma consulta ao livro mencionado.

A tempestade, no caso em pauta, teria assim, o mesmo efeito.

O próprio Divaldo tem psicografado várias páginas, que estão em seus livros, nas quais existem referências acerca da poluição da psicosfera, bem como da possibilidade de contágio. Uma dessas mensagens é assinada por João Cleófas, inserida no livro *Depoimentos Vivos*, intitulada "Reagentes Mentais". O autor refere-se à assepsia da sala mediúnica, que, está perfeitamente de acordo com a necessidade de renovação da psicosfera em toda a região de Coatepec, a fim de que os miasmas produzidos pelos disseminadores do ódio desaparecessem, propiciando assim a chegada de Huracán. Foi realizada, então, a purificação da ambiência espiritual para que o *Palácio de Metal* se transformasse em gigantesca sala mediúnica com seis mil participantes.

Atentemos para o que assinala João Cleófas:

"(•••) Utilizemo-nos dos componentes da reação moral elevada contra os invasores microbianos das regiões inferiores da vida...

Vibriões elaborados por mentes viciosas, corpos estranhos produzidos por Entidades perversas, ideoplastias formuladas por fixações negativas, constituem fantasmas perturbadores que invadem a esfera do serviço, muitas vezes impossibilitando as realizações nobilitantes do trabalho.

(. . .) Em qualquer ambiente em que se procedem a tais experiências vitais, o contágio desta ou daquela natureza, seja no campo da inoculação de *formas vivas* perniciosas à existência, seja da exteriorização deletéria de pensamentos destrutivos, consegue danificar os mais respeitáveis programas, desde que não nos encontremos devidamente forrados para investir nesse campo árduo, fomentando as produções relevantes."

A explanação feita por Joanna de Angelis, ao término da palestra, é ainda uma lição primorosa para todos os que se habituaram a reclamar contra os fenômenos da Natureza.

Observa-se, também, o zelo, a vigilância dos Mentores Espirituais das nações, das cidades, das pessoas. Para atender àquela região, defendê-la da contaminação do ódio e da violência, o Espírito Huracán, deus e Mentor, estabelece, com base na programação de Divaldo, uma visita aos seus tutelados de maneira mais direta. Por certo, ele os atende por outros meios e vias, mas a palestra ofereceria o ambiente ideal para que se realizasse o fenômeno mediúnico, muito mais marcante e que impressionaria, indelevelmente, o seu povo.

O PALACIO DE METAL

O local não poderia ser mais surpreendente, dada a extravagância do nome, que faz supor uma edificação requintada.

A multidão atende ao chamado e vem de todas as formas, enfrentando a tempestade, as dificuldades de transporte e de acomodações.

O *Palácio de Metal* não tem nenhum conforto. Chove dentro e fora do recinto, mas o público se mantém numa disciplina incomparável, conquistada através dos próprios hábitos indígenas. Não há cadeiras. Todos estão de pé.

Interessante analisarmos essa postura do público. Estão de pé, em vigilância. O corpo não se acomoda, não se amolece; a mente está alerta e todos estão expectantes.

Há no ar uma sensação diferente, que Divaldo sente ao chegar ao palco e contemplar, pela primeira vez, de frente, o imenso auditório. Uma emoção profunda o invade. Ele sente que as pessoas presentes aguardam algo. Era muito mais que um simples e habitual auditório. Não pelo número de pessoas (ele já falou para platéias maiores), mas pela especial vibração que capta no ambiente. Acostumado a todo tipo de público, habituado a transmitir emoções, a despertá-las, principalmente, através da palavra e da sua própria figura carismática, o médium sente, todavia, que lhe era pedido alguma coisa mais. No momento, sem poder precisar o que, eleva o pensamento a Jesus e roga inspiração. Observemos que ele diz, mentalmente: "Se Jesus não vier o que será de mim?"

O orador baiano inicia a palestra. Fala sobre a imortalidade da alma, enquanto a chuva continua a cair.

Algum tempo se passa quando um trovão mais forte, seguido de um raio, interrompe a energia elétrica. O *Palácio de Metal* mergulha na escuridão. Ninguém se mexe. As pessoas não se inquietam, como seria de se prever e como aconteceria com outro auditório qualquer. Há completo silêncio.

No escuro, o enorme pavilhão de zinco transforma-se em imensa câmara mediúnica.

Pode-se imaginar a azáfama das Entidades Espirituais coletando o ectoplasma, recolhendo energia mental dos en-

carnados e utilizando Divaldo como médium dos fenômenos que viriam a seguir.

Quando a luz se acende, o orador retoma a palavra. Mas está diferente, já não fala da mesma forma anterior. Inunda-se interiormente de um amor imenso por aquele povo simples que o ouvia, e extravasa este sentimento em vibrações e palavras. É neste estado que o vê chegar.

A CHEGADA DE HURACÁN

A descrição que Divaldo faz de Huracán dá-nos uma idéia da sua beleza e espiritualidade.

"(.••) eu vi aparecer, à porta de entrada, um ser luminoso, estóico, em corpo espiritual como eu nunca havia visto antes com tanta beleza. Parecia um deus da mitologia, mas era um deus asteca. Ele estava de torso nu, uma complexão robusta, parecendo ter dois metros de altura, uma perfeição; os olhos eram duas lâmpadas que me alcançavam. Ele veio andando, triunfalmente, como se deslizesse."

Ao mesmo tempo, ouviu-se uma melodia no ar, enquanto a Entidade, aproximando-se de Divaldo, identifica-se, e, a partir daquele instante, inspira-lhe a palavra. A mente do médium, em sintonia com a de Huracán, inunda-se de clichês psíquicos, de idéias que vão sendo transmitidas para o auditório.

* * *

Hermínio C. Miranda, o consagrado escritor espírita, escreveu em *Reformador*, de março de 1971, excelente artigo intitulado "Técnica da Comunicação Espírita".* Vale a pena transcrevermos um trecho, na qual, o autor demonstra as etapas do processo da comunicação mediúnica.

"A decomposição do processo revela o seguinte: em todo sistema de comunicação — mediúnica ou não — o com-

(*) Este artigo foi, posteriormente, inserido no livro *Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos* — Edição FEB. (Nota da Autora)

ponente inicial é a idéia, concebida na mente daquele que deseja transmiti-la a alguém. É evidente que a clareza da comunicação dependerá fortemente da maior ou menor lucidez que existir na concepção da idéia original. (. . .)

O segundo componente do sistema é a expressão formal do pensamento. Aquele que deseja transmitir uma idéia, terá de traduzi-la de alguma forma, segundo o processo que tiver à sua disposição. Isso porque, nós não pensamos em palavras, e sim, em imagens ou impressões fugidias que passam pelo nosso consciente como "flashes" velozes que precisamos agarrar às pressas para que não se percam. O primeiro trabalho é, pois, o de converter pensamentos, idéias, sensações e impressões em um sistema de códigos, sinais ou imagens sensoriais que sejam comuns a uma grande quantidade de gente. Se o pensamento deve ser expresso em palavras há que fazer a escolha da língua; se for em imagens, é preciso decidir quanto à forma, à cor, ao tamanho e ao processo de divulgação. (. . .)

Com isto chegamos ao terceiro componente do processo de comunicação, que é a interpretação por parte daquele que a recebe. É evidente, portanto, que a mensagem não é recebida na sua forma original, tal como foi concebida na mente daquele que a enviou, e sim, já convertida num dos meios usuais empregados para torná-la comum, ou seja, para comunicá-la. Isso quer dizer que ela passou por um processo de codificação, ao ser transformada em sinais ou símbolos de idéias que surgem no plano do nosso entendimento como representações das próprias idéias. É que, na fase atual da nossa evolução espiritual, ainda não podemos transmitir o nosso pensamento na sua forma original, com a dispensa dos símbolos criados para comunicá-lo. Cabe, assim, àquele que recebe a mensagem, descodificá-la para reconvertê-la à forma original e ser, então, absorvida como pensamento puro.

Alcançamos o quarto componente do processo de comunicação quando a reação do recipiendario ao conteúdo da mensagem recebida é enviada de volta à fonte de onde

proveio ("feedback"), provocando, por sua vez, eventual reação. (...)

Imaginemos o mecanismo em ação. O Espírito desencarnado deseja transmitir a idéia de que a clareza da mensagem depende da pureza daquele que a recebe, ou seja, da sua boa predisposição psíquica e moral. De muitas maneiras se poderia vestir essa imagem; transmiti-la em palavras — prosa e verso; em imagens — coloridas ou não, fixas ou móveis; e até em sons ou em combinações audiovisuais, tão ao gosto da técnica moderna."

* * *

O artigo de Hermínio Miranda prossegue com outras elucidações e recomendamos a sua leitura. Nessas quatro etapas descritas por ele, encontramos a mecânica do processo utilizado nas comunicações mediúnicas.

Quanto mais evoluído for o Espírito comunicante, mais velozes serão as imagens concebidas e exteriorizadas pela sua mente, evidenciando uma freqüência vibratória de ondas curtíssimas. André Luiz afirma, em *Mecanismos da Mediunidade*, que as legiões angélicas se exprimem em "raios super-ultra-curtos".

Se o Espírito tem um padrão espiritual muito elevado, há necessidade de uma intermediação do Guia Espiritual do médium. Isso aconteceu com Divaldo, quando da comunicação de Teresa de Jesus, na cidade de Lisieux (França). Joanna de Angelis, captando-lhe o pensamento, transmitiu-o ao médium. A mensagem intitula-se "O amor e a alma" e está inserida no livro *Seara do Bem*.

Ao entrar em sintonia com Divaldo, Huracán inundou-lhe a mente de clichês psíquicos, transmitindo-lhe, assim, a história da raça asteca, de acordo com o processo descrito por Hermínio Miranda.

É oportuno observarmos que a maior parte das lendas e das tradições que integram o folclore de cada povo, traz um componente espiritual muito forte e verdadeiro, vestido,

naturalmente, pelas formas e cores com que a imaginação popular o adorna.

Huracán é o deus do povo e tem a forma de uma grande águia. Ao se retirar, *passa* através do corpo do médium e se posta no início do extenso corredor. Na cabeça traz a moldura da águia e surge em toda a beleza do ritual do povo asteca. Abre os braços que se cobrem de uma plumagem, e alça vôo como uma seta, como uma ave, deixando um rastro de luz e, sobre o público, uma imensa cruz luminosa, flutuante, da qual escorria, como pingos, uma luz violácea, dourada.

* * *

Em *O Livro dos Médiuns*, capítulo VI, questão 12, Allan Kardec indaga:

"Os Espíritos que aparecem com asas têm-nas realmente, ou essas asas são apenas uma aparência simbólica?"

Os Espíritos não têm asas, nem de tal coisa precisam, visto que podem ir a toda parte como Espíritos. Aparecem da maneira por que precisam impressionar a pessoa a quem se mostram. Assim é que uns aparecerão em trajes comuns, outros envoltos em amplas roupagens, alguns com asas, como atributo da categoria espiritual a que pertencem."

Todas essas transformações, na aparência dos Espíritos, são possíveis em razão das propriedades do perispírito, que obedece ao comando mental. Ainda no capítulo mencionado, o Codificador, referindo-se à aparição dos Espíritos, esclarece:

"Quando o Espírito nos aparece, é que pôs o seu perispírito no estado próprio a torná-lo visível. Mas, para isso, não basta a sua vontade, porquanto a modificação do perispírito se opera mediante sua combinação com o fluido peculiar ao médium. Ora, esta combinação nem sempre é possível, o que explica não ser generalizada a visibilidade dos Espíritos. Assim, não basta que o Espírito queira mostrar-se; não basta, tampouco, que uma pessoa queira vê-lo; é

necessário que os dois fluidos possam combinar-se, que entre eles haja uma espécie de afinidade e também, porventura, que a emissão do fluido da pessoa seja suficientemente abundante para operar a transformação do perispírito e, provavelmente, que se verifiquem ainda outras condições que desconhecemos."

A caridade e abnegação com que a Espiritualidade Maior atende aos seres humanos é difícil de ser dimensionada. Huracán é um dos Benfeitores Espirituais dos povos. Espírito de alta envergadura, atende aos anseios daqueles que estão sob a sua tutela, revestindo-se com a forma característica da águia sagrada a fim de ser identificado por eles.

* * *

O deus asteca deixa no ar, sobre a multidão, uma cruz luminosa.

Na Espiritualidade Maior, onde não existem quaisquer barreiras do sectarismo religioso, a cruz é um símbolo universal. Os elementos de força desse símbolo não encontram equivalência em nenhum outro.

Em primeiro lugar, a cruz significa a presença de Cristo junto dos homens. Quando se quer evidenciar a Sua presença, trazê-LO à nossa lembrança, é o símbolo mais utilizado.

Outros significados, todavia, somam-se a este primeiro e maior deles.

A cruz, pairando sobre as pessoas, ao mesmo tempo que evoca os erros humanos, traz uma mensagem de redenção.

Carregar a cruz é redimir-se. Para ir até Ele, conforme Suas próprias palavras, é imprescindível "tomar a cruz sobre os ombros e segui-LO". A cruz, não é, pois, uma evocação de sofrimentos, de grilhões que escravizam o ser humano, de penitências que o martirizam, porém, isto sim, o caminho da libertação. A cruz, agora, é uma mensagem de esperança. Assim como Ele, o Justo, alçou-se aos céus pelas traves da cruz, assim também os homens encontrarão nela a redenção final.

Jesus não permaneceu na cruz, embora os homens O queiram crucificar de todas as maneiras e até-10 ao madeiro de sofrimentos que, na verdade, foram engendrados por nós e são apenas nossos.

Bezerra de Menezes, pela psicografia de Divaldo, em bela mensagem incluída no livro *Terapêutica de Emergência*, intitulada "Cruz e Cristo", afirma:

"O Cristo e a Cruz do amor são os termos sempre atuais da equação da vida verdadeira, sem os quais o homem não logrará a Liberdade."

Huracán, Espírito Superior, deus criador da raça asteca, uma civilização pré-colombiana, usando o símbolo da cruz, transmite uma mensagem de amor e paz, como a significar que somente Jesus é, verdadeiramente, o Caminho, a Verdade e a Vida.

AS CURAS

Numa noite especial, num momento especial, Divaldo vive uma experiência extraordinária.

O público respirava fé. Uma fé natural, espontânea e simples. Nenhuma conotação de fanatismo, nada que significasse um estado emocional de histeria coletiva animava aquelas pessoas. Apenas uma certeza tranqüila e natural do amparo divino, do intercâmbio com os invisíveis e da proteção de Huracán. Estavam todos absolutamente certos de que Huracán viria — tal como fora anunciado pela médium parálitica — através do "emissário do Senhor". Sabiam que o aviso da sua chegada, que ecoara pelos vales e montanhas da região, significava uma proteção direta a toda a gente. Por isso, acorreram em massa, desde cedo, carregando os filhos, vencendo distâncias e dificuldades, inabaláveis na certeza, e absolutamente seguros de que o deus Huracán os visitaria.

O conjunto vibratório dessas pessoas é, portanto, a imensa corrente mediúnica a envolver Divaldo. O circuito mediúnico está fechado, completo, e o ambiente propício às

atividades que o Plano Superior programara e que se desenvolvem num crescendo de emoções transcendentais.

Todo o episódio é como uma majestosa e sublime sinfonia, que está sendo executada em acordes grandiosos.

Joanna de Angelis está ali, a reger o concerto das emoções e dos sentimentos. Cada componente destacado na narrativa teve importante desempenho, mas, foi a partir dela que tudo se tornou possível.

Divaldo teve ensejo de esclarecer, em algumas ocasiões, que Joanna entra em contato com os Mentores Espirituais dos países que são visitados e que as programações são feitas a partir dos acordos efetuados. Em Coatepec tudo estava delineado, conforme entendimentos prévios com o Espírito Mentor, conhecido na região pelo nome de Huracán.

No instante das curas dos dois *paralíticos*, grande parte dessa carga vibratória, portanto, fora canalizada para os enfermos. A cura é a mensagem de Huracán. É o sinete da sua presença para todo o povo. Aglutinam-se os elementos magnéticos e a essa força Divaldo dá a ordem de comando direcionando-a, impelindo-a. Joanna o assessora e participa do processo. Há um perfeito desencadear dessas forças e dos sentimentos de cada um. A corrente de amor é luz, é vida.

Os dois *paralíticos* estão expectantes. Adredemente preparados sabem que algo diferente irá acontecer.

O primeiro recebe a ordem e a atende. Levanta-se, e, aos poucos, desempena-se, esticando o corpo, os membros, sob a ação fluídica que, penetrando os nervos, a medula, os tecidos, os ossos, as células, irriga-os com uma vitalidade nova que, à feição de um lubrificante desenrijece, tonifica, nutre.

Ele vacila sobre as próprias pernas, balança-se como um pêndulo e consegue enfim equilibrar-se, sob o comando dessa energia poderosa que o invade e plenifica interiormente. Dá os primeiros passos e está curado.

O segundo enfermo, todavia, é um caso diferente. Trata-se de uma subjugação corporal, conforme explica Divaldo.

* * *

Vejamos como Allan Kardec esclarece a respeito das curas, em *A Gênese*, capítulo XIV, itens 31 a 34:

"Como se há visto, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são *simples* transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula *malsã* por uma molécula *sã*. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, *seja homem ou Espírito*." (grifos no original)

"É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio de exercício; mas, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo se deve considerar excepcional. No entanto, em épocas diversas e no seio de quase todos os povos, surgiram indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, apareceram muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não sofre contestação. Uma vez que as curas desse gênero assentam num princípio natural e que o poder de operá-las não constitui privilégio, o que se segue é que elas não se operam fora da Natureza e que só são miraculosas na aparência."

Em relação à subjugação corporal, o Codificador informa, em *O Livro dos Médiuns*, capítulo 23, item 240:

"A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo.

A subjugação pode ser *moral ou corporal*. (...) No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes.

Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal: pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão dos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era, porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente."

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda, cuja contribuição no campo das obsessões tem sido notável, escreve em *Nas Fronteiras da Loucura*, através do próprio Divaldo, na parte inicial do livro, intitulada "Análise das obsessões", a respeito da subjugação, o seguinte:

"Assim, a subjugação pode ser física, psíquica e simultaneamente físico-psíquica.

A primeira não implica na perda da lucidez intelectual, porquanto a ação dá-se diretamente sobre os centros motores, obrigando o indivíduo, não obstante se negue à obediência, a ceder à violência que o oprime. Neste caso, podem irromper enfermidades orgânicas, por se criarem

condições celulares próprias para a contaminação por vírus e bactérias, ou mesmo sob a vigorosa e contínua ação fluídica dilacerarem-se os tecidos fisiológicos ou perturbar-se o anabolismo como o catabolismo, incidindo em distúrbio no metabolismo geral, com singulares prejuízos físicos. . ."

* * *

As curas são realizadas. As bênçãos recaem a flux sobre o *Palacio de Metal*, na pequena Coatepec.

Espiritualmente, o grande pavilhão de zinco é um feérico palácio, engalanado de luzes e irradiando claridade para toda a região.

As emoções são superlativas e deixam Divaldo em um estado diferente. Como médium dessa carga vibratória de altíssima freqüência, ele irá direcioná-la, mas, para que isto se dê, todo o seu cosmo psicossomático atua como um dínamo.

No livro *Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz afirma:

"O Espírito, encarnado ou desencarnado, na essência, pode ser comparado a um dínamo complexo, em que se verifica a transubstanciação do trabalho psicofísico em forças mento-eletromagnéticas, forças essas que guardam consigo, no laboratório das células em que circulam e se harmonizam, a propriedade de agentes emissores e receptores, conservadores e regeneradores de energia.

Para que nos façamos mais simplesmente compreendidos, imaginemo-lo como sendo um dínamo gerador, indutor, transformador e coletor, ao mesmo tempo, com capacidade de assimilar correntes contínuas de força e exteriorizá-las simultaneamente."

Mais adiante, neste mesmo capítulo, o autor compara o gerador mediúnico ao gerador elétrico, esclarecendo ainda, que, assim como dispomos, em toda a parte, de fontes de força eletromotriz, "temos igualmente variados mananciais de força mediúnica, mediante a permuta harmoniosa, cons-

ciente ou inconsciente, dos princípios ou correntes mentais, sendo possível observá-los, em nosso caminho, alimentando grandes iniciativas de socorro às necessidades humanas e de expansão cultural."

Todo este comovente episódio leva-nos a reflexionar a respeito da infinita bondade de nosso Pai do Céu, que proporciona aos seres humanos, tal como prometeu Jesus, o ensejo sublime de crescerem espiritualmente, de tornarem-se o "sal da Terra", de serem a "luz do mundo", de serem, afinal, "deuses".

Numa cidadezinha do planeta, pequena e simples, num dia qualquer, igual a todos os outros no calendário terrestre, num local insólito, junto ao povo humilde, Divaldo vivência a experiência que Jesus promete àqueles que O amam e O seguem.

A CASA DE JESUS

Algumas considerações sobre ser cristão e ser espírita.

*. Um espírita, nos moldes do cristão primitivo. . .
Eu via os companheiros fazendo palestras (sem censurá-los)
e saindo dali eram homens do mundo, pessoas comuns,
agradáveis, tiravam seus largos períodos de férias, faziam
"estação de águas". Quando meditava sobre o Cristianismo
primitivo, o que me empolgava era ver os ricos se tornarem
simples; os poderosos se tornarem amigos. E então eu no-
tava que muitos companheiros se tornavam espíritas e,
simples que eram, ficavam presunçosos; pobres que eram,
ficavam com "status" de ricos, sem ter os meios. Isso me
chocava muito, porque, se o Espiritismo é a revivescência
do Cristianismo, conforme acreditamos, nós teríamos de
viver à semelhança dos cristãos. Não é que se deva deixar
as nossas roupas e andar maltrapilhos. Não é a postura
externa, porque uma pessoa pode estar coberta de jóias e
ser simples, e outra pode estar pedindo esmolas e ser or-
gulhosa... Mas, é que o Cristianismo tem de ser uma re-
volução interna, em que se veja, no próximo, a figura do
irmão, realmente, e não a de alguém a que estamos be-
neficiando.*

*Nós já adquiríamos a "Mansão do Caminho", o lar
de crianças, àquele tempo, mas havia muita gente que me
ajudava. Eu apenas auxiliava banhando os internos, como
até hoje o faço.*

Então, um dia, pensei:

— Meu Deus! Todo mundo só pensa em fazer obra para quem vai viver; a maternidade, a escola, o hospital, a creche etc. — e para quem vai morrer? Se nós cremos que a vida continua, temos de preparar a pessoa para a vida que irá enfrentar.

Eu passava de ônibus ou de bonde e via as pessoas dormindo embaixo das marquises. Isto me provocava uma grande dor e dizia-me a mim mesmo: estão morrendo! Por que os hospitais não possuem lugar para acolhê-los, nem a Santa Casa de Misericórdia, sequer?

Foi quando sonhei em fazer uma obra que fosse um desafio para minha juventude. Não pensei em uma obra para outros trabalharem e, sim, para eu próprio trabalhar. Porque é muito cômodo construir uma obra para os outros se esforçarem, e os fundadores ficarem de longe. Assim, imaginei uma casa para se morrer.

Um dia, conversando com Chico Xavier, propus-lhe:

— Pergunte ao Dr. Bezerra o que ele acha desta idéia.

O Dr. Bezerra informou-nos, então, que seria ideal um trabalho de tal natureza, porque as pessoas pensam muito em obras, fazer construções e plantas e mil coisas e, enquanto estão discutindo, "a caridade chega atrasada". Durante o tempo em que se está planejando, os pobres estão morrendo. Então, vamos começar atendendo o pobre no fogão de tijolo, até o dia em que possa ter o elétrico.

Viajei a São Paulo para uma série de palestras. Estava numa reunião quando contei esta minha idéia, mas não dispunha dos meios para concretizá-la. Uma senhora presente sensibilizou-se com o projeto e, para minha surpresa, falou:

— Senhor Divaldo, eu sempre desejei ser útil. Sou uma mulher muito rica, da sociedade, e mesmo que eu queira visitar os pobres, mesmo que eu queira ir à favela, o meu marido nunca o permitiria, criando um problema doméstico. O senhor tem vontade de fazer isto e não tem

o dinheiro. Eu tenho o dinheiro e a vontade, e não posso fazê-lo. Então vou dar-lhe os recursos para que o senhor concretize este trabalho. Quanto será necessário para adquirir uma casa como a que necessita?

Eu havia imaginado uma casa dentro do mangue, da invasão, dentro da lama do mar. Respondi-lhe:

— Vinte mil cruzeiros. (Vamos dizer que esta quantia corresponda hoje a Cz\$ 200.000,00)

Ela abriu a caderneta, preencheu um cheque e mo entregou.

— Aqui está. Agora o problema é com o senhor.

Vejam as bênçãos da Divindade. Cheguei a Salvador, fui à região da invasão e encontrei uma tapera. Uma ruína de taipa (feita com varas e barro), dentro da lama. Porque eu queria um lugar onde se pudesse levar uma pessoa em quase decomposição. . . Num lugar muito arrumadinho, o pobre não pode cuspir à vontade.

Coloquei à porta uma tabuleta com o nome: CASA DE JESUS.

Tinha dois quartos, uma saleta e uma cozinha que é um "cochicho" (uma palavra baiana), que era um nada. E deveria ficar sempre aberta.

Saímos e fomos recolher os que dormiam em baixo das marquises. Recolhemos um epilético. Ele teve tantas crises de epilepsia que ficou deformado; sofria de artrismo e reumatismo e consolidou várias juntas — não dobrava o corpo. Chamava-se André. Vivia em constantes crises convulsivas. Tinha uma ferida na cabeça que não cicatrizava. Colocamos até creolina para que os bichos saíssem.

Eu era uma pessoa sensível. Nasci num lar modesto, mas asseado. Isto me dava uma repugnância de estômago — pela falta de hábito. Eu fazia os curativos engulhando e até vomitando, às vezes.

Depois, ele, como epilético, na crise, perdia o controle dos esfíncteres. Eu e Nilson o lavávamos. Nós, com alguns amigos, dávamos os plantões noturnos.

Apareceu-nos uma senhora, Dona Antônia Vilas-Boas. Ela me propôs:

— Durante as horas em que vocês estiverem trabalhando, eu passo aqui para cozinhar, tomar conta da casa. Vou convidar umas amigas que freqüentam o "Caminho da Redenção".

Assim, duas ou três senhoras, pobres como nós, passavam o dia, enquanto nós, os homens, passávamos a noite. A casa ficava aberta vinte e quatro horas.

Depois, veio um outro doente, que era psicopata e tivera um derrame cerebral. Em seguida veio uma senhora que eu encontrei na rua. Foi a cena mais comovedora da minha vida.

Esta mulher teve varíola e a amputação de uma perna, com câncer. Eu a vi atravessando a Praça Municipal, pulando, segurándose a um pau, à guisa de apoio.

Fui até ela, peguei-lhe o braço, coloquei-o em meu ombro. Havia um rapazinho moreno ao seu lado, em silêncio.

— A senhora quer ajuda? — indaguei-lhe.

— Quero, sim, senhor!

Ela havia saído do hospital de isolamento e ia para um bairro muito pobre, muito longe, teria de tomar o bonde.

Observando-a, a saltar, com tanta dificuldade, pensei: Meu Deus! Como é que esta criatura vai pegar o bonde, depois de sair do hospital neste estado?

Olhei ao redor e vi um táxi. Eu nunca havia usado um táxi, porque não podia. Fui até o chofer e perguntei-lhe por quanto a levaria até a casa. Ele falou uma quantia que eu não tinha e eu lhe disse.

— O que é? — indagou-me.

— É para levar aquela senhora ali.

— O que ela é sua?

— Nada, encontrei-a agora — esclareci.

O chofer me olhou e respondeu:

— Se você pode fazer a caridade, porque eu também não posso? Quanto é que você tem?

Eu tomei do que tinha e lhe entreguei. Ele recebeu-o, dizendo:

— Você dá a sua parte e o resto fica por minha conta.

Eu a coloquei no carro com o rapazinho e fomos até aonde o carro pôde ir. Quando chegou no ponto em que os buracos impediam a sua passagem, descemos e eu a carreguei. O rapaz ao lado, assistindo a tudo em silêncio.

Levei-a até uma "avenida" de casas — um beco de casas, uma viela. Ela me apontou uma casinha humilde e quando chegamos a frente, uma moça veio à janela e falou:

— Aqui você não entra, para não contaminar meus filhos.

A mulher começou a chorar. Aquela que a expulsava de casa era uma filha de criação e o rapaz era o marido dela.

Eu a colocara no chão e fiquei parado, pensando: e agora, para onde vou levá-la?

Então lhe expliquei:

— Se a senhora não tem para onde ir, eu tenho onde levá-la. Eu tenho a "Casa de Jesus", mas o máximo que lhe posso dar é uma cama "patente", um colchão de palha, a comida e nada mais.

— Meu filho, eu estou na rua. Não tenho para onde ir.

Era uma mulher que me pareceu fina pela forma que falava. A "filha" pegou uma mala e jogou-a na rua. Eram os únicos bens daquela criatura. Eu chamei o táxi; o chofer estava parado, olhando de longe a cena.

Carreguei-a de volta ao carro e levei-a para a "Casa de Jesus". Foi a primeira mulher. Só havia homens internados.

Esta criatura veio a morrer nos meus braços. Sabem de que? Vitimada por lombrigas. Morreu asfixiada. Foi a morte mais terrível que eu já vi. Estávamos conversando, ela começou a tossir e expeliu uma lombriga. Aí começou a vomitar. Eu fiquei apavorado, peguei-a pelas axilas, levantei-a, mas, ela morreu asfixiada, pois as lombrigas saíam

pelo nariz, por todos os orifícios naturais. Tive Um choque tremendo; eu não pude fazer nada. Em momentos, ela morreu. Teria sido salva, possivelmente, com um purgante de óleo, se nós soubéssemos.

Esta mulher antes de morrer, um dia, me disse:

— Pegue ali a minha mala e abra-a.

Eu a abri. Dentro havia um álbum de fotografias. Por incrível que pareça, esta mulher tinha sido Embaixatriz do Brasil no Egito, na Tchecoslováquia, no Uruguai... Havia sido esposa de um Embaixador, no passado, e terminou os seus dias terrenos numa situação dessas, porque a vida é muito incerta.

Vivíamos ali, na miséria com os miseráveis. Eu tinha um salário, o Nilson também, tínhamos a casa de meus pais, onde morávamos, mas, dávamos tudo o que recebíamos já que pedíamos a outrem — porquanto fica muito fácil fazer a caridade pedindo aos outros, a gente só entra com o sorriso e a simpatia — por isso, nós vivíamos ali, comendo a mesma comida, pois o dinheiro não dava para que fôssemos comer em outro lugar. Havia alguns poucos amigos que participavam deste trabalho, entre os quais o confrade Augusto Soares.

Uma noite, eu me encontrava muito sofrido. Tínhamos dezesseis doentes, os colchõezinhos espalhados, tomando todo o espaço disponível. Eu estava pensando: o que vamos fazer? Nessa hora, o Dr. Bezerra me apareceu e contou uma história muito bonita.

Duas damas (disse ele), muito ricas, da sociedade de Moscou, foram ao Teatro Bolshoi. Assistiram a uma peça, uma ópera, que retratava a história de um rei cristão que termina louco.

As duas ricas damas, vendo aquela cena choraram, comoveram-se e todo o teatro também. Quando terminou, elas saíram e encontraram um homem, à porta, pedindo esmola. Uma delas, comovida, tirou o pesado casaco de peles para dar-lhe, pois ele estava sofrendo o frio da noite de Moscou. A outra, porém, impediu-lhe o gesto, explicando:

— Não faça isto! Quando chegarmos a casa mandaremos cobertores. Seu casaco é muito caro, ele não vai valorizá-lo.

Ela deteve o gesto bom e concluiu:

— De fato; você tem razão. Vamos fazer como sugeriu.

Vestiu o casaco novamente, dizendo ao homem: — Daqui a pouco eu lhe mandarei cobertores e agasalhos.

Entraram na carruagem e foram para o palácio. Ao chegarem, tomaram chá com biscoitos, deitaram-se e esqueceram o necessitado. Pela manhã, a dama generosa lembrou-se do mendigo e chamando um laçaiio recomendou-lhe que levasse os cobertores. Quando este chegou ao local o homem estava morto. Morrera congelado pela madrugada.

O Dr. Bezerra concluiu:

Enquanto se discute a caridade, o sofredor morre ao abandono. A caridade tem de ser o socorro do momento, depois discute-se o que se fará. Não fiques triste. Prossegue, assim mesmo, e confia.

A "Casinha de Jesus" me ensinou a trabalhar, a dar banho em doentes, a atender diretamente os enfermos. André ficava totalmente imobilizado e fazíamos tudo para atendê-lo. O outro, hemiplégico, chamava-se Aloísio, também era carregado.

Durante três anos mantivemos a casa. Numa maré do mês de agosto, que é muito forte, as águas subiram e derrubaram a casa. Tiramos os doentes, rapidamente. Lá no 'Caminho da Redenção', o prédio possuía vários quartos e aí os alojamos, porque a maré tombou a casinha e o terreno sumiu...

Um dia, quando cheguei para a reunião, Aloísio estava na crise de nervos; aproximando-me dele, perguntei-lhe:

— Como vai, Aloísio, está melhor?

Em meio à crise, num acesso de raiva, ele pegou o urinol e derramou-o na minha cabeça. Naturalmente me veio uma reação, mas, eu pensei, ele é um doente mental.

Tive de ir limpar-me e trocar de roupa.

Depois, quando se iniciou a "Colônia da Fraternidade", no bairro do Pau da Lima, já não podíamos cuidar deles em outro local. Levamos Aloísio e o colocamos numa casinha. Ele morreu em nossos braços. Assim, nós nos preparamos para esse Cristianismo de ação.

Agora, as tias já estão ficando idosas. Oito anos atrás uma delas teve um derrame cerebral. Quase sempre, aquela que colaborou, quando idosa, é colocada em asilo. É muito cômodo! Lá, na Irmã Dulce, eu creio conseguir as vagas possíveis, no asilo de velhos, pois penso que não me seriam recusados. Mas, eu reflito que, se elas ajudaram a criar as nossas crianças, agora é a hora de tomarmos conta delas, enquanto viverem.

Uma coisa comovedora ocorreu. Uma das meninas que ela criou, a Verinha, que já está com dezoito anos, me informou:

— Tio Divaldo, eu fico ajudando a tia Marieta.

Nós temos uma enfermeira, funcionários, é só chegar e mandar fazer o necessário, mas eu tenho de dar o exemplo. Porque é muito fácil amar a pessoa bonitinha, sendo difícil amar o aleijado, o feio, o doente. Eu comecei, também, a tomar conta dela, pois eu já adquiri o hábito de tratar dos doentes.

Para mim, este é o Cristianismo que me faz bem. Pregiar é muito fácil, cuidar de crianças é muito gratificante porque nos agrada muito, mas, a Caravana "Auta de Souza". . .

Certo dia, Auta de Souza me falou:

— Meu filho, eu quero que você vá visitar os pobres da invasão.

Assim, passamos a ir, levávamos sacos de queimados (balas) e distribuíamos. Hoje, nós temos cento e setenta famílias, porém, famílias irrecuperáveis, de hansenianos, de cegos, paralíticos, doentes, loucos. Acompanhamo-los até a hora da morte e fazemos o enterro: a primeira coisa que as velhinhas pedem, é que não sejam jogadas na vala, enroladas em lençol; pelo menos um caixãozinho. . .

Temos de convidar os companheiros (não é que todo mundo vá dar banho em pobre, não é isto) para a ação da caridade vivida, numa experiência que fará muito bem a nós mesmos. Devemos lidar com os loucos, os obsidiados, os feridos, os ingratos, porque com os demais a gente recebe a gratificação, nessa convivência agradável que estamos tendo. Está desaparecendo tudo isto, porque o espírita está ficando muito intelectualizado.

Isto, a mim, me fascina, esse ângulo do Cristianismo, porque aí não há ninguém para competir conosco, não há ninguém para ter inveja, para falar mal, porque ninguém quer ir lá, à lama.

*O exemplo de Chico Xavier a vida inteira é digno de aplauso, porque ele atendia na peregrinação com aquele povo todo, mas, os mais graves, os piores, ele visitava sozinho, nas noites de quinta-feira. Como eu faço as minhas visitas, nos buracos do Pau da Lima, de noite, escondido até do pessoal da "Mansão", para que ninguém vá comigo, porque, senão, quem faz a caridade são eles e não eu. E quando é que eu vou fazer a caridade? Se eu peço, as pessoas generosas dão e eu aplico isto para os que necessitam, mas esta é a caridade daquelas pessoas. Quando é que eu vou fazer a minha caridade pessoal?! Que não tem de ser, necessariamente, com dinheiro. Portanto, eu vou lá, tenha visitas em casa ou não. Fazemos os Natais todos, mas, depois, de madrugada, escondido, sozinho, eu saio com os meus pacotes para ir aos meus doentes — se é que posso chamá-los assim. Se eu for com a turma toda é uma **beleza**, mas é uma festa! E eu estaria exibindo os meus necessitados. Por isso, muita gente me vê, mas não me **conhece**.*

Um lugar para as pessoas morrerem!

Tem-se um lugar para nas;

A maternidade é cercada de preocupações e zelos; tudo é feito para que o ser que reveste da indumentária carnal

possa ingressar na vida terrena sob os melhores cuidados médicos e hospitalares.

Tem-se um lugar para viver.

Os *Direitos Humanos* reconhecem e proclamam o direito à vida, à moradia, à educação e instrução.

Não obstante todos esses direitos serem reconhecidos, nem sempre o ser humano logra atingi-los.

Entretanto, os esforços, a tendência geral são para que ele sobreviva tendo os seus mínimos direitos respeitados. Há uma luta social muito intensa, em todo o mundo, para que o homem melhore a sua qualidade de vida. Mesmo assim, a Humanidade ainda sofre profundamente as seqüelas de seu próprio estágio evolutivo, porquanto o homem continua sendo o "lobo do homem", entregando-se a toda sorte de loucuras e, dilapidando os bens terrenos, dos quais é herdeiro, vai traçando o mapa das suas dores futuras.

Um lugar para morrer!

Poder-se-ia dizer: morre-se em qualquer lugar. Para morrer não há necessidade de um local especial. Morreu, acabou!

Todavia, a morte deveria ser cercada de maiores preparativos, de um melhor cuidado, a fim de proporcionar ao homem um retorno mais equilibrado à Pátria verdadeira.

No Egito Antigo, a morte era cercada de solenidades. Os rituais severamente cumpridos e preservados visavam a propiciar ao morto um feliz ingresso nas paragens espirituais.

Quase todas as civilizações antigas mantinham os ritos da morte, incluindo, também, o zelo com os que estavam para abandonar o corpo físico.

A civilização ocidental, infelizmente, aos poucos, despojou o momento solene do desprendimento carnal de sua gravidade, do seu cunho espiritual, reduzindo-o a um simples automatismo fisiológico.

Um lugar para morrer, no conceito de Divaldo Franco, não seria, é óbvio, apenas um depósito de pacientes termi-

nais, com o único fito de não os deixar ao relento. Muito mais que isto, e tanto lhe era significativo esse local que o chamou de "Casa de Jesus."

A simplicidade do ambiente, a pobreza das instalações eram, ainda assim, bem mais confortáveis que a calçada fria das ruas, sob as marquises.

Entretanto, o leito humilde era forrado do mais puro sentimento de amor.

No instante das preces e após as breves preleções e conversas, a pequenina "Casa de Jesus" se revestia de luz e se tornava suntuosa. Os cômodos se ampliavam, o teto era o céu estrelado e a casinha flutuava em meio às luzes, engalanando-se de flores e recebendo a visita dos Benfeitores da Vida Maior.

Uma casa para morrer, pensou o jovem Divaldo. Um local que fosse a fronteira entre os dois mundos, o pórtico de libertação para os aflitos e desesperançados.

Durante três anos ele viveu a idéia e o ideal. Três anos onde colheu, ao lado de Nilson e outros amigos, algumas das mais belas e dolorosas lições da vida.

Três anos onde se exercitou na prática do amor.

* * *

Divaldo fala de vivência espírita. De viver o Cristianismo puro, de seguir as "pegadas do Nazareno".

Divaldo fala de suas experiências mais intensas no campo do amor ao próximo. Exercício de amor que mantém em secreto, afastado dos olhos do mundo, da presença alegre dos amigos. Ele fala de "seus" doentes, de "seus" assistidos.

Ele narra a sua vida, onde, aos poucos, timidamente, deixa entrever essas experiências. E o faz agora, quando amadurecido espiritualmente, sabe que, todo o tempo, ao longo desses quatro decênios, exemplificou e viveu tudo quanto pregou.

Na sementeira de luz e de esperança, de amor e de paz que realiza, profusamente, todos os dias, nós sabemos que tais sementes deixam um rastro de estrelas, pois ele próprio se consome, no exercício do amor, em total doação, para que elas cintilem.

Semear estrelas nos corações humanos! Deixar um rastro de estrelas para a Humanidade.

Onde está a Humanidade?

Dorme ao relento sob as marquises; atravessa as estradas do mundo equilibrando-se, desajeitadamente, entre o bem e o mal e tem, muita vez, a face da dor, do cansaço; debate-se em convulsões na agonia do não ter, do não ser; está paralisada no leito da ignorância; ou habita o luxuoso edifício, onde oculta, entre sedas, os vícios, a violência, o desamor; é o viandante que percorre as trilhas da loucura; é o homem à procura de si mesmo!

A "Casa de Jesus" é o pórtico do mundo e simboliza o pólo convergente de todas as buscas humanas.

AS DUAS MENSAGENS

O que se vai ler, em seguida, reflete um momento especial, um momento histórico na vida de Divaldo Franco — vida que é por si mesma parte da história da Doutrina Espírita no Brasil e no mundo.

É o início da década de 50.

Divaldo, muito jovem, está identificando e iniciando a sua programação espiritual.

É importante atentarmos para a amplitude desse programa da Espiritualidade Maior.

Trata-se, não apenas de uma tarefa localizada, centrada em uma determinada região ou, até mesmo, de âmbito nacional. O plano espiritual prevê uma abrangência muito mais ampla da sementeira.

Primeiro é preciso estruturar e estabelecer as bases do labor, arregimentar os trabalhadores, formar equipes, consolidar as atividades — para isso surgem o Centro Espírita "Caminho da Redenção" e, posteriormente, a obra definitiva, a "Mansão do Caminho". Todavia, é necessário realizar o árduo ministério da sementeira além-fronteiras dessas mesmas bases.

Durante quinze anos o programa se consolida.

A Espiritualidade Maior é pródiga em orientações, avisos, mensagens.

É o período da fartura, da abundância.

O labor se realiza entre risonhas perspectivas, enire sorrisos e promessas, em clima de lutas, sim, mas pleno de esperanças benfazejas.

É por essa época que Divaldo recebe as duas mais expressivas mensagens que o Mundo Maior envia. E das chegam às suas mãos pelos canais mediúnicos de Chico Xavier e Pietro Ubaldi.

Essas mensagens levam a assinatura de Francisco de Assis.

FRANCISCO, CHICO E DIVALDO - A PRIMEIRA MENSAGEM

Meu filho, Deus te abençoe.

Estamos a pleno caminho da redenção.

Nem os receios do início.

Nem as revelações do fim.

Trabalho por todos os lados.

Perseverança no bem, como abençoado programa de cada dia, é o nosso lema.

Não te iludas, pois, sobre o repouso, agora.

Seria irrisão.

Nem nos enganemos, quanto a frutos imediatos do trabalho reajustador.

Imprescindível caminhar agindo na sementeira sublime do futuro.

Defrontados por imensa assembléia de adversários, visíveis e invisíveis do pretérito, não nos cabe a desistência. A única renúncia destrutiva, por vazia e inútil, é aquela que nos marca por almas ociosas e enfermiças, quando fugimos à luta.

Ontem, valíamo-nos da inteligência para oprimir e perturbar. . . Ontem, o poder em nossas mãos apaixonadas

e rudes, espalhando o temor e muitas vezes o sofrimento. . . Hoje, contudo, valorizamos os recursos intelectuais, na obra da caridade sem fronteiras e sem limites, e, agora, buscamos o poder de servir e auxiliar, em nome dAquele que é o Amor mesmo, transbordando luz no sacrifício pela Humanidade inteira.

Não desfaleças.

Em cada trecho da estrada, seremos surpreendidos pelas vibrações das nossas próprias obras, que o tempo guardou. É preciso que a esponja do trabalho incessante funcione em nossas mãos, ligada ao nosso coração e à nossa mente, para que os dias para nós, na atualidade, sejam efetivamente marcos redentores.

Todos os nossos centros de ação prosseguem ativos e bem inspirados na direção do bem. Se uma nova diretriz nos fosse facultado trazer aos companheiros, rogaríamos ao conjunto mais esforço e mais agilidade na lavoura do cristianismo aplicado, mas não ignoramos, filho meu, que a colheita não vem ao nosso campo, senão por prêmio a suor e à dedicação. Façamos de nossa parte, sempre mais. Há centenas de trabalhadores invisíveis em função de auxílio constante ao "Caminho" e à "Caravana", que se transformaram em legítimas assembléias de socorro espiritual, de esclarecimento benéfico, de fraternidade e de amor. Continuemos. Avançar em execução dos Divinos Propósitos é nosso dever. Esperamos que todos os irmãos se mantenham a postos. Não nos achamos reunidos, por acaso, depois de quatro séculos de civilização bahiana e brasileira. Temos compromissos. Não nos congregamos aí agora pela primeira vez. O tempo, compassivo agente da Infinita Bondade, nos guarda, de novo, sob a sua custódia a fim de nos desdobrarmos com o seu concurso, em ação intensiva na tarefa do esclarecimento e da caridade.

Toda a expressão de amparo aos nossos semelhantes é de nosso apostolado.

A escola, o abrigo, o templo da fé, a casa de trabalho, a assistência aos sofredores, o asilo aos inválidos para a luta física e a proteção às criancinhas ao sol do Evangelho são faces do nosso ministério que não podemos esquecer. Que outros discutam à frente do Cristo, que outros permaneçam no país do entretenimento colhendo flores passageiras para a curiosidade leviana ou insatisfeita. Cada qual se sintoniza com as situações a que confia o próprio coração. Mas que o serviço ao próximo com Jesus por norma sublime, seja o nosso motivo de cada hora.

Neste propósito e formulando votos para que nos unamos cada vez mais, na obra cristã que o Espiritismo nos descerra, abraça-te com muito carinho o velho companheiro,

Francisco

(Mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, no dia 3 de outubro de 1950.)

Aos vinte e três anos, Divaldo recebe a primeira das duas mais definitivas provas que a Espiritualidade Maior lhe endereçou, através de dois médiuns diferentes, com respeito à sua missão terrena.

Há sete séculos atrás, Francisco Bernardone ouve uma voz a conclamá-lo:

"— Francisco, minha casa ameaça ruína. Vai, pois, e repara-a."

Reiteradas vezes ela se repete e o "poverello", na angústia da busca, reconstrói a casa de pedra.

"— Francisco, reconstrói a minha casa. A minha Igreja!"

Atender ao pedido é a meta de Francisco. Onde, porém, a Casa? Onde a Igreja a ser reconstruída?

Na claridade do dia, na estrada poeirenta, Francisco descobre.

Um homem caminha, vacilante, ao peso da dor. Vai ao encontro de Francisco e lhe estende a mão. Tem a pele em chagas purulentas — é a face da miséria e do sofrimento humano.

A caridade da esmola é feita. O homem segue.

"— Francisco, reconstrói a minha Igreja!"

Francisco desperta! Corre ao encalço do viandante leproso. E no pequeno trajeto que tem de transpor para chegar até ao homem ele percorre todos os caminhos do ser humano ao encontro da Verdade.

Alcança-o, abraça-o e o beija — e encontra a Igreja do Cristo!

Francisco aponta a Divaldo o mesmo caminho.

O andarilho de hoje chama-se André, Aloísio, ou que nome tenha. Pode estar sob a marquise tentando um lugar para morrer.

As estradas da Ûmbria estão em toda a parte, asfaltadas e repletas. Ou levam às periferias onde os barracos se apertam para existir.

O edifício de luxo ou o barraco de taipa podem abrigar a mesma miséria moral, embora distanciados pelo nível social.

Os andarilhos nem sempre estão rotos e mal-cheirosos.

Quão longe ainda estamos da Igreja do Cristo!

A voz de Francisco atravessa o tempo e ecoa em plena era nuclear.

Morre-se de lepra e de contaminação por césio, ou outro elemento radioativo.

Cura-se a hanseníase e surgem as chagas da contaminação radioativa.

Os gabinetes psiquiátricos e os estudiosos do assunto pesquisam a melhor forma de manter a sanidade mental do homem, enquanto a obsessão grassa em larga escala, desconhecida da maioria.

Tenta-se preservar os *Direitos Humanos*, todavia, o aborto é encarado como prática normal e saneadora, e as crianças, aos milhões, são empurradas para a marginalidade.

Francisco, de Assis, para as modernas megalópoles ou para as províncias anônimas, desenvolve esforços para despertar o homem.

A Igreja do Cristo ameaça ruína!

Construí-la é muito mais do que levantar abrigos para os viandantes dos vícios.

É, sobretudo, propiciar-lhes recursos para que não mais se deixem contaminar pelos elementos negativos. É esclarecer, além de amparar. É acordar o homem para as realidades superiores da vida, mais que fornecer-lhe a esmola da caridade.

É ter o amor que liberta da escravidão moral e transmiti-lo no engrandecimento do ser humano.

Divaldo começa a construção.

"Toda a expressão de amparo aos nossos semelhantes é de nosso apostolado" — escreve Francisco, através de Chico. E prossegue:

"A escola, o abrigo, o templo da fé, a casa de trabalho, a assistência aos sofredores, o asilo aos inválidos para a luta física e a proteção às criancinhas ao sol do Evangelho, são faces do nosso ministério que não podemos esquecer."

O abrigo, a escola, o templo da fé, a casa de trabalho, um por um foram sendo construídos.

A "Casa de Jesus", derrubada pela maré, enterrada na lama, ressurgue intemporal, indimensional, entre as casas da

"Mansão do Caminho". Transcende ao espaço físico para se tornar uma forma de ser e de viver.

A Igreja do Cristo são o Lar, a Escola, o Abrigo, a Oficina, o Templo, o Hospital. É o local para morrer. É onde "morre" o homem velho e "nasce" o homem novo, da Era do Espírito.

A Igreja do Cristo é o ser humano. É Amor. É a casa de Jesus.

Pessoalmente, como investigadora, estudiosa e praticante insipiente da Mediunidade, ficamos meditando em como teria sido a reunião mediúnica em que Francisco se comunica através de Chico e, depois, de Ubaldi.

Divaldo nada quis contar a respeito.

— Preciso saber como foi — dizia-lhe — para "entrar no clima" e fazer os comentários à altura, isto é, pelo menos tentar...

— Qualquer dia desses, Suely. Quando nos encontrarmos com mais calma — respondia-me.

Enfim, esquivou-se, delicadamente, de todas as formas possíveis. Adia e prometia mais para frente. Por dois anos consecutivos tentamos obter dele as informações sobre as duas comunicações, a ponto de atrasar o término do livro.

Foi em Salvador, na "Mansão", quando gravava um de seus depoimentos para esta obra, que Divaldo nos entregou uma volumosa pasta.

— Aí estão — disse-me — as mensagens que me foram endereçadas, durante vários anos, através da psicografia de Chico Xavier, especialmente.

Emocionada, começamos a viajar no tempo, desde a Pedro Leopoldo das primeiras horas. Dir-se-ia que toda a vida de Divaldo está aí registrada, pois cada página expressa um marco de tempo. São muitas e muitas mensagens, grafadas com a letra inconfundível de nosso tão querido Chico Xavier.

Durante um período muito feliz elas chegaram e estimularam o jovem destinatário à concretização de seus compromissos e ideais.

Ao nosso lado, Divaldo explicava o significado de cada uma delas e descrevia o momento feliz do seu recebimento pelas mãos abençoadas de Chico.

Foi assim que descobrimos a mensagem de Francisco.

É difícil descrever a nossa felicidade e emoção enquanto líamos as belas palavras que o médium mineiro captou. Num átimo, pensamentos, os mais diversos, nos acorreram:

— Meu Deus, é Francisco mesmo! Que beleza de mensagem! Que emoção devem ter vivido. Francisco, Chico e Divaldo, que significa isto? Jesus, eu agradeço-lhe por estar lendo isto!

Foi, portanto, uma surpresa maravilhosa! Nada sabíamos a respeito, como também poucas pessoas têm conhecimento da existência dessas páginas.

Sei que ele permite, hoje, que sejam divulgadas por insistência nossa e argumentos de que não mais é possível mantê-las fechadas em pastas e gavetas. A candeia não deve permanecer oculta, precisa ser colocada bem alto para que a sua luz se projete à distância.

Há quase quarenta anos, Divaldo, jovem, quase menino, ouve a "sua voz". Ela vem lhe falar através da psicografia.

Por certo não é uma voz desconhecida. Não é um som estranho. É uma voz amiga, que ele já ouvira antes.

Há quanto tempo? . . .

Também Chico Xavier e Pietro Ubaldi a reconhecem, e se fazem instrumentos da mensagem para aquele que chegando e inicia o seu testemunho terreno.

Francisco, Chico, Ubaldi e Divaldo se reencontram e se reconhecem.

Pode-se imaginar *quanto e quando?*...

FRANCISCO, UBALDI E DIVALDO - A SEGUNDA MENSAGEM

Ao Divaldo

O meu instrumento está cansado, e a grande cidade na qual ele se encontra está cheia de vibrações contrárias a que minha voz desça até vós. Por isso minha palavra é breve, mas te basta.

Continua a tua obra santa, a bênção de Deus está sobre ti. Sabe lutar e sabe sofrer melhor, sabendo tudo e com tudo melhor lutarás e vencerás.

Coragem! Eu amo a todos quantos lutam pelo bem.

Ama o próximo, ajuda quem sofre. Semeia o bem e o bem voltará a ti. Se o mundo só compreendesse esta grande lei: "Ama o teu próximo como a ti mesmo", compreenderia também que tudo significa beneficiar a si próprio, como jamais de algum outro modo se pode fazer.

Esta é a palavra à inteligência daqueles que calculam por interesse. Mais felizes aqueles que fazem o bem por amor, como tu fazes.

Então, felizes eles, mais que todos os felizes, porque eles oferecem por amor e no amor tudo se transforma em alegria.

Assim, desce à terra o Reino de Deus, isto é. o paraíso.

Sê tu um dos escolhidos para esta grande transformação do mundo.

Vai, continua e não temas.

Sabe que Deus está contigo, como está com todos os bons e isto vale mais do que qualquer riqueza, poder de armas ou de dinheiro.

Será contigo a paz eterna que só Deus pode dar.

Sobre ti está o olhar do teu amigo Francisco.

(Mensagem da "Sua Voz", recebida em São Paulo, para o amigo Divaldo Pereira Franco.)

4 de outubro de 1953

Pietro Ubaldi

(Tradução do Prof. José Passini)

A Divaldo

Il mio istruimento è stanco, e la grande città in cui egli si trova è piena di illusioni contrarie a che la mia voce scenda fino a voi. Per questo la mia parola è breve, ma ti basta.

Continua la tua opera santa, la benedizione di Dio è sopra di te. Sappi lottare e sappi meglio soffrire, soprattutto ciò e con ciò meglio lottare e vincere.

Coraggio! Ho mio accanto a tutti davanti lottare e soffrire per il bene.

Amma il prossimo, accita di soffre. Semina bene e il bene tornerà a te. Se il mondo solo comprendesse questa grande legge: "Amma il prossimo tuo come te stesso", comprenderebbe anche che io neppure benefico se stesso, come mai in alcun altro modo n'è più per.

Quanto è la parola all'intelligenza di coloro che colorano per interesse. Ma beati quelli che fanno il bene per amore, come tu fai.

Allora beati essi, più di tutti beati, perché essi operano per amore e nell'amore tutti si trasformano in gioia.

Con scende in terra il Regno di Dio, cioè il paradiso.

Sii tu uno dei prescelti a questa grande trasformazione del mondo.

Và, continua e non temere.

Sappi che Dio è amore, come c'è un tetto di buoni e questo

Vale più di qualunque ricchezza, potremo d'anni o d'
di danaro.

Ma un sì la pace eterna che solo Dio può dare.
E tu è lo sguardo del tuo amore Perseus

Mestropio della San Vce, ricevuto in
S. Paulo, per l'amore Divoloto Perseus Perino
il 4 ottobre 1913.

Uldes Peris

Divoloto Perseus Perino

Antonio Baptista Perino

~~Perseus Perino~~
Luigi Rizzini

Richard Langhans Perino

Emy Gonçalves Perino

Geny Gonçalves Perino.

Luiza M.G. Perino

Alminabom Perino

Francisco de Assis volta a ditar outra mensagem endereçada a Divaldo, três anos após a primeira, por intermédio de "Sua Voz".

E o faz, dessa segunda vez, pela psicografia de Pietro Ubaldi. Era o dia 4 de outubro de 1953.

Um jovem de vinte e seis anos — que recebe da mais Alta Espiritualidade o estímulo e a confirmação de sua missão terrena.

Esse fato encerra, a nosso ver, um significado tão expressivo que nos escapa ao entendimento.

Divaldo aí está, diante de Ubaldi.

Reencontro? Certamente que sim. A maturidade, a vivência mediúnica de Ubaldi frente à juventude e aparente inexperiência do médium baiano, que está iniciando o seu testemunho terreno.

A palavra de "Sua Voz", trazendo o apoio de Francisco, como sucede com Chico Xavier, três anos antes, deve chegar a Divaldo. Naquele momento dois médiuns estavam aptos a captá-la. O primeiro já o fizera, todavia, seria preciso que ela chegasse novamente, como a corroborar não a esplêndida captação de Chico Xavier, mas o fato da presença de Francisco na vida de Divaldo.

E essa palavra, essa presença, devem chegar nos anos dourados da juventude física, para que ficassem indelevelmente marcadas. Sabem os Numes Tutelares que, por essa época, Divaldo estaria definindo a sua jornada terrestre, estabelecendo as bases de todo o seu labor, arregimentando os primeiros companheiros de equipe, recrutando-os ao longo do caminho. Todos chegam a seu tempo e trazem compromissos bem traçados e precisos. Nilson está presente desde as primeiras horas, convocado que foi para o imprescindível trabalho de apoio e sustentação. O programa espiritual está em curso e é muito vasto e abrangente. Joanna de Angelis supervisiona e inspira, fiel representante de Francisco junto aos pupilos em aprendizado e testemunhos. Ela tem, em Divaldo, o porta-voz de todo esse pro-

grama e, com desvelo e firmeza, inspira-o a fim de que o ideal se transforme em realidade de bênçãos.

O encontro com Pietro Ubaldi é breve. O reencontro de almas, no entanto, é um marco de luz para o jovem médium. Por certo que as lembranças do passado emergem no seu psiquismo, ante a aproximação daquele que se apresenta como amigo de um tempo imensurável.

"Felizes aqueles que fazem o bem por amor, como tu fazes" — afirma a mensagem de Francisco.

Realizar o bem por amor. Amor ao semelhante. Amor ao próprio Bem. Amor ao Ideal Maior — que é Jesus. Ter o ideal do Amor por fanal. Metas que Divaldo alcançou e vivencia nesses seus quarenta anos de mediunato.

Trinta e cinco anos atrás ele recebe a palavra de "Sua Voz" que lhe diz: "Sobre ti está o olhar do teu amigo, Francisco."

O que representa isso para um moço de vinte e seis anos?

* * *

O jovem filho de Pedro Bernardone, enquanto se prepara para exercer a sua excelsa missão, ouve as "vozes dos céus". Jesus o chama para o apostolado do Amor.

"— Cavaleiro de Cristo, tens medo?"

Ele ouve a interpelação e busca entender o programa do Senhor para a sua vida terrena.

Despojar-se dos bens materiais; desnudar-se **interiormente** diante do Divino Amigo, apresentando-se **pulcro** e digno para o ministério; erguer a Sua Igreja, restaurando-a na sua primitiva pureza; mostrar aos homens o caminho, a luz, a Verdade!

"— Cavaleiro de Cristo, tens medo?"

As vozes questionam e infundem ânimo, **ao** mesmo tempo.

Francisco está pronto. Demonstra, então, toda a coragem da fé. Não há medo em seu coração, porém a certeza do caminho a seguir. Eis o desafio que ele aceita e vence.

Sete séculos depois ele fala aos homens.

A sua voz ecoa nas estradas humanas. Por certo Divaldo a ouve e a identifica.

"— Cavaleiro de Cristo, tens medo?"

Não, ele também não se amedronta. Guarda na alma a coragem da fé e isso o fará arrostar todos os obstáculos, no futuro que se delineia. É esta coragem de "Cavaleiro de Cristo" que um dia o leva às estradas do mundo para novamente empreender a construção da Sua Igreja.

A Igreja intemporal, transcendente, que tem os seus alicerces no Amor e, para nós, seres humanos, está sendo erigida com a argamassa das lágrimas, do suor e da dor — os materiais de construção que a Humanidade escolheu para atender ao chamado daquele que, sendo o "Caminho, a Verdade e a Vida" nos levará até ao Pai.

"— Cavaleiro de Cristo, tens medo?"...

PÁGINA A DIVALDO

*Bendize, filho, as dores que carregas
Para consolo das alheias dores...
Louva os dardos e os golpes remissores
Do caminho de luz a que te entregas!*

*Espinheiros... Pesares... Amargores...
Ambições... Ansiedades... Lutas cegas.
Eis o campo das sombras onde pregas
O Eterno Amor de todos os Amores...*

*Exaltando a aflição que te ilumina,
Não te afastes da cátedra divina —
A Cruz —, que, em nos ferindo nos socorre!*

*Quem com o Cristo padece e renuncia
Aprendendo e servindo, cada dia,
Com o Cristo encontra o Amor que nunca morre.*

AUTA DE SOUZA

(Soneto psicografado por Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, em 13 de outubro de 1953)

Nove dias após receber das mãos de Pietro Ubaldi a mensagem de "Sua Voz" afirmando-lhe o apoio de Francisco, Divaldo, já em Pedro Leopoldo, é presenteado com um belíssimo soneto de Auta de Souza.

Realmente, os anos 50 foram marcantes na vida de Divaldo Franco.

As "vozes dos céus" se fazem ouvir e pronunciam as mais belas e doces palavras de estímulo, de apoio e orientação.

Esses Amigos e Benfeitores da Vida Maior estão a seu lado e, embora ele tenha ciência disso, desejam que tenha a comprovação através de outro mediano. Tinham pressa de fazê-lo, enquanto havia tempo e possibilidade de realizarem o intento.

Utilizam-se, então, da antena de luz de Chico Xavier.

O jovem baiano ocorre, com frequência, para o lado daquele que o orienta e em quem vê e sente o amigo querido. Foram anos de bênçãos e de alegrias santificantes, enquanto se prepara para os testemunhos que virão.

"Primeiro a erva, depois a espiga e, por último, o grão cheio na espiga", alerta Jesus.

Tudo vem a seu tempo. E o "bom combate" o encontra, mais adiante, fortalecido na fé e revestido da "courage da caridade", que lhe irão propiciar os "grãos cheios na espiga".

Na época certa, o fruto sazonado.

Auta de Souza vem e escreve versos de luz:

*Bendize, filho, as dores que carregas
Para consolo das alheias dores...
Louva os dardos e os golpes remissores
Do caminho de luz a que te entregas!*

*Espinheiros... Pesares... Amargores...
Ambições... Ansiedades... Lutas cegas.. .
Eis o campo das sombras onde pregas
O Eterno Amor de todos os Amores...*

É impressionante a forma como a poetisa enfoca o trabalho de amor a que ele se entrega.

É cedo ainda, na idade terrena, mas o "campo de sombras" já está sendo percorrido por Divaldo, na sua missão de pregar o "Eterno Amor de todos os Amores".

O "campo de sombras" é o nosso mundo. São as misérias morais e sociais que nos envolvem, que estão ao nosso lado. São as injustiças, as dores, as enfermidades do corpo e da alma, são os vícios e degradações que campeiam por toda parte.

É o nosso "campo de sombras" pessoal, íntimo. O resquício do passado, os compromissos que assumimos enquanto no trânsito da marginalidade das Divinas Leis.

Entretanto, quem se dedica a consolar as dores alheias também carrega as próprias dores. Trilhar esse caminho é tarefa sacrificial e heróica. Poucos se aventuram a fazê-lo.

Conviver com os sofrimentos humanos, na tentativa de minorá-los; estender o esclarecimento aos que ignoram; acender a luz da esperança onde jazem os desiludidos; despertar a fé dos que negam até a si mesmos; mostrar a rota àqueles que a perderam; falar do amor e doá-lo aos que estão famintos de afeto — semear estrelas na escuridão da noite! Este o "caminho de luz" que o jovem médium está abrindo entre as sombras do campo terrestre, e no qual prosseguirá pela vida afora...

Prossegue Auta:

*Exaltando a aflição que te ilumina.
Não te afastes da cátedra divina —
A Cruz —, que, em nos ferindo nos socorre!*

*Quem com o Cristo padece e renuncia
Aprendendo e servindo, cada dia,
Com o Cristo encontra o Amor que nunca morre.*

A Cruz — cátedra divina. Necessário entender bem o que Auta de Souza quer dizer com este verso.

A cruz, no caso de Divaldo, representa a sua opção pessoal de vida. A sua missão é perfeitamente traçada e marcante: ele elege para si a vivência do bem junto dos que sofrem. E esse é um ministério de renúncias e sacrifícios íntimos, de que a imensa maioria, nem de leve, se apercebe. Enquanto a juventude escolhe o estudo, as festas, o barulho do mundo, as aventuras e emoções, alguém — da mesma faixa — prefere atender os que estão maltrapilhos, malcheirosos, desiludidos.

Expressa ainda a ação contínua, perseverante; a dedicação plena e em tempo integral; a disciplina austera, de tal forma que ele não se permite a mínima variação — já não digo nem *uma fuga* — ao padrão que estabelece para sua conduta comportamental.

Mas, tudo isto é vivido com profunda alegria, sem a mais leve queixa.

Sendo, portanto, uma escolha pessoal, todas as dificuldades que daí advêm são superadas por um sentimento mais profundo e maior: o do amor.

A cruz é a cátedra divina. Através dela Jesus leciona a sublime lição da renúncia, do perdão e do Amor.

Não é, pois, o madeiro da agonia infamante. Não é o instrumento de suplício, mas de total redenção. Está presa ao Gólgota das misérias humanas, à horizontalidade dos homens, porém se projeta no espaço, na vertical sublime da redenção humana.

A cruz é a lição viva do Amor que redime e liberta. Essa a "cruz cósmica", no dizer de Huberto Rohden e que bem expressa a transcendência desse símbolo.

Os sofrimentos que resultam desse labor apostolar, dessa vivência crística são, entenda-se bem, pertinentes às próprias lutas terrenas no plano horizontal — a "cruz telúrica" — e recebidos, enfrentados e superados com a compreensão de quem elegeu esse caminho e o perlustra na experiência permanente de uma profunda verticalidade.

JESUS - AS TRÊS QUESTÕES

Eu me recordo de um fato que aconteceu na casa de Celeste Mota, e de que Lena, sua irmã, que ainda está encarnada, é testemunha, e que me marcou muito.

Foi no ano de 1957. Eu estava na temporada anual de palestras do Rio, no mês de junho, quando, numa noite, tive um desdobramento que me causou um grande impacto.

Eu me senti sair do corpo e via-me numa paisagem verdejante, com um lago próximo, cujas águas brilhavam como se estivessem salpicadas de estrelas. (Mais tarde, quando estive na Palestina, reconheci o local e verifiquei ser o Mar da Galileia.) Uma figueira enorme, frondosa, à margem, projetava alguns de seus galhos sobre as águas. Tudo em volta era silêncio, paz, serenidade. Aí, nesse lugar, bucólico e encantador, onde a Natureza se fazia mais bela e o céu mais azul, eu tive a sensação de que as nuvens, de súbito, se movimentaram de forma diferente, formando, para minha grande surpresa, um enorme perfil de Jesus. As nuvens muito brancas, contra o fundo azul do céu, davam-me a impressão de que este perfil era em alto-relevo.

Emocionado, eu me dei conta de que Nilson estava próximo e lhe disse:

— Nilson, venha ver, venha ver Jesus.

Ele olhou para o céu, mas, quando olhei também, já não mais aí estava.

E assim, a menos de cinco metros de onde me encontrava, pairando a um metro no ar, estava Ele, de costas.

Eu me lembro da sua roupa de tarja marrom escuro, como se fosse um tecido de calhamaço, que se usou muito em saco de aniagem, de cor marrom, os cabelos caídos sobre os ombros, o porte majestoso. Então, Ele virou o rosto e fez um perfil em ângulo reto sobre o ombro direito, de forma que eu O via de lado, seu olhar me fitando, de tal jeito que, automaticamente, eu me prosternei, envolvido pela emoção incontida. (O conceito que eu tenho do Cristo fez-me voltar ao atavismo da Igreja, ou, digamos, a uma atitude de respeito. Os homens se ajoelham diante de homens, de reis e de certas autoridades. Eu achei que a única postura compatível era aquela — de submissão e de entrega.)

Nesse instante ouvi uma voz indefinível; tive a impressão que era uma música, um som que não sei precisar. Ele perguntou-me:

— Tu me amas?

— Sim, Senhor, eu Te amo — respondi, a custo, emocionado.

— Se tu me amas, esquece todo o mal que te fizeram. (Mas ninguém nunca me fez mal — pensei.)

Ele voltou a perguntar:

— Tu me amas?

— Sim, Tu sabes que eu Te amo.

— Então perdoa todo mal que te façam.

(Mas, eu não me lembro de males que me estejam fazendo — disse, mentalmente.)

E Ele me perguntou por terceira vez:

— Tu me amas?

— Sim, oh! Senhor, Tu sabes que eu Te amo.

— Então perdoa todo o mal que te fizerem, e eu te darei a plenitude da paz • ..

Estático, banhado em lágrimas, vi o vulto diluir-se diante dos meus olhos, enquanto chorava profundamente, como

se a minha vida se estivesse esvaindo na ânsia de segui-10, de retê-10.

Quando acordei, estava em pé, na sala. Era madrugada. Não pude dormir mais.

Pela manhã contei a Celeste e a Lena. Celeste me disse:

— Olha, meu filho, a vida me ensinou que isto é o prenúncio de muitas dores, de muitas dificuldades. Pela tua dedicação, pelo teu espírito de serviço à causa do Bem e da mediunidade, tu irás sofrer muito.

Foram palavras proféticas.

Mas, graças a Deus, nenhuma dor nunca me abateu. É óbvio que eu não tenho a ingenuidade de supor que se tratava de Jesus. Nem de longe. Eu tenho a certeza de que foi um fenômeno ideoplástico, que os Bons Espíritos usaram, para me dar aquela impressão impactante e inesquecível, porque vive até hoje.

Referindo-se a Jesus, Amélia Rodrigues assim se expressa:

"O maior amor que o mundo conheceu.

O exemplo mais fecundo que jamais existiu.

A vida de Jesus é o permanente apelo à mansidão, à dignidade, ao amor, à verdade.

Amá-10 é começar a vivê-10.

Conhecê-10 é plasmá-10 na mente e no coração." (Prímicias do Reino)

Várias personagens do Evangelho tiveram o seu encontro com Jesus. Mas nem todos atenderam ao Seu convite.

Em alguns operou-se uma transformação radical, absoluta, instantânea ou gradual.

Para outros, todavia, o encontro definitivo não ocorreu logo. Em certos casos, foi necessário o trabalho laborioso dos séculos.

Dois exemplos muito significativos são o do mancebo rico e o de Públio Lêntulus. A história deste é por demais conhecida através dos belos romances *Há Dois Mil Anos e Cinquenta Anos Depois*, psicografados por Francisco Cândido Xavier.

Do moço rico, o príncipe de qualidade, quase nada se disse até agora.

Analisando a narrativa de Amélia Rodrigues a respeito dessa personagem do Evangelho, pode-se sentir o quanto o encontro com Jesus repercute no íntimo do jovem. Todavia, não foi o suficiente para vencer-lhe as últimas resistências da vida material.

O evangelista Marcos, em sua narrativa, registra o sentimento do Mestre em relação ao moço rico: "E Jesus o amou..."

É-nos difícil imaginar o quanto isto significa, tal a sua magnitude.

O jovem príncipe, contudo, faz a sua dramática opção. E vai ao encontro da morte, nas corridas, daí a uma semana.

Como teria sido, então, o seu encontro definitivo com o Rabi? Quando? Onde?

"Amá-10 é começar a vivê-10.

Conhecê-10 é plasmá-10 na mente e no coração."

Em certo momento a descoberta se realizou — plena, absoluta, intensa e feliz!

* * *

Divaldo Franco traz, em sua atual reencarnação, as marcas significativas desse encontro, que, para ele, também aconteceu, no tempo de antes.

Desse encontro e desse amor a Jesus, constrói a sua vida. Por Ele renuncia a uma vivência pessoal, particular. Tem um compromisso, um programa espiritual que recebe a atenção de Francisco de Assis.

Por certo ninguém lhe conhece as renúncias, as lágrimas ocultas, os silêncios íntimos para que fale mais alto a missão de servir; as madrugadas insones quando "conversa com uma estrela"; a solidão de quem avança e se afasta da craveira comum, embora permaneça de mãos estendidas para os que tentam acompanhar-lhe os passos decididos ou para os que ainda não sabem o caminho; a angústia/inquietude, enfim, de quem persegue denodadamente um ideal sublimado, nesse conturbado planeta Terra.

Bem jovem, no começo da caminhada, Divaldo recebe da Espiritualidade Superior recursos em profusão para levá-la a bom termo.

Francisco vela e observa-lhe os passos.

É preciso, todavia, uma demonstração ainda mais forte e expressiva. Algo que marque definitivamente o seu compromisso com Jesus.

Sabem os Instrutores Espirituais que muitos e dolorosos testemunhos lhe serão pedidos, nos dias futuros.

Assim preparam para o jovem baiano um acontecimento muito especial.

Neste livro, no capítulo 11, Divaldo menciona que ao terminar de psicografar o *Primícias do Reino*, Amélia Rodrigues o leva em desdobramento para um recanto da própria "Mansão" e aí plasma, fluidicamente, a presença de todas as personagens que o integram, exceto Jesus. Compreende-se que ela não coloque aí, nesse desfile de invulgar beleza, a figura do Mestre, por motivos óbvios. E esse fato vem a ser corroborante deste, que agora analisamos. Evidencia-lhe a autenticidade.

O desdobramento de Divaldo para que possa ver as cenas fluídicas plasmadas pelos Benfeitores Espirituais e que representam o seu encontro com Jesus, reveste-se, assim, de um caráter muito singular.

O cenário é aquele em que Jesus atuava. O mar da Galileia, a figueira enorme, à margem. O céu atrai-lhe a atenção.

As nuvens se movimentam e formam um imenso perfil de Jesus. Ao chamar Nilson para que observe o fato, eis que Jesus já não está mais no espaço azul, no perfil de nuvens, porém, bem próximo e com um aspecto real.

Maravilhoso simbolismo este, em que o Mestre desce dos altos planos espirituais para se fazer presente. É o prenúncio de sua *chegada*, evidenciando distintamente a grandiosidade da cena *vivida* por Divaldo.

Ei-10 a alguns metros de distância.

O jovem ajoelha-se — única atitude que lhe parece própria ante Ele.

Amor, respeito, emoção, felicidade (e, por certo, a angústia/inquietude, que eu, Suely, julgo, deve emergir das profundezas do ser perante a superioridade dEle em confronto com a nossa — minha — posição) são sensações que parecem esmagá-lo.

Mas, Jesus tem algo que lhe dizer. Repete, então, três vezes a indagação, para transmitir-lhe a lição imprescindível, colocada em três tempos do verbo.

É a lição do perdão.

Um dia Ele ensinou que se deve perdoar setenta vezes sete vezes, ou seja, quantas se fizerem necessárias. Naquele instante, leciona o perdão no passado, no presente e no futuro.

* * *

"Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que a estes?"
— indagara certa feita o Mestre.

"— Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo.

— Apascenta os meus cordeiros.

Jesus repete novamente a pergunta:

"— Simão, filho de Jonas, amas-me?

— Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo.

— Apascenta as minhas ovelhas."

E pela terceira vez Ele questiona a Simão Pedro:

"— Simão, filho de Jonas, tu me amas?

— Senhor, Tu sabes tudo, sabes que eu Te amo.

— Apascenta as minhas ovelhas."

Elucida Amélia Rodrigues, no livro já mencionado, que Simão Pedro ouvindo a mesma pergunta do Mestre por três vezes consecutivas, lembrou-se, de imediato, das três vezes que O negara. Agora, Ele lhe aparece e transmite inolvidável lição. Conjecturando consigo mesmo, Pedro teria deduzido se:

"Estas três indagações não seriam, por acaso, para aprofundar nos painéis de sua mente os vínculos do seu dever?"

* * *

A mensagem implícita nas três perguntas feitas a Divaldo, têm, igualmente, o mesmo poder de aprofundar na sua mente as responsabilidades e compromissos que assumira. E de confortá-lo para os embates e dores futuras.

É notável a analogia com a passagem de Simão Pedro.

Divaldo, prosternado, *vive* a cena e se banha em lágrimas de emoção.

A grandiosidade do momento o marcaria para sempre.

Certamente, nos instantes cruciais, quando as agressões insensatas lhe foram endereçadas, quando a calúnia e a perfídia dolorosamente tentaram interceptar-lhe os passos para impedi-lo de cumprir o seu programa espiritual, Divaldo retemperava as suas energias na memorização desse *encontro sublime*.

"— Tu me amas?

Então perdoa todo o mal que te fizerem e eu te darei a plenitude da paz..."

A OUTRA PLATÉIA DE DIVALDO FRANCO

Nos dias 19 e 20 de setembro de 1987, Divaldo Franco esteve em Juiz de Fora para realizar um *Seminário* e uma palestra pública. O *Seminário*, cuja frequência foi limitada, teve como tema "A Ciência do Espírito", dividido em três módulos com três horas cada um, sendo realizado no salão da Faculdade de Ciências Econômicas, de quatrocentos lugares e que esteve lotado.

Três dias depois, ou seja, no dia 23, em nossa reunião mediúnica, no Centro Espírita "Joanna de Angelis", tivemos interessante comunicação que nos trouxe uma outra visão sobre as atividades que se realizam no plano espiritual, simultaneamente às palestras proferidas por Divaldo Franco.

Primeiramente são necessários alguns esclarecimentos.

Ao se dirigir do Rio a Juiz de Fora, na sexta-feira, dia 18, nas proximidades de Três Rios, o carro em que Divaldo viajava sofreu um acidente, felizmente sem maiores proporções. Ao que parece houve problema na barra de direção, e o automóvel, numa curva, se desgovernou indo de encontro à barra divisória das pistas. Como estivessem a uma velocidade de cinquenta quilômetros, não aconteceu algo mais grave. Mesmo assim, duas senhoras tiveram fraturas, uma no joelho e a outra no nariz e no osso frontal, e Di-

valdo várias contusões, duas costelas fraturadas e pequenos cortes. Isto ocasionou-lhe fortes dores, além do desgaste emocional e psíquico, natural nessas ocorrências. Mesmo assim, compareceu a todas as atividades programadas, embora tivesse de fazê-lo à custa de forte analgésico e outros remédios.

É necessário ainda mencionar que este é o vigésimo nono ano consecutivo em que Divaldo comparece a esta cidade. Sempre promovemos as suas palestras. Sendo assim, os fatos que vamos narrar não são fruto de um entusiasmo de quem o conhece há pouco e por isto se deixou impressionar pela palestra magistral e pelo belíssimo Seminário realizado. Nestes anos todos, nós, que temos escrito sobre mediunidade e comunicações mediúnicas, não vivencíamos nada semelhante ao que iremos contar, embora soubéssemos que existe (como também o sabem todos os espíritas), a não ser por pequenos relatos de um ou outro Espírito e aquilo que lemos nos livros da Doutrina. (1)

Ao final da reunião, comunica-se por nosso intermédio um Espírito de certa cultura e grande facilidade para falar. Estava veemente, caloroso e deixando transparecer certa emoção. Começa a prestar o seu depoimento:

— Eu não posso deixar de lhes falar da experiência que vivi neste final de semana. Eu mesmo pedi para fazê-lo, porque sinto imperiosa necessidade de contar o que me sucedeu. Não o faço, porém, por simpatia, pois a verdade é que ainda não consigo achá-los simpáticos. Faço-o porque preciso.

*— Saibam — iniciou ele o seu relato — que eu acompanhava, de longe, com meus companheiros, a viagem de carro no qual estava **aquele homem** que os vinha ensinar. Tudo o que então ocorreu não foi culpa nossa, isto é, nós não provocamos aquele acidente com o carro, embora nos alegrássemos com o acontecido. Mas não o pro-*

vocamos, apenas aplaudimos, desejando que se calasse para sempre aquela voz. Quando pressentimos que algo não estava indo certo e tentamos aproximar-nos para "ajudar" a acontecer, fomos impedidos por uma espécie de "campo de força", e eu lhes afirmo que uma corrente de luz cercou o veículo e as pessoas, enquanto inúmeros desses guias de vocês, com muita luz cada um deles, defendiam e socorriam, de forma pouco compreensível para nós, os passageiros. E foi tal a força e tal a luz que nos assustamos e tentamos correr como cachorrinhos amedrontados... Todavia, a partir desse momento ficamos como que imantados àquele indivíduo, como se dele dependêssemos para resolver as nossas vidas.

— Até então eu julgava que ele não daria conta da programação, sentia satisfação em imaginar que teriam de suspendê-la, pois eu "via" as dores dele e avaliando-as deduzi que seriam impedimento insuperável. Estávamos nessa expectativa quando fomos sendo levados daqui para ali e, em consequência disso, assistimos a tudo.

— Primeiro eu me admirei da luz que o cercava, dos guardiães que o defendiam e da vontade férrea que ele demonstrou em não se deixar abater. Ao chegar ao local do Seminário novas surpresas me estavam reservadas. Eu via o público mas este não via a nossa platéia, no plano extrafísico, com o triplo de pessoas. Todo o palco estava tomado por aparelhos de natureza espiritual, também ao longo do salão, estrategicamente colocados, que projetaram para nós cenas as mais diversas, desde as ligadas à nossa própria vida até aquelas outras em que se via o "chefe" de vocês, chamado Codificador.

— Enquanto ele falava, os aparelhos eram acionados no nosso plano e para a nossa assembléia. As cenas eram plasmadas, projetavam-se no espaço, ganhavam vida, tornavam-se independentes da palestra e em espaços de tempo bem menores que os da dimensão terrestre; assistimos às pesquisas a que ele ia-se referindo, como se naquele instante ocorressem. Vimos chegar os filósofos e

os cientistas em imponente desfile de luzes. Enquanto as épocas se desenrolavam, de forma difícil de explicar, cada um de nós acompanhou também trechos de sua própria vida. Nos intervalos, quando o público "vivo" se retirava, nós permanecemos, pois a seqüência de esclarecimentos em nossa esfera foi ininterrupta.

— Pela primeira vez me foi dado compreender o alcance do trabalho que esse homem realiza. Via as pessoas correndo aflitas para ele, pedindo notícias de parentes mortos, falando de doenças, cumulando-o de perguntas e mais perguntas, e sendo atendidas pacientemente. Ele — vejam bem — que mal podia respirar pela dor, pelo cansaço. Quando se aproximavam, observei que todo o auditório estava imantado a ele, não apenas nós. Havia uma ligação entre todos, nos dois planos da vida. Pareceu-me que poderia compará-lo a uma usina de força e energia, que emitia luz, uma luz que vinha do Alto e que, passando por ele, envolvia a todos. Os parentes, cá da nossa esfera — que ele vê e ouve —, deram quantas notícias lhes foram permitidas, que ele ia repetindo — nomes, apelidos, situações, conselhos — enquanto as pessoas choravam e riam de emoção, de alegria.

(O doutrinador quis dizer alguma coisa, mas o comunicante, tornando-se mais veemente, o impediu, dizendo ser necessário prestar o seu depoimento até o fim.)

— Esclareço, entretanto, que a nossa perseguição em relação a vocês (referindo-se ao grupo) não começou agora. Não se iniciou nesses dias, nem no ano passado, pois nossas vidas estão enredadas. Eu faço parte da vida de vocês, sou alguém que conhecem profundamente. Neste momento, embora não lhes tenha simpatia, sinto que

simpatizam comigo, estão emitindo vibrações solidárias, afetuosas para mim.

— *Pois foi exatamente assistindo a tudo isto, o Seminário de nossas próprias vidas, que eu e o meu grupo finalmente capitulamos.*

— *E eu lhes digo que, para espanto geral, esse homem que lhes veio ensinar, no primeiro momento em que logrou adormecer, veio ao nosso encontro para nos dizer que nos compreendia e que não somente nos perdoava, mas que amava a cada um e que nos esperava há muito tempo!*

— *Fiquei vexado, constrangido, tive vergonha e desespero, porque eu ví, na luz que sua palavra irradiava, que ele era absolutamente verdadeiro. Felizes são vocês (dirigindo-se aos presentes) que conheceram a verdade há mais tempo. Que mudaram de rumo e se integraram nesta Doutrina — como vocês a chamam.*

— *Vejam a minha situação. À medida que fui assistindo às reuniões e descobrindo a "ciência da vida", a "ciência do Espírito", fui envelhecendo. Entrei em contato com a realidade e, se antes me sentia jovem, forte e poderoso, aos poucos fui envelhecendo como se todas aquelas épocas passassem sobre mim e me sulcassem profundamente. Agora estou uma ruga só! Mas eu quisera ser monstruoso, aleijado, como aquele menino da Palestina (2), quisera ter meus pés tolhidos, as mãos deficientes, porque hoje eu sei que vou reencarnar. Preciso renascer aleijado para não incidir nos mesmos crimes (neste momento está emocionado, patético e a emoção toma conta de todos os participantes).*

— *Vocês, por exemplo (dirige-se ao grupo), não trazem defeitos físicos visíveis, mas, cada um, certamente, tem limitações físicas, constrictões variadas no organismo, mas que são benditas porque lhes impedem de errar, cerceiam a liberdade e os fazem ficar atentos e vigilantes.*

— *Eu, contudo, preciso de muito mais. Preciso da deficiência física, da fealdade, como também preciso entrar em contato com a Doutrina Espírita. Quem sabe, um dia, os nossos caminhos se cruzem. (Ao dizer isto levanta o rosto e olha para a frente como quem fita o futuro.) Quisera encontrar um de vocês, talvez os mais jovens, os que hoje são mais novos. Talvez nos encontremos nesse futuro que não está longe. E tenho certeza de que nos iremos reconhecer. De alguma forma nos reconheceremos. Lembrem-se de mim, não se esqueçam de mim. (Ao dizer estas frases o comunicante emociona-se. As lágrimas agora caem dos seus olhos e a voz está embargada.)*

— *Eu estou sofrendo muito e recebo as vibrações de vocês. Elas me tocam o coração e já os vejo com simpatia e com irresistível afeto. (Pausa longa e demorada.)*

— *Talvez, um dia, no futuro que me aguarda, nossos caminhos se cruzem e, nessa casa que vocês terão e que eu já vejo (3) — é uma casa grande e bonita —, talvez um dia, ao passar em frente a ela, vendo abertas as suas portas, eu, finalmente, entre!*

Suas últimas palavras, a emoção que passou a todos os circunstantes, ficaram repercutindo em nossos corações. O silêncio, carregado dessas emoções, foi quebrado pela prece final, de gratidão a Deus, proferida pelo dirigente.

Nas vibrações da oração nos envolvemos, reflexionando intimamente sobre a bênção da mediunidade com Jesus e sobre o missionário labor do nosso tão querido Divaldo, o arauto da Doutrina Espírita, que a vive, exemplifica e prega, nos dois planos da vida, no Brasil e no mundo, nesses quarenta anos de atividades, comemoradas neste ano de 1987. A ele, o nosso carinho e reconhecimento!

- (1) Tivemos há três anos, o relato de um Espírito sobre o outro lado do trabalho mediúnico de Chico Xavier, publicado em "Reformador", de novembro de 1984.
- (2) Refere-se ao caso de Ugolin, narrado por Divaldo, que era um jovem de catorze anos, corcunda, deficiente e feio.
- (3) Referência feita à futura sede do Centro Espírita "Joana de Angelis".

* * *

Nota: Este artigo foi publicado em "Reformador", de dezembro de 1987.

PRECE DE DIVALDO FRANCO
NO TERRENO
DA "POUSADA DE FRANCISCO"

*Senhor Jesus,
em pleno altar da Natureza,
aqueles que Te amamos
procuramos sintonia com a Tua Misericórdia.
Evocando Teu diálogo com a mulher samaritana
deixamos o templo material para estar Contigo no coração,
pensando, no entanto, naqueles que virão depois de nós,
os cansados do caminho,
os atingidos pelas vicissitudes que buscaram,
os combalidos,
que deverão encontrar repouso, apoio e encorajamento aqui,
quando se erguer a obra que o Teu amor programou
a benefício de todos nós.
Eis porque, nesta pausa de atividades, antes de quaisquer
[outras realizações,
o nosso pensamento se volta no Teu rumo
para pedir-Te que abençoes os propósitos que trazemos em
[mente,
neste lugar dedicado à Tua bondade.
Evocamos, Senhor, todas as Tuas lições, que perpassam em
[nosso pensamento,*

*com a celeridade dos tempos idos,
com o passo lento dos tempos por vir
e nos recordamos da necessidade de, unidos,
levantarmos santuários ao amor.
templos de fraternidade
e abrigos à solidariedade humana.*

*Permite que o Teu discípulo Francisco,
este peregrino de Assis,
receba a nossa oblata a ele dirigida,
nesta Casa que se erguerá em seu nome
para homenagear-lhe a caridade e a abnegação.*

*Permite que ele, nas múltiplas tarefas que desenvolve,
abençoe esse esforço, em Teu nome, Senhor,
para que se torne realidade objetiva
o nosso programa espiritual de bem fazer.*

*Tantas vezes, repetidas vezes
nos hemos comprometido para abandonar;
prometemos serviço para derrapar na negligência;
assumimos responsabilidade para dela nos evadirmos
— hoje não, a Tua Doutrina nos comanda,
a Tua presença, que nos fascina, constitui-nos a segurança
para que a Vida trabalhe
dentro dos postulados do dever.*

*Não obstante, em considerando a fragilidade que nos tipifica,
conduze-nos, Senhor, com a Tua mão, doce e enérgica,
e a Tua voz, suave e forte,
para que o vendaval das paixões não nos derrube,
nem as nossas iniquidades interiores
tornem a claridade do nosso discernimento.*

*Abençoa, portanto, este punhado de audaciosos servidores
[do Teu nome*

*na concretização deste ideal de Amor,
para que a dor na Terra,
no amanhã,
seja menos doída
e o infortúnio se nos apresente
menos desarticulador da esperança.*

*Que os Bons Espíritos, anjos tutelares do nosso caminho,
que nos inspiram, tentando aproximar-nos de Ti,
permaneçam conosco, elevando-nos,
insistam conosco,
trabalhando pela nossa redenção.
Que assim seja!*

Barra do Pirai (RJ), 22 de junho de 1986

O ARCHOTE DA FÉ

"Eu vim para lançar fogo a Terra — e que quero eu senão que arda?"

Jesus

"É nesse momento que chega o Espiritismo, como uma âncora salvadora, como um archote aceso nas trevas de sua alma."

Allan Kardec ("Viagem Espírita" em 1862)

"Tu, porém, és um desses responsáveis, porque andas com o archote da fé, de um lado para outro, buscando iluminar consciências, incendiando tudo à tua passagem." (Comunicação mediúnica através de Chico Xavier)

Divaldo é, sobretudo, o orador. O semeador de verdades eternas.

O seu verbo é inflamado de entusiasmo incomum e, por isso, arrebatado, galvaniza, atrai.

Sua palavra é forte, firme, persuasiva, porque leva o magnetismo positivo do amor. Quando começa a falar se transfigura, transcende à dimensão humana pois, envolvido pelos Benfeitores do Mundo Maior se transforma em portavoz dos céus.

Mas, especialmente, porque ele próprio é um apaixonado pelo Amor, este Amor que dimana do Cristo, que é o

próprio Cristo ao qual ama e serve devotada e apaixonadamente. É este Amor a chama sagrada que move a sua vida e rege os seus passos. E é por este sentimento maior que consegue tocar aqueles que o ouvem.

Por toda a parte, em todos os países visitados as multidões acorrem, e aqueles que o ouvem passam a amá-lo e a amar esse Ideal que noticia.

Para conseguir esses resultados verdadeiramente notáveis, somente explicáveis na sua significação de transcendência dos parâmetros comuns, na profunda verticalidade — ele realmente se fez um arauto do Bem e da Paz e sai pelo mundo com o archote da fé ateando um grande incêndio.

* * *

Transmitir a Doutrina através da palavra; contagiar as pessoas com o seu próprio entusiasmo, acender a chama do Ideal em que acredita e pelo qual dá a vida; passar-lhes a sagrada emoção que o arrebatava; despertar as consciências cristalizadas, apáticas, indiferentes; instalar idéias novas onde só existem conceitos sedícios; implantar o Cristo nos corações estiolados; abrir horizontes novos; fazer brotar a esperança onde só existe desespero; consolar, balsamizar as dores; restituir a visão aos que se deixaram cegar pela negação contumaz; fazer andar os que estão paralisados nas angústias e fobias; dar vida aos que estão mortos pelas paixões e vícios; buscar os que estão perdidos nas estradas da vida mostrando-lhes o rumo certo; libertar os que se auto-enclausuraram; revivescer a palavra dEle, reconduzindo os homens ao Seu aprisco — tudo, tudo isto exige muito mais do que simplesmente abrir a boca e falar. É preciso que se esteja abrasado pelo Amor e pelo Ideal Maior, que se esteja alimentado interiormente pelo combustível da fé legítima e racional, que se esteja morrendo um pouco a cada dia, a cada palavra para que esse fogo sagrado se ateie, para que as chamas se alastrem e se transformem em claridade, queimando os escombros e proporcionando que das cinzas renasça a Fênix que simbolizará o novo homem.

PALAVRAS FINAIS

41

Aqui nos detemos para refletir em torno do riquíssimo acervo de fatos da vida de Divaldo Franco.

Esta não é uma biografia e, por isto, o que ele relata não foi colocado em ordem cronológica.

É inegável que escrevemos este livro com as tintas da emoção e com elas colorimos cada página.

Nesses trinta anos de nosso convívio e amizade com Divaldo, ainda hoje ele nos surpreende com as lições de vida que nos dá. Entretanto, nos mantivemos rigorosamente atenta a esses exemplos, à sua vivência pessoal e doutrinária, sem jamais deixarmos de exercer o bom-senso e a lógica. É importante que se preservem os critérios de avaliação num trabalho como este, onde nos propomos a demonstrar algo mais que os episódios de sua trajetória terrena, o que, por si só, já nos edificaria e consagraria a sua missão apostolar. Desejamos, além disso, traçar um amplo painel que nos propicie detectar o programa espiritual superior a se cumprir.

* * *

A trajetória da Doutrina Espírita nesses cento e trinta e um anos, de seu lançamento até os nossos dias, dá margem a importantes ilações, especialmente quanto à programação espiritual e à atuação dos homens.

Desde a sua chegada à Terra, trazida pelos Numes Tutelares ao raciocínio e bom-senso de Allan Kardec, que a superior orientação do Mundo Maior a norteou. A França foi-lhe o berço de ouro, imprescindível, a fim de se lhe caracterizar — perante os encarnados — o alto nível cultural.

Entretanto, embora todos os prognósticos otimistas e favoráveis feitos pelo próprio Codificador, especialmente os registrados em seus discursos quando de suas viagens, o movimento de expansão da Doutrina, na Europa, não foi além da efervescência das primeiras experiências, que lhe consolidaram a parte científica, e dos desdobramentos filosóficos encetados por Leon Denis. Entre o final do século XIX e o início deste, o Espiritismo como que se foi apagando em toda a Europa.

Em contrapartida, acendem-se as primeiras luzes da Terceira Revelação em terras brasileiras, quando Kardec ainda estava por terminar a sua gloriosa missão terrena.

Emmanuel esclarece em *A Caminho da Luz* e Humberto de Campos em *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* que o traslado do seu ponto de origem para o nosso país obedeceu ao comando do próprio Cristo.

O fato é que a Doutrina Espírita veio a expandir-se nas leiras férteis do Brasil.

Leiras do coração, do sentimento de toda uma nação.

Se na Europa o campo era propício às pesquisas científicas, nos rincões brasileiros a Doutrina dos Espíritos encontra o ambiente favorável para que se fortalecesse o lado moral, onde pontifica o Evangelho de Jesus. No povo francês, a Terceira Revelação encontra o caldo de cultura imprescindível para estabelecer as suas bases iniciais. A tendência, todavia, em permanecendo aí, seria a de se transformar em uma ciência a mais. Este o motivo de sua implantação em nosso país. Aqui ela se beneficiaria do colorido evangélico tão entranhado na índole do povo brasileiro, que o tempo, o estudo e a maturidade gradual têm escoimado dos fatores igrejeiros, atávicos, para ir surgindo, aos poucos, em sua primitiva pureza.

Com o passar dos anos e a expansão cada vez maior das idéias espíritas, mais se fazia necessário que estas fossem semeadas a outros povos, a outras gentes e, sobretudo, ser recambiada ao seu país natal, ao seu continente de origem.

Mas — e aí está o grandioso programa espiritual —, ser relançada no seu conteúdo global, evidenciando que, realmente, a Ciência está iluminada pela Religião, e que esta se fortalece com as conquistas daquela, derivando desta aliança a fé racional, lúcida, e proporcionando que a Ciência descubra a realidade do Espírito.

O que se observa em nossos dias é que a Ciência não solucionou as angústias dos seres humanos. Todos os campos do saber têm sido baldos de recursos para equacionar os dramas existenciais do homem. Falta-lhes reconhecer, exatamente, o que é prioritário e faz parte da própria natureza humana: a sua ligação com Deus e todas as aplicações daí advindas. Negar ou ignorar isto tem causado sérios prejuízos à Humanidade.

Todas essas considerações nos vêm à mente ao nos inteirarmos das mais recentes viagens e palestras de Divaldo Franco na Europa e nos Estados Unidos, no período de 27 de abril a 25 de maio de 1988. Como parte da programação ele profere palestras em Paris, na Sorbonne e em Nova York, na ONU. Ao que sabemos, esta é a primeira vez que se fala, nesses lugares, sobre Allan Kardec e sobre a Doutrina Espírita.

Mas, nessa mesma ocasião ele vai a Lyon, na França e ali, no berço natal de Kardec realiza palestra na Universidade e entrevista numa rádio local.

Completa-se, assim, todo o ciclo de relançamento do Espiritismo no seu país de origem.

Esse trabalho de Divaldo Franco de semear a Doutrina Espírita pelo mundo, leva-nos a maiores reflexões.

A sua tarefa é grandiosa e está inserida no contexto da programação espiritual superior com vistas à expansão do Espiritismo e, também, do seu retorno ao local onde nasceu. Os Núcleos que se foram formando nesses vinte anos

de palestras no exterior (só em Paris ele já foi nove vezes; em New York, dez vezes — para se ter uma idéia' têm sustentado e propagado o ideal espírita. É um trabalho lento, árduo, mas efetuado com muita segurança e fidelidade à Codificação. Abnegados companheiros, residentes em vários países, se empenham até ao sacrifício para que as sementes por ele lançadas possam medrar e crescer. Periodicamente, com uma notável regularidade, Divaldo retorna a essas cidades para realimentar e fortalecer os grupos formados, como ainda para novas lides de pregação doutrinária. Seu entusiasmo, sua alegria em pregar a Doutrina Espírita, seu acendrado amor ao Evangelho, que se expressa no seu amor às pessoas de todas as nacionalidades — o que as cativa de forma impressionante — a sua vivência espírita, dão extraordinária força de autenticidade à sua palavra.

Esse labor de semeador que Divaldo realiza é deveras notável.

Certa vez (e escrevemos isto num artigo intitulado "De Paulo de Tarso a Divaldo Franco", para o livro de nosso querido amigo Miguel de Jesus Sardano, *Nas Pegadas do Nazareno*) Divaldo afirmou aos companheiros, na cidade de Vereeniging, África do Sul, que gostaria de pregar o Espiritismo onde nunca se falara sobre ele. Escolheu um pequeno país — Bophutatswana e sua capital Sun City. Queria pregar a Doutrina em plena natureza. Parte com pequena caravana e ao chegarem à região, sob um calor de mais de quarenta graus, não encontram uma árvore onde se pudessem abrigar. Entram na cidade e, no luxuoso cassino, realizam o primeiro culto evangélico-doutrinário em Bophutatswana. A saída, encontram uma pessoa que se interessa em conhecer a Doutrina e fundam um pequeno Núcleo. Divaldo retorna com os amigos. Mas deixa, na longínqua Sun City, uma semente de luz. Ao retornar, um dia qualquer no futuro, ele terá uma árvore para se abrigar dos rigores do clima.

Esses são os passos do semeador.

Para realizar essa missão, Divaldo possui um talento precioso e decisivo: a mediunidade.

É importante que um trabalho de tal magnitude seja realizado por alguém que fale não apenas por si e pelos conhecimentos e aquisições pessoais, mas que seja também o porta-voz dos Invisíveis (e, aí sim, muito mais destes), para que a Espiritualidade Superior se faça presente, se manifeste e possa transmitir orientações ao homem angustiado de nossa época. É imprescindível que essa presença dos Benfeitores Espirituais seja ainda a própria comprovação da imortalidade da alma e do intercâmbio com os chamados "mortos". A par disso, é necessário que esse semeador tenha uma vivência pessoal absolutamente consentânea, coerente e fiel a tudo quanto prega.

Divaldo Franco é, assim, a "carta viva" da Doutrina Espírita e, certamente como Paulo de Tarso, pode também dizer: "Já não sou eu quem vive, mas Jesus Cristo que vive em mim."

* * *

Os fatos se encadeiam com uma lógica irretorquível. Os elos dessa imensa corrente se entrosam e se fecham. O Programa Espiritual Superior está em curso.

Joanna de Angelis orienta e dirige, ela que é um dos Espíritos de Luz que promovem, inspiram e direcionam a Humanidade nos rumos do progresso espiritual.

Seu vulto luminoso perpassa através da própria História da Humanidade deixando um rastro de luz a iluminar a noite dos seres humanos. Mártir, santa e benfeitora em suas diversas reencarnações, ela se fez colaboradora de Jesus, desde os seus tempos de Joana de Cusa.

Se observarmos os antecedentes espirituais da obra de Divaldo Franco, iniciada, no plano físico, há quarenta e um anos, iremos encontrar as suas raízes na própria Codificação Kardequiana.

A revelação é progressiva e a Falange do Consolador continua orientando e cuidando para que a Doutrina seja implantada da forma como o Mundo Maior projetou.

Entre as muitas Entidades Superiores que integram a plêiade liderada pelo Espírito de Verdade, está Joanna de Angelis.

Tal como Emmanuel, ela também participa da Codificação e traz uma responsabilidade bem específica, ou seja: a de dirigir o movimento de difusão da Doutrina Espírita no país e no mundo, através de Divaldo Franco.

* * *

Este é um livro que trata essencialmente de Amor.

Desse Amor que nasce com o menino de Feira de Santana e, bem cedo, na manhã da vida, se extravasa na direção da Humanidade.

Desse Amor que o leva à *invasão* para erguer aí, em meio à lama, a "Casa de Jesus", onde a dor e a miséria encontram, não apenas o socorro imediato, mas as luzes desse sentimento a clarear-lhes o ingresso na Pátria Verdadeira.

Desse Amor que o faz recolher os pequeninos órfãos da vida para que sejam seus filhos pelo coração e, que hoje, já são mais de seiscentos.

Desse Amor que se torna em prova definitiva para convencer e converter o infeliz "Máscara-de-ferro".

Desse Amor que se engrandece e, superando a si mesmo, sublimado, ensina-lhe o caminho da renúncia, no momento mais crucial de sua existência terrena, quando, envolvido pela calúnia, silencia, a fim de testemunhar que seria capaz, hoje, de dar a vida pelo Cristo, na conturbada arena do mundo.

E é esse sentimento, acrisolado nos testemunhos de cada dia, que o leva a percorrer as estradas na tarefa de pregação doutrinária.

A vida e a obra de Divaldo Franco são as expressões múltiplas desse Amor que, por sua magnitude, se irradiou de seu coração na direção da Vida.

Ao encerrarmos este livro, escrito com o mais profundo amor, aprez-nos dizer a Divaldo que nos seus passos cin-

tilam as estrelas que ele semeou, deixando uma esteira brilhante a indicar, aos que estão andando, o caminho da felicidade.

Quantos, nessa longa trajetória, recolhendo estrelas, lhes abençoam o nome e o amam, porque através dele conheceram a Doutrina Espírita e aprenderam também a viver.

Divaldo! Que a sua voz prossiga, nos rumos dos sofrimentos humanos, entoando a sinfonia eterna do Amor, para que a Humanidade compreenda que é possível emergir do abismo da dor e do aturdimento para as estrelas refulgentes da Paz e do Bem.

Joanna de Angelis, a amorável Mentora, guia-lhe os passos e, juntos, sob o olhar de Francisco, conduzem essa grande família espiritual, que se lhes vincula, ao encontro de Jesus.

FIM